

THE
LORDS
OF
SATYR

DOMINIC

ELIZABETH
AMBER



Elizabeth Amber

The Lords of Satyr #04

Dominic

Revisão: Eve
Revisão final: Antonia Suely



Sinopse

Eles são sátiros, homens dotados de lendário conhecimento carnal que necessitam de total e completo controle, das suas proezas sexuais. . .

UMA NOITE DE ÊXTASE

Emma ansiosamente espera o retorno do marido em casa na Toscana para a noite do Chamando. Ela espera que a longa noite de copulação possa aproximá-los, pois ela se questiona se eles realmente se amam. Mas quando chega Carlo, ferido do campo de batalha e incapaz para executar, ela descobre que é necessário acasalar com Dominic, um vigoroso, real Sátiro. Ela tem com ele uma noite de paixão hedonista que a deixa querendo muito, muito mais. . .

UM MOMENTO DE ARREBATAMENTO

Como outros senhores Sátiro, Vicente é levado a acasalar do anoitecer ao amanhecer, todas as noites de Chamado. Mas como um solteirão, Vincent necessita conjurar uma fêmea da neblina que irá satisfazer suas necessidades sexuais. Enquanto seus irmãos convocam uma parceira diferente a cada lua cheia, Vincent convoca sempre há mesma hora após hora. Ele quer que ela experimente o mesmo prazer erótico que ele sente e uma noite ela faz, a magia é real. . .

DOMINIC

CAPÍTULO 01

Templo de Bacchus ElseWorld, 1837

- O nome dela é Emma.

A voz do Facilitador ecoou pelas paredes de pedra antiga, emprestando sua autoridade às palavras enquanto ele dirigia a atenção de Dominic para o grande, disco espelhado posicionado com destaque no meio do chão ensanguentado do templo.

A imagem de uma mulher, que existia em algum lugar do mundo vizinho, foi refletida na superfície do disco como um retrato vivo. Seu rosto era sereno, alheio. Pois ela não sabia que estava sendo vigiada.

Esculpido em ¹obsidiana polida, tão negro e impenetrável quanto à noite, o espelho de dois metros era cercado por mais nove discos de menor circunferência. Cada um era côncavo e tinha sido moldado a partir de uma pedra exótica ímpar projetada para representar uma das fases lunares. Todas estavam fixadas em um ângulo próprio para capturar a luz da lua que fluía através de uma abertura no telhado para direcioná-la ao espelho central, onde a mulher estava á vista.

- Vocês esperam que eu a estupe – Afirmou Dominic, sua voz plana.

A mão da mulher mudou, e uma página foi virada. Ela estava lendo.

- Nós esperamos que você faça o que for necessário. Como sempre, - o Facilitador respondeu, falando para si próprio, bem como para os dois assistentes silenciosos que o ladeavam.

À primeira vista, a mulher parecia ser comum, normal em todos os sentidos. Dominic julgava que ela teria um quarto de século de idade como ele, talvez um pouco mais. Exceto por um movimento ocasional da mão, ela estava totalmente imóvel. Sua cabeça estava inclinada e atenta a um livro intitulado Filosofia das Frutas, que estava diante dela em cima de uma mesa polida.

Ela usava óculos e seu perfil estava meio voltado para ele de modo que a bochecha de seu rosto delicado ficava iluminada pelo brilho chamejante das velas. As mechas de cabelo castanho-cinza ondulavam ao longo da nuca vulnerável.

A roupa que ela usava era sóbria e longa, e quase escondia completamente seu corpo de vista. Ele tinha ouvido falar que as fêmeas de EarthWorld se cobriam com muitos metros de tecido impermeável aos olhos masculinos, mas até agora tinha acreditado que isso fosse apenas um boato. Seus seios estavam cheios e sua figura bem formada. *Por que ela achava necessário se esconder?*

- Você vai se curvar à nossa vontade sobre este assunto? - Perguntou o Facilitador.

Dominic resmungou um assentimento relutante. Seu duro e inquieto olhar relanceou para a mulher novamente. Ele era obrigado a fazer o pior em sua vida. E ele tinha pouca escolha.

Do corredor atrás deles veio o som sibilante das vassouras dos devotos. Solenemente varriam os restos sagrados do que tinha sido uma colossal estátua de Bacchus colocando-os em vasilhas e que mais tarde seriam transferidos para relicários.

A ira surgiu nele. Este santuário sagrado, sua casa tinha sido brutalmente atacado. E pensar que poucas horas atrás ele estava fora combatendo os mesmos seres que aproveitaram sua ausência para contaminar o santuário!

Ele morava ali, sozinho na maior parte do tempo, dormindo em uma alcova com poucos confortos. Como uma ave de rapina, ele voava baixo sobre os inimigos de seu povo durante a noite e voltava para a relativa proteção oferecida pelo templo para descansar durante o dia. Mas este ataque tinha alterado o seu horário.

- Sete foram os mortos no ataque da noite passada - Informou o Facilitador, embora ele não tivesse perguntado. - E o amuleto da estátua desapareceu. Nós só podemos agradecer aos deuses que o tempo despendido para sua remoção impediu os nossos inimigos de alcançar esses espelhos.

- Nossos 'inimigos' - Zombou Dominic, atirando-lhe um olhar cínico. O fedor dos demônios estava em toda parte, mas o Facilitador duramente absteve-se de chamá-los diretamente, como se isso de alguma forma pudesse fazê-los materializar-se.

- Eles não foram impedidos - Ele informou aos seus companheiros anciões - Eles vieram aqui com intenções específicas. Eles destruíram a estátua, cuidadosamente cortaram seus órgãos genitais e a mão direita fora. O fato de que deixaram apenas essas partes intactas e para serem encontradas por nós nessa confusão não foi acidental.

Tinha sido uma mensagem dirigida a ele, aqueles eram seus pontos vulneráveis.

O plácido olhar do Facilitador não se alterou.

- É amplamente conhecido que estes espelhos videntes permitem-nos ver o mundo ao lado - Dominic insistiu. - Eles foram propositadamente deixados intactos para que possamos continuar a fazê-lo.

Ele apontou a mandíbula para a mulher no espelho.

- Deixe-me adiar este novo encargo até que eu possa descobrir a razão por trás deste ataque. Até que eu possa encontrar os demônios responsáveis por ele.

Os dois Assistentes de ambos os lados do Facilitador se mexeram pela primeira vez, murmurando em angustia. Se em resposta à sua sugestão de adiamento ou a sua irreverência em chamar os demônios pelo nome, ele não sabia e nem se importava.

O Facilitador acalmou-os elevando uma de suas mãos, e então balançou a cabeça para Dominic.

- Não. Você irá fazer o que temos ordenado.

Dominic soltou um suspiro frustrado e afastou-se. Estando na entrada do arco da câmara, ele assistiu aos devotos em seu trabalho. As doze estátuas de mármore que rodeavam a sala o observavam com frieza e em silêncio. Acostumado aos olhares inabaláveis, ele os ignorou.

Fechando o lado de sua mão, os punhos com luvas contra uma coluna de calcário, ele sentiu o aperto familiar acima de seu braço, um lembrete cruel do seu dever. O livre-arbítrio era um luxo que ele não tinha desfrutado desde a idade de dez anos. Os três homens atrás dele governavam sua seita e ele devia obedecer às suas diretivas.

Como eu conseguirei passar pelo portão? - Ele trincou depois de um momento.

- Concilie-se com seu marido. Seja persuasivo para que ele lhe ofereça uma passagem segura. Ele é um dos Satyr de EarthWorld, mas ele nos serve aqui em nosso regimento.

Dominic franziu as sobrancelhas, e ele corcoveou a cabeça ao redor para a fêmea no espelho.

- Ela é casada? Com um dos nossos guerreiros? - Ele exigiu. - E você quer que eu usurpe os seus direitos sobre ela?

Mais uma página foi virada sob o toque de uma mão feminina, chamando a atenção de todos. O ouro brilhou no dedo da mulher. Ela usava um anel de casamento.

- Ela não leva nosso sangue - Ele foi às pressas assegurado, como se isso tornasse a tarefa desagradável para a qual tinha sido designado perfeitamente aceitável. - Sua irmã é uma das filhas do Rei Feydon. Uma das infames fadas mestiças desposadas pelos Senhores de Satyr de EarthWorld. Mas esta - bateu o espelho com um dedo retorcido, fazendo com que a imagem da mulher ondulasse por alguns segundos - Esta não traz o sangue do antigo Rei.

- Quão forte é o sangue de seu marido?

- Ele? Ele dificilmente esta apto a ser nomeado como um Sátiro - Zombou o Facilitador. - Ele se gaba de que tem um quarto de sangue sátiro, mas acreditamos que seja menos. E ele não é um guerreiro, como você supõe. Não, ele só serve a ele mesmo e a outros soldados da maneira mais básica, como uma das prostitutas. Você vai encontrá-lo no regimento acampado próximo ao portão. Ele optou por permanecer ali para poder retornar facilmente ao seu mundo regularmente no Moonful.

- Para foder com sua esposa - Dominic conjecturou. - Como você quer que eu a foda. Por quê?

Os assistentes sussurravam novamente, reprovando em sussurros sua fala crua. O facilitador ignorou, preferindo, como sempre, ignorar os detalhes mais sórdidos das funções básicas que compunham a existência de Dominic.

- Ela teve relações recentemente. O marido esteve com ela à noite passada, comentou o homem idoso de forma significativa.

Diante disso, Dominic voltou a ficar diante da mulher, seus olhos caindo até a cintura. Abriu-se a ela por um brevíssimo intervalo, aprendendo o que podia.

A barriga ainda não estava arredondada, mas mesmo com um mundo de distância entre eles, seus instintos rapidamente lhe informaram que ela tinha recebido as sementes do outro homem em seu ventre, sementes plantadas lá na noite passada.

Na esteira desse conhecimento, outro o atingiu com a incidência de um punho gigante. Ele cambaleou para trás do espelho, seu olhar acusador voando para seu companheiro.

- Sim - O Facilitador afirmou, recusando-se a encontrar seus olhos. - Ela está grávida.

Uma pulsação de silêncio. Em seguida, outra e outra.

- Não é apenas uma criança qualquer, não é? - Dominic perguntou com ameaçadora macia.

Sua mão direita vibrou como se o mal que vivia em sua palma houvesse sido agitado por suas suspeitas. Ele levantou a mão entre ele e outro homem e a dobrou cuidadosamente dentro de sua luva de prateada.

O Facilitador se mexeu, desconfortável. Arremessando um olhar sobre a luva e sutilmente distanciando-se dela.

Os Assistentes começaram a cantarolar. Colocando nervosamente as mãos em concha com os longos dedos juntos, acima das cabeças capturando os raios do luar em suas palmas, um ato que acreditavam afastar aos demônios.

Os lábios de Dominic se curvaram, em cruel volúpia. Suas pálpebras baixaram sombreando as fendas dos olhos. E só por um momento ele saboreou o poder latente que fazia outros e mesmo estes seres influentes o temerem.

- Como você... - O Facilitador pigarreou em uma rara demonstração de mal-estar. - Como você adivinhou, sem dúvida, a criança será um escolhido. Seu sucessor.

Um arrepio rastejou até a espinha de Dominic. Ele olhou para o Facilitador, atordado.

- Isso não deve lhe ser nenhuma surpresa - Divagou o Facilitador. - Você sempre foi ciente de que seu substituto seria escolhido um dia.

Sim, ele sabia. Mas ele estava sempre muito empenhado na caça e matança interminável que compunha sua rotina noturna para se debruçar sobre o assunto. Esta notícia o tinha apanhado completamente desprevenido. *Isso significava que sua morte era iminente?*

- Agora, então, você tem quatro semanas - Informou a ele o Facilitador decididamente. - Com a vinda de outro Moonful, será imperativo que você a acasale, a fim de conferir poderes a seu filho. Quatro semanas. É tempo suficiente para encontrar seu marido e assegurar um convite para o seu mundo?

Dominic assentiu lentamente, seu olhar fascinado retornando para o espelho onde a mulher estava refletida. O rubor delicado de seu rosto. No declive convidativo de seu ombro. Em sua barriga lisa.

Como sua própria mãe, ela não seria informada que carregaria o escolhido. Não seria informada do destino de seu filho até a morte eventual de Dominic.

Seu próprio antecessor lhe era desconhecido, a demonhand, literalmente a mão do demônio. A luva não se passava a um sucessor através da linha sanguínea. Ela selecionava seus anfitriões aparentemente ao acaso, um após o outro. Apenas uma vez em cada geração era dada a uma única criança a potência da maldição assim como foi concedida a Dominic quando era apenas um menino. Uma palma espelhada, uma palma prateada.

- Excelente - O facilitador acenou para seus dois companheiros.

Snap!

Ao som agudo, a imagem da mulher oscilou, como se fosse um reflexo sobre a superfície de um lago que tinha sido bruscamente perturbada. Então o reflexo se encolheu ate ficar como um pequeno ponto brilhante. E então ela se foi.

A cena, distante e tranquila tinha evocado um fascínio peculiar em Dominic, e encontrou-se estranhamente triste por vê-la ir. Seu próprio mundo estava em constante agitação. Talvez o filho desta mulher, pudesse ser o único a trazer a paz finalmente. Algo que Dominic não conseguiu fazer, apesar de sua dedicação.

Os dois Assistentes estenderam sua mão direita para o facilitador e, em seguida, um ao outro. As palmas juntas na maneira tradicional serviam tanto como saudação quanto como despedida.

- Como a lua reflete o sol - Suas três vozes clamaram em harmonia, significando que este encontro estava terminado.

Ninguém ofereceu um gesto ou despedida a Dominic, nem ele esperava. Ninguém jamais o tocava voluntariamente. Não quando eles percebiam o que ele era.

Sem outra palavra, ele se virou e fez o seu caminho para fora. Logo suas botas atingiram os nove degraus de mármore em frente ao templo com determinação. Ao som de suas botas os devotos corriam para longe de seu caminho, deixando cair suas vassouras em seus esforços para evitá-lo. Embora o resto do mundo não o conhecesse, os membros da sua própria seita sabiam quem e o que ele era.

O fato de que os que ele protegia com sua própria vida obviamente o desprezavam, poderia ter destruído um outro homem. Felizmente, ele tinha sido endurecido a tal desprezo há muito tempo. Mas com a vinda desta nova criança, ele lembrou que seu tempo como protetor um dia teria um fim.

A qualquer momento, ele poderia ser demolido por demônios, como a estátua que permaneceu por séculos neste templo, os restos do que agora rangia sob suas botas. Então, como a estátua, ele iria simplesmente ser varrido. Em favor de um escolhido que estava por vir.

Até a chegada desse tempo, ele continuaria a ser um repositório do mal. Um ser único. Uma arma valiosa, confiável e viciosa que seu povo possuía.

E, como qualquer arma bem afiada, seus pensamentos já se voltavam para atingir seu alvo atribuído, a mulher no espelho. A mulher cujo filho ainda não nascido um dia vestiria a luva.

Sua mão direita cerrada e apertada. Quando abriu seus dedos a luva parecia derreter, revelando uma palma espelhada em vez de carne. Ele fechou e reabriu seus dedos novamente e o espelho liso que guardava um terrível mal desapareceu de vista.

Ele levantou a mão disfarçada em uma breve saudação a um soldado que passou e recebeu uma saudação fácil em troca. A uma milha mais a frente, ajudou um agricultor a concertar um vagão de carga que tinha deslizado torto e ameaçava cair. Depois de ser calorosamente agradecido o homem ainda foi mais longe na tentativa de apertar a mão camuflada, um gesto que Dominic negou.

Satisfeito que aparentemente a todos que encontrou o consideraram um sátiro comum, ele fez o seu caminho em direção à região do portão que intercambiava os dois mundos.

Suas características permaneceram sem alterações. Mas ele se enfeitiçou como de costume, de forma a deixar uma vaga impressão de que ninguém que o visse mais tarde fosse capaz de lembrar. De modo que nenhum retrato ou representação dele jamais poderia ser criado e entregue às mãos de quem pudesse lhe fazer mal.

Dentro de duas horas, ele localizou o regimento de combate mais próximo ao portão. Dentro de três, ele trocou sua calça e jaqueta de couro preto pelo uniforme de lã cinza.

Ao anoitecer, ele conheceu o marido da mulher, e dentro de uma semana o homem estava grato a ele por ter salvado sua vida.

Até o momento do Moonful se aproximar, seu novo companheiro estava meio obcecado por ele.

Apesar de que seu novo companheiro raramente falava de sua esposa, Dominic continuou a carregar dentro de si a imagem da cena que tinha visto tranquila no espelho de obsidiana.

Emma.

Ela lhe despertou algo que ele tinha pensado que a muito estava destruído. Algo que ele empurrou profundamente dentro de si mesmo onde seus inimigos não poderiam explorar.

Um desejo.

Embora soubesse que tal emoção o enfraquecia, o desejo de ver seu rosto e seu corpo real e de ouvir a sua voz só aumentava a cada hora. Com cada morte, com cada batalha, ele se comprometeu, a sua antecipação da noite ele iria tocar no seu passado limpo, suave doçura crescia cada vez mais forte.

Ela não tinha ideia do que estava por vir.

CAPÍTULO 02

Propriedade Sátyr Em Toscana, Itália Earthworld 1837

- *Bestas malditas!!!*

Era Carlo.

Emma estava ouvindo a sua chegada. Monitorava seu progresso com o som ininterrupto de seus espirros. Ele era alérgico as panteras de Lyon.

Elas nunca o saudaram com alegria. Não em todo o ano e meio desde que Nicholas tinha encontrado e trazido Carlo para a fazenda. Mesmo agora, os animais pretos lustrosos caminhavam logo atrás de seu marido na beira da linha das árvores, resmungando, como se a avisá-la de sua abordagem.

- Liber. Ceres. Longe - Ela ordenou suavemente.

Ao som de sua voz, Carlo levantou a cabeça. Seus olhos se estreitaram sobre onde ela estava na porta de sua casa.

A excitação de esperança que sempre caminhou através dela, quando ela o avistava estava faltando neste momento. No entanto, ela esperou por ele hoje à noite com ansiedade, como sempre havia temido que ele não viesse. Seu alívio, agora que ele tinha-se mostrado foi tingido com o medo. Era uma reação curiosa, uma reação que apenas ela e ele sabiam o motivo.

Carlo saía das sombras da tarde ao lado dela por baixo do pórtico da garagem da carruagem. Contígua ao Castello que sua irmã generosamente tinha convertido em sua casa depois de seu casamento. Mas, apesar de Emma morar aqui, seu marido a havia visitado apenas doze vezes durante todo o ano de seu casamento. Uma vez por mês, como um relógio, ele voltou para a cama dela. Como ele faria hoje à noite.

Seus olhos se encontraram os acinzentado dela com um cauteloso marrom, e o azul confiante dele. Seu sorriso era morno, falso e familiar. Assustador.

- Eu senti sua falta - Disse ele, chegando perto ela.

Então ele achava necessário continuar fingindo.

Ela se afastou.

- Não me toque - Alertou friamente. - Exceto quando for necessário. Mais tarde.

Ele fingiu espanto.

- O que é isso? Onde está o meu habitual e caloroso acolhimento? Deseja que eu vá embora de novo? Devo sair?

- Ele lhe virou as costas como se fosse se afastar.

- Não! – Emma Deu um passo apressado para frente e pôs a mão em sua manga.

Ele sorriu.

- Eu não estava refletindo.

Deixando cair sua bolsa na varanda, ele serpenteou um braço em volta dela, puxando-a tão perto que sentiu a arma que ele usava contra seu quadril.

Puxando a parte de trás de sua cabeça, ele pressionou sua bochecha macia na lã grossa de seu uniforme. Ela inalou o cheiro peculiar do outro mundo em que ele morava. O mundo em que ela não podia transitar. O mundo que ela costumava desprezar, pois o mantinha longe dela.

Agora, ela mal podia esperar para a chegada do dia seguinte, quando ele voltaria para lá.

- Não. Com os cotovelos firmados entre eles, ela tentava empurrá-lo para longe.

Seu domínio sobre ela ficou mais forte, e ela estremeceu quando os botões perolados ao longo das costas de seu vestido machucaram sua pele.

Eu não queria machucar você, Emma - Murmurou ele, recusando-se a libertá-la. Sua respiração era morna contra seu pescoço. - Você não pode esquecer?

Em suas palavras a esperança tentou piscar e trazer vida dentro dela. *Teria seus maus-tratos do mês passado sido uma aberração? Será que essa curta permanência na guerra em ElseWorld traria sinal de um novo começo para o seu casamento?* Esperança tola esperança iluminou-lhe o coração, só um pouco. Ela logo abafou essa pequena chama.

Carlo recuou, e o seu olhar satisfeito caiu a sua cintura arredondada.

- Você engordou desde o mês passado - brincou.

- E de quem é a culpa? - Disse a ele, obrigando-se a igualar seu tom com o brincação dele.

Uma estranha expressão passou por seu rosto, indo embora antes que ela pudesse decifrá-la.

- Minha, eu suponho. Mas a maternidade combina com você.

Ele recompôs o seu sorriso habitual, mais uma vez. O que o tornava tão atraente e que enganosamente a tinha arrastado para o casamento com ele.

- Você contou a sua irmã? - Perguntou ele.

- Não, Jane percebeu meu estado, sem eu ter que fazê-lo.

Em um gesto que se tornou habitual nas últimas quatro semanas, ela alisou a mão sobre o ventre arredondado. Ele tinha crescido para este tamanho dentro de um único mês, a totalidade do período necessário para a gestação de uma criança de descendência Sátiro. A protuberância era apenas metade do tamanho de suas meio irmãs. Quando estas tinham dado à luz.

- Ela prevê que o nosso primeiro filho será um pouco pequeno.

- Você não compreendeu - Disse Carlo - Eu queria saber se você contou ou não a ela o que aconteceu entre nós.

Emma arqueou uma sobrancelha.

- Você se refere a minha relutância em engravidar e a sua insistência? Perguntou ela.

Recusava-se a fingir que tinha sido outra coisa.

- Se for assim, não. Eu não vi por que fazê-lo. No entanto, você deve estar ciente de que não vou tolerar uma repetição de sua brutalidade.

- Brutalidade? Vamos, você está exagerando as coisas. Você sabe como meu sangue se agita sob a lua cheia.

- Ele puxou-a novamente e encostou a testa na dela, os olhos muito dispostos pedindo que lhe oferecesse perdão.

Ela simplesmente olhou para ele, surpreendida novamente em sua recusa em admitir que não pudesse haver desculpas para o que ele tinha feito.

- Não é natural que uma mulher tente frustrar os esforços de seu marido para gerar herdeiros com ela. Por que você fez isso, Emma? Por que você não quer o meu filho?

Por que com esta criança eu estarei algemada a você para sempre. Tornando mais difícil te deixa. Raiva desacostumada subiu por ela, mas ela a sufocou. Depois dessa noite, ela lembrou a si mesma. Amanhã seria o tempo de ser franca.

Um grito de prazer fez com que ambos girassem. A meio-irmã de Emma, Jane, os olhava pelo corredor.

Carlo se esticou, puxando Emma para a curva de seu braço. Fazendo uma pretensão de que tudo estava bem.

- Você voltou, enfim, Carlo. Que maravilha! - Jane disse. - Eu vou chamar os outros.

- Claro! Eu trouxe notícias sobre as questões de ElseWorld.

Carlo olhou atrás de si, pela porta da frente que continuava aberta.

O ar foi deslocado quando sua irmã partiu em um redemoinho de saias, à luz de velas e candelários da sala levantou-se por um instante, iluminando a garganta de Carlo. Irritados arranhões listravam a carne lá e na clavícula, raiando ainda mais abaixo e entrando por seu uniforme.

- Você está ferido! - Emma disse, impulsivamente, chegando a inspecionar seus ferimentos.

- Shhh! - Carlo agarrou seu pulso, rejeitando o seu toque.

Seu humor mudou como um relâmpago, transformando-o no monstro que ela vislumbrou apenas uma vez antes. Há um mês atrás.

- Ele está aqui! - Alheia ao que ocorria, Jane já havia partido. Seus passos e voz recuaram pelo corredor em direção à sala de jantar.

Emma puxou seu braço, mas Carlo segurou-a rapidamente em uma demonstração intencional de força. Com a mão livre, ele prendeu a gola sobre seus ferimentos, fechando-a firmemente.

O raspar distante das pernas da cadeira contra o chão de madeira indicou que o resto do clã Sátyr viria logo se juntar a eles. Seu tempo a sós com seu marido estava no fim. Pelo menos até que se recolhessem em seus aposentos lá em cima.

Seu aperto relaxou, e ela puxou-lhe o pulso de sua detenção e se afastou, esfregando e examinando-o através de cílios abatidos. O pânico bateu suas asas delicadas em seu peito.

E se ela falasse com Jane? Ou para um dos outros? Dizer-lhes o que ele tinha feito para ela no mês passado? Não. Ela não iria dizer-lhes, pelas mesmas razões que não lhes tinha dito antes. Carlo tinha ido muito longe para obter o que ele queria dela, uma criança. Era improvável que ele iria tentar lhe prejudicar e perder sua chance quando estivessem sozinhos.

E, não obstante, o resto da família em breve seria incapaz de protegê-la. Quando a lua cheia chegasse, tudo sobre o imóvel cairia sob seu feitiço.

- Não diga nada sobre isso. Não há necessidade de alarmar a família.

Carlo instruiu. Ela atirou-lhe um olhar afiado, perguntando se ele havia lido sua mente. Mas ele só tocou na garganta, indicando seus ferimentos.

- Nós iremos falar mais sobre meus ferimentos. Mais tarde.

Ele passou por ela, os calcanhares da bota batendo no ²travertine italiano polido. Jane voltou e correu para frente com seus chinelos em silêncio, tomando-o de surpresa e envolvendo-o num abraço fraternal. Ele era muito educado para mostrar desgosto ou não rechaçar o abraço. Mas Emma percebeu a tensão e o modo como ele suportou o abraço afetuoso.

O corredor era estreito, e temporariamente Emma ficou presa na porta da frente. Enquanto os observava ela mexia e alisava sua longa saia farfalhante. Jane insistiu em que ela começasse os preparativos no início da semana para o retorno de seu marido e momentoso atrás a ajudou na seleção deste vestido extravagante, bem como as roupas de dormir.

Elas foram às compras hoje, certificando-se que ela estaria em seu melhor para cumprimentar seu marido na noite em que se tornariam novos pais. Emma não teve coragem de protestar contra sua irmã lhe dizendo que ela estava tentando fazer uma bolsa de seda com orelhas de porco. Enquanto Jane era bonita e hábil a reforçar a sua beleza, Emma era simples e dedicava pouca atenção à sua aparência.

O vestido de tafetá esplêndido que ela usava era adornado com bilro intrincado na bainha e contas venezianas rodeavam delicadas em seu decote. Ele foi projetado e entregue mais cedo esta semana pela costureira mais qualificada em toda Florença. Seus

cabelos haviam sido escovados e arrumados, com fitas tecidas com seus cachos castanhos.

Tudo em preparação para o regresso à casa do marido. Tudo por um homem que não tinha amor por ela, exceto como um meio através do qual poderia produzir seu primogênito.

- Bem-vindo Carlo! - A voz profunda e masculina pertencia ao marido de Jane, Nicholas, que tinha se juntado a eles. Ele foi seguido por seus irmãos mais novos, Raine e Lyon, e suas respectivas esposas, Jordan e Juliette. A família toda se reuniu aqui esta noite para desejar-lhes sorte na noite que seu primeiro filho iria nascer. Os outros três casais residiam nos castelos originais na propriedade ancestral, o que fazia a visita conveniente.

Como todos eles lotaram o corredor, Emma se permitiu ser posta de lado. Era natural todos estarem animados, pois raramente viam Carlo. Ele estava em guerra há muito tempo, retornando de forma intermitente, só para a cama dela com uma regularidade ditada pela agitação carnal de seu sangue Sátiro.

A última vez que eles tinham sido acoplados foi exatamente há um mês. Tinha sido um tempo de chamada. A lua tinha estado pesada e madura, repleta de luz. Como seria de novo hoje à noite.

Ele havia se atrasado em vir para a cama dela nesse momento terrível há quatro semanas, acordando-a por volta da meia-noite. A lua tinha subido horas antes, e ela chorou muito tempo antes de dormir, assumindo que ele tinha encontrado outra saída para suas paixões e não viria. Uma vez que anoitecia em uma noite de Moonful, os rituais comandavam e comprometiam o corpo do macho Sátiro além de qualquer pensamento e razão.

Porque ela havia desistido de esperar por ele, ela não estava preparada, e ele havia...
Não, ela não pensaria nisso. Agora não.

Quando ela acordou na manhã seguinte, machucada por sua crueldade em lugares que sua família não veria, ele já havia partido para ElseWorld.

Mas ela não ficou sozinha. Ele a havia deixado com uma criança. Seria sua primeira, e nasceria nessa madrugada.

Emma se moveu para fechar a porta, mas deixou-a entreaberta, quando ela viu que a bolsa de Carlo ainda estava no alpendre onde ele a tinha deixado cair. Seu filho escolheu aquele momento para se mexer dentro dela, fazendo com que ela sentisse a estranha sensação de queda que tinha se tornado tão familiar no passar desses poucos dias. Sua mão encontrou sua barriga, colocando-a em um gesto de proteção.

As sombras da tarde agitada se tornaram antinaturais além dos passos, puxando o seu olhar. Um homem estava parado, olhando para ela.

CAPÍTULO 03

Chamas gêmeas de mercúrio acesas na escuridão, brilhando para Emma como olhos de um predador astuto como uma besta que caça solitária à espreita e na penumbra enquanto outros mais civilizados do que ele já haviam procurado o calor do lar e da lareira com a chegada do crepúsculo.

Em seu suspiro, o observador ultrapassou o limiar, chamando a atenção de imediato de todos os presentes. À luz das velas, seu rosto era atraente. Seu Criador tinha inicialmente o formato para ser um bonitão. Mas o tempo e a experiência o tinham endurecido em algo cru e pagão. Seus lábios voluptuosos tinham uma curva implacável, seus cabelos eram um emaranhado negro meia-noite, e uma cicatriz fina corria pelo comprimento do queixo forte, quadrado.

Tão alto quanto Nicholas e tão maciço quanto Lyon, fazia uma figura atraente, forte, de peito largo, o perfeito guerreiro. Sem sorrir, ele enfrentou a todos com seus braços musculosos tensos ao seu lado como se estivesse preparado para repelir um ataque. Ou, para empreender um.

Nicholas e Lyon se aproximaram mais para perto dela, e ela sentiu-os crescerem em agressão, reunindo-se para proteger sua família. Raramente estranhos visitavam o complexo. Eles eram um pequeno clã e tinham razões para se manterem secretos.

- Retorne - Resmungou Lyon, se colocando na frente de Jane e Emma.

Emma espiou ao redor dele, observando como o intruso avançava para a luz. Ele usava o mesmo uniforme cinza que Carlo usava. De corte austero, tinha nove botões alinhados para o seu centro, cada um constituído de um metal indeterminado extraído das minas de ElseWorld. Obliquo e rechonchudo tinha um formato otimista e sempre lhe lembrou das uvas nas videiras da propriedade Sátyr. Uma arma idêntica à adaga de Carlo estava pendurada em seu quadril.

Se este homem fosse do mesmo exército e regimento seu marido, certamente ele não era uma ameaça para eles. Ela olhou para Nicholas e Raine.

Todos os três irmãos formaram uma barreira física entre ele e as suas mulheres, seus portos repletos de animosidade e desconfiança.

- Entrare, entrare.

Só Carlo tinha iluminado a abordagem do homem desconhecido. Havia uma leveza em seus passos quando ele caminhou através da assembleia no vestíbulo para receber o cavalheiro chamando-o para frente.

- Acalmem-se - Disse a família. Atirando um braço em volta do recém-chegado, ele com companheirismo colocou a mão no ombro oposto do homem.

Emma olhou para a mão, espantada com a facilidade com que o seu marido normalmente reservado tinha abraçado este estranho.

- Pessoal este é...

- Dominic Janus - O timbre da voz profunda do homem substituiu a de Carlo e enviou um formigamento através da pele de Emma.

Seu discurso era tingido com um sotaque que não conseguia precisar, e ela se perguntou com o que sua língua nativa parecia.

- Guardiães dos portais e passagens - ela murmurou.

Embora ela falasse suavemente, o estranho pareceu ouvir, e seus olhos brilharam em direção a ela.

- Minha seita serve no seu caminho, apesar de guardar a porta entre os mundos do outro lado.

A porta secreta entre EarthWorld e ElseWorld, ele quis dizer, pois estava escondido no fundo do coração da mata próxima nas terras Sátyr. Nicholas, Raine, Lyon, e os seus antepassados a haviam guardado contra a invasão desde os tempos antigos.

Todos visivelmente relaxaram com a notícia da linhagem do visitante, apesar de algo na expressão dos três irmãos Sátyr permanecerem duvidosa.

- Vem, Dom e conheça os meus irmãos - Carlo disse com efusividade.

Embora ele gostasse de chamá-los assim, seu laço de sangue preciso para os senhores Sátyr era realmente desconhecido e provavelmente muito mais distante do que um fraternal.

Depois de Carlo apresentar o resto da família, Jane disfarçadamente deu uma cotovelada nele e acenou com a mão. Apesar de Emma apreciar as boas intenções da irmã, suas ações só tinham chamado a atenção para sua omissão.

- Claro, venha. Scusa, querida.

- Tardiamente Carlo fez um gesto para frente de Emma e segurou-a diante dele, para que ela fosse apresentada ao seu amigo.

- E por último, esta é a minha adorável esposa Emma...

Ele parecia quase relutante em reclamá-la, e ela encolheu-se interiormente.

- Bem-vindo à nossa casa, signore.

Senhor, o homem era ainda mais imponente de perto. Ela olhou para cima para o rosto de Dominic através de seus cílios e descobriu que seu olhar tinha caído a sua característica mais proeminente, seu ventre arredondado. Seu olhar parecia penetrar as camadas de tafetá e seda, e ela lutou para se inclinar e esconder a barriga da criança por nascer sob as palmas das mãos.

Ela não se aventurou fora da propriedade, nem uma vez durante o mês passado. Não desde que Carlo tinha lhe deixado grávida. Portanto, além da família e os servos, ninguém tinha testemunhado a sua condição física. *Será que este homem não percebia que era rude ficar encarando fixamente?* Embora soubesse que era bobagem, sentia vergonha que ele visse e estivesse analisando o fato de que sua cintura estava arredondada como resultado óbvio da cópula com o marido.

Os olhos prateados finalmente se encontraram com os dela.

- Prazer - Ele informou-a solenemente.

O estrondo aveludado de sua voz levou um arrepio de consciência através de sua espinha. Ela poderia não ter a capacidade de fada de Jane para ler emoções fortes, mas sua intuição humana, disse que ela o havia intrigado mais do que os outros o fizeram.

Algo roçou suas saias, e ela olhou para baixo, aliviada por ter um motivo para desviar o olhar longe de Dominic. As panteras de Lyon tinham chegado perto. Atraídos pelo cheiro da comida de sua cozinha, e sem dúvida esperavam se esgueirar-se para a casa enquanto todos estavam preocupados. Ela acariciou a cabeça de seda, e os seus rostos angularam contra mão, marcando-a como sua propriedade.

- Esperem sua vez, vocês dois - Ela repreendeu suavemente.

- Vocês terão as sobras, como de costume, depois de terminarmos.

- *Fora!*

Carlo ordenou, empurrando-a para o lado com uma cotovelada brusca e enxotando os animais para longe com tapas em suas nádegas. Liber, o maior dos dois, estalou os dentes perolados e eriçados para ele. Carlo recuou a mão para bater nele com mais força e agressivamente.

Antes de Emma poder levantar objeções ela própria, Lyon pegou o braço de Carlo com os dedos longos e olhou para ele. Assim como seus animais de estimação, Lyon nunca tinha gostado o bastante de seu marido.

Percebendo o conflito iminente, Juliette pisou entre os dois homens e tomou o braço de Lyon, levando-o para o interior da casa.

Emma se apegou em um sorriso.

- Excelente sugestão, Juliette. Vamos todos encaminhar-nos para a sala de janta - Disse ao grupo em geral. - O jantar está pronto e à espera de ser servido.

Passando, Emma foi para a porta da frente e com delicadeza levou as panteras para fora. Eles foram, resmungando de uma forma que lhe pareceu semelhante ao comportamento dos homens que Juliette conduzia pelo corredor. Um pequeno e genuíno sorriso curvou seus lábios com a comparação.

Quando ela começou a fechar a porta atrás dos animais, uma mão agarrou a sua. Era Dominic. Seu corpo poderoso de guerreiro se inclinou mais perto, e ele colocou a outra mão no batente da porta, prendendo-a na abertura retangular.

Desconcertada, ela colocou uma palma no peito e, em seguida, arrancou-a fora quando percebeu o que ela tinha feito.

- O que você está fazendo - Ela estalou, afastando-se dele e da assustadora atração que ela sentia.

Seus olhos se encontraram brevemente, e o calor queimou em si, roubando sua respiração. Ele chegou mais perto até que ela se sentiu rodeada por ele. Ela teve a nítida impressão de que ele estava contemplando a opção de levá-la com ele para fora nas sombras.

Ele estendeu a mão, e ela separou os lábios, com a intenção de pedir ajuda. Mas o seu braço estendido apenas a ultrapassou para recuperar a bolsa de Carlo, de onde ele a tinha deixado na varanda.

- Mi Scusi, signora - Disse ele, se endireitando e colocando a bolsa dentro da sala.

- Sim. Sim, claro. Obrigado.

Sentindo-se um pouco ridícula em seu delírio, Emma passou debaixo do braço e voltou ao resto da família, o ouvindo fechar a porta atrás dela.

Quando ela, Dominic, e Carlo se reuniram com os outros, o marido colocou um braço possessivo ao seu redor em uma rara demonstração de posse. Ele parecia ter visto o interesse de seu companheiro nela, e pareceu não gostar.

Apesar de ser curioso o desejo que não era característico de Carlo em reclamá-la, Emma permitiu o abraço, contente que Dominic testemunhasse este reforço do fato de que ela era ligada ao outro. Se apertado para Carlo, ela virou o rosto em sua jaqueta de uniforme e se distanciou do homem maior.

Quase distraidamente, ele deu de ombros a afastando para longe quando instruiu um funcionário do sexo masculino que passava a se encarregar da bolsa que Dominic tinha deixado no hall de entrada da sala.

Sua rejeição passou despercebida. Mas Emma sentiu o acentuado interesse de Dominic enquanto assistia a todas as nuances de sua mímica. Impossível saber quais as conclusões a que chegou. As emoções facilmente interpretadas que tinha apresentado há pouco na porta já tinham fugido a sua expressão.

- Dominic vai ficar conosco esta noite - Carlo informou a ela.

- É claro - Respondeu ela, mentalmente procurando os quartos disponíveis.

Apesar de sua casa ser a garagem remodelada e de não ser tão luxuosa quanto os castelos em que moravam os outros, ela era grata de que era grande o suficiente para dar privacidade. Ela tinha que ter certeza que seu visitante ficaria alojado o mais longe possível de seu quarto. Não deveria haver nenhuma chance dele ficar ouvindo os sons reveladores da concupiscência que pudessem emitir de seu quarto durante a noite. Suas bochechas ruborizaram no pensamento.

- Se você tem certeza que eu não irei atrapalhar ninguém - Dominic murmurou.

Ela ficou surpresa ao notar um traço de humor em sua voz máscula, como se tivesse lido sua mente e se divertisse com sua modéstia.

- Qualquer conhecido de meu marido é muito bem-vindo - Respondeu ela, aliviada quando chegaram ao seu destino.

- Grazie - Falaram aqueles lábios pecaminosos com sua curva ascendente, enviando uma sacudida fresca de sensibilidade através dela.

O que estava errado com ela? Ela se perguntava enquanto instruía os funcionários para colocar um lugar a mais e começar a servir a refeição.

Algo sobre o amigo de Carlo a deixava agitada, mas ela sacudiu o sentimento. Não era ele. Era o seu tipo. Homens carismáticos sempre a deixava inquieta. Ele era muito grande. Muito confiante.

Nicholas, Raine, e Lyon também eram, mas eles eram um assunto completamente diferente. Ela conhecia-os há quinze anos, desde que Jane havia se casado com Nicholas e lhe trouxe para viver na propriedade. Eles lhe eram cômodos e familiares, como irmãos.

Talvez seu desconforto fosse simplesmente devido aos efeitos da maternidade iminente, ela decidiu que ela se sentaria do lado oposto da mesa longe de seu marido e seu convidado.

- Diga-me, Dominic - Porque não temos encontrado você anteriormente?

Nicholas disse uma vez que estavam todos sentados, lançando suspeitas de que seria um longo interrogatório.

- Ou até mesmo ouvido falar de seu nome? Acrescentou Lyon.

- Eu não tenho ideia - Veio à resposta alegre.

Dominic estava brincando com sua comida, e Emma, de repente se perguntou se ele estava familiarizado com ela. Ela acenou para os funcionários para oferecer-lhe alguns dos outros pratos.

- É preciso compreender que a natureza do nosso trabalho é sensível e necessariamente clandestina - Carlo apressou-se a explicar - Quando a luta de hoje trouxe-nos perto do portão, nos fomos temporariamente separados de nosso regimento. Como eu já tinha planejado vir para cá para ficar com Emma, pareceu ser mais seguro simplesmente trazer Dom comigo.

- Só por essa noite - Comentou Dominic. - Amanhã partirei.

- Será que a guerra não seguiu seus calcanhares? Perguntou Raine.

Eu me atrasei, a fim de garantir que não nos seguiriam - Assegurou Dominic.

A terrina de sopa foi oferecida a ele, e ele tomou suas alças do servo desconcertado e, em seguida, olhou seu conteúdo, embora sem saber o que fazer em seguida.

- Cristoforo coloque, por favor, uma concha de sopa para o signore - Emma instruiu o servo, tentando encobrir a gafe de seu hóspede. Felizmente o rapaz tinha raciocínio rápido. Com um pequeno e improvisado aceno de gratidão para com Dominic por aliviá-lo da terrina, ele simplesmente pegou a concha e encheu sua taça de sopa antes de retomar a terrina e prosseguir com seu percurso ao redor da mesa.

- Seu odor... - Notou Raine, que era agraciado com as habilidades mais agudamente sensíveis e capazes olfativa da família. - É inexistente.

Dominic encolheu os ombros, despreocupado. – Extirpado em tenra idade para que eu possa cumprir em caráter secreto minhas funções.

- Que são? Lyon perguntou.

Dominic levantou uma sobrancelha arrogante.

- Secretas.

Lyon se inclinou para frente, carrancudo.

- Eu não pergunto por simples curiosidade, mas porque temos nossos próprios segredos e as nossas famílias para proteger por aqui.

- Cesse! - Disse Carlo, jogando a mão como se quisesse cortar a conversa e tornar o assunto morto. - Basta dizer que eu conheço Dominic já há algum tempo. Ele é o que ele diz e não há perigo para nós.

Levantando seu vinho, Nicholas entrou em cena para acalmar os ânimos.

- Muito bem. Diga-nos, Carlo. Quais são as notícias da guerra?

- As conversações de paz se desfizeram - Respondeu Carlo, ansiosamente querendo mudar para o novo tópico. - Dois dos advogados envolvidos no nosso lado foram severamente mutilados por nossos inimigos, e os restantes fugiram das negociações por medo de retaliação semelhante.

- Sabe-se quem foram os responsáveis? Jordan perguntou.

- Eu não estou a par das nuances do que aconteceu. Mas o cenário, a guerra, e eu não ouvi mais falar de progresso na direção da paz. Nosso forte no leste caiu na semana passada. Mesmo o templo de Baco não é sagrado para alguns. Um mês atrás, ele foi atacado.

- Por quem? Todos os três senhores exigiram simultaneamente.

- Demônios, o mais provável – Informou Carlo, obtendo um olhar agudo de Dominic.

Carlo notou e colocou uma mão na manga do seu amigo abaixando a cabeça perto para falar em um tom.

- O termo não carrega o tabu neste mundo do mesmo modo que faz no outro. Você pode falar livremente.

Emma observou a mão, intrigada novamente pela forma fácil de seu marido com esse homem. Quando foi retirada, ela levantou os olhos curiosos para enfrentar Dominic.

Nas profundezas do seu olhar escuro amarrado, ela detectou um desafio de algum tipo dirigido para seu caminho. *Será que ele achava que ela estaria com ciúmes porque Carlo tinha feito um amigo?* Pelo contrário, ela estava contente que alguém tinha estado cuidando dele no campo de batalha. Por mais que a distância física e emocional que pudesse existir entre eles, ela preferia que seu filho não perdesse seu pai antes mesmo de nascer!

- E os espelhos? - Raine perguntou, seu rosto inteligente demonstrando preocupação.

- Só a estátua em frente ao nicho exterior do templo foi destruída.

- “Só”, você diz? - Ecoou Lyon, parecendo espantado. - O que aconteceu com os ornamentos da estátua?

Carlo deu de ombros.

- Dominic foi ao templo, no rescaldo. Deixe-o falar mais dele.

- O amuleto foi roubado - Dominic informou enquanto esfaqueava várias fatias de carne de veado do prato que lhe foi oferecido por um funcionário. Apesar de uma pausa de expectativa ter caído no recinto ele pareceu pensar que suas palavras bastavam e não mais detalhes.

Carlo retomou a conversa.

- O rumor é que, embora a maior parte da estátua tenha sido destruída, duas partes de sua anatomia foram deixadas intactas.

Ele fez uma pausa para dar um efeito dramático. Uma vez que as quatro mulheres se inclinaram para mais perto, ele disse:

- Sua mão direita. E o seu órgão masculino.

Juliette ofegou, colocando a mão em sua garganta. Lyon deslizou uma mão enorme à sua volta, oferecendo a sua esposa um sorriso tranquilizador.

- Cada um foi cuidadosamente separado do corpo - Carlo continuou alegremente.

- Carlo! Essa não é o tipo de conversa própria para a mesa de um jantar - Ralhou Emma, mas ele apenas deu de ombros, um sorriso arrependido jogando em sua boca mal-humorada.

- Notícias horrendas - Acrescentou Jane. - Mas vamos deixar essa conversa para amanhã. Quando todo mundo estiver menos tenso...

Um olhar íntimo aqueceu o ar entre ela e Nicholas.

Emma automaticamente desviou o olhar. Tendo crescido em sua casa, ela assistiu milhares de semelhantes trocas particulares entre eles ao longo dos anos. Mesmo com a idade de doze anos, quando ela ainda não tinha entendido a natureza exata do que olhares como este entre homens e mulheres significava, ela já tinha começado a se sentir como um intruso quando ela os interceptava.

O desejo de evitar continuar se sentindo uma intrusa foi uma das razões que dela ter aceitado o primeiro convite de casamento apresentado. No entanto, o estado de felicidade de todos os três casamentos dos Senhores Sátyr era um contraste muito doloroso para o estado lastimável do seu.

Durante o período da refeição, Emma pouco falou, e Dominic foi igualmente tranquilo. Sempre que ele falava, ela notou uma formalidade em sua maneira de frasear as coisas, como se ele não tivesse domínio de seu italiano.

Ela ficou feliz a cada uma das poucas vezes em que ele falou, por isso dar-lhe uma desculpa para olhar em sua direção. Em cada ocasião, ela bebeu diante dele a uma distância segura, fascinada pela força estranha que ele exercia. Era como se ele fosse um planeta, se estável, e ela uma lua cheia de incertezas infeliz dentro de sua órbita.

No entanto, ele falou pouco, e ela se perguntou se ele manteve seus pensamentos para si mesmo temendo um passo em falso com a sua língua. A ideia de que poderia

haver uma falha na autoconfiança do sexo masculino robusto suavizou sua direção. Quando ele olhou para cima e leu a simpatia suave em seu rosto, sua expressão iluminou com um calor abrasador, mas que foi rapidamente apagada e ela pensou que deveria ter imaginado.

Ainda assim, deixou-a sem fôlego e cautelosa.

Como de costume quando a família se reunia a conversa à mesa de jantar, eventualmente, virou-se para as videiras antigas que cobriam as colinas no centro do das terras Sátyr, e o vinho que eles produziam.

Mas, conforme a luz do dia ia diminuindo a conversa também foi se espaçando, a atmosfera foi ficando cada vez mais acalorada.

CAPÍTULO 04

Embora ele fosse indizível, todos à mesa estavam bem conscientes de que ao cair da noite, o ritual carnal peculiar aos Sátiros iria começar. Esse conhecimento foi ficando evidente em pequenos gestos. Na forma em que cada marido Sátyr contemplava sua esposa Fada. E nos olhares e toques sutis de desejos que passavam entre eles.

Pelo canto do olho, Emma viu que Nicholas tinha começado a brincar com o cabelo de sua irmã, sedoso e loiro. Os dedos da mão esquerda de Raine acariciavam lentamente a nuca de Jordan. A mão de Lyon tinha desaparecido debaixo da mesa na direção de Juliette, e apesar de sua esposa evitar seu olhar, seu rosto tinha se inundado um tom rosado. O ar em torno dos três casais cantarolou bastante com o desejo mútuo.

Calor rosado pousou nas bochechas de Emma enquanto ela pensava no que iria acontecer entre o marido e ela própria, uma vez que estivessem sozinhos.

Emma olhou para a outra extremidade da mesa. Carlo tinha se sentado ao lado de Dominic e estava se fixando nele de uma forma que era quase como uma paquera indo tão longe a ponto de correr os dedos ao longo da manga do outro homem ou de lhe oferecer iguarias de seu prato de vez em quando. Carlo sempre gravitou em torno dos homens mais fracos aos quais ele poderia dominar. *Por que ele tinha escolhido ser amigo de um homem tão imponente?* Por sua vez, Dominic ignorava estas propostas e comia com a precisão metódica de quem considerava sua comida como combustível e não como qualquer tipo de diversão.

Eles faziam um estranho triângulo, pois, enquanto sua atenção estava em Carlo, Carlo estava centrado em seu Dominic, que por sua vez, tinha, por alguma razão decidida centrar-se nela.

Estaria ele, talvez se perguntando por que Carlo havia escolhido se casar com ela? Ela, que era assim tão diferente do resto deles?

Ela se questionou sobre isso com bastante frequência. No começo ela achava que ele a amava, mas agora tinha certeza de que ele nunca a amou.

E por que deveria? Ela não era tão delicada e bela como a irmã ou as outras meio-irmãs, cada uma delas tinha o sangue do rei fada que tinha escolhido belas humanas para serem suas mães e companheiras. Embora ela fosse abençoada com uma inteligência aguçada e uma ganância insaciável pela palavra escrita, tais coisas não atraíam os homens.

Ela não possuía habilidades extraordinárias. Na verdade, Emma era a única da família que era inteiramente humana.

Todos os demais tinham o sangue de fada ou Sátiro fluindo em suas veias, misturando-se com o sangue humano. Apesar de não ter controle sobre isso ela continuava se sentindo uma estranha no ninho.

- Há mais de Sangiovese? A voz de Carlo estava começando a mostrar os efeitos da bebida. Ela franziu o cenho para ele e deu um imperceptível agitar de cabeça, mas ele não deu importância e voltou a encher sua taça.

Como de costume, o vinho corria livremente durante e após a refeição, com a safra de melhor qualidade produzida pelas uvas da vinha em terras Sátyr. Garrafas verdes grossas e outras âmbares envoltas em ráfia, todas com a logomarca moldada em seus lados, tinha sido trazida do porão e desarmada para comemorar a ocasião do retorno de Carlo.

Os outros foram mais comedidos no seu consumo, consciente do fato de que logo seria Moonful. Emma se absteve de se colocar no espírito completamente, na sua condição atual que não seria sensato.

Enquanto o tempo passava, ela ficava mais preocupada com Carlo que continuava bebendo em abandono. Era fundamental que ele conservasse seu juízo reunido esta noite. Ele não podia deixar de comparecer em sua cama. Ele de todas as pessoas deveria estar ciente disso.

Ela percebeu o questionamento nos olhos de Jane, mas só pode levantar as sobrancelhas e os ombros em resposta ao indicar que ela estava confusa também. Impossível saber que impulsos poderiam estar dirigindo seu marido.

Perto do começo da noite, Nicholas chamou Carlo de lado, falando em voz baixa. Em seguida, a taça de Carlo permaneceu vazia. Era óbvio que ele tinha sido repreendido, e Emma ficou grata. Estes homens eram todos Sátyros teimosos, mas no fim eles sempre levavam Nicholas em conta, o mais velho deles.

O anoitecer era iminente, a família começou a se despedir. Logo um elixir sobrenatural começaria a fluir. Haveria cerimônias. E depois começariam a fazer amor no vale sagrado, um lugar verdejante no centro da propriedade onde a magia, se agarrava espessa por toda a área. Rodeado de estátuas de deuses antigos, mônades, ninfas, filhotes, e outras criaturas míticas enredadas em um êxtase devasso, o vale a tinha chocado quando ela o viu pela primeira vez quando menina. Tanto que ela nunca voltou a visitá-lo.

Ela e Carlo sempre cumpriam esses rituais aqui na privacidade da sua própria casa. Principalmente porque ele relutava em ser observado sob a lua cheia por seus irmãos, a quem ele considerava superior a ele em todos os sentidos. Mas, mais particularmente no que dizia respeito às suas proezas sexuais.

- Eu desejo que você e Carlo fiquem bem esta noite - Disse Jane, sua voz iluminada com carinho.

Depois de se despedirem, Nicholas aguardava em frente ao caminho, conversando com Raine e Jordan. Lyon e Juliette já tinham ido.

- De repente estou nervosa - Confidenciou Emma, apertando as mãos de sua irmã.

Jane deu-lhe aos dedos um aperto encorajador.

- Sou mãe de três vezes mais agora e de trigêmeos nascidos também - tranquilizou.
- Então, você pode creditar no que eu digo sobre esta questão. Não importa o quão

vigoroso seja o amor com o seu marido hoje à noite, nada disso irá danificar o seu filho. Não tenha medo por esse motivo. Esta será uma chamada Moonful como qualquer outra entre os dois.

- Com exceção do parto no final - Emma colocou.

- Sim, mas qualquer desconforto em relação a isso será breve e não irá ocorrer até o amanhecer. Não desperdice o tempo que terá com seu marido hoje com essa preocupação. Tudo será como eu te disse anteriormente. Agora, devo ir. - Com um abraço final, ela começou a se afastar.

- Eu virei amanhã para acolher o seu filho recém-nascido em nossa família, assim que eu possa voltar.

Quando sua irmã alcançou Nicholas, ele abraçou-a com seus braços protetores, a cabeça escura se inclinou para a sua loira. Vendo-os sair, Emma suspirou melancolicamente.

Pois, embora Carlo fosse certamente a sua cama esta noite, não seria com o verdadeiro amor que sua irmã certamente iria desfrutar. E se fosse necessário-compulsivo, no ato, o fato não traria a ela a felicidade que sua irmã imaginou que poderia acontecer. Não encontraria o tipo de êxtase profundo da alma, que ela sabia que Jane iria encontrar nas próximas horas com seu próprio marido.

Após retornar para casa, Emma entrou no salão verde para onde Carlo havia se dirigido com seu hóspede. Era o seu domínio quando ele estava na residência, e ela raramente se aventurava no interior.

Batendo levemente, ela então escorregou para dentro, onde ela encontrou os dois homens conversando. Notando que Carlo segurava um copo de aguardente na mão, olhou de soslaio para ele e abriu a boca para repreendê-lo.

Antecipando-a, ele desafiadoramente bebeu o conteúdo da taça em um gole longo. Então, endireitando uma perna, ele enfiou a mão no bolso da calça e retirou algo pequeno de dentro.

Jogando o objeto no ar, ele pegou-a e abriu a palma da mão para revelar que era uma moeda de ouro de grande porte.

Emma olhou, empalidecendo quando reconheceu que ele mantinha.

- Diga-me, Dominic - Ele ponderou em voz arrastada pelo vinho, estudando-a enquanto falava com seu companheiro - O que você acha de uma esposa que deliberadamente tenta bloquear as sementes de seu marido para que elas não se agarrem nela?

Ela sentiu os olhos Dominic se afiarem nela em especulação, mas não olhou em sua direção.

- Carlo, talvez você não dev... - Começou ela, movendo-se para tomar o seu cálice.

Quando seus dedos estavam a poucos centímetros dele, ele agarrou seu pulso e segurou-a em um aperto doloroso. Com a outra mão, ele virou a moeda para o alto

novamente, e mais uma vez, ele pegou-a. Ainda contendo-a, ele começou a brincar com a moeda, a tecendo dentro e fora de seus dedos com a habilidade de um malandro.

- Será que você deve chamá-la de assassina? - Passou a seu amigo.

- Esta mulher, que condenou as sementes de seu marido a murchar e morrer em sua jornada em direção a seu ventre? Essa mulher que sabia que seu marido desejava muito um herdeiro. E ainda assim o enganou intencionalmente. As raras noites que ele foi capaz de chegar a sua cama, fazendo o seu melhor para produzir um herdeiro, ela intencionalmente frustrou seus esforços.

Dominic ergueu a taça. Apesar de ter sido, obviamente, apenas a metade vazia, ele disse,

- Permissão, Carlo, meu copo precisa de atenção.

- Oh, é claro. Se ocupe disto Emma.

O pulso foi imediatamente abandonado, e ela pegou o copo de Dominic, dando-lhe um sorriso tremulo de agradecimento. No entanto, sua expressão estava perdida para ela, pois seus olhos estavam marejados de lágrimas de dor e humilhação.

Levando seu copo para o carro de vinho, ela levantou o copo e se preparou para recarregá-lo. Atrás dela, a moeda virou alto, piscando à luz das velas, e depois desembarcou com aplunk na mão de Carlo.

- Moonful passado vim tarde para a cama e consegui pegar ela de surpresa - Continuou ele, recusando-se a deixar o assunto ir. Ela estava envolvida em um passatempo do mal. Inserindo em sua vagina.

A jarra que Emma segurava bateu no carro quebrando em seguida. Embora ela estivesse congelada no lugar, ela viu pelo canto do olho que ele colocou a moeda entre o polegar e o indicador, estendendo-a para Dominic como se estivesse uma prova em um processo de tribunal.

- Não obstante, parece que você conseguiu sucesso em sua busca pela paternidade - Dominic interrompeu severamente, cortando o pequeno ataque verbal - Eu sugiro que você deixe de bater no passado.

Compassível, orvalhado com marrom e emaranhado com prata rígida em uma rápida troca de olhares. A Gratidão preencheu os seus mais uma vez, mas era temperada pelo conhecimento que a acusação de Carlo era verdade.

No mês passado, quando ele veio para a cama de forma inesperada e despertou-a de seu sono, ela implorou por um momento para preparar-se e deslizou para trás de seu biombo buscando privacidade.

Ela era uma mulher informada, tendo lido três vezes o volume de Charles Knowlton, os frutos da filosofia: ou o companheiro privado do jovem casal, que oferecia conselhos para os casais que desejam limitar o número de sua prole. Recentemente publicado em Nova York, tinha descrito o uso de preventivos femininos, incluindo "ventre véus" e, secretamente, ela os empregava desde o início do seu casamento.

À noite a qual ele se referia, seu marido havia esvaziado os bolsos sobre a mesa de cabeceira antes de ir para a cama. Desesperada, ela sorrateiramente selecionou aleatoriamente uma das moedas da pilha que ele deixou antes ir para trás da tela. Abaixando-se lá de uma maneira indigna, ela colocou a mão debaixo da camisola, com o objetivo de inserir a moeda em seu canal feminino.

A moeda era pesada e espessa, e ela temia que ele a sentisse quando seu órgão estivesse profundamente nela. O outro tipo de "véu" que ela tinha anteriormente utilizado tinha sido menos óbvio, um aro flexível coberto com seda oleada que era mais adequado para tal utilização e que não tinha sido notado.

Enquanto lutava com a inserção da moeda, ele veio por trás da tela e a pegou, forçando-a a admitir que o tivesse enganado de forma similar durante todo o ano passado. Furioso, ele atirou a moeda para longe e ela quase tinha conseguido usar naquela noite. Então a tinha magoado com as mãos, com seu corpo, e com suas palavras.

Deixando vazia a taça de Dominic sobre o carro, Emma fugiu para a porta. Sem olhar para qualquer um dos homens, ela lhes falou com uma voz cheia de emoção reprimida.

- Eu vou providenciar a preparação da câmara de hóspedes para você na extremidade oeste da casa, Signore Janus. Carlo vai mostrá-la quando você estiver pronto para se recolher. Agora, vou deixá-lo com sua conversa.

- Espere-me no meu quarto - Carlo murmurou em seu copo. - Um filho deve nascer na cama de seu pai.

Com um breve aceno de cabeça, ela saiu da sala e fechou os painéis da porta silenciosamente, embora ela quisesse fechá-la com um estrondo. Dentro da sala seu marido continuou com seu discurso.

- Tenho certeza que ela aprendeu este truque de prostituta em seus livros - ela o ouviu dizer.

A resposta de Dominic foi indecifrável através da porta.

- Mas algumas de suas leituras são heréticas - vociferou Carlo – E vão tão longe a ponto de sugerir que a concepção ocorre quando o espermatozoide e o óvulo se juntam! Mas é fato bem conhecido que a semente do homem dá à vida, e a função da mulher é simplesmente cuidá-la até o nascimento! Guarde minhas palavras, muita leitura despoja o cérebro, especialmente o de uma mulher.

Emma revirou os olhos.

Um breve silêncio caiu, e ela quase podia ver a moeda lançando no ar novamente.

- Eu a carrego comigo para me lembrar que a vagina e a mente das mulheres não são confiáveis.

Não querendo ouvir mais, ela se retirou para o andar de cima, onde ordenou a alguns funcionários que a ajudassem a refrescar o quarto. Sob sua supervisão, lençóis

foram pendurados e água foi adicionada nas bacias. Cuidando das tarefas familiares sua mente se acalmou e absteve-se de vaguear por pensamentos perturbadores.

Seu visitante não trouxe pertence devido sua estada não ter sido aparentemente planejada. Portanto, ela forneceu equipamento de barbear, sabonete, e pó dental. Ela destacou servos para ver suas roupas se ele quisesse tal ajuda na parte da manhã.

No caminho para seu quarto, ela mudou de lado a cortina de damasco na janela ocidental ao longo do corredor e estudou as sombras profundamente. Por sua estimativa, a lua cheia aumentaria dentro de meia hora.

Carlo não demoraria.

Seus dedos tremeram sobre o pano, e ela pegou-os com sua outra mão que parassem. Não havia necessidade de ter medo, ela lembrou a si mesma quando caminhou para seu quarto de dormir. Ele poderia não se importar em machucá-la ou não, mas ele não iria querer ferir o herdeiro precioso que ela carregava.

Em seu quarto, a empregada esperava e ajudou a retirar seu vestido e soltar e escovar os cabelos. Então, ela foi deixada para as abluções na solidão, pois os "servos do dia" partiam da propriedade a cada pôr do sol, como era o costume em todos os domicílios Sátyr.

Após a sua despedida, outros incomuns "criados da noite" vagueavam pela casa à vontade. Relacionados longinquamente a um clã antigo de ElseWorld, estes inócuos, seres servis se mantinham escondidos durante o dia e sempre se mantiveram afastados durante o Moonful. Em outras noites, seu tempo era gasto incansavelmente em polir os pisos, limpando os estábulos, e assumindo outras tarefas desagradáveis e, portanto, tornando a vida geralmente mais fácil para todos.

Uma vez estando pronta, Emma entrou pela porta de seu dormitório contíguo ao de Carlo. Lá, ela se apressou, fazendo os preparativos para a sua visita iminente. Acender velas, servindo um prato de óleo que havia sido perfumada com lavanda, baunilha, sândalo e fragrâncias, que diziam conter propriedades calmantes e enchendo cinco bacias, três com a limpeza de ervas e duas com água de lavagem clara.

Finalmente ela colocou um recipiente de creme em cima da mesa de cabeceira. Era um frasco novo, o do mês passado foi arremessado contra a parede em um ataque de raiva depois que Carlo a deixou. Olhou pela sala. A mancha ainda estava lá no fundo, uma constante lembrança daquela noite terrível.

Em busca de distração enquanto esperava, ela foi para seu quarto para recuperar o livro de poesia que ela tinha lido naquele dia. Voltando à câmara de Carlo, ela se sentou em sua penteadeira posicionada atrás da porta para o corredor. Então ela abriu o volume delgado no marcador violeta que Jane tinha feito para ela.

Concentrando seus pensamentos em uma página, ela desejou que ela virasse. Após vários segundos relutantes, ela obedientemente levantou-se em um ângulo perpendicular à lombada do livro, como se estivesse sendo mantida lá por seus dedos em vez da vontade de sua mente.

Carrancuda, tentou assustá-la para girar. Ela estremeceu como se fazendo uma tentativa, mas depois pareceu desistir e só recuou em sua posição original para se juntar as outras páginas.

Era um truque de carnaval. Um dos poucos que podia fazer. Em comparação com as capacidades extraordinárias dos outros membros de sua família, este era tão plano como a própria página.

Quando ela chegou à propriedade ainda uma menina, Lyon tentou ajudá-la a aumentar os seus talentos, mas não adiantou, e ele a muito tinha desistido de lhe ajudar a despertar seus talentos extra-sensoriais. Ainda assim, ela ocasionalmente praticava este truque simples em segredo, sempre esperando.

Será que este pequeno talento passaria para o seu filho ou filha? Como se a indicar as suas esperanças nesse sentido, seu filho escolheu aquele momento para chutar. Sua mão curvou sobre a barriga, e um sorriso maternal, brincou em seus lábios.

- Em breve, ela sussurrou suavemente.

Carlo estava errado em pensar que ela não tinha desejado ter filhos. Ela tinha. Algum dia. Mas ela tinha escolhido o seu marido de forma precipitada e não se sentira segura com ele quase desde o início. A última vez em que eles estiveram juntos, Carlo provou ser desonroso pela maneira em que ele havia gerado seu progêrito.

No entanto, ela já amava esta criança que tinha gerado. E ela estaria disposta a sacrificar-se em sua cama, ao longo das próximas oito horas para trazer o seu nascimento.

Pela manhã, ela seria mãe. A alegria encheu de doce perspectiva, mas a preocupação com o humor do marido socou-a novamente.

Depois que ele partisse para ElseWorld pela manhã, ela anunciaria seus próprios planos de viagem para o resto da família. Dentro de um mês, ela pegaria seu filho e deixaria a propriedade.

Passos soou no tapete do corredor.

As botas de Carlo.

CAPÍTULO 05

Ondulações de ar vibraram a bainha da camisola de Emma quando a porta do quarto se abriu atrás dela.

Rapidamente se endireitando, ela escorregou seu manto dos ombros, deixando-o cair na banqueta almofadada. Ela deixou a camisola no lugar, embora, também, sem dúvida cairia no esquecimento em algum momento das horas de escuridão à frente. Ela era nova e frágil, costurados por uma fabricante de lingerie especializada em Paris.

Será que o marido iria arruiná-lo como ele tinha feito com o que ela tinha usado há um mês?

Puxando uma respiração para se fortalecer ela se virou em direção à porta, planejando iniciar o assunto com o pé direito e de forma agradável e esperando que esses planos não se deteriorassem.

- Eu posso confiar em que você será cuidadoso por causa do nosso filho?

Seu sorriso murchou e sua determinação vacilou quando viu que seu marido não estava sozinho. Dois homens estavam bloqueando a entrada, tanto em altura quanto em massa. E o maior deles era Dominic.

O choque de encontrar com aqueles olhos predatórios não havia diminuído desde que ela o tinha notado a primeira vez do lado de fora, na varanda. *O que ele estava fazendo aqui?*

Atordoada, ela procurou o seu manto. Ele surgiu em seus dedos sem que ela se curvasse para apanhá-lo, mas ela estava muito agitada para perceber isso.

- Por favor, Carlo! Eu não estou vestida adequadamente - Protestou ela, apertando o manto contra o peito. Tardamente observou que seu traseiro ainda era visível aos homens através de seu vestido transparente pelo espelho atrás dela, então se esgueirou a poucos metros de distância da penteadeira ficando de costas para a parede.

- Pensei que você era completamente humana - Disse Dominic, franzindo a testa para o roupão que ela havia erguido.

- Ambos os pais eram - Disse Carlo falando por ela - E ela também, mas ela tem essas explosões confusas de magia. Nicholas acredita que a mãe humana reteve alguns encantamentos residuais devido ao acasalamento com o Rei Feydon, o que produziu em Jane um pouco dessa habilidade sobrenatural, que por sua vez passou para Emma.

- O que isso importa neste momento? - Perguntou ela. – Eu devo dizer novamente que me oponho fortemente a sua presença. Se você não tiver mais negócios para discutir, eu peço que se dirija ao seu quarto Signore Jano. Que está no lado oeste da casa - Acrescentou ela incisivamente.

- Tire seu manto - Disse Carlo, passando por ela. Levantando uma grande toalha de linho que estava pendurado ao lado da penteadeira, ele encobriu o espelho. Ela o viu fazer aquilo e reconheceu seu companheiro.

Os espelhos em seus aposentos eram sempre cobertos nas noites de Moonful quando seu marido estava na residência, e aquelas toalhas eram penduradas no cabide ali para esse fim específico. Era um estranho fetiche dele, e ao qual ela estava acostumada.

Depois de ajustar a cobertura a seu agrado, Carlo colocou sua arma em cima da mesa e começou a esvaziar os bolsos. Ele falou, de costas para eles.

- Dom é da família.

- Eu continuo sem ver o que... - Ela parou incerta. Ela sabia que Dominic era uma criatura de ElseWorld. No entanto, lá existiam muitas facções. Seu clã poderia ser numeroso no outro reino.

- Eu sou Sátiro de sangue puro - Dominic informou-os em seu tom formal.

Sangue puro. Não o sangue misturado como de seu cunhado. E também não o um quarto ou menos ainda, como Carlo. Ele era a primeira criatura de sangue puro de ElseWolrd que ela já conhecera. No entanto, como os outros senhores Sátyr ele poderia passar facilmente como humano. Extraordinariamente alto, convincentemente um humano másculo, com ombros largos e um peito expansivo. Mas humano, no entanto.

- Mas o seu nome, Janus - Disse estupidamente. - O deus que olha a frente e a trás. Um protetor nos tempos de guerra. Achei que era descendente de sua linha sanguínea.

- Minha esposa é uma grande leitora, repleta com riqueza de informações - Zombou Carlo, interrompendo-a.

Ele pegou seu livro de poesia da mesa, folheou suas páginas, e depois o fechou com um estalo desdenhoso. Suas ações eram exageradas, ela observou preocupada, influência do excesso de vinho que tinha tomado antes.

Dominic o ignorou, respondendo a ela por sua vez.

- Janus é o sobrenome de um ancestral e um de uma meia dúzia que compõem a totalidade da minha própria.

Ainda assim, isso não explicava por que ele estava aqui esta noite no quarto de Carlo sobre todas as noites. *Por que ele não foi para seus aposentos invocar Shimmerskins para sua cama?* Essas fêmeas insensíveis eram facilmente conjuradas a partir das brumas conforme o desejo de um Sátiro, a fim de servi-los em suas necessidades carnavais.

- Eu não estou vestida para receber visitas - Ela insistiu, dirigindo-se ao marido.

Dominic franziu a testa para Carlo.

- Com um ano de casamento ela ainda não se acostumou a nossa maneira?

Carlo deu de ombros.

Emma olhou cautelosamente entre os dois homens gigantes que estavam nos dois lados da sala.

- Que maneira?

- Enquanto estiver na presença de seu companheiro, é perfeitamente natural em ElseWorld um consorte mostrar seu corpo sem... - Dominic procurou a palavra correta, e sua expressão se frustrou quando não conseguiu localizá-la.

- Ah! - Disse ele afinal - Para mostrar-se sem essas cortinas, independentemente de quem esteja presente.

Bem, aqui não é ElseWorld, não é? - Emma protestou - E aqui em EarthWorld, nos consortes, usamos roupas e não cortinas. E nós as usamos independente de estarmos acompanhados ou não.

- Emma! - Carlo a repreendeu - Mostre um pouco de respeito. Dominic tem sangue real e salvou minha vida no campo de batalha mais de uma vez.

- Lamento se soei indelicada - Disse ela. – Mas a lua logo ira subir.

Ela hesitou, olhando para a janela.

Dominic mesmo sabendo disso ainda não fazia movimento nenhum para se retirar.

O homem não conseguia decifrar uma dica tão evidente? Salvo por cruzar os braços em seu peito enorme, ele não se moveu da porta. Quase como se ele estivesse intencionalmente bloqueando qualquer saída. A parte de trás do pescoço formigou com o mal-estar nesse pensamento.

O marido disparou contra ela um olhar ilegível e, em seguida, mudou-se para a janela e agarrou a cortina com sua mão larga. Além dele apenas uma borda brilhante de laranja da luz do dia ficou para delinear as colinas anil distante.

Como os olhos de ambos os homens foram atraídos para o ponto de vista do crepúsculo que se aproximava, Emma aproveitou sua distração para colocar discretamente o seu manto sobre seu vestido.

- Há algo que eu não disse a família - Disse Carlo em um tom maçante enquanto ela se atrapalhava para amarrar o único laço no peito. - Algo que eu não quero que eles saibam.

Seu rosto, refletido no vidro da janela, estava excepcionalmente solene. Um tremor de medo a tocou.

- O que foi?

Ele a olhou por cima do ombro.

- Primeiro eu devo ter a sua promessa de que vai manter meu segredo.

- É claro - Ela concordou facilmente, a sua curiosidade aumentando.

Ele se virou para trás para inspecionar o céu à noite. Quando ele falou novamente, sua voz era baixa e torturada.

- Uma coisa aconteceu comigo em ElseWorld. Durante uma missão quase quatro semanas atrás, fui ferido. Logo após Moonful passado, na manhã em que saí da sua cama quente.

Emma foi para seu lado e encostou a mão, hesitantemente compassiva em sua manga, uma ação reflexiva, destinada a aliviar o sofrimento do outro.

- Por que não disse algo mais cedo, enquanto os outros ainda estavam aqui para ajudar? Você está bem?

- *Não!!!* - Ele latiu.

Com o corpo rígido - Ele se afastou - Quando isso aconteceu, eu estava longe de todos certo?

Emma hesitou em sua zanga e os vapores de álcool que exalava. Ele começou a perseguição, e ela deu um passo para trás para cada um dos seus passos em frente.

Quando ela bateu a coluna no poste da cama, ela pôs as mãos contra o seu peito. Ele elevou-se sobre ela, tendo seus ombros em um aperto doloroso.

- Meus ferimentos eram graves. Muito graves. Fiquei inconsciente por alguns dias. Quando eu acordei, me foi dito...

Ele tomou uma respiração irregular e colocou as duas mãos nos bolsos. Ela enrolou um braço em torno do poste de mogno voluptuoso e afundou-se no colchão, com os olhos colados ao de seu marido.

- Foi-me dito que o prejuízo tinha me tornado impotente - Cuspiu a admissão, como se provou vil em sua língua.

Ela pesquisou o inexpressivamente, tentando entender as implicações do que ele estava dizendo.

- Bem? - Ele exigiu, em tom beligerante.

Emma se empurrou em seus pés. Fugindo para longe de seu humor instável, ela inadvertidamente cruzou com Dominic. Quando ele tinha se movido tão perto?

Sua palma ampla marcou o oco da parte inferior das suas costas, apoiando-a, e ela tentou uma reação.

- Mi Scusi, signore. Lançando um brilho envergonhado para ele, ela deu a volta em torno dele para escapar. Mas de alguma forma ele chegou lá na porta do corredor à sua frente, fechando-a com um ar enganosamente casual.

Ela olhou com cobiça para a maçaneta da porta e depois para ele. Um arrepio a varreu quando ela recolheu o entendimento a partir de sua expressão que ele tentava garantir que ela ficasse.

- Você me entende, mulher? - Carlo havia retornado para a janela onde continuou a estudar o entardecer, como se esperando por algo. A lua.

Os dedos de uma mão passaram entre seu cabelo, seu cotovelo batendo no vidro com tanta força que pensou que poderia quebrá-lo.

- Você compreender o que isso significa? Para mim, numa noite tal como esta?

Emma pressionou dois dedos na pulsação da têmpora, na tentativa de cercar seus pensamentos confusos. Ela uma vez sonhou em criar uma família com ele. Ele estava dizendo a ela que não poderia mais. Mas ela já tinha decidido isso por ela, embora ele não soubesse.

- Eu posso imaginar, mas...

Ao lado dela, o sempre vigilante Dominic se deslocou, os músculos de seus ombros provocando uma pressão na amplitude de seu uniforme. Era difícil pensar, muito menos falar sob o peso de seu estudo estranho e silêncio.

- Não se preocupe com Dom - Disse Carlo. Tinha estado a observar o seu reflexo na vidraça - Ele está bem consciente da nossa situação.

- Nossa situação? Emma ecoou.

Com um huff de aborrecimento, Carlo virou-se para apoiar seus quadris contra o parapeito da janela.

- Tem a maternidade te feito estúpida? Deixe-me colocar-lhe mais claramente, querida. Eu não posso ser para você o que um marido deve ser. Nem agora nem nunca mais.

Um surto pequeno e caridoso de alegria brotou dentro dela. Ele estava dizendo a ela a sua semente já não podia mais gerar filhos. Na sua perspectiva, isto era uma espécie de presente. Nunca mais ele seria capaz de forçar outro bebê em seu ventre sem o seu consentimento. Alívio, imediatamente perseguido por um toque de culpa por seu egoísmo, tornou mais fácil ser simpática.

- Uma perda, com certeza, mas devemos ser gratos que sua vida não foi tomada, também. Afinal, não é necessário que nós... - Ela tinha tomado alguns passos em direção a ele enquanto ela falava, mas suas palavras tiveram sua parada no meio da sala.

- É suficientemente necessário maldição, sou só metade Sátiro, por piedade! - Ele gritou em horror - Dominic entende que esta "perda" significa para mim como você não entende!

Ainda guardando a porta, o convidado estava escutando descaradamente. *Ele era tão obtuso que não sabia quando um casal necessitava de privacidade?*

- Chega! - Ela virou para ele para pedir que ele saísse - Signore, talvez nos permita continuar a nossa discussão sobre este assunto em reclusão?

Mas os olhos sem emoção Dominic a tinham abandonado, e agora ele estava olhando fixamente para seu marido.

Atrás dela, Carlo murmurou.

- Ele fica.

- Mas por quê?

- Pequena idiota! Você não se importa com o nosso filho? - Ele se alterou, gesticulando em direção ao volume em sua cintura. - Se eu não te foder esta noite, ele irá morrer dentro de você!

Escandalizada pelo seu linguajar e palavras que a feriam, ela demorou a tomar o seu significado preciso.

- A luxúria é uma parte vital da minha existência - Continuou ele, batendo o punho no peito – Foder foi como respirar para mim por toda minha vida adulta. Hoje à noite eu me sinto mal com a necessidade de acasalar do crepúsculo ao amanhecer. A crueldade

perversa da minha condição é que, embora a capacidade para fazer isso esteja no passado, à necessidade permanece.

Emma empalideceu quando o verdadeiro horror da situação finalmente a alcançou.

- Você quer dizer que você não pode funcionar dessa maneira? Impotente?

- Finalmente ela compreendeu! - Ele jogou as mãos, o riso amargo surgindo dele. - Você sabe como são os caminhos do Sátiro. Crianças criadas em Moonful devem nascer no seguinte Mooful. Gestação de um mês. Nossos filhos devem entrar neste mundo com o nascer do sol de amanhã. Como o catalisador para um parto, primeiro você deve experimentar os prazeres do ritual da chamada de hoje. No entanto, meu pau   tristemente incapaz de entreter você nas próximas horas. Nem nunca mais.

Ele fechou a mão em sua frente, colocando e manuseando os próprios órgãos genitais através de sua calça, como se ele desprezasse o que elas continham.

- Mas deve haver alguma forma - Protestou ela, abraçando-se meio protetora - Ou seja, poderíamos chamar um médico? Ou podemos...?

Carlo caminhou em sua direção. Ela se afastou da fúria de rosto, mas agora ela entendia razão por tr s disso. Agarrando-a pelos ombros, ele exerceu sua fôrça, pressionando para baixo até que ela caiu para o chão de joelhos entre suas pernas.

- Carlo! Nosso filho! Você deve tomar cuidado comigo! - Ela gritou, segurando o ventre.

As mãos se curvaram com os dedos em seu cabelo para mantê-la enquanto a outra mão arrancou os prendedores de sua calça abrindo-a.

Baixando os olhos para o fosso envolto na frente da calça, ela viu a verdadeira extensão dos ferimentos revelados. Embora ele não a amasse, seu corpo tinha sempre estado pronto para o dela, sob uma lua completamente cheia. Mas não mais. Agora sua masculinidade estava pendurada encolhida e derrotada.

- Mostre-me como podemos fazer isso funcionar - Ele cuspiu fora. Seu tom era mordaz, como se ele a desprezasse - Leve-me em sua boca, mulher. Se você puder obter que ele levante e que o outro cresça, terei prazer em foder você.

Emma ouviu Dominic dar um passo em direção a eles e, em seguida, parar. Aparentemente, ele estava relutante em interferir na forma que o outro homem lidava com sua esposa.

Seus cílios inferiores vibraram de vergonha avermelhando seu rosto.

- Por favor. Não na frente dele - Ela sussurrou.

- Faça como eu mando - Carlo instr ido - Como uma esposa obediente deve fazer.

- Muito bem - Ela concordou, sem saber de que outra forma neutralizar essa situação a não ser obedecer. Se aproximando, ela traçou os irritados cortes irregulares na diagonal que dissecavam sua pélvis para baixo da seta para sua virilha. A pele ao redor estava manchada com hematomas horríveis amarelos e roxos.

- Sinto muito - Ela comiserou escovando seus dedos sobre as abrasões.

- Então me mostre. Empresta-me conforto - Seus dedos se apertaram contra o seu couro cabeludo, e ela estremeceu quando ele puxou sua cabeça para frente.

Com um som distorcido de protesto, ela agarrou as mãos ofensivas.

- Pare! Está doendo!

O polegar e o indicador masculino forçaram sua mandíbula, forçando os lábios a se abrirem e estimulando-a a ação. Só depois que ela ergueu a coroa e levou-o e depois o resto dele em sua boca que ele soltou seu agarre sem mostrar remorsos.

Rapidamente tornou-se impossível distinguir a diferença horrível. Nas ocasiões anteriores, ela havia realizado esse serviço para ele, o impulso de sua vara havia machucado sua garganta com sua força e tamanho. Mas agora... Ela sentiu Dominic observá-los e queria mandá-lo se afastar, mas a paciência do marido era curta, e não ousava soltá-lo o tempo suficiente para fazê-lo.

Forçando a saliva para a piscina na boca dela, ela banhou o comprimento insuficiente de Carlo, sinceramente empenhada no desafio que ele tinha estabelecido para ela. Utilizando os lábios, ela amamentou-o fortemente, puxando para trás e tentando prolongar-lhe no caminho como ele ensinou-lhe em sua noite de núpcias. Mas quando ela inadvertidamente o soltou, o seu eixo recuou de forma tão inesperada que ela o perdeu.

Ele chupou um suspiro irritado com seus dentes e rapidamente se colocou em sua boca. Segurando seu rosto entre as mãos, ele balançou uma vez, duas, três vezes, passando seu pênis flácido ao longo de sua língua.

Ela agarrou o tecido da calça quando o rosto bombeado ao ritmo lascivo tinha definido. Acariciando a partir de sua raiz ao cume de sua coroa e para trás, ela tentou diligentemente trazer vida ao que estava morto.

Tentou o quanto ela pode, mas ele não se mexeu.

Então veio o toque de uma mão diferente. O calor de um corpo masculino aparecendo atrás dela.

Dominic!

Chocada, ela tentou se afastar de sua tarefa. Mas seus dedos gentilmente tocaram através de seu cabelo de cada lado de sua cabeça, segurando a cabeça com facilidade e manobrando o vai-e-vem dos movimentos que ele via dar a outro homem. Era como se ele tivesse sido levado a participar com eles de alguma maneira, para acalmá-la com os polegares que acariciou os tendões com suas mãos na nuca e massagens como numa carícia sensual.

- Uma esposa obediente, ela é, não? - A voz de Carlo perguntou em algum lugar acima dela. – Mas seus esforços são para nada.

Dominic falou afinal com um comando de voz baixo.

- É você quem deveria estar preparando-a com a boca.

Com um processo lento, demorado e relutante, o seu toque a deixou.

Em suas palavras, seu marido acalmou. Então, como se visse impossibilitado de desobedecer a seu companheiro, o seu toque sobre ela caiu, também.

- Sim. Você está certo, claro.

Quando ele se voltou, o seu pênis murcho caiu de sua boca, caindo livre para balançar inutilmente em sua virilha. A frustração emprestou a suas mãos força desnecessária, visto que ele empurrou-a com ele e, em seguida, puxou as calças e enfiou-se por dentro.

Suas tranças castanhas caíram em cascata sobre os ombros de Emma, arrastando no tapete quando ela caiu desajeitadamente para suas mãos e joelhos. Carlo se abaixou para ajudá-la, como se momentaneamente lamentasse suas ações. Mas quando ela apenas olhou para ele, ele ajeitou longe e simplesmente terminou de ajustar suas roupas.

Emma tentou levantar-se do chão por conta própria, mas com um bebê a termo alojados dentro dela, isto se provou ser impossível.

Mãos fortes vieram sob as axilas, e ela encontrou-se levantado a seus pés. Dominic novamente. Tocando-a quando não tinha o direito.

Girando se afastou tão logo ela recuperou o equilíbrio, ela empurrou a cortina de cabelo do rosto e enxugou os lábios com as costas das mãos. Constrangida com o que ele tinha sido testemunha e por seu comportamento excessivamente familiar, ela esquadrinhou sua expressão.

Seu rosto tinha tomado uma qualidade sinistra, todos os planos e ângulos eram suavizados apenas pelo começo sombrio de um restolho azulado ao longo de sua mandíbula. Aqueles olhos tinham visto muito, sabia demais. Eles foram fundidos em prata, impiedoso e plano. Viu seu próprio reflexo neles, mas nada dele.

- Você não tem direito de tocar a mulher de outro homem, signore - Ela repreendeu, irritada e confusa com o fato de que Carlo não tinha se incomodado para castigá-lo.

Embora seu olhar continuasse nela, era com seu marido que ele falava.

- Prepare-a, Carlo. Meu tempo se aproxima.

CAPÍTULO 06

Com precisão metódica, Dominic removeu a arma que estava pendurada ao seu lado e a posicionou sobre a lareira com o mesmo cuidado que Emma tinha visto um violinista empregar no manejo de seu instrumento. Será que ele tomaria cuidado com sua mulher? Ela se perguntou.

Esse pensamento a chocou.

- Como você diz, a noite cresce signore. Por que você permanece aqui? - Ela exigiu cautelosa agora, não só por ele, mas de sua reação a ele.

A voz dele quando ele veio foi com suavidade enroscada com ferocidade.

- Seu marido é quem deve explicar.

Os dedos longos de sua mão encontraram o botão superior em seu uniforme e propositadamente começaram a desatá-lo.

Ela deu um passo vacilante para trás, os olhos arregalados e pregados às mãos que empreendiam o trabalho de abrir o colarinho.

Seu olhar incrédulo subiu para enredar o dele, e o que ela leu lá confirmou sua dedução chocante. Finalmente as intenções de Carlo ao trazê-lo aqui se introduziram em seu cérebro.

- Carlo? - Ela engasgou fraca, ainda incapaz de acreditar que poderia ser verdade.

- Tire esse maldito manto e essa camisola e vamos começar com isto - Carlo suspirou. Embora seu tom de voz estivesse cansado, a solução o sacudiu.

- Não! - Ela dobrou as bordas de seu vestido um sobre o outro, fechando o do tecido com tanta força em garganta que ela quase se estrangulou. Seus olhos foram para a porta, mas Dominic a observava muito sutilmente, e ela sabia que ele iria impedi-la de sair por ela, se ela tentasse.

- Você não ouviu nada do que eu disse? - Carlo perguntou sua voz cheia de miséria
- Eu não posso foder você esta noite. Ele pode.

Indo para ele, ela pegou seu braço com urgência, dando-lhe um aperto rígido.

- Não!

- Sim querida esposa. Meu companheiro ilustre aqui generosamente concordou para o serviço de hoje à noite em meu lugar. Você não deve encontrá-lo demasiado oneroso. Seus parceiros em ElseWorld parecem desfrutá-lo.

Ela arremessou um olhar mortificado em Dominic. Até agora, todos os nove botões tinha sido liberado de suas amarras. A separação vertical em sua túnica pendurava aberta para revelar um musculoso peito, sua pele de veludo esculpido entrecruzada com longas cicatrizes de ferimentos graves.

- Retire a camisola Emma, ou eu vou fazer isso por você - Carlo ameaçou. Mas ela não ouviu. Sua atenção ficou fixada no obscuro tórax masculino. Em seus cumes bem

definidos, planos e vales. Sua pele formigava com a consciência dele, um desconhecido em pé na metade de distância. Suas unhas marcavam meias luas na pele do marido.

Quando ela não cumpriu imediatamente a sua vontade, Carlo ficou furioso. Puxando as mãos dela, levantou o braço como se fosse dar uma bofetada nela.

Com um grito breve, ela abaixou a cabeça.

Para um gigante, Dominic moveu-se rapidamente. Antes do golpe pode cair, ele o bloqueou.

Apertando a mão trêmula sobre seus lábios, Emma olhou para a porta. Sua visão ficou enquadrada no espaço entre os dois homens que estavam à sua frente, e ela viu uma oportunidade para se lançar e passar por eles. Ela nunca tinha visto seu marido tão fora de controle, nem mesmo mês passado.

Carlo hesitou, buscando a expressão de Dominic. Alguma coisa que ele viu lá o fez abaixar o braço e se voltar para consolá-la.

Levando ambas as mãos na sua, ele falou sinceramente.

- Nós devemos tomar cuidado para garantir que o nosso filho chegue a este mundo com boa saúde, pois não posso colocar outro em você Emma. - Seu rosto se contorceu de emoção.

- Dê-me este presente, querida. Eu lhe imploro. Tenha nosso filho.

- Você já procurou ajuda médica fora do hospital militar? - Argumentou, agarrando sua camisa. - Não existe realmente nenhuma ajuda para você?

Ele balançou a cabeça, desesperado. Quando ele falou de novo, seu tom era de pesado.

- Não há nada a ser feito. Desfrute do prazer que Dominic dará a você. Será a última vez que você o terá para o resto de seus dias.

Por um longo momento ela ficou imóvel, quieta em pânico quando ela leu a verdade imutável do presente em seus olhos. O instinto a mandava sair. Ela deslizou as mãos das suas e se esgueirou junto ao pé da cama, desta vez na direção da porta de seu quarto contíguo em vez da que levava ao salão.

O súbito calor do corpo de Dominic em suas costas a parou. Percebendo seu erro, ela tentou fugir dele. Mas os dedos de ferro agarraram seu braço, aprisionando-a.

Embora ele ainda usasse a túnica, ela estava pendurada e aberta agora. Olhando de perto, seu tronco liso queimando sua coluna através de seus pijamas. Ela estendeu-se, amassando o punho da manga, implorando com os dedos.

- Signore. Dominic. Você deve ajudar-nos.

- É precisamente por isso que ele está aqui - Zombou o marido.

- De joelhos, Carlo. - Sentiu as palavras retumbou o peito por detrás dela. - Ouvi-los seus lábios expelindo perto da orelha. - Prepare-a com a boca. Traga-a para a borda do prazer, para que ela possa me aceitar melhor.

Mas desta vez, Carlo não saltou para obedecer a seu ídolo. Ele apenas observou que, apesar de sua oposição, Dominic facilmente retirou a renda e seda por cima de sua cabeça e jogou suas roupas no chão.

Emma chiou alarmada e colocou uma mão espalmada para cobrir o ápice de suas coxas. Embrulhando um antebraço tentou esconder seus peitos, ela bateu no diafragma de Dominic com o cotovelo para tentar forçá-lo a se afastar.

Desatento de seus esforços, ele serpenteava um braço em torno dela, prendendo-o logo abaixo de seus seios. Apesar de tê-la algemado, seu abraço foi de uma força elegante e não a força bruta que seu marido tinha empregado.

Empurrando sua cabeça para indicar a penumbra na janela, Dominic protestou novamente com Carlo.

- O dia terminou! Apronte sua esposa para mim antes que seja tarde demais!

Carlo visivelmente sacudiu-se do torpor e, em seguida, obedientemente inclinou-se para ficar em um joelho.

- E traga a nata.

Ao comando baixo da voz de Dominic, Carlo empalideceu. Seus olhos e os de Emma viajaram em conjunto para o jarro na mesa de cabeceira ao lado do leito, ambos olhando para ele com horror fascinado. Ela o havia colocado lá, a intenção era para o uso de Carlo. Mas agora parecia que outro homem iria usá-la.

Um grunhido ferido saltou da garganta Emma, e ela renovou sua luta. Dominic resmungou sempre que um cotovelo acentuado alcançava seu estômago, mas fora a isso ele a ignorou. Ela sentiu-o encolher os ombros e retirar a túnica deles com a mão livre.

A mente dela correu uma avenida e depois outra, ansiosamente buscando uma solução mais palatável para a sua situação. Mas nenhuma outra opção viável se apresentou. Ela precisava de mais tempo para pensar.

Sem uma palavra, Carlo garantiu o pote de creme, abriu-o e colocou-o sobre uma mesa do lado, que ele trouxe ao alcance Dominic. Sabendo exatamente aquilo que seria necessário uma vez que comesçassem, seu marido trouxe um prato de óleo e uma das bacias mais também. Então ele veio para ficar diante dela ao pé da cama.

Emma torceu os dedos no colarinho da túnica Carlo, e seus olhos desesperados tentaram pegar o seu.

- Chame Jane. E seus irmãos - Ela implorou. Peça-lhes para ajudar. Pergunte-lhes se não há outra maneira.

Evitando o olhar, Carlo cuidadosamente destacou-se de sua mão.

- Não.

- Eles não vão pensar menos de você, porque você não pode ter uma ereção - argumentou, discutindo com precisão a base de sua recusa. - Suas lesões não são culpa sua. Nenhuma delas é motivo de vergonha.

O hálito quente de Dominic agitou os cabelos em sua nuca enquanto ele falava.

- Você realmente acha que os membros da sua família vão aceitar uma interrupção? Agora? Esquecesse que estarão envolvidos nos rituais do mesmo Moonful como nos estaremos em breve?

Ele estava certo. Sabia que ele estava ainda assim...

A lâ das calças raspou em sua coxa dividindo seus lábios inferiores suavemente, enviando uma corrida de vulnerabilidade pelo meio dela. Corajosamente se movia cada vez maior entre as dela até a sua carne nua pasmado andava a esfregar sedutora a sua longa e máscula força. Ela gemeu, desamparada no âmbito de um pincel, primeiro imprevisto do prazer.

Carlo caiu de joelhos na frente dela na mesma maneira que ela já havia se ajoelhou diante dele. Sua mão correu para cima ao longo do comprimento da coxa de Dominic, que recuou para abrir caminho para ele.

Alcançando seus joelhos, quando ela fez uma tentativa fútil de fechá-los, Carlo a deteve e a manteve aberta. Seus polegares abriram sua racha franzida, e ele inclinou-se, até que seu cabelo fez cócegas na parte inferior da barriga.

- Renuncie Emma. Outra linha de ação poderia ser desastrosa.

Sua língua passou rapidamente para fora. Ela estremeceu no seu chicote em primeiro lugar, em seguida, puxou uma respiração instável quando ele acariciou o comprimento de sua abertura. Uma vez. Duas vezes. E então, em sua terceira passagem, que serpenteava dentro dela e novamente, e novamente o mais rapidamente, simulando o impulso de um órgão masculino.

Ele tinha realizado essa carícia para ela uma vez antes, na noite de seu casamento. Ela achou interessante. Mas tinha sido um exercício breve entre eles, então, uma mera estimulação muito rapidamente retirada.

Agora, lábios e língua trabalharam suas artimanhas em sua racha mais atentamente e com habilidade óbvia. Onde ele tinha afiado tal habilidade, ela não podia adivinhar apenas se perguntar. Ele parecia determinado a conquistar seu corpo em sua apresentação, mas ela mesquinhamente suspeitava que seu desempenho fosse por alguma razão, destinado mais para impressionar o seu companheiro que para agradá-la.

Embora seu canal estivesse devidamente umedecido, seus pensamentos agitados mantiveram o prazer a distancia. No momento, era fácil negar qualquer agitação.

Sentia a calma de Dominic, sua aguda consciência de que outro homem estava trabalhando entre suas pernas, trabalhando com a boca. Seus braços tencionaram em seu aperto, e ela sentiu seu desejo cobiçoso. De alguma forma ela sabia que ele estava se imaginando agindo em lugar de seu marido. Sabia que ela logo seria entregue a ele para que fizesse exatamente isso.

Quente, os lábios estranhos tocaram a coluna de sua garganta e seguiu para baixo, parando para apreciar o canto em ângulo onde a garganta se unia ao ombro. Ele chupou levemente sua pele, simulando as atenções de Carlo em outro lugar. Ela passou, endurecendo quando a pele macia de seu traseiro encontrou o sapé masculino na virilha de Dominic. E outra coisa. Algo grosso e duro estimulou seu quadril.

Ele tinha aberto a calça! Isso de alguma forma fez com que a última meta de todo esse engajamento, de repente parecesse muito mais chocantemente possível.

Ofegante, ela se afastou e olhou para ele, colocando a mão sobre o lugar em seu pescoço que ele tinha marcado apenas com a boca. Sua cabeça levantou mostrando os olhos prata misturado com marrom. Suas espessas pestanas negras baixaram enquanto lia a nova consciência em seu olhar.

Algo surgido no fundo deste homem, ela percebeu. Algo mal que guerreava com o bem nele.

Seus olhos caíram à boca e viu que eles estavam úmidos. O lugar que tinha beijado estava úmido também e fresco no pelo ar da noite.

- Por favor. Invoque a minha família. Ou um médico de Florença - Ela suplicou. - Eu sou humana. Talvez o meu filho possa nascer da forma habitual das crianças humanas.

O hálito quente e sedoso passou em seu rosto, mas o tom Dominic, quando falou era austero e implacável.

- Seu filho tem sangue Sático e deve nascer por meio do ritual antigo. Nas horas que se avizinham, tomarei o lugar de seu marido no ritual de acasalamento. Só assim seu corpo pode exercer a função de dar à luz na virada da madrugada. Carlo permanecerá conosco durante toda a noite. Se te conforta, imagine que eu sou ele quando eu entrar em você...

Suas palavras foram abruptamente cortadas quando seu corpo inteiro ficou tenso. Rígidos músculos abdominais se contraíram e se apertou contra a sua coluna, duro como ferro. O braço que sustentava suas costelas a apertou com força roubando sua respiração.

Seus olhos se encontraram com os de Carlo quando o brilho do reconhecimento os atingiu.

Dominic estava começando a sofrer a mudança.

Atrás dela, ele mordeu um gemido, baixo e moderado era uma mistura de alegria e sofrimento. Então, com um áspero grunhido animal, ele empurrou as calças para baixo a esmo fazendo com que elas se amontoassem por cima das botas pretas.

Ele lutou contra a retenção do tecido por alguns segundos e, em seguida, os chutou.

Ele estava completamente nu, exceto pelas botas. Uma leve camada de pelo de cor fauno estava brotando em seu lombo, agradando sua parte inferior e na parte posterior das coxas. Era uma das primeiras mudanças que viriam sobre ele nesta noite sagrada.

Não conseguindo se soltar, ela se torceu, olhando para baixo entre eles. Sua respiração se reteve com a visão assustadora que encontrou diante os olhos dela. Seu pênis era enorme! Saindo alto e ansioso do ninho, grosseiramente enrolado em sua virilha, Era facilmente tão grosso quanto o pulso e, quase tão longo quanto seu antebraço.

Ela engoliu audivelmente e olhou para a janela enquanto o pânico aumentou a fervura dentro dela. A lua ainda não tinha se mostrado. Mas seria logo.

Com seu aparecimento viria outra mudança mais profunda. Uma que daria a esse animal selvagem do sexo masculino o presente de uma segunda vara, que seria gêmea dessa. Então ele iria abri-la e deslizaria com ambos os eixos tão profundamente dentro dela como seria possível para um homem ir.

E então ele lhe daria a sua semente.

Parecia impossível que ele se encaixasse. Porém, a abertura entre suas pernas já estava em espera, os tecidos estavam umedecendo, começando a aprontá-la para ele, ansiando por ele. Um rugido longo, baixo emanou de sua garganta como se ele soubesse.

Sua movimentação mudou sutilmente, cada vez mais intencional. Suas mãos ficaram agora mais possessivas e sensuais quando seu corpo realinhou-se com o dela, pressionando seu ombro direito até que o osso foi amortecido em seu músculo peitoral. Os globos aveludados de suas nádegas deram contra a rocha da sua coxa.

E durante todo o tempo, sua respiração tornou-se fixa rascante e profunda. Aqueles lábios bonitos passeavam por seu ombro, sua nuca, e sua garganta. Ele estava aprendendo seu perfume. E a marcando com o dele.

Em breve, muito em breve, ele perderia o controle sobre seu raciocínio. A necessidade primitiva se infiltraria em suas veias e começaria a ditar todas suas ações. Uma vez completamente no auge da chamada, ele mataria a fim de acasalar com ela. Nem Carlo, nem mesmo os senhores de Satyr seriam capazes de detê-lo depois. Não sem matá-lo.

A língua de Carlo encontrou-a de novo, hoje mais voluptuosa em suas funções, como se o estado físico alterado de Dominic o tivesse animado. Ela olhou para o marido enquanto ele trabalhava entre as coxas. Ao contrário de seu amigo, ele não fazia careta nem gemia. As maçãs do rosto não estavam vazias do desejo.

Era verdade então. Não poderia haver dúvida. Carlo permaneceu inalterado mesmo com o puxar a lua. Ele não estava experimentando a mudança.

Se ela não aceitasse esse outro homem, esse desconhecido, hoje à noite em seu corpo, seu filho ou filha não nasceria ao amanhecer. Ele ou ela morreria dentro dela, durante a gestação.

A necessidade de Carlo provar a si mesmo na Guerra em ElseWorld tinha exigido um preço terrível. Sentia-se irritada com o seu sacrifício. E um pouco culpada. Ela há muito suspeitava que a única razão pela qual ele se retirou para o outro mundo foi para escapar dela. Para escapar do fardo de sua necessidade de um amor que ele não sentia por ela.

Seria pedir muito esta única noite de sacrifício em troca da sobrevivência de seu filho? Assim, ele poderia se tornar um pai e ela uma mãe?

Esse raciocínio acalmou-a como nada havia feito antes, e ela cedeu para a necessidade inevitável do que iria acontecer nas horas seguintes. Um estranho nu e

másculo a estava abraçando. Planejando copular com ela. Seu marido era conivente com isso. E ela permitiria isso. Por hoje à noite. Por seu filho.

Uma vez que sua luta cessou, tornou-se impossível ignorar a estimulação potente que seus dois amantes estavam fornecendo.

Sob a atenção de Carlo, sua carne feminina esteve pulsando e inchando com a pressa desenfreada da luxúria em seu sangue. Suas coxas tremiam em espasmos agora, e ela balançava languidamente os quadris para trás e para frente, facilitando o percurso da língua. Seu canal havia se tornado um vazio liso, pronto para recebê-lo por dentro, se pudesse o abrigar.

Pelo canto do olho, ela viu uma mão masculina chegar. Dominic. Paralisada, ela o viu colher um bocado de nata da jarra sobre a mesa.

Os músculos de seu braço esquerdo deslocando ao longo de suas costas. Ela estremeceu quando os dedos untados vieram entre suas faces traseiras, lambuzando seu anel enrugado com a nata fresca. Delicadamente, ele começou a lubrificá-la.

Por um tempo, seu pênis pesado definiu o ritmo do seu ménage, balançando em seu quadril no tempo da batida exigente que ele necessitava. A dança da boca de Carlo em sua fenda só poderia seguir o ritmo determinado por Dominic, que também determinava a frequência e a profundidade que os lábios de Carlo alcançariam.

Ela tentou desvincular sua mente do que estava acontecendo. Para não deixar entrar os sons dos beijos lisos dos dedos e línguas e bocas enquanto os dois homens trabalhavam nela.

A mão direita Dominic cobriu seu peito, surpreendendo-a na superposição da sua própria mão. Sua mão livre caiu para o topo da cabeça de Carlo, e por um momento, as palmas de suas mãos a ligavam a ambos os homens. Distraidamente, ela alisou uma mecha do cabelo fino do marido e a assistiu voltar para o lugar. Ela não o amava, e era impossível para ela entender completamente a sua perda física, mas sentiu remorso pela dor que lhe causou.

Os dedos em seu peito se deslocaram para puxar e dar uma leve torção em seu sensível mamilo, enviando uma emoção lasciva sobre ela. O toque de Dominic toque em sua pele quase parecia zumbir, vivo com alguma força estranha e estimulante. Faíscas chamejaram seguindo diretamente a partir deste pico dilatado e latejante na haste da carne que Carlo agora adorava. Um impulso erótico, mais forte que qualquer que ela tenha sentido antes, reverberou a ida dele ao longo de sua fenda.

Ele apertou. Uma vez. Rígido.

Não! Certamente, ela não ia se envergonhar dessa maneira. Certamente ela não alcançaria o orgasmo aqui no meio do quarto, onde suas respostas seriam reveladas a qualquer um que quisesse olhar o que aconteceria.

Embaraçada, ela empurrou Carlo distância. E logo ela o desejou de volta. Desejava para terminar com o fogo da paixão que ele e Dominic tinham acendido nela. Ela acariciou seu cabelo novamente, tentando induzir o próximo sem o uso de palavras.

Mas o marido só pressionou o rosto inclinado para o lado de sua barriga arredondada, beijando-a lá com os lábios masculinos ainda molhados por seus próprios fluidos femininos.

A palma arteira de Dominic em seu peito começou a perambular. Como uma nuvem escura, acariciou furtivamente para baixo o panorama de seu corpo, ao longo do seu peito, entre as costelas, e sobre a barriga levemente arredondada. Lá, os dedos fortes amplos, moldando o berço de seu filho como se ele o estivesse reivindicando.

A cabeça de Carlo foi puxada para trás o assustando. Fora de equilíbrio, ele cambaleou para trás em seus saltos e olhou para mão possessiva que forçou seus lábios a se distanciarem.

Emma viu como ele deprimiu ao avistar outro homem usurpar os seus direitos a ela, sua esposa. *Como, então, ele iria suportar ver sua companheira com seu amigo durante as longas horas que se estendia à frente?*

Os olhos de seu marido levantaram-se aos dela, e ele viu a pena lá. Ele olhou além dela para procurar a face de Dominic, e o que ele leu ali distorceu suas feições em agonia.

Sem aviso, o dedo cremoso de Domingos incitou o anel de músculo apertado ao longo de sua fenda traseira. Ele invadiu indo fundo.

Um grito que era uma confusão de choque e necessidade primitiva jorrou das profundezas da sua alma. A dor tingiu e machucou o rosto de Carlo, uma emoção que rapidamente se inflamou em ira ciumenta.

- O que você esperava? - Ela sussurrou.

Ele tinha pretendido que ela suportasse o toque de seu amigo sem que sentisse o prazer que ele estava lhe dando?

Um segundo dedo se juntou ao primeiro a estirando. Os fãs de seus cílios caíram como um véu em seus olhos e seu queixo levantou em um gemido.

Com movimentos espasmódicos, descoordenados, Carlo se levantou e começou a recuar.

- Espere - Emma grunhiu. Ela estendeu a mão para ele, mas ele a ignorou e continuou fazendo o seu caminho em direção à porta, os olhos colados em Dominic.

Alheio ao drama que estava se desenrolando, Dominic aninhou sua nuca, mudando os cabelos de lado para abrir caminho para o passeio dos lábios e dentes brancos. Os dedos hábeis em sua parte traseira a deixaram e ela ouviu um esguicho. Ele mergulhou a mão na água cristalina da bacia que ela tinha preparado anteriormente para a limpeza.

Abruptamente os primeiros raios de luar vieram dançando através do vidro da janela para banhá-los em seu brilho prateado.

Dominic ergueu o rosto na direção da luz sagrada, gloriosa, na sua carícia refrescante. Junto de Emma os músculos de seu abdômen ondularam e puxaram tenso. Um grito conciso, estrangulado rompeu com ele.

Carlo parou, paralisado pela visão de seus corpos nus e de Dominic em um abraço erótico. Ele olhou com inveja óbvia como o seu amigo se debruçava sobre ela, sua estrutura maciça, cruelmente apreendida pelas cólicas brutais que anunciava os efeitos físicos da última chamada.

Dominic a apertou e seu corpo cedeu voluntariamente entre seus braços. Devastada pelo ataque desta dor primitiva de novo prazer, seus pulmões comprimiram com respiração irregular. Terminada esta, ela sentiu a mudança definitiva que veio em cima dele com um movimento de galvânico de magia de ElseWorld.

Quando ele lentamente desenrolou atrás dela, a transformação dele era palpável. Sua pele era mais quente agora, seu corpo mais forte, sua atitude mais apaixonada e determinada.

Mas a maior diferença pôde ser sentida pressionando alto ao longo do oco de suas costas. Para além do eixo que se estende do sexo masculino agora havia dois.

Não havia nada sutil na forma como ele lidou com ela agora. Nada sutil na forma como seus dois pênis gêmeos angulava alto, contraindo-se e esticando-se para um gosto dela. Ele estava se preparando para o barranco. Em poucos minutos, ele faria a sua entrada.

Carlo tropeçou desajeitadamente para trás, tropeçando nos pés e em seguida batendo em cima da penteadeira.

Sua atenção concentrada em Emma, Dominic não dava atenção à perturbação de qualquer forma.

Desajeitado Carlo tropeçou atrás de si e cegamente reuniu seus pertences da mesa onde ele as tinha colocado. O tilintar das moedas veio, e promoveu a queda da cortina de espelho. O ranger da maçaneta. Os dedos de Emma escavavam na musculatura do braço de Dominic tentando desalojá-lo. Tentando chegar ao abrigo duvidoso que era seu marido.

- Não! Não nos deixe! - Ela pediu percebendo que ele estava prestes a ir embora.

Uma mão calejada e masculina roçou seu peito novamente, cobrindo-o. A almofada do polegar escovou seu mamilo. Ela gemeu incapaz de negar o prazer que isso lhe dava.

Do outro lado da sala, o rosto de Carlo se contorcia em desespero. Sua garganta trabalhou silenciosamente, e ele sacudiu a cabeça.

- Eu sinto muito. Eu não posso.

Com isso, ele virou-se e fugiu, batendo a porta atrás dele.

CAPÍTULO 07

Emma congelou na descrença horrorizada.

Dominic tinha prometido que Carlo ficaria. Que tinha sido o plano. Mas no final, parecia que o marido não tinha sido capaz de ver outro homem juntar-se a ela, mesmo que ele próprio houvesse escolhido.

Ao invés disso ele a abandonou quando ela mais precisava dele tão desesperadamente quanto ela nunca precisou de ninguém antes. Ao contrário, ele tinha agido como um covarde e a tinha deixado sozinha para copular com um companheiro de guerra, um total estranho para ela ate o amanhecer.

Ela ouviu um som arrastado. Dominic tinha agarrado a ponta da bota sob os pés e puxou-as mais perto as colocando ao pé da cama Carlo. Quando ele se moveu sua virilha foi brevemente refletida no espelho, e viu o segundo eixo, um vestígio da sua descendência Sátira que irrompeu a partir de sua pelve, logo acima do pênis original que subia de seus pelos. Ambos eram corpulentos e de um vermelho febril, com redes de nodosas veias dilatadas ao longo do comprimento de seus eixos que eram coroados com o formato brilhante de cogumelos.

Pânico gelado correu através dela. Ao primeiro sinal de Moonful, o corpo de Carlo sempre tinha mudado desta maneira também. Antes.

Mas ele nunca foi tão grande.

Uma perna peluda penetrou entre suas coxas. Elevando o joelho esquerdo com o seu, Dominic balançou a perna plantando o pé no banquinho à sua esquerda. Sua coxa montava a dele agora, seu pé nu pendurava ao lado de seu tornozelo.

No espelho, ela viu sua mão contornar sua barriga descendo através de sua pélvis para o ninho entre suas pernas. Forçando seus dois dedos mais longos ele separou e puxou seus lábios inferiores carnudos revelando encantadores lábios de uma cor rosa mais escuro. Com os dedos da mão ele estendeu os lábios externos fazendo com que suas pétalas interiores se abrissem até que o ar fresco encontrou seu núcleo.

Ela nunca tinha se visto assim, mas ela não conseguia desviar o olhar. Era obsceno. Chocante. Excitante. Carlo a tinha deixado úmida, inchada e aberta. Pronta para o uso deste homem.

Ela olhou para o espelho, viu que ele estava olhando para ela, seu rosto cru e faminto. Ela agarrou seu braço com ambas as mãos convulsivamente. Não em uma tentativa de parar o que ele faria, mas sim por uma necessidade de sentir que ela exercia certo grau de controle sobre ele.

- Ainda não - Ela sussurrou. - Você deve encontrar alguém para ir atrás de Carlo. Em sua embriaguez, ele poderia andar muito longe. É imperativo que ele esteja aqui conosco, especialmente para o final da cerimônia.

Mas Dominic só se abaixou um pouco, enviando o seu maior e o menor pênis em um empurrão entre as suas pernas para levar o seu comprimento ao longo do seu sulco. Não havia nenhuma indicação de que ele a tinha ouvido falar. Talvez ele não tenha ouvido mesmo. Durante a chamada, os homens sátiros procuravam a fornicção com uma concentração inabalável, esse era o objetivo único de sua mente. A besta dentro dele havia assumido. O Homem no momento estava fora de alcance. E ela estava sozinha com ele, vinculada a ele. Na sua misericórdia até de manhã.

Emma chupou em uma respiração rápida, suspensa quando a coroa lisa pausou, encontrando a abertura que procurava. Seus dedos úmidos pegaram a gorda coroa, rapidamente esfregando em seus fluidos e em seguida, impelindo a sua lisura escorregadia para seu interior.

Ela viu a parte interna de seus lábios inferiores, concedendo-lhe um pequeno beijo úmido ante de ser sumariamente esticada em um ofego atordoado, perfeito. Enquanto ele trabalhava dentro dela, a parte carnuda de sua mão e a base de seu polegar esfregava no nó do seu sexo, fazendo-o inchar e pulsar. Ela começou a se sentir lânguida e percebeu que tinha se esquecido de respirar.

Sem deixar de acariciá-la sua mão esquerda chegou às suas costas, levando seu outro pênis ao longo do vinco entre seu traseiro aveludado até o fundo para encontrar a abertura enrugada de seu ânus. Embora tivesse bem lubrificado em preparação para isso, seu tamanho era chocante, e um sopro de ar severo a deixou na mordida rápida de sua penetração.

Ambas as entradas foram amplamente e desconfortavelmente dilatadas quando engoliram suas coroas, grandes em seus perímetros. E então suas aberturas estavam fechando em torno dele para abraçar seus pênis. A ela foi dado pouco tempo para se ajustar, pois, sem pausa, o comprimento de seus pênis foram empurrados suavemente para frente, abrindo um túnel cerrado, empunhados como luvas de cetim erótico elegante.

Emma cruzou a volta de seu braço contra as costelas masculinas atrás dela.

- Espere - Ela disse quando começou a temer que ele não coubesse dentro dela. - Eu não tenho certeza... Você é tão...

Dominic só grunhiu em resposta, um grunhido áspero, som lascivo e sexual masculino. O musk aquecido pelos feromônios enchia suas narinas quando seus corpulentos eixos ávidos a empalaram em uma série de sempre estocadas e retiradas profundas.

Emma se agarrou ao poste da cama, um turbilhão de prazer e preocupação martelando suas costelas quando a plenitude invasiva aumentou drasticamente com cada flexão de seus quadris. Alcançando a calma, ela consolou-se com o conhecimento de que era impossível que essa união a prejudicasse. O Sátiro possuía a capacidade de alterar qualquer corpo feminino para se conformar às suas dimensões duplas durante a cópula. Jane tinha explicado este fato para ela quando assumiu compromisso com Carlo, e sua noite de casamento ele havia confirmado a verdade.

No entanto, apenas por um momento, a histeria lutou com a razão. Talvez um Sátiro puro não pudesse acasalar a um ser humano puro. Alguém já tinha testado isso? Embora ela soubesse que sua tensão só tornaria as coisas mais difíceis, o pânico a fez se apertar contra ele.

Alheio à sua crescente preocupação, Dominic começou a murmurar a apreciação da aceitação do seu corpo para o dele, falando em uma mistura de latim, italiano e outras línguas mais estranhas. Embora ela não conseguisse entender o significado de muitas das palavras pronunciadas, o tenor, escuro e picantes de suas palavras começaram a afetá-la como um morno, aconchegante e estimulante afrodisíaco.

O fogo quente do desejo e da luxúria anterior faiscou e reviveu nela. E então ela seu grito misturou-se com o rugido triunfante quando ele finalmente entrou em casa, indo incrivelmente, tão incrivelmente profundo em um... Longo. Último. Aveludado. Deslizamento.

- Deuses, Emma... Deuses. - As palavras eram uma exalação, uma alegre bênção que enviou um arrepio de excitação através de seu dela. Ele chutou o banquinho para longe, cruzando os braços sobre ela, abraçando-lhe com reverência, com um peito em cada mão em concha como se saboreasse a integralidade da sua união. Seu corpo era uma rocha aquecida pelo sol cercado pelo corpo dela com sua força muscular, seus pelos levemente almofadando as bochechas de seu bumbum. Ele estava dentro dela, tão profundo quanto um homem poderia ir.

- Tão cheia - Ela sussurrou, virando o rosto em sua garganta. Lábios acariciaram seus cabelos e, em seguida as suas mãos estavam novamente passeando, explorando o terreno sedoso de seu corpo, moldando a garganta, ombro, peito, costelas, barriga. Com os dedos tremendo, ela puxou a queda dos cabelos, que caía entre eles e jogou-os por cima do ombro para descobrir seu peito. Suas mãos acariciando tomou dela debaixo deles, entrelaçando os dedos para que os fios de seda apanhado entre eles. Então, ele dirigiu seus cabelos aos seus seios tecendo uma suave abrasão mais e mais, até que seus mamilos coraram tensos.

A retirada começou lenta, com os dois pênis em uma suave sucção. Eles voltaram em uma estocada forte que a fez ofegar e a colocou na ponta dos pés. Mãos agarraram seus quadris, ancorando-a. E então uma segunda retirada e estocada e uma terceira...

Hesitante a principio e em seguida com mais segurança seu corpo começou a antecipar as ações de seu balanço e de seu ritmo. Seus canais adaptados e conformados com o seu tamanho impressionante. Ela relaxou com ele, começando a tolerar e até mesmo a incentivá-lo.

Em sua orelha Dominic misturava uma serie de idiomas de forma gutural dizendo o quanto ela o agradava.

- É tão bom. Foda. Tão apertada.

O tempo passou sem que ela percebesse. Seus gemidos entrelaçados, temperando o ar. Em suas costas ele era sólido e dominador, bombeamento em seu tempo, sensual arrastado. Cada fibra do seu ser parecia focado nela, ao redor dela, dentro dela.

Sua boca cruel raspava a pele sensível de sua nuca, atrás da orelha, descendo a encosta de sua garganta. Ele continuava falando com ela, usando palavras que não ela compreendia, proferidas em desespero, tons necessitados que ela facilmente decifrava e fazia eco.

Sua cabeça pendeu sobre o assento de seu ombro, e sua mão acariciava a bela e marcada mandíbula masculina.

- Sim - Ela sussurrou. - Sim.

Os dedos de sua mão enluvada encontraram o nó endurecido do seu sexo, desencadeando vários dessas estranhas e quentes faíscas. Sob o seu golpe duro o clitóris deu um arranque violento. Seus joelhos fraquejaram.

Dobrando a cintura ela apoiou ambos os antebraços sobre o colchão diante dela. Mãos fortes seguraram em seus quadris, apoiando seu peso e protegendo seu filho enquanto ele estava atrás dela, nunca parando em seu implacável bombear.

E ela deixou que ele fizesse isso. Queria que fizesse. Ansiava por ele. Abriu as pernas e arrebitou o traseiro para cima, implorando por ele. Sua respiração veio em expulsões duras quando ela cedeu a suas investidas profundas. Seu traseiro recebeu cada rigoroso empalamento com um estremecimento ansioso de boas-vindas. Suas passagens o abraçaram, banhando seus pênis com seus fluidos e a nata cremosa, ciosamente e apaixonadamente em um ciumento agarre quando eles tentavam sair.

A cada retirada e estocada, seus seios eram arrastados através do colchão em um movimento de vai-e-vem que brincava com os mamilos já duros de excitação. Era como se ela fosse uma onda e ele a maré do oceano, lançando-a na praia só para dar um puxão em seus quadris levando-a novamente em um incessante ritmo erótico.

Emma esqueceu-se do fato de que isto era apenas para ser um ritual que iria preparar seu corpo para o parto. Esqueceu-se das razões que a levou a permitir que alguém que não seu marido a estava acasalando.

O mundo dela tinha reduzido para este quarto. Focado nesse espécime masculino e glorioso. O objetivo de todo seu ser se cristalizou em um único objetivo ardente, de matar a febre incrível que ardia dentro dela.

Então, ele deliberadamente retirou qualquer esperança de que ela poderia alcançar o prazer instantâneo que ela procurou desesperadamente, puxando seus pênis tão longe que ela quase os perdeu.

- Não! - protestou ela. Seu traseiro empinado para cima, procurando, ansiando por outra investida. Ele agarrou seus quadris, segurando-a longe. Suas passagens vazias eram recipientes chorando desolados pela falta dele. Suas mãos alcançaram e seguraram suas coxas musculosas e aquecidas, tentando trazê-lo mais perto.

Mas, ainda assim, suas coroas só brincavam em suas entradas, dividindo seus canais, mas não fodendo neles.

- Oh, por favor... Por favor - Ela gemeu baixinho, agonizando em necessidade fervente de gozar. - Por favor, Dominic.

Ao som de seu nome em sua língua, um grunhido primitivo torceu dele. E Ele bateu fundo, tão profundo dentro dela que a fenda de seu pênis pressionou um beijo na entrada de seu útero. Ele caiu sobre ela, apoiando-se sobre um antebraço e embalando o seu peso com o outro braço envolto em baixo do ventre, sendo cuidadoso com seu filho mesmo nesse momento.

Onde seus pênis encontravam seus canais, sentiu a pulsação dura à espessura venosa que lanceava cada uma de suas aberturas. Ele ficou completamente rígido, cada músculo tenso enquanto ele se esticava para...

Um gemido áspero, gutural veio em seu ouvido, um som erótico baixo da garganta dele quando sêmen quente jorrou dele. Outro impulso veio, e com ele outro gemido mais áspero e outro surto vigoroso de esperma. E outro, inundando seus tecidos com sua paixão inebriante.

Suas mãos amassaram a roupa de cama e apertou os olhos enquanto procurava pelo que ele havia encontrado, sentindo que estava próximo. Ele rodeou seu corpo e encontrou seu clitóris indefeso, pressionando-a contra a sua vara lisa e esfregando-o com golpes curtos. O cerne inchado torcido, empurrando com faíscas de sensação.

Com um grito assustado, ela explodiu, caindo com ele para o êxtase do orgasmo hedonista.

Sim! Até que enfim! Isso era o que ela sempre desejou. O que a irmã apreciava regularmente com Nicholas. O tipo de prazer puro impecável que Jordan encontrou com Raine e Juliette com Lyon.

Dominic soltou a respiração dos pulmões ao mesmo tempo em que ela, e seu corpo bonito, cicatrizado queimava suas costas enquanto a balançava ao ritmo de seu orgasmo. Suas bolas apertavam contra seu bumbum, apertando com cada rajada de sêmen e, em seguida a liberando, apenas para voltar a pressionar mar uma vez. Longos momentos passaram, e ainda seus canais exigiam sua porra, ordenhando e chupando suas varas em feroz e fundidas explosões.

E o tempo todo, ela rezava para que esse requintado trecho de tempo não terminasse.

Mas, eventualmente, seus esforçados espasmos abrandaram pararam e o silêncio caiu entre eles. Ao termino Emma se inclinou embalando seu abdômen com um braço e descansando a testa em seu outro pulso.

Ela protestou suavemente quando o menor dos pênis de Dominic escorregou de seu traseiro com um suave e macio estalo. Atrás dela, ela o sentiu retrair no refúgio de sua pélvis. Assim como acontecia com todos os Sátiros, o pênis que tinha chegado com a vinda da lua já tinha se satisfeito com o acesso único a ela que tinha acabado de conseguir. Tendo desaparecido dentro dele, não teria fome novamente até o Moonful seguinte.

Seu pênis restante ainda permanecia no berço de sua passagem feminina, grosso e pesado e afogava-se no seu creme misturado. Sem falar, ele calmamente saiu dela. Com sua retirada um fio fino e viscoso de esperma escorreu ao longo de sua coxa.

Seus dedos a encontraram e seguiram para cima entre suas pernas, encontrando a sua fenda, aberta úmida e arrepiada e escorregadia com a combinação se seus fluidos. Seu toque acendeu ecos de seu clímax recente, enviando-os em espiral por ela novamente. Dois dedos deslizaram para dentro e gentilmente a acariciaram como se ele quisesse sentir onde estivera, queria sentir seu orgasmo. Ela bem baixinho contra o pulso e pressionou suas coxas juntas, segurando-o, para saboreá-lo.

Quando a pulsação fraquejou a mão escapou e a cama afundou quando ele se sentou ao lado dela. Ouviu-o retirar as botas e depois a pancada delas batendo no chão.

Seu canal ainda zumbia com o prazer vertiginoso. Tendo apreciado o que ele poderia oferecer ansiava mais do mesmo. Ela só havia atingido o clímax através da cópula duas vezes, para ser exato. Mas isso, com ele, tinha sido uma experiência totalmente estranha e deliciosa. O tipo de orgasmo que sua alma havia silenciosamente ansiado ainda que nunca a houvesse encontrado com...

Carlo! Tinha esquecido completamente dele. Ela se ergueu com os cotovelos e com as mãos ela penteou os cabelos os dedos trêmulos denunciando o reino de suas emoções turvas. Era só o efeito do Chamado, tranquilizou-se. Seu corpo tinha se deleitado com a necessidade desta união, mas sua mente não tinha. Ela nem sabia o que ou quem era esse homem!

No entanto, quando ele meio deitou ao lado dela e voltou a deitá-la de costas, seu coração derreteu um pouco a visão dele. Cor rubra agora assinalava as maçãs do rosto e uma sombra dos pelos negros como carvão despontava no queixo forte. Prata reluzia por debaixo das pálpebras abaixadas enquanto ele olhava para sua barriga dilatada pela gravidez.

Dominic cobriu sua barriga com a palma da mão, alisando suavemente sua pele e explorando sua forma arredondada. A sutileza quase roubou a expressão proposta em seu rosto. O pensamento de que ele de alguma maneira estava tentando se comunicar com seu filho a golpeou, mas ela afastou o pensamento bobo.

A textura da mão dele era diferente do que deveria ser ela percebeu. Por algum motivo, em algum momento, ele havia vestido uma luva! Apenas uma, na mão direita. Ela passou os dedos nas costas dessa curiosa.

Ele se acalmou em seu toque, mas a própria luva vibrou um pouco em reação, tirando minúsculas sensações de choque sobre sua carne. Assustada, ela o empurrou para longe.

Seu rosto se transformou em pedra, e ele se ergueu, ficando tão perto dela com as coxas divididas. Entre eles seu pênis lanceava no ar, brilhante e grosso. Mas que nada parecia mais enorme do que antes, apesar da satisfação gerada por seu acoplamento anterior. Os dedos enluvados rodearam e se estenderam em torno de seu eixo, perto de sua coroa.

Nervosa, ela se empurrou para cima na cama. Uma mão plantou-se por cima de ombro, entre os lençóis da cama, apoiando o seu corpo quando ele assomou ao longo dela. Suas palmas vieram até suas costelas, e seus olhos dispararam para os seus, viu que ele tinha observado seu rosto. Ela sentiu quando ele inclinou seu pênis. Senti-o

encontrar sua abertura. E empurrar. Ela pressionou os joelhos em seus lados, parando ele.

-Carlo...

A palavra era uma lembrança como se significasse uma cunha, que a lembrava que ela não era dele, e ele não era dela. Como um encantamento que ela esperava manter para que nenhum deles pretendesse querer mais do que deveriam.

Por uma fração de segundo, ele ficou ali o músculo de seu torso mudando sutilmente com a sua respiração enquanto a observava. Então, em um movimento arrogante, ele mergulhou seu pênis profundamente até ter seus pelos entrelaçados com o dela. Lenta e deliberadamente, retirou-se e, em seguida, novamente impulsionou mais fundo.

Abaixo das sobrancelhas salientes, prata brilhava entre os cílios negros como carvão enquanto ele observava seus corpos juntarem-se e depois liberarem-se, apenas para se juntar novamente. Sua mão deslizou até a parte inferior de sua coxa para elevar seu joelho mais alto e abri-la ainda mais para o assalto que começou quando ele começou a trabalhar os próprios quadris com uma diligência que procurava dominar seus sentidos.

Tendões esticados ao longo da coluna, a forte espessura do pescoço e os músculos atados e a flexão dos braços e ombros. No peito musculoso mamilos tensos marcavam a paisagem bronzeada, a sua amplitude marcada aqui e ali por cicatrizes de batalha já curadas, cada uma delas era uma testemunha dos perigos que enfrentou em seu mundo. A luz do luar jogada sobre ele tornava suas feições pagãs austeras. De repente, ela não conseguia se lembrar do porquê de achá-lo menos do que um belo espécime de macho.

Seu olhar foi para os lábios. Ele estava falando de novo com aquela voz hipnotizante. Em que língua ela não conseguia entender. Nicholas e os outros poderiam encantar os desavisados com suas vozes, quando assim decidissem. *Será que este homem tinha capacidade similar?* A mão em seu joelho caiu para seu traseiro, inclinando-a para um ângulo que melhor lhe convinha, e ela, para cada movimento agora tinha o pênis arrastando contra o seu clitóris. Em poucos segundos, a sua paixão reacendeu, intensificou-se. Sua respiração ofegava quando o orgasmo começou a se reunir, lento e doce... Neste momento.

Horas mais tarde, Dominic estava deitado entre as cobertas, observando-a, com as pernas abertas, e um pouco flexionadas. Sentado ao lado dele, Emma trabalhava rapidamente, passando um pano úmido sobre sua masculinidade e, em seguida, enxaguando em uma das tigelas de água clara e morna que ela havia colocado à beira do leito. A água que ela tinha despejado mais cedo naquela noite, quando ela acreditava que seria Carlo a quem ela estaria banhando desta forma.

Deixando ele, ela passou a torcer o tecido na bacia sobre a pia e a lavar as próprias mãos. Pelo canto do olho, ela percebeu sua camisola e robe deitado em um amontoado de fios de seda sobre o tapete. Vergonha subiu por ela observando o vestido transparente, o único que ela usava no momento.

O que a família pensaria se eles pudessem vê-la agora? Será que eles pensariam menos dela se descobrissem o que ela tinha feito esta noite? Não, ela não poderia suportar isso. Eles nunca deveriam saber.

As mãos dela curvaram sobre seu abdômen. *Será que já haviam fodido o suficiente para iniciar o parto, que viria o nascer do sol?*

Ela precisaria de Carlo com ela, então, pelo menos para o ritual que se seguiria. *Será que ele voltaria com a luz da manhã? Ela deveria procurá-lo?* Seus pensamentos foram perturbados com ele, levando-a embora.

- Emma.

Surpresa ao ouvir o nome dela, ela meio que olhou para Dominic. Embora ela não o tivesse escutado se mover até que ele falou, ele estava ao lado dela, forte e masculino.

Ele estendeu a mão enluvada, e ela olhou para ele, cautelosa. Como se surpreso ao perceber que mão ele havia oferecido, ele abaixou-a e ofereceu a outra mão.

-Venha.

Ele já a havia tomado repetidamente, parecendo saber exatamente onde e como tocá-la para a estimulação máxima, a fim de despertar o desejo que poderia ter diminuído com mais de três horas de amor. O investigador um vestígio físico de sua herança Sátiro, ajudava intermitentemente ao passar do tempo, curando seus tecidos desgastados e deixando confortável.

- Talvez o que temos feito já seja o suficiente - Ela murmurou - Continuar pode ser imprudente. Para nós dois.

Carrancudo, ele empurrou o queixo em direção à janela, indicando a lua luminosa que ainda pendurava ali, sem pressa de fazer o seu caminho através de um céu escuro.

Seriam horas até o amanhecer. Horas antes da paixão de Dominic ser saciada. Horas durante as quais ele ocuparia o seu tempo novamente. Dando-lhe prazer total e diferente de qualquer um que ela nunca tinha conhecido ou que provavelmente nunca mais teria uma vez que ele se fosse.

Emma colocou a mão na sua. E tentou fingir para si mesma que ela não estava saboreando a perspectiva do que estava por vir.

CAPÍTULO 08

Quando a primeira luz transparente do nascer do sol se filtrou através do vidro da janela, a luxúria de Dominic foi drenada, e ele lentamente se retirou de Emma e sua cama. Deitada em meio a um emaranhado de colchas, ela viu uma mudança estranha acontecer sobre ele, visivelmente transformando-o de Sátiro luxurioso para guerreiro endurecido.

Músculos e tendões flexionaram quando ele se esticou poderosamente. Com ambos os braços acima da cabeça, ele estava no centro da sala, examinando seus arredores, quase como se ele estivesse saindo de um transe. No primeiro sinal de sol da manhã, ele parecia forte e esplêndido, como um deus de ouro. Seu corpo era marcado, mas ainda divinamente bonito. Muitas mulheres o receberiam de bom grado em suas camas.

Como Carlo o tinha convencido a vir aqui para acasalar com ela? Ela não conseguia deixar de se perguntar. Ela não era de ElseWolrd não tinha nenhuma magia, nenhuma beleza especial ou ascendência impressionante. Não poderia tê-la desejado. Provavelmente, teve pena dela, na verdade.

Duas lágrimas rolaram de humilhação com o pensamento. Elas deslizaram para baixo despercebidamente de seus olhos, perdendo-se em seu cabelo.

Estudando-a, a testa franzida ele passou a mão sobre o rosto como se ele estivesse tentando compreender a sua situação. Ela estremeceu ao imaginar como ela deveria estar com seus cabelos desgrehados e o rosto cansado. Sátiros machos eram energizados pelo ritual do Chamado. Não era o mesmo para suas companheiras.

Sem o seu calor, sua pele se arrepiou sob o frio da manhã no início da Primavera. Ela estremeceu, esfregando os braços. Vendo isso, ele reuniu a sua camisola e robe de onde tinha caído no chão. Ele olhou para eles um momento, lembrando-se.

Em seguida, entregou-os para ela, ajudando-a quando viu que ela estava lutando para se sentar. Agradecendo sentou-se e tomou o camisolo e depois ficou de costas para ele, deslizando sobre eles.

- Onde está seu marido?

O olhar de Emma ricocheteou nele.

- Ele nos deixou.

- Quando?

- Na noite passada.

- Compreendo. Seus olhos viajaram por ela. - Então você é... É tudo...?

- Sim - Ela assentiu com a cabeça rapidamente, pouco disposta a discutir o que se passara entre eles.

Ele suspirou. Uma mão esfregou em seu peito, puxando-lhe a atenção para a luva, a única coisa que ele usava. Poucas horas atrás, ela teria ficado chocada de estar aqui,

neste quarto de dormir com ele nu e ela quase isso. Mas a noite passada tinha mudado para sempre as coisas entre eles.

Ela apontou para a luva, tanto para mudar de assunto a suscitar uma resposta. - Por que você usa isso?

Uma estranha tensão o varreu. Seus lábios se separaram, mas ele franziu a testa, e seu olhar desceu para sua barriga.

- É a hora - Anunciou ameaçadoramente. Chegando ao seu lado, tomou seu braço, segurando-a. Sua outra mão, a enluvada se curvou em seu abdômen.

Surpresa, ela cobriu a mão com a dela e sentiu o agora familiar calor gerado e transmitido da palma da mão dele.

- A criança está vindo.

Seus olhos se encontraram com os dele. - O qu...?

Uma dor Selvagem a esfaqueou, e com a sua vinda, tudo foi esquecido. Fazendo caretas, ela gritou e buscou apoio. Ele estava lá para ela, forte e sólido. Cólicas terríveis bateram novamente, apertando sua barriga em suas garras diabólicas. Sua pele ficou pálida e sua respiração vinha em grandes arfadas.

- Danação. Onde está o Carlo?

- Acha que eu vou saber? - Ela lhe deu um impulso fraco. - Vá. Mande alguém encontrá-lo. Nós vamos precisar dele em breve.

Sua voz sumiu, tornando-se um lamento e a agonia golpeou mais uma vez.

Mas ele só a levantou em seus braços como se ela e a criança por nascer não pesasse mais do que as botas.

- Não há tempo.

Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço, tentando absorver sua força.

- Já assistiu um parto antes?

- Sim.

Ela vasculhou sua expressão, em silencioso questionamento.

- Um homem é chamado para muitas tarefas em tempo de guerra.

Colocando-a na cama, ele empurrou os travesseiros, juntamente com sua cabeça em um movimento rápido e a estabeleceu contra eles. Então ele se deitou ao lado dela com um braço sob seus ombros.

- Quanto você sabe do que vai acontecer? - Sua voz perguntou perto de sua orelha.

- Jane disse que haveria dor, mas que não iria ser tão prolongada como a que as mulheres neste mundo suportam quando tem uma criança exclusivamente humana.

Ela ofegou como outra forte contração atravessou sobre o seu abdome.

- Estou aqui - Garantiu - E sua irmã não mente. Tudo isso vai acabar em menos de uma hora.

Na verdade, quando o parto começou, seu desconforto realmente parecia diminuir e não aumentar. Ainda assim, Emma agarrou-se a Dominic em cada contração, agradecida por suas palavras reconfortantes e seu suporte físico. Só quando ela pensava que iria gritar com a necessidade desesperada de afastar a plenitude que era o nascimento de seu filho o parto finalmente começou.

Em outra ocasião, ela teria ficado muito envergonhada de aceitar a sua assistência, seu corpo exerceu esta função primitiva. Este era um trabalho de mulher que deixou Emma indefesa e exposta como nada mais poderia. Mas ele estava nela e em suas quase oito horas na noite passada. Cheirava a ele, e ele a ela. Ela não tinha nada para esconder. Não dele.

Enquanto o tempo passava, os olhos atentos a observavam a cada contração. Mãos capazes acariciavam seus cabelos e acalmavam os espasmos da parte inferior das costas. E nos momentos finais, vieram entre as pernas, trazendo seu filho para o mundo.

CAPÍTULO 09

- Uma menina! - Dominic olhou para a recém-nascida em seus braços, totalmente atordoado.

- Saudável? - Emma resmungou cansada.

Mal sabendo o que fazer, ele colocou a criança na toalha e começou a lavá-la com água fresca que estava à espera para este fim.

Esta fêmea minúscula era o escolhido? Protetor de seu povo? Nunca tinha havido um demonhand feminina em toda a história registrada.

- Dominic! Há algo de errado?

Finalmente percebendo o medo em sua voz, ele segurou o bebê se contorcendo alto para lhe mostrar. Ela tinha conseguido o parto em menos de meia hora e tinha se posto através disso bravamente. - Ela é perfeita. Você fez bem.

- Traga-me - Emma insistiu, obviamente, não acreditando nele.

- Um momento mais. - Ele se movimentava ao redor, seus pensamentos a mil enquanto ele banhava completamente a criança. Até que sua palma virasse prata, não havia maneira de saber se ela realmente era um escolhido. No entanto, os facilitadores nunca antes tinham sido enganados por estes assuntos. E em sua alma, ele sabia que não poderia haver dúvida. Ele olhou para o rosto inocente da criança ele desejou que houvesse.

Pouco tempo depois, ele estava acariciando-a já seca. Em seguida, ele entregou-a nos braços de Emma e voltou para a bacia para lavar-se apressadamente.

Mãe e filha se estudavam solenemente, em seguida, Emma sorriu e acariciou com um dedo o rosto macio.

- Olhos cinzentos. Onde você os conseguiu minha filha? - Perguntou ela sonolentemente. O tom e a expressão eram amorosos e maternos. Fascinado, Dominic tentou guardar o olhar dela neste momento, para a memória.

Até então, ele havia passado todas as noites de Chamado de sua vida no templo, onde os efeitos de suas faculdades mentais foram deliberadamente entorpecidos por uma aura de magia que tinha sido tecida em tempos antigos e ainda era mantida intacta por aqueles que rezavam e habitavam por lá. A noite passada foi uma exceção, emocionante e perigosa. Ele perdeu o controle de sua mente e ficou à mercê de seus desejos físicos. *O que tinha sobre este mundo, sobre essa mulher que o haviam levado a esse feito?*

- Você está satisfeita com ela? - Ouviu-se perguntar quando pegou um pano e uma bacia para levar para a cama e banha-la também.

- Mmmhmm - Ela disse, com toda a atenção para o embrulho em seus braços.

Uma vez que ele tinha acabado de lavá-la, Dominic olhou para a janela. A noite de luar prateado deu lugar à luz dourada do dia. O sol estava nascendo, rapidamente

banhando a paisagem. Era tempo para a ligação, o ritual sagrado que ligaria a criança a sua mãe e seu pai. Ele não era o pai.

Carlo deveria saber que sua família precisava dele agora. *Onde ele estava? Lá fora em algum lugar, amuado ou dormindo em uma névoa de bebedeira?* Não obstante não havia maneira de localizá-lo a tempo. Ele endireitou os ombros para fazer o que deveria ser feito.

A cama de Carlo era uma confusão agora. Ele foi até a porta que interligava este quarto para o outro parecido. O quarto de dormir fora decorado em tons de amarelo pálido e sálvia.

Ele inclinou a cabeça em direção ao quarto feminino.

- Seu - Questionou.

Emma seguiu com olhar sonolento, e ela deu um único aceno quase imperceptível, como se sua cabeça estivesse pesada demais para assentir uma segunda vez.

Mas ela franziu a testa quando foi içada a criança em seus braços, sendo levada para seu quarto.

- Não, Dominic, onde você está indo? Não devemos.

De pé na porta que ligava os quartos, ele resmungou.

- Carlo não está aqui. Devo deixá-la para passar pelo ritual de ligação por conta própria?

Quando ela não respondeu, ele a deixou deslizar para o chão. Suas pernas estavam bambas, e ela pôs-se no círculo de seus braços, segurando seu precioso embrulho com um olhar perdido. Ela mal podia ficar em pé. No entanto, ele se afastou dela, cruel, deixando-a só para tentar.

Quase imediatamente ela caiu para frente, sua filha embalada entre eles contra o peito.

Seus braços permaneceram ao seu lado.

- Peça-me para ficar.

Ele sentiu seus lábios se mexerem em seu peito, e suas palavras macias caíram no silêncio da manhã.

- Fique. Por favor. Embora seja imprudente. Você sabe o que é.

- Sim.

Ele levantou-a em seus braços e levou-a para a cama onde a colocou com sua filha em meio ao frescor, lençóis de cor manteiga com cheiro de sabonete perfumado e tentador perfume. Ele parou ali, olhando para as duas. Eram suaves, inocentes, femininas. A antítese de tudo o que era a sua vida.

A mão dela roçou sua barriga, e ele a pegou na sua. Seus cílios vibraram, mas não abriram.

- Obrigado por isso - Ela sussurrou. - Eu, nós precisamos de você.

Quando Dominic se juntou a ela na cama, ele tomou conhecimento de seu próprio humor. Apesar de sua relutância compreensível, ele estava animado. Estupidamente ansioso.

Ele descansou a cabeça escura no travesseiro com babados e puxou-a através de seu corpo para que assim ela deitasse em cima de seu peito e as pernas caíssem entre as suas. Um lenço de renda gume com suas iniciais bordadas estava estendido no travesseiro ao lado dele, e ele levantou-o inspirando. Cheirava a ela.

Ele estava bem consciente da qualidade da mobília e das roupas de cama do quarto dela que contrastavam com suas vestimentas. Acostumado como estava a dura realidade da guerra, as roupas com babados pareciam delicadas e estranhas. E muito facilmente arruinadas por homens como ele.

Cansada como estava, Emma era maleável e permitiu-lhe posicioná-la como quisesse. Ele cercou-a em seus braços assim aninhando suas nádegas confortavelmente no berço de suas coxas. Sua cabeça ficou almofadada em seu peito, e ela adormeceu.

Seus olhos vaguearam por ela, observando as sombras escuras sob a varredura de seus cílios, o atrito de sua barba tinha deixado marcas em seu pescoço bonito, o volume de seus seios marcados pela sua boca.

Ele alisou os cachos de cabelos exuberantes do rosto e na garganta e simplesmente ficou ali por um minuto, em paz com ela deitada quente contra a sua nudez. E então, como era necessário antes da ligação começar, lentamente, ele deixou seu coração aberto para essa mulher e essa menina que não eram dele.

Ao seu lado, o bebê estava começando a se mexer. Em momentos ela estaria chorando para ser alimentada.

Delicadamente, ele pegou o seio de Emma. Estava pesado com o volume do leite materno. Ele começou uma massagem lenta, desenho a mão para fora para seu mamilo crescer em um movimento destinado a pôr em lactação. Ele continuou o movimento por repetidas vezes até que ele sentiu o escoar da primeira gota.

Ela se moveu levemente quando ele colocou a criança em seu seio e persuadiu-a mamar. Ela murmurou em desconforto enquanto os pequenos lábios gananciosos agarraram o mamilo e ela começou a sugar.

Ele estremeceu, imaginando quão sensíveis os seios deveriam estar esta manhã após sua áspera manipulação durante a noite. Mas a criança estava com fome e sem dúvida requeria mais café da manhã. Ele começou a trabalhar na outra mama de Emma, trazendo o seu leite por lá também.

Seu toque era suave para ela, não demonstrando sua raiva e preocupação. Ela tinha razão. Carlo deveria estar aqui, fazendo isso com ela. Era perigoso e proibido que ele exercesse essa função em seu lugar.

O tempo da ligação era crucial no final de cada ritual de nascimento Sátiro. Trazia mais proximidade aos companheiros, vinculando seus corações e mentes. Por se vincular a Emma e sua filha como estava fazendo agora, ele provocou um dano irreparável. Após isto, no fundo de suas almas e na medula dos seus ossos, os três

sempre sentiriam uma forte ligação familiar. Quando Carlo voltasse a tomar o seu lugar de direito como marido de Emma e, como pai para sua própria filha, seria impossível negar que elas esperassem sempre por Dominic.

O neném começou o alvoroço, então ele a posicionou no outro seio de Emma. Ela não acordou. Ela estava exausta como as mulheres sempre ficavam após o ritual de nascimento. A maioria dormia durante este ritual.

A atração, feroz insistente da ligação puxou para ele, e ele lutou com a necessidade de passear com as mãos suavemente pela mulher em seus braços. Mas laços estavam se formando entre eles, no entanto laços que seriam irrevogáveis e que seriam problemáticos no futuro. Ele arrastou uma mão sobre sua coxa e forçou seu olhar para longe da lactação da criança no seio pálido de Emma. Os sons da alimentação exuberante asseguravam-lhe que a filha de Carlo era saudável e que sua esposa estava bem e capaz de fornecer alimento. Isso era tudo que importava.

Ele tinha ouvido os outros homens em ElseWorld falando da alegria que sentiam na ligação. Depois de uma noite de saciedade física intensa seguida pela emoção de assistir ao parto ao nascer do sol, os homens tinham um papel importante neste rito final. Com cada fibra do seu ser, ele sabia que era errado que estivesse atendendo Emma agora no lugar do marido. Ele pagaria por essa loucura, e assim como ela.

Então, por que sentia que estava tão certo?

Em seu sono, Emma acariciou sua filha com a mão suavemente. O coração de Dominic torceu. Era um órgão que nunca esteve antes afetado em nada remotamente similar e, portanto, isto era profundamente preocupante.

Sua mão direita caiu na coxa, a palma para cima, ao lado dele. O entrelaçamento de delicadas veias azuis na parte inferior do seu pulso era tão feminino, tão vulnerável. Sem aviso, os dedos se enfiaram de encontro a sua mão enluvada, num gesto que tanto ofereceu como doou conforto.

Seus olhos voaram para os dela. Ela estava dormindo, inconsciente do que estava fazendo.

Mas, Deuses! A sensação de seu toque ali era indescritível. Emoção inesperada o sufocou. Ninguém tinha tocado a mão desde que ele era um menino. Não de bom grado.

Com seus dedos cruzados sobre os dela ele olhou para o céu fragilizado, pedindo que o tempo passasse devagar.

Onde estava Carlo?

CAPÍTULO 10

Carlo rasgou pela a noite. Correndo em direção ao portão, que fugiram do horror do que tinha acabado de ser revelado a ele em seu quarto próprio.

Um mês! Ele havia conhecido Dominic um mês inteiro. Desde que ele veio servir no regimento. Eles lutaram lado a lado. Mataram para proteger um ao outro. Costurara os ferimentos um do outro. E enquanto isso Dominic tinha escondido a verdade sobre o que era de todos.

Ele deve ter lançado um encantamento sobre sua mão, a fim de ocultar a luva. Essa era a única explicação.

Ainda lhe parecia impossível! Mas não poderia haver dúvida. Ele vira por si mesmo. Quando a palma da mão direita em concha de Dominic tinha pousado na barriga de Emma, a magia tinha falhado. A luva e o brilho do espelho poderoso sob ela tornaram-se visível.

E foi aí que Carlo tinha percebido a terrível verdade de que Dominic era o repositório infame das almas do mal.

A demonhand.

- Deus, por que ele? - Ele soluçou, o seu grito angustiado rasgou o silêncio ébano da noite.

Ele levantou o rosto para a lua em cima, buscando a sua luz. Mas o rosto brilhante e luminoso, cujo sorriso tinha até então sido sempre um bálsamo para ele, olhou-o agora, sem reconhecimento. Sem compaixão ou interesse. Sua conexão com ela tinha sido cortada, junto com sua capacidade de realizar os rituais carnavais exigidos pelos Sátiro.

Seus dedos teceram-se no cabelo de ambos os lados da cabeça, arrancando-os do couro cabeludo até doer. Imagens do casal que tinha deixado para trás momentos antes o torturando, atraindo-o para a beira da loucura.

Emma teve pena dele. Ele tinha visto nos olhos dela. Ela pensou que ele estivesse com ciúmes. E ele estava, mas não por quem ela imaginou.

Ela ficaria chocada ao saber os segredos que ele mantinha escondido dela e de sua família.

Pois em seu mundo, era uma vergonha para qualquer homem consentir livremente a penetração por outro homem. No entanto, a sociedade em ElseWolrd tinha uma perspectiva diferente, mais branda, e ele tinha descoberto há muito tempo em si mesmo um desejo para essas coisas. Um desejo que tinha recentemente centrado-se em Dominic. A partir do instante em que se encontraram algumas semanas atrás, ele calmamente o cobiçou. Ele ansiava por seu toque, seu olhar aquecendo em cada estimada palavra que saía de sua boca. E apesar de Dominic não o haver incentivado, ele tão pouco o tinha rejeitado.

Assim, ele permaneceu esperançoso.

Depois que ele foi ferido, parecia natural pedir ajuda a Dominic para resolver sua situação. E havia aqueles que tinham o incitado nesse sentido. Quando Dom havia concordado em vir para salvar a vida de seu filho, Carlo tinha tomado isso como um sinal de esperança.

Mas, agora, o interesse de seu companheiro em Emma tinha sido demasiado flagrante. Dominic não tinha pensado em mais ninguém hoje à noite. Não tinha desejado a mais ninguém. Somente a ela.

Carlo continuou caminhando a diante, as botas batendo ao mesmo tempo em que os pensamentos atormentados.

Dominic. Emma. Entrelaçados. Acasalados. Trazendo seu filho para o mundo.

Dominic tinha reparado que ele havia ido embora? Será que ele se importou?

Fragmentos de ciúme penetraram em seu coração, estilhaçando a imagem rósea que ele imaginou quando convidou Dominic para vir aqui. Tolamente ele imaginou que o ritual carnal entre sua esposa e seu amigo poderia se esticar para incluí-lo. Pelo menos na medida em que ele ainda pudesse participar em vista de sua condição.

Ele ainda tinha os dedos, não era? E uma boca? Um ânus? Todas as qualificações para proporcionar prazer carnal.

Um ramo caído segurou sua bota e o fez tropeçar. Ele caiu no chão, praguejando. Algo afiado feriu sua coxa. Ele enfiou a mão no bolso e encontrou a moeda. A que Emma tinha um empregado no mês passado em uma tentativa de bloquear a sua semente.

Kurr tinha dado a ele, dizendo-lhe que era para proteção e que traria sorte. E no Moonful passado ele teve. Ele tinha um filho, apesar das tentativas de sua esposa em negar-lhe isso. E no dia seguinte, Dominic tinha entrado em sua vida.

Mas hoje a sorte que tinha trazido não tinha sido nada boa. Chutando o ramo para longe, ele ficou de pé em um redemoinho de folhas verdes, azeite e prata. Com um movimento vicioso de seu braço, ele atirou a moeda para longe. Esta caiu em silêncio, ele não sabia onde, para ele tanto fazia, agarrando galhos e esmagamento sob os pés de hera.

O que Nicholas e seus irmãos pensariam dele, uma vez que eles descobrissem que tinha abandonado Emma? Tinha deixado ela com um fodido demonhand.

Dominic iria dizer-lhes tudo o que sabia? O que eles pensariam quando soubessem os verdadeiros detalhes do serviço que Carlo realizava na guerra? Que ele não transportava armas no campo de batalha, como eles acreditavam. Se eles soubessem, o tecido precariamente construído de sua vida começaria a se desfazer.

Ele nunca seria capaz de retornar a este mundo de novo. Em uma pequena forma isso seria um alívio, pois ele sempre se sentira indigno de seus irmãos Sátyr. Nunca tinha sido capaz de viver como eles de fazer jus à reputação de amantes notórios. Sua

vida deveria estar apenas em ElseWorld agora, embora essa perspectiva trouxesse suas próprias dificuldades.

Ele hesitou, de pé sobre as raízes retorcidas de carvalhos, freixos e espinheiro, que cresciam na entrada da caverna em que o portão sagrado se encontrava, tentando decidir o que fazer.

Kurr estaria esperando por ele em sua casa a poucos quilômetros além do outro lado do portão. Ele estaria desgostoso quando soubesse que Carlo não manteve a sua negociação.

Tão grande era a desilusão de Carlo, que ele considerou em voltar para roubar e matar o filho de Emma para que ele pudesse culpar Dominic. Isso não seria mais que merecido por Dominic não amá-lo. E então ele poderia entregar a criança para Kurr, como havia prometido.

Mas não, ele era muito covarde para realizar uma tarefa tão terrível.

Atravessando o portão, entrou no túnel e seguiu o seu comprimento sombrio até saiu para a luz do dia. Aqui no seu mundo, o dia e a noite duravam menos que em EarthWorld e eram mais ou menos invertidos.

No final do túnel, os guardas da patrulha lhe prestaram atenção. Eles eram da facção Ferce, hoje aliados dos Sátiros, embora esta circunstância se alterasse quase que diariamente.

Carlo espalhou seus braços e pernas, oferecendo-se para a revista. Mãos apalparam-no, remexendo em seus ombros e ao longo de seus braços, peito, barriga, coxas, botas e entre as pernas.

- Onde está o teu companheiro? - Um deles perguntou, olhando para além dele em direção ao portão.

- Ele vira mais tarde.

Sua expressão amassou suas próprias palavras, pois era uma certeza que Dominic estava se colocando dentro de sua esposa neste momento. Uma fresca agonia passou por ele se enroscando como uma erva daninha.

- Sua insígnia? - Um deles exigiu, cutucando-lhe com o cano de sua arma.

- Onde está?

Carlo remexeu no bolso o retângulo de metal pequeno que designava seu posto e colocou-a em seu uniforme.

- Você é um prostituto? - Perguntou o homem, observando o símbolo em sua insígnia.

Ele balançou a cabeça.

Ouvindo isso o outro soldado gritou-lhe:

- Serviço!

Lançado pela guarda, Carlo foi, querendo ser usado. Querendo sentir-se necessário por alguém. Querendo sentir algo diferente desta terrível dor da traição.

Ele se juntou às fileiras dos prostitutas pouco depois de chegar aqui e, como tal, havia sido treinado na arte da submissão sexual. Era seu dever levar socorro aos soldados de todas as classes, quando convocados. Recusar tal auxílio era punível.

- Como posso servi-lo, detentor da paz - Questionou. Ele apresentou-se diante do soldado da forma tradicional, a cabeça baixa e mãos cruzadas atrás das costas.

O soldado colocou sua arma de lado, mas de fácil acesso.

- Se submeta - ele instruiu.

Facilmente assentindo, Carlo desprendeu as calças pronto para oferecer-se como homo delicado, um fundo receptivo.

Era o que as tropas geralmente exigiam dele. A maioria estava sempre ansiosa pela visão de seu traseiro. Mas ele estava compreensivelmente relutante em voltar as costas para eles, com medo de uma traição rápida e a sensação do golpe de faca entre suas costelas.

- O que há de errado com você? - O homem perguntou, parando quando ele percebeu o pênis flácido de Carlo e os cortes avermelhados em sua pélvis.

- Eu fui ferido em combate. Agora só posso desfrutar de um papel meramente receptivo.

Um dos soldados afastou-se dele, obviamente, horrorizado com a sua desfiguração.

- Como você consegue viver assim?

- Não foi minha escolha, garanto-lhe - disse Carlo, terrivelmente ferido por esta rejeição no topo de todas as que ele já tinha sofrido esta noite. Ele fez a fechar as calças de novo.

- Devo ir, então?

- Não – O homem resmungou. – Mesmo repulsivo como você está, você servira. Há esta hora, são poucos que vêm por aqui.

- Sim, Detentor da paz - Disse ele, baixando o seu uniforme até os joelhos. Apoiando as mãos sobre as coxas dele, ele deu o consentimento tácito de se deixar ser usado como homo.

Quando ele sentiu o empurrar de um pau distendido, ele abateu, abrindo o anel enrugado, e sentindo o homem deslizar dentro dele. Rígido, os dedos masculinos abarcaram os ossos de seu quadril.

Foi uma breve troca, e ele estava puxando para cima as calças minutos mais tarde. O que ele fazia era um trabalho respeitável. Considerado indispensável para a moral.

Um ano atrás, quando ele veio aqui, ele pretendia apenas acompanhar Nicholas para ver algo de ElseWolrd, que ele assumiu ter ajudado a se livrar dele. Mas ele encontrou um lar aqui, como ele nunca tinha encontrado em nenhum lugar em EarthWolrd.

Ele sempre foi um desajustado em EarthWolrd. Primeiro, quando viveu entre os humanos, tentando esconder a sua magia. Em seguida, entre os senhores viris de Sátyr, tentando esconder o fato de que ele não cobiçava as mulheres como eles faziam.

A natureza exata de sua origem era desconhecida. Tinha sido obra do acaso que Nicholas tinha topado com ele em uma visita a Roma e trouxe-o para viver na propriedade.

Lá Carlo tinha descoberto outros como ele, pela primeira vez. Parentes que mudavam com os efeitos da lua, como ele mudava. Tinha sido um alívio, pelo menos inicialmente.

Em um esforço para cair na graças de sua nova família, ele cortejou Emma e convenceu-a a casar com ele. Mas então ele se viu incapaz de viver como se esperava regularmente de um acasalamento com uma mulher.

- Vou apresentar um relatório sobre você – O soldado murmurou enquanto endireitava seu próprio uniforme. - Você deve ser retirado de serviço. Vemos bastante sangue e desfiguração aqui. Nós não precisamos ser lembrados por você.

- Não, detentor da paz, por favor. Eu não lhe aliviei, apesar disso? - Carlo sussurrou, chegando a sua direção.

- Vá! Saia daqui seu monstro - O homem desalojado um tiro de arma perto das botas de Carlo, fazendo-o saltar, e depois outro até que ele começou a se afastar.

Uma milha a partir de casa, outro detentor da paz o saudou.

Com um aceno de cabeça, ele pediu em silêncio para Carlo se ajoelhar ao lado da estrada e começou a abrir a calça de seu uniforme. Obediente Carlo se ajoelhou, e teve o pênis do homem em sua boca começando a fodê-lo. Uma caravana de soldados passava, gritando encorajamentos irreverentes e enchendo os pulmões de Carlo com a poeira levantada por suas rodas.

Até chegar a seu destino, a noite havia caído de novo, e ele estava mais calmo do que quando chegou ao portão pela manhã. Ele havia sido parado por cinco detentores da paz a mais em sua jornada. Como resultado, sua mandíbula estava ferida, e seu traseiro ardido, mas seu caminho havia se iluminado.

Quando ele abriu a porta de sua casa, ele foi recebido pela ponta de uma espada.

- O que traz de volta tão cedo? A voz masculina de Kurr exigiu - E onde está a criança?

Carlo empurrou a espada para longe de seu estômago, como se fosse uma porta aberta que ele estava balançando.

- Bom dia para você, também, o marido.

- Será que as coisas foram mal? Falou o homem!

Kurr jogou a espada longe. Ela caiu com um som estridente e, em seguida ele pegou Carlo pela camisa e puxou-o contra o peito. Com uma careta Kurr recuou, empurrando-o para longe abruptamente.

- Você fede a outros homens. Quantas vezes devo te pedir para que limpe a sua boca da porra dos outros antes de voltar para casa e para mim? Acho que vou encontrar seu rabo frouxo e temperado pelo gozo de outros machos também.

- Respondendo a sua pergunta anterior, sim tudo foi feito - Disse Carlo empurrando-o – E dirigiu-se até a mesa e derramou um pouco de vinho da garrafa lá em uma taça.

- Mentiroso! Kurr ridicularizou, apontando para o céu - Para chegar tão cedo, você tinha que tê-los deixado, enquanto a Lua estava alta. Você deixou-os juntos, não foi? Você deixou-os antes da criança nascer.

Carlo abaixou a cabeça.

- O ciúme me venceu.

- Foda. Volte até lá seu canalha! - Kurr o agarrou pelo colarinho e puxou-lhe dos pés - Enquanto ainda há tempo. Antes de a ligação começar.

- Pare de gritar e me escute. Você não vai querer a criança quando você me ouvir. - Carlo se agitou e conseguiu se livrar. Ignorando a impaciência de Kurr, ele tomou um longo gole de aguardente, preparando-se para fazer sua revelação.

- O homem que levei para lá. O do meu regimento, Dominic.

- Sim? Aquele por quem você quer se divorciar de mim? Seu amante? - perguntou ele depreciativamente.

- Ele não é meu amante - Carlo murmurou em seu copo.

- Aha! Seu amiguinho não quis foder-te. E assim você se amou e estragou tudo, não foi?

Carlo martelou o punho na mesa, fazendo os pratos saltarem. A taça caiu e rolou para o chão.

- Como se vê, ele, meu amigo é um pequeno demonhand. Você realmente quer que eu traga-lhe uma criança que seus descendentes ajudaram a trazer para a vida?

Um silêncio caiu. Ele olhou para cima. Os olhos de Kurr não vacilaram.

- Você sabia! - Carlo adivinhando, chocado. - Você sabia, mas você ainda assim me ofereceu o divórcio? Em troca de uma criança contaminada por demônios? Por quê?

- Tolo! Onde está o amuleto?

Carlo deu de ombros, não o considerando importante.

O que é que isso interessa?

- Onde ele está? - Kurr calmamente bateu-lhe em cheio no rosto, levando-o a falar onde estava o amuleto.

- Do outro lado - Disse ele, tentando desvencilhar-se.

Fúria Vermelha encheu a cara de Kurr, mas ele o deixou afundar de volta para sua cadeira.

- Você o deixou em EarthWolrd?

- Era apenas um simples amuleto, não era?

Carlo derramou outra bebida, esfregando o rosto machucado.

- Era mais que isso. Muito mais. Foi roubado do templo de Baco, a partir da estátua.

- Seu amuleto *é aquele amuleto!*? Mas todos assumiram que os demônios o tinham roubado. Quem te deu tal objeto? - Carlo perguntou, incrédulo.

- E-e-u d-d-ei.

A cabeça de Carlo chicoteou ao redor, e ele olhou para as sombras, de repente, percebendo que não estavam sozinhos. Olhos brilhantes em brancos e depois vermelhos como brasas quentes olhavam para ele.

Seu marido se curvou em seus joelhos. Carlo colocou o copo sobre a mesa ao acaso e ele caiu no chão se estilhaçando. Em pânico, caminhou em direção à porta.

- Eu não sabia. Eu vou voltar para EarthWorld e trazê-lo de volta.

Mas o demônio estava ali diante dele, movendo-se como um flash de luz. Sua pele verde-oliva brilhava como se estivesse molhada, mas seu toque era seco, como um lagarto quando ele acariciou seu rosto com uma garra.

- E tr-trará a cri-cri-ança tam- tam-bém? A no-no-ssa criança?

Preso, ele girou os olhos para Kurr.

- Você se tornou seu discípulo, não é? - Ele perguntou, já sabendo a resposta.

- Oh, é mais do que isso - Kurr murmurou, observando o demônio com fascínio.

O brilho do demônio foi enfraquecendo quando ele parou de falar e se mover, mas esta foi constantemente contraindo-se, mantendo-o no modo quase contínuo.

- Há quanto tempo? - Carlo gritou.

No dia que Carlo havia chegado em ElseWorld, Kurr havia se tornado seu primeiro amante masculino. Ele o tinha enchido com presentes e carinho. Tinha-lhe mamado e fodido na iniciação de uma orgia que durou uma semana inteira. Eles casaram rapidamente, secretamente, apesar do fato de que Carlo tinha se casado com Emma apenas dez dias antes.

- Desde o começo.

- Alguma vez você me amou e se importou comigo? - Perguntou ele melancolicamente.

Kurr encolheu os ombros.

- Ele a-a-ama só a mim – A respiração do demônio era tão fétida que quase derrubava Carlo, mas alguma força invisível o segurou lá, prendendo-o no lugar.

- O que você quer? - Carlo perguntou baixinho.

- A criança, de c-c-curso. Mas parece que não vou tê-la tão facilmente como eu esperava, por que você f-f-falhou.

A criatura esfregou o as garras do polegar e do indicador de uma das mãos como se um fosse uma pederneira e o outro a isca, e ele estava a tentar iniciar um incêndio. Uma esfera brilhante apareceu entre seus dedos. Feita de brumas, ela atuou como uma bola de

cristal, exibindo a cena que Carlo tinha acabado de testemunhar em seu quarto em EarthWorld.

Com um lance dos dedos demoníacos, a bola subiu e pairou acima deles no ar, sem vínculo e sem apoio.

Carlo olhou para cima. No orbe, viu a cena da qual ele fugiu em EarthWorld. Dominic e Emma.

- No passado, todos os da minha espécie que contemplaram a demonhand foram destruídas por ele, suas almas tomadas. Mas sabemos quem ele é agora. Você o mostrou para nós. Ele não mais estará seguro se escondendo por trás dos feitiços que o disfarçavam através do tempo.

Incapaz de se conter, Carlo olhou para o orbe. O cerrar de acasalamento entre Dominic e Emma. Ele soube que isso iria acontecer entre eles. Mas vê-los! Ele afastou o rosto, incapaz de suportar mais.

- É mais do que apenas o desejo de ter uma criança - Carlo adivinhou freneticamente - Esta é especial, não é? Por quê? Emma não é filha do rei Feydon como a irmã dela. A posse de nosso filho não lhe garantira a entrada em EarthWorld.

- B-b bah!

O orbe esquivou o braço que o demônio cortou o ar, deixando um rastro de névoa.

- Eu em-m- n-n nada me preocupo com esse outro mundo. Eu procuro o poder para os de minha estirpe aqui em nosso mundo.

- E você acha que irá obter através de minha criança?

- V-v-você acha mesmo que concebeu essa criança por seus próprios meios? Com esta coisa?

- A mão em garra atravessou a frente da calça com um empate simples e demorado, sacudindo seu pau mole.

- O amuleto é que trouxe v-v-vida ao ventre de sua mulher. Não só a tua semente.

- Mas por que você almeja e precisa desta criança em particular? Por que não outra?

O demônio apenas sorriu secretamente. Deixando Carlo congelado no lugar, ele foi até Kurr. Apertando a mandíbula de Kurr, o demônio pressionou suas bocas juntas, e Carlo observou o rosto de seu marido se encher lentamente com o mal. Como eles estavam, o nariz a nariz, o demônio estremeceu agora, e sua luz interior se tornou rosa e cinzento. Dentro de minutos, o homem e o demônio tinham se fundido, na qualidade de discípulo agindo agora com hospedeiro.

Kurr chegou a seu lado.

- Venha até mim esposa - Ele respirou. Embora a gagueira tenha-se ido, esta era a voz do demônio alojado agora no corpo de Kurr, falando com ele.

Carlo fez como instruído, sem hesitação, tendo perdido qualquer vontade de resistir. Apesar de sua mente gritar em negação, liberou os botões do paletó do uniforme e o

fecho das calças. Nu, ele se ajoelhou em cima do sofá onde Kurr gostava de foder, e ele cruzou os braços sobre suas costas altas.

As almofadas de cada lado dele afundaram e sentiu calor o rodear quando Kurr o montou por trás.

Carlo soluçou.

- Você vai me transformar em alguém como você?

- Eu prometo a você. Eu não vou, minha querida esposa.

Kurr estava falando, mas sua voz estava sombreada pela do demônio que o possuía. Soou como se duas vozes falassem palavras idênticas ao mesmo tempo.

Garras pinçaram suas costas e, em seguida, se arrastaram para baixo em direção as nádegas, formando listras de sangue. E depositando veneno.

Carlo gemeu quando o pênis rígido que era ao mesmo tempo do marido e do demônio em gagueira começou a enchê-lo. Sua visão ficou nublada. Sua garganta fechou.

- O que está acontecendo comigo?

Uma mão áspera agarrou seu cabelo, puxando sua cabeça e arqueando sua garganta. A bola de névoa flutuava em frente a ele.

- Observe. A Escolhida está prestes a nascer – As vozes gêmeas sussurraram.

Ele gemeu, em um som de animal ferido, quando ele percebeu porque queriam seu filho. Ele era amaldiçoado, destinado a se tornar um monstro como Dominic. Ele olhou para o orbe e viu Emma. Seu rosto estava envolto em dor, o nascimento obviamente era iminente.

- O próximo passo em sua vida deve ser a morte. Quando a criança desenhar sua primeira respiração, você vai respirar seu ultimo fôlego. Esta é a propriedade do amuleto. Quando ele dá uma vida, é preciso tomar outra. O equilíbrio deve ser mantido.

- O que fará com a criança? O que vai acontecer com ela?

- Uma vez que o atual demonhand sucumbir à morte, o Escolhido assumirá suas funções. Deveres que não será capaz de cumprir uma vez que eu levá-lo como cativo. As nossas fileiras irão crescer sem controle.

Na esfera convexa, Carlo assistiu a criança nascer. A mão enluvada de Dominic a aparou e a acalentou.

A mão enluvada que guardava um mal inimaginável na sua palma, segurava uma criança que poderia derrubar o mal do mundo.

Quando ele sentiu-se morrendo, ele sentiu o calor do pau crescer e bombear com mais força em seu traseiro.

Seu sangue, que apenas momentos atrás tinha paralisado de medo em suas veias, agora começava a girar em uma poeira vermelha que deriva das feridas em suas costas.

Oh, inferno, os rumores eram verdadeiros. Os demônios eram necrófilo.

Foi o último pensamento que ele jamais teria.

CAPÍTULO 11

- Está... tudo bem? Dominic perguntou a Emma mais uma vez naquela manhã. Sua voz era de cascalho, rouca, como resultado de suas longas horas de libertinagem na noite anterior. Seu coração estava mais leve do que ele poderia recordar.

- Sim, muito obrigada. Atrás de seus óculos, os olhos que eram castanhos tímidos com um toque de marrom o procuraram e depois se afastaram. Era um olhar suave, sonolento.

A pele de sua garganta estava manchada, e seus lábios estavam vermelhos por seus beijos. Ele tinha sido ganancioso com ela, áspero. Seu corpo ainda se lembrava dela. Lembrava de beijá-la, de transar com ela. Ele clamava por ter um pouco mais de seu calor, a inspirar sua doce inocência.

Após a ligação, ele caiu no sono em sua cama, seu nariz enterrado em seus cabelos, seus braços envolvendo ela e sua filha. Ele estava acostumado a dormir de dia, mas nunca havia dormido em uma cama diferente da sua. Ele tinha tido o sono mais tranquilo que ele jamais havia apreciado.

Ela acordou antes dele e estava completamente vestida quando ele se juntou a ela lá embaixo. Mais uma vez ela estava envolta em outro vestido longo que a cobria da garganta ao pulso e ao tornozelo, como uma armadura feminina. Seu rosto estava pálido e suas bochechas vazias de cor, seu pescoço era longo e branco.

Seus lábios se curvaram. *Como ele poderia ter alguma vez pensado que ela tinha uma beleza comum?*

Ele deu um passo em direção a ela, gentilmente acariciando com os dedos ao longo da pele, cor de rosa do braço de sua filha.

- Existem coisas que você deve saber - Começou ele.

- Que coisas? - Disse ela bruscamente, tirando sua filha de seu alcance.

Ele se esticou, de repente percebendo o seu humor. *Teria ele realmente imaginado que uma noite com ele traria o esquecimento de seu marido?*

Ele endureceu-se contra a lança surpreendente de mágoa que o traspassou ao ver o medo nos olhos dela. Afinal, ele lembrou a si mesmo, ele era um demonhand e estava acostumado a inspirar tal emoção nos outros.

Ela fez menção de chegar mais perto da porta da frente, incomodada. Ela queria que ele se fosse. Por longos segundos, eles permaneceram como estranhos na sala da frente, o mesmo lugar onde teve o seu primeiro vislumbre real dela na noite passada.

- Você quer sua criança?

Suas sobranceiras se ergueram e os braços se apertaram em torno do pequeno embrulho que ela carregava.

- Se eu a quero? É claro que eu a quero.

- Mas você havia tomado precauções para evitar sua concepção.

- Eu a quero - Insistiu.

A menina se mexeu, socando o ar com um punho, e Emma a balançou suavemente para confortá-la. Seu embalo era suave, gentil. Amoroso. A criança se acalmou, e os dedos começaram a brincar com as rendas caídas do corpete de sua mãe, atraindo o olhar de Dominic para lá e mais abaixo.

Sua cintura estava delgada novamente. As mulheres se recuperavam de um parto Sático em poucas horas. No seguinte, Chamado em um mês a partir de agora, ela estaria fisicamente pronta para receber outra criança dentro dela. Os homens Sáticos poderiam ser pai de seis crianças em um ano se eles fossem descuidados. Plantio, ceifa, plantio, ceifa, em um ciclo interminável.

Deuses! Ele gostaria de ser o único a fazer o plantio da próxima vez. Ele admitiu para si mesmo. Ele queria ficar aqui com ela. Usurpar os direitos de outro homem. Tolo que era.

Ela recomeçou a conversa.

- Eu não quero parecer ingrata. Por que eu não sou. Mas, como você pode imaginar, a noite passada foi difícil. Para Carlo. E para mim. Será melhor para todos que você não esteja mais aqui quando ele retornar.

Dominic esfregou a mão direita com a esquerda. Os demônios dentro de sua palma haviam estado estranhamente silenciosos desde que ele atravessou o portão, um fato pelo qual ele só poderia estar grato.

Eles iriam matá-lo um dia, e imediatamente após o seu último suspiro seu poder passaria para o pequeno ser envolvido nos braços da mulher. *Como poderiam esperar que uma menina mal instruída carregasse um fardo tão esmagador?* Ele olhou para Emma. *Quanto ele deveria dizer a ela?*

Os pais nunca foram informados até que fosse necessário, e o facilitador tinha avisado para ele não falar de tais assuntos com ela.

Ninguém poderia atravessar a este mundo a partir dele, sem um convite. Parecia certo que ela e a criança ficariam seguras aqui, felizes em sua ignorância. Até a sua morte.

Então Emma aprenderia a odiá-lo. Quando ela descobrisse o que sua filha era, e que se tinha tornado, com a ajuda de seu acasalamento.

- Olhe para mim - Ordenou.

Seu olhar encontrou o seu desafiante. Por um momento, seus óculos refletiam a luz e viraram os olhos desolados, como vidros duplos refletidos.

- O que aconteceu entre nós... Não foi errado - Disse ele calmamente, tentando convencer a ambos.

- Por favor - ela sussurrou - Esta terminado. Não vamos falar sobre isso - A luz mudou, e seus olhos foram revelados novamente. Eles continuavam vazios. Vulneráveis.

Mas ele teria pena dela. Não é ele, pois todos sabiam que ele era impiedoso.

- Você está com raiva e com vergonha. Mas precisa ouvir.

Ele agarrou seus ombros e sentiu a tensão inunda-la.

- Se alguma coisa me acontecer, sua filha sentirá os efeitos de maneira que você não pode imaginar.

Ela sacudiu a partir de sua detenção e recuou.

- Isso é para ser de algum modo um ameaça?

Com as mãos nos quadris, ele olhou para ela.

- É somente um fato.

Ela encolheu os ombros, não compreendendo.

- Então, peço-lhe e desejo que se mantenha seguro para que nada de mal aconteça a minha filha.

- Emma - O disse, apontando para as escadas em direção a seu quarto de dormir - Gostemos ou não, uma parte de mim passou para você e sua filha na noite passada. Nós três estamos vinculados. Agora é minha obrigação cuidar muito bem de você e dela.

- Esse é o dever de um marido e um pai - ela sussurrou - Basta que você vá. Por favor.

Ele ficou indeciso durante alguns minutos. Então ele se virou.

Ela o seguiu até a porta obviamente ansiosa para vê-lo ir embora. Cada um dos seus instintos insistia com ele para pegá-la em seus braços. Para ficar e protegê-la e à criança. Mas outros precisavam dele também.

Ele abriu a porta. Pisando fora, ele olhou de volta para ela, falando mais ríspido do que ele esperava.

- Diga a Carlo para me contatar se me precisar.

- Você não será necessário.

Com isso, ela fechou a porta silenciosamente, mas com firmeza, deixando-o em pé no frio deserto da manhã.

O portão que lhe permitiria a passagem para ElseWorld estava escondido na floresta no centro da propriedade Sátyr. Ele partiu para a região a pé, os seus passos eram como chumbo. Ele tentou banir o sentimento mesquinho de que seus negócios aqui ficaram inacabados. Era apenas uma ilusão, um sintoma da ligação.

Esforçando-se para colocar um pé na frente do outro, ele marchou em direção às portas que iriam levá-lo para casa. Sua vida e seus deveres em ElseWorld o esperavam.

Logo ele se encontrou no cume, e ele parou ali, absorvendo a beleza ao redor dele. Verdejantes encostas cobertas com nova vida se estendiam por todos os lados e em todas as direções. Vinhas antigas espalhavam-se até a outra ponta, juntamente com as recém-enxertadas. Em poucos meses, elas iriam dar frutos, as uvas que davam vida aos senhores Satyr que moravam aqui.

Este mundo não foi o ³anátema que ele esperava. Não era como o seu. Dias aqui seriam passados no cultivo do solo. Trazendo vida ao invés de destruí-la. Uma existência aqui não exalava a traição e guerra, como fazia em seu mundo.

Ele estava cansado de matar. Talvez esta fosse a principal razão pela qual a imagem idílica de uma vida com Emma e sua filha tinha apelado a ele assim.

Suas botas comeram a distância até o portal em poucos minutos. Depois que ele passasse, ele nunca mais iria vê-la novamente.

Ainda assim, o laço arrastava em seus sentidos, persuadiam a voltar. Instigando-o a criar a criança que ele ajudou a trazer para o mundo. Instigando-o a amar e proteger sua mãe

Seria difícil esquecê-la. Mas ele o faria. Tinha sido apenas uma ferramenta a noite passada, um corpo usado para realizar o nascimento da Escolhida. Ele havia concordado em ser apenas isso.

Carlo teria bastante dificuldade em quebrar o vínculo que tinha sido forjado aquela manhã sem qualquer interferência de Dominic. Sua filha iria ter uma existência normal aqui. Pelo menos até que Dominic morresse.

- Emma...

O nome em seus lábios foi um suspiro imperceptível. Seria a última vez que ele o diria. Ela não poderia ser sua não da forma significativa que ele almejava. Isso só lhe traria dano.

Com o tempo e a distância, ele iria esquecê-la. Ele iria se perder em outras fêmeas.

Sim, era melhor para todos que ele a esquecesse. E desaparecesse. Esse desejo por ela ia desaparecer com o tempo. Este episódio da sua vida tinha acabado. Terminado.

Contudo, o pequeno pedaço leve de pano descansando em seu bolso desmentia tudo essas afirmações. Um lenço roubado com um monograma, as iniciais de Emma. Era demasiado pequeno para ser sentido, mas ele o sentia ali, dobrado em seu quadril como uma presença viva. Uma parte dela.

Era um talismã. Um lembrete de que por causa dessa noite, a necessidade de permanecer vivo havia tomado um novo significado para ele.

Porque, se ele morresse a filha de Emma rapidamente conheceria o que era ser um amaldiçoado.

CAPÍTULO 12

Dominic entrou no silêncio da gruta. Suas paredes eram um amálgama glorioso de granito estriado de ouro e outros metais incrustados com pedras preciosas e semipreciosas.

Seus passos eram silenciados pelo tapete de musgo elástico enquanto ele cruzava a curta distância do portão. Ele passou por ela com facilidade, para viajar na direção em que ele ia não era exigido um convite, como se fazia necessário para atravessar para o lado oposto. Ele não poderia ter ido passar a noite com Emma sem que Carlo o convidasse a acompanhá-lo.

O túnel ainda desprendia o cheiro adocicado de Carlo. O que significava que ele o atravessou recentemente. Seus caminhos se cruzariam novamente, provavelmente, mas não tão cedo. Dominic não se reuniria mais ao regimento. A utilidade desse estratagema tinha terminado.

No lado do portal em ElseWorld, as paredes do túnel deram lugar a rocha e outras ligas desconhecidas em EarthWorld, metais que cintilavam e brilhavam com propriedades magnéticas destinadas a manter o mal a distancia, pelo menos, fora do túnel até o portão. Medalhões colocados por seus antepassados supersticiosos, na esperança de repelir a invasão do outro mundo que eles nunca haviam visitado apareciam aqui e ali, em mica e hematita.

A magia era grossa no chão ao longo da extensão do canal, girando tão alto quanto sua cintura, às vezes. Suas botas pretas cortavam por ela enquanto ele se aproximava de casa, enviando isto correndo como se, também, o temessem, da mesma forma como seu próprio povo o fazia.

A neblina diminuiu no final da passagem que ligava os dois reinos diferentes. Adiante, o seu mundo esperava para engoli-lo na sua escuridão aberta.

Ele tinha quase esquecido de que tudo estaria no escuro aqui em casa, por dia e a noite serem revertidos nos dois mundos adjacentes. Em um Moonful, as noites aqui duravam quase um dia e duas noites, abrangendo um período de trinta e duas horas.

Antes de ir com Carlo para EarthWorld, ele já tinha passado um Moonful aqui em ElseWorld, na companhia de Shimmerskins. Então, poucas horas depois, ele atravessou o portal para passar um segundo Moonful com... Emma. Um tremor percorreu-lhe ao pensar nela.

Mesmo depois das longas horas fodendo com ela naquela noite, seu pau estremeceu com a perspectiva de levá-la para a cama novamente. Emma, da pele e garganta muito linda, suave e inocente, um doce olhar.

De repente, ele chegou a um mundo mergulhado no luar. A escuridão o deixou momentaneamente desorientado.

O primeiro golpe veio do nada, explodindo em seu ombro e o colocando de joelhos. Estupidamente distraído por uma mulher que ele não poderia ter, ele baixou a guarda. Não tinha sido esperado por ele.

O segundo ataque caiu. A dor queimou seu pulso direito. Este punhal era propositadamente destinado a cortar sua mão enluvada de seu braço.

Pulando a seus pés, ele ficou meio agachado com os braços tensos ao seu lado. Sentindo a sua própria espécie por perto, as almas não naturais que abrigava sob a luva gritaram para um ataque que não iria permitir.

Demônios. Quatro homens e uma mulher. Todos nus, com a tez verde-oliva, braços musculosos e pernas, e tufo de cabelos oleosos sobre suas cabeças e virilhas.

Assumindo uma postura de luta, ele enfrentou todos os cinco.

- Seus tolos! Vocês ainda acreditam que cortar a minha mão dará livre arbítrio para aqueles que eu mantenho em escravidão?

Ele zombou, tentando forçá-los em ação. Eles eram visíveis apenas quando eles se moviam, então era melhor esperar que eles atacassem.

Mesmo sem a visão para guiá-lo, ele sentiu suas localizações através do calor dos corpos e de seu odor fétido. Sabia que eles estavam mais ou menos organizados em um semicírculo diante dele si.

Tal como ele, eles só existiam para matar. Mas ao contrário dele, eles eram estúpidos. Demasiado estúpidos para compreenderem que mesmo tendo sucesso em sua morte, as almas dos de sua espécie que ele mantinha em cativeiro na palma da mão não iriam ficar livre. Eles simplesmente se prenderiam na palma de outra mão, de sua sucessora, a filha de Emma.

O pensamento emprestou-lhe uma nova força e determinação para derrotá-los.

Outra estocada veio para ele. Dois dos homens de uma vez. Ele afastou-se para trás e, em seguida, sacou a arma de sua bota e meteu-a no estomago do mais próximo, torcendo-o em suas entranhas. Seu rosto se aproximou por um momento, e ele vislumbrou-se em seus selvagens olhos vermelhos.

Sua mão livre agarrou e girou o pulso do outro para o ponto de sua própria adaga que atingiu alta entre suas costelas. Com um selvagem impulso para baixo, Dominic encravou o demônio na terra com sua própria arma.

Algo cortou seu flanco e a agonia gravou suas unhas nele. Mais ataques foram arremetidos em flashes de luz e fogo rápidos e múltiplos. Ele se abaixou repelindo o golpe e depois outro e, em seguida, atacou, ferindo mortalmente mais dois deles em uma única batida.

Eles se deixaram em aberto. Demônios eram letais, mas eles eram dirigidos pela sede de sangue e raramente paravam para pensar antes de atacar. Eles superavam suas vítimas, apenas atacando em maiores números.

Ele girou para o único demônio que restava, mas apenas uma sugestão ocasional de seu flash era visível agora enquanto ele fugia rapidamente. Uma fêmea. Elas eram

sempre mais rápidas e mais inteligentes. Quando ele eliminou o último de seus companheiros, ela partiu, para viver e lutar outro dia.

Ele se endireitou, seus pulmões arfando. O sangue e a respiração ainda bombeado loucamente por ele, preparado para a batalha.

Quatro corpos se espalhavam pelo chão a seus pés, líquido prateado escoava e encharcava a vegetação circundante. Dirigindo-se ao primeiro deles, ele se ajoelhou ao lado dela no chão. Ela se agitou, se alarmando com sua abordagem.

Embora tivesse ferido os quatro, ele deixou-os vivos. Era melhor não matá-los antes que a extração ocorresse.

Retirando a luva, deixou aparecer uma mão que estava pálida em comparação com o resto do seu corpo, pois raramente era exposta ao sol. Ele virou-se para cima em direção à lua, revelando uma palma prateada como o reflexo de um espelho. Ele chamou a luz lunar. Capturando e ampliando a sua força até explodir com uma luminescência tão brilhante quanto o sol.

A pele da mão era sensível. Mesmo o vento suave que derivava do ar ao redor sobre suas terminações nervosas era perturbador enquanto ela chegava à direção de sua vítima. Ele pegou a base da garganta verde-prata da criatura em um estrangulamento.

O demônio assobiou para ele, tentando se arrastar para longe, mas o punhal o tinha derrubado e encravado no chão, como um inseto.

- Como vocês souberam que eu estaria aqui? Dominic exigiu – Terminarei rápido se você responder minhas duvidas. Se não...

Uma sequencia de maldições e furiosas negações foram vomitadas da boca de sua vítima.

Achatando a palma da mão no pescoço escamoso, Dominic localizou o pulso lento no oco da base do pescoço do demônio. Era onde sua alma repousava. Sua mão aqueceu, aqueceu então pulsou. A palma fervilhava com o clamor insistente, furioso das almas que ele e seus antecessores já haviam aprisionado lá.

Os olhos da criatura se alargaram, as pupilas dilataram. Seu corpo enrijeceu e então estremeceu. Sua língua prateada bateu quando soltou mais uma maldição em seu último suspiro.

Uma dor excruciante, como a picada de uma centena de vespas envolvia a palma de sua mão. Ele gemeu quando outra alma deslizou para dentro dele. Dentro de seu uniforme, seu pênis endureceu, mas ele mal percebeu, há muito acostumados com a vergonhosa excitação sexual que o percorria com cada alma tomada. A luz espelhada de sua palma queimou brilhante por alguns segundos e então esmaeceu.

Com o flash de uma lâmina na mão esquerda, ele cortou a cabeça do demônio diretamente sob a mandíbula, separando a mente do corpo. Deixando-o sem vida. Sem alma.

Ele se levantou, fazendo uma careta.

Então, ele moveu-se para os outros três que remanescentes.

Momentos depois, ele enfiou a mão direita dentro da luva. Nenhum deles tinha revelado qualquer informação a respeito de como eles tinham sabido que iriam encontrá-lo aqui.

Mas de alguma forma eles tinham essa informação.

CAPÍTULO 13

ElseWorld

Levantando-se, Dominic cambaleou, quase caindo sobre o último dos demônios que ele tinha acabado de matar. Ele estava perdendo muito sangue. Apertando a mão esquerda contra o seu lado, sentiu escoar a viscosidade sanguínea entre os dedos.

Ele pisou sobre um dos corpos decapitados e virou-se para fazer o seu caminho em direção ao templo. Para casa, onde estaria seguro e se recuperaria. Com pesados, mas determinados passos ele se forçou a continuar, mas ao mesmo tempo sua mente disparou.

Não importava quantos demônios que ele matasse, mais viriam. Sempre vinham. Ele carregava consigo uma sensação constante de frustração e fracasso porque não conseguia erradicá-los. Não era possível ainda localizar a fonte que os gerava. Não havia ovos, as vísceras e os órgãos das fêmeas da espécie eram idênticos aos dos machos. Ninguém sabia como eles se multiplicavam.

Eles não podiam simplesmente ser gerados do nada. Há séculos alguma coisa os tinha trazido para a vida e os lançaram aqui para atacá-lo e ao seu povo. Mas o que ou quem os fez?

Quando ele acordou mais tarde, ele estava deitado no catre monástico em sua alcova solitária. A julgar pela luz que afluía a partir da despensa da abertura no templo, que era meio-dia. De alguma forma ele chegara aqui ontem à noite. Umas poucas horas de descanso tinham restaurado a sua saúde muito mais rapidamente do que teria o um Sático mediano.

Seu estômago roncou. Ele estava com fome.

Ele alcançou seu peito e passou a mão enluvada ao longo de suas costelas danificadas. Dentro de sua mão, sentiu o rumor malévolo que informou que ele ainda detinha os seus cativos. Ele só lembrava vagamente de ter limpado as feridas quando chegara à noite passada.

Obviamente ele havia estancado o fluxo de sangue e se costurara, pelas lágrimas irregulares em seu lado largamente curado e que agora era apenas uma linha recortada rosa. Outro conjunto de cicatrizes era a menor das suas preocupações.

Barulho de passos tiniram além de sua câmara, atravessando o chão do templo. Alguém estava se aproximando. A julgar pelo seu cheiro, era uma mulher. Uma que ele conhecia. Ela entrou e sentou-se, fazendo sua cabeça mover para seu lado e pulsar.

Seus olhos percorreram-na com cínica suspeita. Como todas as mulheres de ElseWorld, ela usava roupas feitas de um tecido transparente que deixava grande parte de seu corpo visível para o prazer do sexo masculino. Os seios eram firmes e altos, as pernas torneadas.

Ela tirou o capuz, revelando seu rosto. Sua pele era sem cicatrizes e sem rugas. Embora fosse bem mais velha que ele, ela parecia ter a mesma idade dele. Ela ainda era a bela mulher lembrou-se de quinze anos atrás. Um dia que mudou irremediavelmente a vida de ambos.

Pois foi a época em que o Facilitador tinha chegado a sua casa com a chocante notícia de que Dominic era O Escolhido, o prévio sucessor do demonhand anterior, que tinha morrido apenas uma hora mais cedo. Até aquele momento, ninguém na sua família tinha esse conhecimento.

Aos dez anos de idade ele tinha sido levado ao seu antecessor em seu leito de morte, onde ele obedientemente aceitou o encargo das almas na palma da mão direita. Em troca de dar-lhe ao templo, a mulher tinha ganhado riquezas. Assim como um título. E juventude ao longo da vida.

Ele esfregou o queixo não barbeado, irritado.

- Vá embora, mãe.

Sua mão apertou a capa, ela declarou enquanto franzia o nariz.

- Você fede a morte. E a sexo.

- E você a riqueza.

Ela traçou uma unha bem cuidada ao longo da linha acidentada de joias semipreciosas que afiançavam decote de seu vestido da cor de açafrão. Continuou estudando sua bainha.

- Eu paguei por aquilo que tenho.

- Como exatamente? - Ele ficou de pé, o rosto impassível enquanto esperava uma resposta que não veio. Permanecendo descaradamente nu diante dela, ele esticou os braços para cima, estremecendo.

Ela assentiu com a cabeça em direção a suas costelas cortadas.

- Você está ferido?

- Poupe-me de sua falsa preocupação - Ele trincou - Diga o que você veio para me dizer e então vá.

- Então você a estuprou?

Em um instante, ele a teve comprimida contra a parede, o seu braço forte contra sua garganta.

- O que você sabe sobre isso?

Ele usou seu braço direito, e o pulso de sua luva pressionado na parte inferior do queixo. Ela olhou para ele com os olhos selvagens, assustados, que eram muito semelhantes aos seus.

- Sim, você deve ter medo de mim, mamãe. Eu aprendi muito de destruição e morte desde a última vez me viu. Agora comece a falar.

Palavras chocadas saíram de seus lábios.

- Eu sei que atravessou a noite passada ao comando do Facilitador. Eu sei que um novo escolhido nasceu. Eu só me perguntava se sua mãe foi estuprada. Como eu fui por seu predecessor, a fim de trazê-lo para o mundo vinte e cinco anos atrás.

Seus olhos procuraram os dela, e então lentamente relaxou seu aperto. Ele não sabia nada sobre isso. Nunca tinha considerado as coisas do seu ponto de vista. Talvez ambos tenham pagado pelo que era.

Indo para o canto de seu quarto, ele virou uma alavanca posicionada ao longo do basalto de laje que havia sido escavada para formar uma pia. O espigão alto que escorria alegremente para a bacia de rocha Inclinou mergulhou a cabeça, aproveitando o frio órtese de suas águas. Endireitando-se, ele pegou a toalha e esfregou vigorosamente a umidade do rosto e cabelos.

- Como você obteve o conhecimento de meu paradeiro - Perguntou, de costas para ela.

- De mim.

Ele se virou para ver o Facilitador de pé na porta de sua alcova. Sua mãe fugiu em direção à relativa segurança que o ancião oferecia.

Dominic jogou a toalha amassada a sua paleta.

- Você a chamou aqui? Por que, após todo esse tempo?

- É meu direito dar as notícias a você - Sua mãe informou-lhe, corajosa agora que ela estava na sombra do facilitador.

- Quais são as notícias?

- A notícia que você está prestes a se casar.

Dominic riu, um esgar, um som cético. Que desapareceu quando ele percebeu que ela estava falando sério. Seus olhos duros viraram para o homem ao seu lado.

- Venha comigo - Instruiu o Facilitador.

Com uma carranca perigosa, ele fez menção de segui-lo, mas o homem mais velho parou com um olhar que abrangeu a totalidade da sua pessoa em um piscar.

- Se vista em primeiro lugar. Sua noiva o espera.

Ele rangeu os dentes. Que porcaria estava acontecendo?

Jogando em calças de couro e botas, ele seguiu o casal até o templo central. Era a primeira vez em um mês não havia vestido o uniforme do regimento como disfarce.

Os dois Acólitos esperavam lá ao lado do grande disco de obsidiana em que ele observou Emma pela primeira a um mês. Sua superfície já tinha sido acordada, e a ilusão de um disco, como ouro do tamanho de sua cabeça rodava interminavelmente sobre ela, exibindo o ornato escultural e decorativo em cada um dos seus lados.

- O amuleto desaparecido - Explicou o facilitador, gesticulando em direção a ela. - Divulgamos a sua imagem continuamente a outros templos e postos avançados para que outros possam preparados se a acharem em seu caminho.

Ao seu comando, os acólitos suavemente batiam palmas pálidas. Em resposta, o amuleto desapareceu para ser substituído pela imagem de uma linda jovem com duas longas tranças loiras. A metade inferior do rosto estava velada, e seu corpo em idade de casar estava envolto no virginal e tradicional vestido.

Tecido branco cintilante embainhava os braços do pulso ao ombro e caiu de lá aos pés em sandálias. O vestido se reuniu em sua cintura, onde estava presa com o que parecia ser um diamante. Acima e abaixo, seios e genitais estavam à mostra sob uma escassa cobertura de um tecido leve. Na parte de trás do vestido, uma espuma de cor rosa opaco sumia em uma calda meticulosamente organizada que se estendia a alguns metros atrás dela.

Com os olhos modestamente baixos, ela estava preparada para enfrentar seu destino.

Um bando ao qual ele assumiu ser seus parentes vadiava em segundo plano, obviamente, haviam se reunido para testemunhar a reunião. Murmúrios e sussurros fluíam entre elas. Ele poderia muito bem imaginar o que eles achavam de sua aparência ensanguentada e principalmente suja.

- Minha noiva? - Ele perguntou em tom de zombaria.

É de descendência do rei Feydon e uma de suas concubinas de ElseWord - Ele foi informado.

O Facilitador balançou sua mão, e o véu da moça se afastou, como por magia.

- Esta união irá ligar os Sátiros e os Fey mais de perto. É sábio garantir aliados neste momento de guerra. Sua família lhe concede uma grande honra em oferecer-lhe a mão dela.

- Cey!

Um dos parentes no fundo a repreendeu. Nisso, os olhos assustados da menina correram para os de Dominic e, em seguida, rapidamente se afastaram.

- Ela não parece especialmente ansiosa para me desposar - Ele comentou friamente. Um eufemismo, por que sua noiva estava tremendo de medo dele. Um peão disponível no momento, assim como ele.

- Você pode nos apresentar qualquer fêmea apropriada que estaria ansiosa? - Sua mãe perguntou.

Sua mente saltou para uma lembrança de Emma. De como ela o beijou na noite passada. Como ela cobriu sua mão que carregava mal com suas próprias mãos. Emma, que já era casada. Seus punhos cerrados.

- Não - Ele encolheu os ombros - Mas me apresentar uma noiva é uma loucura, porque eu não estou precisando de uma esposa.

Em suas palavras, sussurros e mais agitação se seguiu a partir dos parentes da virgem.

Os olhos do Facilitador se fixaram nele, então, curvando-se para a imagem no espelho, enviou um adeus longo e cortês para a mulher e sua família. Enquanto Dominic

olhava, não parecendo nada cooperativo, o Facilitador calmamente garantiu que iria cooperar em seus planos de casamento.

Uma vez que a última curva e raspar tinham sido executados, os dois Acólitos bateram palmas em uníssono, e a imagem desapareceu.

- Por que esse súbito interesse em me arranjar casamento? - Dominic desafiou.

- Nunca houve um demonhand feminino - Disse o facilitador – Isso nos concerne.

Dominic ficou tenso.

- Como você soube?

- O novo Escolhido é uma fêmea? - Sua mãe engasgou, ao mesmo tempo.

O facilitador acenou com a cabeça, ignorando a explosão de sua mãe.

- Eu observei seu parto. Ontem à noite, através da canalização do espelho.

Dominic sentiu o coração começar a bater mais rápido.

- Como? O espelho no quarto de dormir de Carlo estava coberto. Eu o vi cobri-lo, como é tradição durante o Moonful.

- Veja por si mesmo. - O Facilitador apontou para o espelho de obsidiana. Tomando sua sugestão, os Acólitos o trouxeram à vida novamente.

Farfalhantes ruídos foram emitidos a partir dele, mas sua superfície ficou escura por um momento, muito potente. Então, como se uma cortina tivesse sido rasgado, duas figuras entraram em vista, e substituíram a escuridão.

Um homem e uma mulher. Ele e Emma. Eles estavam no quarto de dormir, de pé com seus corpos nus juntos. Ele estava por trás dela, uma mão em seu quadril e outra acariciando sua barriga avolumada. Seus lábios estavam passeando por seu ombro.

Ela parecia estar olhando para eles, uma audiência que ela não podia ver. A mão dela estava chegando à direção a algo que estava fora do intervalo do espelho. Ela estava tentando sair de seus braços, ao mesmo tempo em que estendia a mão para ele, agora, sem saber que ela o fazia.

Dedos masculinos entraram em frente ao espelho, se movendo em direção à penteadeira. Houve um som tinindo enquanto Carlo recolhia seus pertences.

- Não! Não nos deixe! A voz de Emma suplicou.

Diante disso, o seu próprio reflexo despertou e se viu levantar a mão de seu quadril indo ao encontro dos seios. Seu polegar tocava seu mamilo.

A voz de Carlo, angustiada covarde respondeu a ela.

- Eu sinto muito. Eu não posso.

Uma porta se abriu e depois fechou. Era o som dele saindo do quarto.

- Você notou? - A voz do Facilitador quebrou o silêncio - O espelho que estava no quarto, obviamente estava coberto quando vocês começaram. Em seguida, a sua cobertura foi retirada. Propositadamente, por uma mão invisível. Foi feito apenas depois que você caiu sob o feitiço da lua e pôde ser pego desprevenido.

Após a sua deserção, a mão de Emma vacilou e caiu. Sua expressão foi preenchida com uma mistura pungente de rejeição e medo, os dois lados da moeda carnal que ela a qual ela tinha sido oferecida na última noite pelo homem que a rejeitou, e ela o temor por seu substituto.

Inconsciente o reflexo de Dominic a segurou rápido contra ele, envolvendo-a nos braços, o corpo focado somente em sua necessidade de zelo para foder com ela.

Ao lado dele, sua mãe, choramingou.

- Olhe para você. Forçando a pobre moça a querer um pagão.

Os homens a ignoraram, mas todos eles tinham ouvido.

Dominic sentiu as bochechas corarem e ficarem vermelhas enquanto lentamente observava-se no papel de garanhão. Ele nunca se tinha visto mostrar tanta paixão. Certa vez, durante Moonful, ele teve a chance de ver seu reflexo em um lago enquanto ele fodia um Shimmerskin. Ele tinha ficado assustado por não demonstrar nenhuma emoção, mesmo no calor do orgasmo.

- A luva - Acusou o Facilitador suavemente - Por que você não a ocultou com um feitiço?

Os olhos de Dominic voaram para sua mão que abraçava o abdômen de Emma.

Ela ficou visível?

- É claro, idiota! - Desabafou a mãe.

- Mas eu a encantei como sempre faço – Ele replicou confuso.

- Talvez não o suficiente para compensar as fortes emoções que foram engendradas naquela noite - Murmurou o Facilitador com seu tato habitual.

- Ainda não - Era a voz de Emma. No espelho, sua mão escorregou entre suas pernas, abrindo-a para seu empalamento. Ela puxou uma respiração rápida. O olhar em seu rosto indicava o instante em que ele violou-a.

O facilitador e os Acólitos não evidenciavam nenhuma reação a isso, mas Dominic sentiu a repugnância de sua mãe quando ela o viu ele na beira do êxtase. Seu horror não era maior do que o seu nesta reprise pública dos eventos da noite anterior.

- Desligue isso! - Ordenou. Um músculo saltando em seu maxilar era o único sinal de raiva.

Em vez disso, o Facilitador mudou a partir desta cena para eventos posteriores, acabou parando em uma visão clara dele segurando a criança que Emma tinha acabado de dar a luz para sua inspeção.

- Uma fêmea é o Escolhido? - Lamentou a mãe, encontrando uma cadeira e caindo nela - Estamos perdidos! Usar uma fêmea contra os gostos dos demônios?

- Você tem pouca fé no seu próprio gênero - Criticou Dominic, ignorando sua histeria. - Eu diria mais a respeito de sua idade. Um bebê, seja homem ou mulher, não pode tomar o meu lugar. É fundamental que ela tenha tempo para amadurecer antes que eu seja destruído.

- É verdade - Disse o facilitador - E é aí que reside o cerne da minha preocupação e a razão para este noivado precipitado. Até agora, você foi de grande valia para os cidadãos em ElseWorld. Mas, com a exposição infeliz de sua identidade e a do Escolhido também...

- Quantos viram isso? Dominic perguntou.

- Qualquer um que possui um espelho de obsidiana.

- Infernos - Traçou a cicatriz ao longo de sua mandíbula com os dedos calejados - Tudo está arruinado.

- Meu título como Honrada Mãe não será tirado de mim, será?

Sua mãe estava preocupada e com ansiedade.

- Eu não fiz nada de errado! Meu filho é o único que trouxe a ruína de todas as nossas cabeças.

- Você está exagerando em ambos os assuntos - Argumentou o Facilitador placidamente. Então, para Dominic, ele continuou. - Mais para o ponto de sua vida passará a ser o maior risco e poderá estar perdido para nós a qualquer momento. O escolhido ainda não está preparado para defender-nos de tal eventualidade. A família de sua noiva pode oferecer-nos muito em termos de armamento e de tropas.

E para que seriam úteis? - Dominic retrucou – Não podem reter o mal das almas dos demônios.

- Os tempos ficam mais desesperados. O que poderia de mal poderia acontecer ao se casar com a menina! - Sua mãe insistiu - Fala-se que alguns dos demônios estão evoluindo, tendo como hospedeiros os discípulos. Logo eles poderão andar sem serem detectados entre nós.

O Facilitador a interrompeu ela.

- Isso são boatos que é melhor serem ignorados.

Deuses! Dominic virou-se, frustrado. As coisas estavam acontecendo tão rápido. No espaço de vinte e quatro horas, todos pareciam estar oscilando precipitadamente à beira do caos.

Pelo canto do olho, viu quando elevou o seio de Emma para sua os lábios rosados e vorazes de sua filha. A expressão dele enquanto observava a cena era obcecada.

- Cesse esta exposição se não quiser ver o espelho estilhaçado em pedaços - Ele berrou, batendo na lateral do espelho com tanta força que a cena oscilava e pulava.

Com o ondear da mão o Facilitador obliterou a imagem.

Outra tomou seu lugar, o disco de ouro. Movimentando-se no centro do espelho, uma vez mais, infinitamente exibindo seus lados alternados. A figura de Baco foi gravada em baixo relevo em sua frente, e as videiras do Sátiro antigo no verso.

- É maior do que eu considerava - Comentou a mãe, passados alguns momentos. Ela estava estudando o amuleto, obviamente incomodada com o silêncio tenso que havia caído na sala.

- Sua imagem foi aumentada para ser mais facilmente visualizada - Ela foi informada - Estamos esperando que alguém se reporte se a vir. Mas, até agora, nada.

Dominic olhou para a tela, a sua mente em outro lugar. Seu estômago roncou, lembrando que ele não tinha comido.

- Eu preciso de comida - Resmungou, irritado.

O Facilitador estalou os dedos. Um de seus subordinados imediatamente chegou, e ele começou a pedir alimentos para o desjejum de Dominic habitualmente frutas, legumes, carne, pão e leite de cabra. Era um menu invariável que tinha sido entregue a ele aqui duas vezes por dia durante os últimos quinze anos. Ele não era consultado, por causa da noção de ter sido instilado nele há muito tempo que ele era uma arma, e que a comida era, portanto, tinha único propósito de manter seu físico poderoso.

Dominic ouviu apenas a metade do pedido para seu desjejum, sua atenção se voltara para o espelho. Ele viu a imagem do disco ser refletida repetidamente com lentidão hipnótica.

Baco. Vinhas. Baco. Vinhas. O ouro brilhava cada vez que ele virava como se sacudido por uma mão invisível...

- Baco - Ele murmurou quando uma lembrança o atingiu. Sem virar a cabeça, ele falou:

- Mãe, vá para a cozinha e supervisionar a preparação da minha refeição - Quando ela não se mexeu, ele se virou para ela, sua expressão feroz.

- *Vá!!!*

Ela recuou tão rapidamente que deixou cair seu capuz.

Dominic o recuperou com a mão enluvada e estendeu-a para ela.

Ela olhou para ele, recuando.

- Não se preocupe. Eu tenho outros como ele.

Ele capturou-lhe o pulso, bateu o pedaço de tecido em sua palma com o punho fechado.

Ela soltou um som involuntário de angústia e encolheu-se, tirando sua mão da dele.

- Por que você precisa ser tão ofensivo?

- É de minha natureza. Agora vá, minha mãe, e deixe-nos.

Ela passou, resmungando.

- Eu vou tudo bem. Eu estou saindo. Eu não vou ficar para jantar com alguém como você.

Dominic falou aos Acólitos uma vez que ela tinha ido, apontando para o espelho.

- Volte para a imagem que você mostrou-me da última noite em EarthWorld. Para o momento antes de o marido de Emma partir de seu quarto.

Apesar de fita-lo com curiosidade não deixaram de obedecer-lhe, e a cena saltou à vista de novo. A mão Carlo ficou à vista ao lado do espelho, se movendo em direção à penteadeira. Houve um som tinindo.

- Ai, Pare! - Dominic instruiu – Amplie perto do objeto que ele está prestes a pegar.

Quando eles obedeceram, ele viu que era como ele pensava. Ali, deitada sobre a mesa, era uma moeda de ouro. No lado exibido era a figura de Baco, uma gravura idêntica à do disco que tinha ficado em exposição sobre o espelho rotativo poucos momentos atrás.

- O amuleto! - Disse o facilitador, estupefato. Ao lado dele, os acólitos murmuraram numa excitação suave.

- Continue assistindo - Disse Dominic. Após um intervalo, o quadro mais uma vez entrou em exibição. O disco de ouro havia desaparecido.

- Onde está ele agora? - Os olhos do Facilitador o procuraram - Você o tem?

Dominic sacudiu a cabeça.

- Carlo deve tê-lo. Ele disse que o mantinha perto para lembrá-lo de como ele tinha sido enganado quando Emma tinha tentado utilizá-la como um contraceptivo. Ela tinha feito isso há um mês, logo após o templo ter sido vandalizado.

- Mas como ele o obteve para começar? Você acredita que ele e sua esposa estavam em conluio com os demônios responsáveis pelo seu roubo? Isso explicaria como ela suportou a magia em primeiro lugar, a magia que o amuleto carrega. Talvez os dois descobrirão o espelho intencionalmente para expô-lo e também para tornar a localização do seu sucessor conhecida por todos.

A noção encheu Dominic com um sentimento chocante de traição. Ele poderia facilmente acreditar que Carlo poderia agir de forma tortuosa. Mas ela não. Por favor, não ela.

Na sua expressão sombria, o Facilitador restringiu.

- Perdoe-me. Isso tudo é conjectura. Nós não precisamos assumir...

- Ontem à noite, quando saí do túnel, cinco dos nossos inimigos estavam à minha espera - Dominic informou.

- Você foi atacado?

Em resposta, ele apontou para sua ferida ainda fresca.

- Eles estavam me esperando. Eles sabiam que eu voltaria pelo portal.

O facilitador e os outros balançaram a cabeça, pensativos.

- Estava estranhamente quieto aqui na noite passada. Nós tínhamos começado a ter esperança de que poderiam ter ido para o subterrâneo.

- Eles irão para o subterrâneo apenas quando tivermos enterrado todos eles.

Dominic girou em seu calcanhar.

- E o seu café da manhã? Aonde você vai?

O facilitador o chamava.

- Localizar Carlo. Eu suspeito que ele tenha o amuleto ou sabe seu paradeiro.

- Eu devo primeiro ter o seu consentimento. Sobre o casamento.

- Você o tem. Quando se realizará? - Dominic perguntou, não hesitando em sua partida.

- No próximo Moonful.

Ele estava para se casar em um mês. Com um gesto brusco, Dominic concordou. Avançando através de uma série de arcos ele localizou seu casaco e uma camisa. Então ele foi através da nave e não só, para fora do templo. Passando o pedestal vazio em que a estátua de Baco outrora estava, ele correu até os nove degraus de mármore.

Na base da escada, algo chamou sua atenção. A capa de viagem de sua mãe estava descartada no lixo. Ela não perdeu tempo em livrar-se de algo que ele havia tocado. Algo que ele tinha estragado.

Ele esmagou-a sob os pés e continuou caminhando.

CAPÍTULO 14

Sete dias depois, Dominic se ajoelhava ao lado do corpo em decomposição de Carlo. Uma dúzia de soldados montava guarda nas proximidades apenas fora da vala, lançando olhares de soslaio para ele.

Duas horas depois de deixar o templo, ele localizou o regimento em que ele serviu com Carlo apenas para descobrir que seu companheiro não havia se reportado ao voltar de EarthWold.

De lá, sua busca o levou para a casa desocupada de Carlo, onde um vizinho tinha divulgado a notícia de que ele não vivia sozinho. Parecia que o marido de Emma também havia se casado com um homem em ElseWorld em segredo. Que ele serviu como prostituto e tinha predileção por homens era conhecido. A maioria dos thecinaedi comprometia-se a uma variedade de esposas, maridos e concubinas. Não havia nada de escandaloso nisso em ElseWorld. *Por que Carlo manteve o relacionamento escondido?*

Uma série de ligações havia trazido Dominic até esta vala. E para este corpo.

Tomando o ponto de queixo Carlo em seus dedos, ele girou a cabeça sem vida, observando as lacerações na garganta. Uma nuvem de pó cor de ferrugem escapou, pressionados pelo movimento. O sangue em suas veias tinha virado pó.

Suas suspeitas foram confirmadas. Demônios tinham feito isso. Ele empurrou o corpo nu, girando-o para deitá-lo de bruços. Como esperava, tinha sido brutalmente sodomizado.

E havia sido descartado aqui há uma semana, se ele bem julgasse. No entanto, urubus e insetos ainda não tinham começado a festa. Outra indicação de que os demônios eram responsáveis, seu cheiro peculiar mantinha os predadores afastados.

- É trabalho dos demônios. Provavelmente um mestre - Ele anunciou em voz alta o suficiente para o oficial superior ouvir. Uns poucos curiosos se reuniram para além do barranco onde os soldados mantinham à distância. Em toda parte que ele ia agora, ele era reconhecido. Porque estava muito debilitado para manter-se constantemente disfarçado com feitiços, o Facilitador tinha insistido em que ele viajasse com este séquito de cães de guarda de duas pernas.

Ele enfiou a mão esquerda dentro das feridas abertas no corpo. Os soldados empalideceram e olharam para longe quando ele procurou metodicamente o amuleto dentro das cavidades e vísceras.

- Nada - Ele anunciou em fim.

De pé, ele foi para o rio que fluía na parte inferior do barranco se purificar da sujeira.

- Isolem a área e façam buscas nas terras circunvizinhas - Ele ordenou.

- O que estamos procurando - Perguntou o detentor da paz, que comandava os guardas.

- O amuleto que foi roubado do templo de Baco.

Todos os olhos se ampliaram, voando para o corpo de Carlo surpresa.

- Ele estava envolvido? - Um dos soldados se aventurou.

- *Movam-se!!!* - Ele latiu, e o contingente imediatamente cessou as perguntas e correu para fazer o que ordenara.

Uma exaustiva busca foi iniciada e continuou ao longo do dia seguinte, mas o amuleto permaneceu perdido.

- Parem. Não está aqui - Disse Dominic por fim. - Os demônios o têm.

Eles eram agora observados por uma multidão, camponeses, agricultores, três cabras, um par de leiteiras. Mesmo o bem-fazer ocupantes de um carro passando fez uma pausa para assistir a partir de suas janelas. Consciente de que ele era o foco de seus olhares furtivos e sussurros, ele os ignorou.

Ele manteve a sua identidade em segredo a não ser para os de sua seita durante quase um quarto de século. Mas, a julgar pela onda de emoção que ele causou quando se aventurou perto dos espectadores, todos aqui estava consciente do espetáculo que ele deu na noite que ele passou em EarthWorld.

Ele arriscou seu povo. Expondo a sua fraqueza carnal por uma mulher que não o queria. Ele não sabia o que o perturbava mais.

- Para onde seus restos mortais devem ir?

Um dos soldados perguntou-lhe, apontando para Carlo. Seu corpo tinha sido embalado, mas ainda não havia sido removido para cremação.

- Para a família. Em EarthWorld. Envie suas cinzas para Nicholas, o mais velho dos senhores Satyr que habitam lá. Inclua um pedido para que eu seja convidado até o portão para uma reunião com ele, logo que possível.

Dominic levantou para a sua altura total, somente então se permitiu a considerar as ramificações da morte de Carlo.

Emma.

Seu coração pulou uma batida.

Ela era agora uma viúva.

CAPÍTULO 15

Propriedade dos Satyr em Toscana, Itália EarthWorld

- Estou deixando a propriedade - Emma anunciou. Quão bem se sentiu ao dizer isso em voz alta.

No entanto, ninguém comentou sobre a sua declaração surpreendente, e seguiu sem argumentos, simplesmente porque não havia ninguém nas imediações para ouvi-la, salvo as borboletas, pássaros, duas gazelas esbeltas, e sua filha de três semanas de idade, Rosetta.

Além da sua companhia, Emma sentou-se sozinha no gramado, exuberante verde-azulado na parte traseira na casa que tinha sido a sua há cerca de um ano. Apesar de tudo aqui proferir alegria pela luz do sol, ela sentiu tudo, menos alegria.

Após a volta de seu vestido bombazine escuro estava uma carta que ela já tinha lido uma dúzia de vezes. Ela tinha sido escrita por uma mão cuidadosa, cada palavra precisa e bem selecionada por um idoso, verboso cavalheiro britânico de posses.

Seu conteúdo era uma oportunidade singular.

Ela suspirou e balançou o berço de sua filha com os dedos manchados misturados com tons de roxo, amarelo, carmim, cobalto e jade.

- O que você acha, Rose? Vamos ver como está Londres? Estará do mesmo jeito que deixei quinze anos atrás?

Um canteiro de flores circular, dividido em doze segmentos iguais, as rodeava. Uma vez bem cuidadas, os buquês cresceram e foram cortados e agora se espalharam pelo pátio como confetes coloridos. Sua culpabilidade nesta destruição estava pintada em ambas as mãos.

Como uma menina, ela desenhou um Horologium Florae, um relógio baseado na descrição de Carl Linnaeus em seu trabalho seminal botânica, Philosophia Botanica. Este relógio lhe permitiu dizer o tempo simplesmente através da observação da floração e os ciclos de desvanecimento de uma variedade de flores silvestres.

Ela havia criado este jardim mais elaborado há um ano. No dia seguinte ao seu casamento com Carlo. No dia em que ele tinha ido para a guerra em ElseWorld. Ele serviu como um calendário de meses ao invés de dias. As flores que cresciam em cada plantador foram cuidadosamente selecionadas para acompanhar o padrão de suas vindas e idas mensais. Florescendo com os Moonfuls e desaparecendo nos interinos. Tinha sido um presente da mulher ao seu marido, esta exposição física de sua antecipação das raras estadas em sua cama.

O ciclo foi concluído apenas uma vez desde o seu casamento. Ele tinha sido um marido para ela apenas doze vezes em um ano.

Apenas a momentos atrás, o desvanecimento das primulas de Fevereiro, as violetas de março, e margaridas pouco antes do início do mês de Abril tinham sido arrancadas de suas amarras e agora jaziam espalhados sobre ela. Afinal, não havia mais a necessidade de marcar a passagem do tempo.

Carlo estava morto.·.

Saudações, Madame,

É com extremo prazer que eu chamo você a Londres para me auxiliar em meus ilustres esforços. Seu amor à palavra impressa sendo tão sincero e evidente como o meu, e seu conhecimento do Latim, combinado com sua experiência de auxiliar na organização das bibliotecas Lord Nicholas Satyr's, recomendam-te a mim. A biblioteca que tenho recentemente herdado permanece em completa desordem, e sua oferta de serviços é muito bem-vinda e fortuita.

Suas mãos sujas deixaram impressões digitais na carta que ela desdobrou-o uma terceira vez.

A carta divagava por vários parágrafos mais, e então...

A posição que eu humildemente estendo a você é por um período de um ano, como já explicado anteriormente. Se isso lhe for agradável, pode apresentar-se em meu escritório à 12 Whitehall Street, London, logo que lhe for conveniente.

Queira aceitar meus desejos para que a sua viagem seja segura e de boa saúde nas próximas semanas, até que nos encontremos.

Lord George Anthony Randolph Stanton

Será que o seu empregador se provará prolixo em pessoa? Sua carta veio de Londres ontem, depois de ter sido escrita por ele, três semanas antes, a mesma data que Rose tinha nascido. Ela tinha chegado em resposta a sua consulta em matéria de emprego, que ela tinha postado bem antes de a filha ter sido concebida.

Ela deveria informar o Senhor Stanton do nascimento antes de embarcar em sua jornada, mas a troca de cartas poderia levar semanas. Ele parecia uma espécie iluminado por ter aceitado uma mulher como assistente. Então, ela decidiu prosseguir com seus planos na esperança de que ele aceitaria sua filha também. Se não fosse o caso, ela iria procurar outra posição em Londres e voltar aqui só se nenhuma mais se apresentasse.

Esta noite ela iria falar a família sobre sua decisão. Ela estava determinada a não ficar por aqui, para não se tornarem um encargo ocioso sobre eles. Ela queria ser verdadeiramente útil, e saciar a sua paixão pelos livros.

A família ficaria surpresa com sua vontade de afastar-se e esperariam que ela alterasse seus planos em cima de suas objeções. Afinal, ela nunca foi de criar caso. Sempre fora obediente.

Observando um lírio fogo na grama, ela pegou-o, acariciando a ponta do dedo ao longo de um filamento delicado para espanar o pólen de uma antera na extremidade. Os estames, órgãos sexuais masculinos.

Dominic.

Uma nuvem passou pelo sol, e ela estremeceu. Pouco mais de uma semana após ele ter ido embora, ele enviou os restos mortais de Carlo permanece até o portão. Uma folha de pergaminho enrolado destinado a Nicholas o acompanhou, explicando que as circunstâncias de sua morte eram desconhecidas. Não tinha havido nenhuma mensagem para ela.

Percebendo que ela estava acariciando o lírio liso, e as pétalas negras ao longo de sua clavícula por onde os lábios de Dominic tinham vagado, ela jogou a flor para longe. Chispando, ela escovou o rastro do pólen que tinha deixado em sua garganta.

As marcas na pele dela feita por suas mãos e boca tinham-se desvanecido, mas as memórias de sua noite com Dominic permaneciam frescas. Embora ela tivesse se tornado uma perita em empurrá-las para longe, por vezes, se introduziam em seus pensamentos inesperadamente.

Especialmente à noite, quando tudo estava quieto e solitário. Então as memórias assombravam impiedosamente seus sonhos, causando um desconcertante terremoto de vergonhoso desejo em seu corpo. Essa era a outra razão para querer colocar alguma distância entre ela e este lugar que continha suas lembranças dele. Só por um instante.

Ela parou abruptamente e sacudiu a saia. Era um vestido preto, um vestido de luto fechado, afiado em crepe. Um vestido apropriado para uma jovem viúva.

- Mia Cara venha – Levantou o berço com Rosetta e fez seu caminho em direção à casa.

Olhando para os montes retalhados na distância, ela sentiu uma pontada. Era um momento alegre para o Sátiro. As plantas estavam estourando com uma energia à espera de ser libertado sob a forma de gomos.

Ao ir embora agora, ela iria perder a safra do próximo outono. Não teria o prazer de ver a fruição das vinhas através da qual ela trabalhava. Nos últimos anos, o crédito pelo seu trabalho sempre tinha ido para Carlo. Todos da Itália consideravam que ele era o negociador. Ninguém sabia da verdade, de que quando ela ganhou a pequena parte da vinha, ele havia deixado a propriedade para ir a guerra que se formou em ElseWorld.

Ela não tinha ressentimento sobre isso. Isso a manteve ocupada e tinha sido outra coisa para amarrá-lo a ela. Se ela ofereceu-lhe esta graça para chamar de seu, ela havia fundamentado que ele a queria também. Queria voltar. Mas agora ele não poderia voltar.

Ele estava morto, suas cinzas enterradas no columbário da família.

Um jardineiro tirou o chapéu para ela enquanto ela passava os olhos cheios de simpatia. Ela assentiu com a cabeça e apressou-se, sentindo o jorro usual de culpa.

Cada palavra amável que cruzava em seu caminho a fazia sentir-se nada mais que uma farsa, pois ela não sentia nenhuma dor por estar viúva. Em vez disso, ela foi consumida com pesar por seu comportamento no Moonful passado. Apesar de Carlo havia iniciado os eventos que havia acontecido, ele não esperava que ela encontrasse prazer com Dominic. Ela poderia não querer o marido em sua cama, mas ela não tinha o direito de desejar outro em seu lugar.

Às vezes ela desejava confessar os segredos daquela noite. Para lançar a ferida que tinha deixado, permitindo que as memórias vergonhosas fluíssem para purificar-se. Escapando para sempre.

Em vez disso, ela manteve seus segredos trancados dentro e esperou que sua presença a ferisse para então curar, transformar a cicatriz, e, em seguida, desaparecer.

Como parte de sua penitência, aceitou condolências de outros com a graça de bondades estoica. E ela se dedicou a sua filha e a vinha. A vida continuou.

Emma fez uma pausa, fixando a cesta de Rose sobre a parede de pilha de pedra que cercava o jardim. Tirou os óculos, embaçando-o com seu hálito, e então polindo as lentes com um canto do cobertor de sua filha. Colocando-o no nariz, ela considerava a redução das sombras início da tarde.

Logo seria hora de ir a casa de Jane. Ela recolheu no braço a cesta de Rose e se dirigiu novamente para dentro. Ela falaria sobre sua decisão no jantar desta noite.

CAPÍTULO 16

- Temos um visitante! - Jane anunciou.

Emma levantou-se pela metade do banquinho do piano de sua irmã sentando novamente depois se afundou para trás no assento do banco, envernizado com um macio estofamento. Seu rosto empalideceu e, em seguida, rapidamente corou quando o novo hóspede foi apresentado cerimoniosamente no salão.

Dominic.

Ela bebeu-o com um longo olhar faminto. Notando sua força física, o olhar atento de prata, o azul da meia-noite que destacava seu cabelo escuro. Usava couro preto agora, em vez do uniforme de lã cinza. Ele parecia confiante, perigosamente atraente.

Fazia três semanas desde que ela o tinha visto. Três semanas longas, áridas, uma vez que tinham sido tão íntimos quanto um homem e uma mulher poderiam ser.

Agora, incrivelmente, ele estava aqui. Na casa de sua irmã. No ante sala com ela. Sentado na cadeira de Nicholas da era medieval, a menos confortável. O fato de que Jane tinha mostrado a ele esse lugar especial era uma indicação de que ela não estava tão encantada com a sua visita como soava.

O que ele queria?

Jordan e Juliette tinham ido a Florença de manhã e não voltariam até amanhã à noite. Durante sua ausência, apenas Jane, os três senhores Sátiro, e ela haviam se reunido aqui no Castello para jantar e conversar.

- Você tomara algum dos Sangiovese? - Ouviu Nicholas perguntar.

- Grazie - Dominic rugiu e pareceu enviar a sensação de espinhos ao longo da nuca de Emma. Onde ele a beijou. Seus olhos se encontraram. Os dele caíram para sua garganta e um pequeno sorriso torceu seus lábios.

Sem perceber, ela começou a acariciar o lugar em sua pele que sua boca tinha marcado. Arrebatando a mão, ela desnecessariamente ajustou os óculos que ela levava apenas para orientar-se na preparação de uma seleção de uma das óperas de Giovanni Paisiello. Então ela levantou a música do stand no colo, remexendo com os dedos tremendo.

No burburinho geral dos cumprimentos, ninguém notou sua retirada das vistas do recém chegado. Por tudo o que sabiam, ele era apenas um conhecido, que lhe introduziram brevemente apenas em ocasião anterior. A noite que Rose tinha nascido.

- Emma estava prestes a fazer algum tipo de anúncio antes de tocar para nós.

Ao som da voz de Nicholas, Seus olhos cegos congelaram na fileira de teclas de marfim ante ela. Seus dedos brincavam com as páginas em seu colo.

- Emma. Jane solicitou.

Emma endireitou sua espinha. Ela estava sendo ridícula. É claro que ela não iria adiar seus planos simplesmente porque Dominic tinha chegado. Ele não tinha nada a ver com ela. Ela estava para ir em breve, e acordos deveriam ser feitos.

Ela guardou as folhas da música na bancada do piano com uma suave pancada.

- Decidi deixar a propriedade. Para ir para Londres - Ouviu-se dizer.

O ar foi abruptamente sugado do quarto e deslocado em cada par de pulmões, quando as objeções começaram a estalar ao seu redor, estourando pelo que falara.

- Eu parto na próxima semana - Apressou-se em dizer - Eu aceitei um acordo de emprego.

- O que diabo...? - Lyon protestava.

- Emma! Por quê!? - Jane colocou ao mesmo tempo.

- Deixe-a terminar - Disse Nicholas, silenciando-os.

- Meu trabalho é em uma biblioteca de cavalheiros pelo um período de um ano.

Rapidamente Emma deu um punhado de outros detalhes e, em seguida.

- Eu sei que vocês irão pensar que é uma idéia ruim, mas eu estou determinada. Não quero ser um fardo por mais tempo.

- Você não é um fardo! Jane exclamou.

- Você é uma viúva com uma criança inocente - Lyon fez uma careta – Presa fácil.

Um estalo quebrou o ar e enviou todos os olhos para Dominic. Sua mão direita tinha estilhaçado a haste de sua taça, seu aperto tão cruel que tinha quebrado uma coluna de uma plegada de espessura, de cristal sólido!

- Ele está certo - Dominic resmungou, não prestando atenção aos funcionários que corriam para reparar os danos que ele tinha feito.

Emma franziu a testa ao observar a mão quando os restos do cálice foram removidos e o vinho derramado por ele limpo. Essa noite ela não estava protegida pela estranha luva. No entanto, os cacos de vidro não parecem o ter cortado.

- Isso não é da sua conta, signore. Sou uma mulher madura capaz de tomar minhas próprias decisões.

- Quem é esse empregador? - Raine exigiu, puxando-lhe a atenção.

- Ele pode ser um devasso, por tudo que ela sabe - Zombou Lyon antes que ela pudesse falar.

- Ele não é! Ele é um cavalheiro! - Emma saltou do banco - Eu não vou mais discutir o assunto com vocês. O trabalho em sua biblioteca me interessa, e eu pretendo seguir com minha decisão.

Felizmente Rose escolheu aquele momento para fazer barulho em uma sala adjacente, dando a Emma um pretexto para escapar de sua arenga.

- Desculpe-me, por favor - Com uma lufada de suas saias, ela escorregou no corredor curto para o quarto onde a filha dormia.

Dois punhos rosa e branco sobressaíam-se e acenavam no ar acima de um berço que tinha sido uma vez do filho de Jane, Vincent, que já estava quase crescido. Rose era geralmente uma pessoa que dormia tranqüila, mas parecia que ela tinha chutado seu cobertor e estava acordada. Delicadamente, Emma colocou a lã leve ao seu redor. Rose o chutou novamente.

- Estamos geniosas esta noite não é? Perguntou delicadamente.

- Esta parece ser a atitude prevalecente.

Ela se endireitou ao som da voz de Dominic, vendo que ele vinha sozinho.

- O que você quer?

- Uma conversa privada com você - Ele murmurou sua voz baixa para que os outros não pudessem ouvir.

- Quanto à minha decisão de ir para Londres?

- E outros assuntos - Seus olhos foram para o berço.

- Não tem nada a ver com minha decisão de ir - Emma deu a sua filha um tapinha final e se virou para bloquear a sua visão de sua filha - Ou com Rose.

- Rose - Ele repetiu o nome baixinho, como se habituando ao seu sabor.

- Rosetta - Ela veio na direção dele, e o manobrou para o corredor, puxando a porta com ela, deixando-a entreaberta, para que ela ouvisse se sua filha se mexesse de novo. Quando ela saiu do quarto para o corredor, Dominic estava esperando por ela.

Sua mão desceu até a cintura, e puseram-se na porta como se congelados. Estar próximo a ele, sua carne pérfida formigava com saudade. Embora seus corpos haviam comunicado durante mais de oito horas, eles não falaram mais do que um punhado de palavras um ao outro.

- Só por causa de... do que aconteceu, não acredito que você tenha direito de opinar ou dizer alguma palavra sobre nas nossas vidas - Disse ela.

- Eu receio que tenha.

Sua mão se aproximou dele com a intenção de afastá-lo. Ela se sentia estranha, um familiar zumbido que a lembrou daquela noite, há três semanas. Confusa, ela olhou para baixo e viu que ele vestiu a luva de prata antes de chegar a ela. Ela puxou-o com os dedos.

- Porque você usa isso?

Ele puxou a mão para trás, e seu olhar ricocheteou da luva para o rosto dela.

- Usar o quê?

A luva. Você não a usava mais cedo.

- Você consegue vê-la? - Ele parecia surpreso.

Atirando-lhe um olhar interrogativo, ela apenas deu de ombros e saiu apressada. Ele a alcançou apenas alguns metros de distância da segurança dos outros. Sua mão sem luvas algemou seu braço. Ela puxou uma vez, tentando arrancar fora.

- Me deixe ir.

- Você pode optar por ter a nossa conversa a sós ou na audição da sua família - Disse ele - Não tem importância para mim.

Ela firmou os lábios fechados, amotinados.

Com uma inclinação breve de sua cabeça, ele a deixou ir.

- Assim seja.

Eles voltaram para o quarto, e Emma tinha acabado de chegar ao lado de Jane, quando ele fez o anúncio com calma.

- Eu vim aqui hoje para reivindicar o direito de casar com Emma.

Cada rosto foi preenchido com diferentes graus de choque.

Emma olhou para ele, sem palavras.

- Que direito? - Lyon exigia, levantando-se da cadeira.

Raine também se levantou, preparado para defendê-la.

Apenas Nicholas permaneceu calmo, atento.

- Deixe-o falar.

- Certamente você não está considerando a sua sugestão? - Disse Lyon.

Nicholas levantou a mão para o silêncio e, apesar de Lyon fechar a cara, ele cruzou os braços e olhou em expectativa na direção de Dominic.

- A união entre nossas famílias tem vantagens óbvias - Disse Dominic suavemente – Eu sou um Sátiro puro, um candidato desejável para trazer sangue novo para a sua linhagem. E um casamento servirá para acalmar as tensões entre os nossos mundos, e manter aqueles que pretendem prejudicar a sua família a distancia.

Jane escorregou um braço confortante em torno da cintura de Emma.

Não vou aceitar que minha irmã seja usada como uma ferramenta política.

- Emma? - Nicholas perguntou - O que você tem a dizer?

- Eu não quero casar com ele - Disse ela rapidamente.

- Não, pronto - Disse Jane - Você tem sua resposta.

- Eu não aceitarei essa resposta - Disse Dominic com um aperto lento de sua cabeça. Sua perseverança calma ameaçou mais do que qualquer demonstração de força pode ter feito.

Lyon deu um passo em sua direção e Raine parecia pronto para fazer o mesmo.

Dominic levantou a mão para evitar qualquer tentativa de agressão contra ele.

- Há uma razão para eu ter escolhido especificamente a Emma.

Adivinhando o que ele poderia revelar em seguida, Emma deu um passo adiante para pará-lo.

- Não! - Ela gritou.

Mas ele continuou, dirigindo suas palavras em seu coração como espigas de vergonha.

A última vez que em que visitei o imóvel de sua família eu participei do Chamado – Emma sacudiu a cabeça suplicando, mas ele a ignorou - Com Carlo e Emma.

Todos ficaram em silêncio, e cinco pares de olhos voltaram-se para ela.

- Emma? - Nicholas a questionou.

- Isso não é verdade. Nada do que ele está dizendo - Nunca fora uma boa mentirosa – E ela corou em sua própria mentira.

- Carlo era um homem ciumento. Ele não teria permitido isso - Disse Lyon.

Mas ela ouviu os fios duplos da dúvida e da decepção na voz de Lyon e encolheu-se com eles. Emma e Lyon eram amigos desde que ela tinha chegado aqui ainda uma menina. Doía-lhe que pensasse mal dela, mesmo que por um instante. Em torno dela, ela leu preocupação e desconfiança crescente em cada rosto.

Ela olhou para Dominic, a causa de sua vergonha e desilusão de sua família.

- Há maneiras de provar a verdade do que digo - Advertiu suavemente.

- Sua sugestão é ridícula. É muito cedo para sequer pensar em outro casamento - Varreu a mão para indicar as saias de viúva sombria que ela usava. - Foi a menos de um mês a morte de Carlo!

- Mas você está preparada para ir para outra cidade - Observou Dominic - Apesar de seu sofrimento.

Ela corou, sabendo que ele tinha imaginado o quão pouco ela considerava seu casamento.

- Eu preciso fazer meu próprio caminho. A oportunidade em Londres irá permitir-me a trabalhar entre os livros. Eu fiz planos para minha vida e de minha filha. Por favor, deixe o resto assim como está.

Seus olhos claros eram constantes nos dela enquanto ele sacudia a cabeça, resolutivo.

- Eu não posso.

Nicholas passou a mão sobre o rosto.

- Se Emma diz que não.

- Carlo era impotente – As palavras na voz baixa de Dominic dividiram a atmosfera como um estalo de trovão.

Emma deu um passo atrás como se ele a houvesse golpeado.

- Ele estava impotente por uma lesão ocorrida na guerra em ElseWord. Foi esfaqueado no tórax e na pelve. Isso ocorreu apenas alguns dias depois de ter engravidado Emma com sua criança.

- Traidor! - As palavras de raiva explodiram dela - Você traiu sua confiança.

As sobrancelhas de Dominic se arquearam.

- Você prometeu a Carlo que não iria contar seu segredo. Eu não fiz essa promessa.

- Mas, a filha de Emma. O parto - Disse Raine, olhando perplexo.

- Sabendo que não podia trazê-lo sobre o último Moonful devido à sua condição, Carlo convidou-me aqui aquela noite para uma finalidade específica - Dominic calmamente informava seus ouvintes fascinados - Eu fui trazido como um substituto sexual para Emma. E foi o que eu fiz.

Emma recuou do peso dos olhares dirigidos a sua maneira e virou as costas para eles.

- Isso é verdade? - Jane murmurou baixinho no ouvido dela. Emma agarrou sua mão, sem falar nada.

- E o qual foi a participação de Carlo naquela noite? - Perguntou Nicholas.

- Pequena o suficiente - Foi a resposta de Dominic.

- O que significa isso? - Lyon atirou.

- Ele nos deixou logo após o Chamado começar. Eu facilitei o parto e participei do ritual familiar de ligação. Sozinho, com Emma.

- Deve ter sido difícil para você ficar longe dela durante todo esse tempo - Raine parecia impressionado - A ligação exerce uma forte atração.

Emma rodopiou para Dominic, fervendo.

- Por que você veio até aqui? Que finalidade tem te servido manchar a memória de Carlo?

- Eu o convidei - Disse Nicholas.

Diante disso, todos começaram a falar de uma só vez, e Emma se esforçou para ser ouvida.

- Mas por quê? - Perguntou ela.

- Ele pediu a admissão até o portão junto com os restos de Carlo, mas eu recusei. No entanto, no último legado de seu marido por escrito no dia do Moonful, a deu assim como seu filho aos cuidados de um descendente masculino da linha real de ElseWorld se alguma coisa acontecesse com ele. O nome do homem era do Sátiro Dominic Janus.

Uma onda varreu o grupo com a menção de seu sobrenome.

- Levei algum tempo para fazer investigações suficientes para determinar que o Sátiro Dominic Janus fosse ele.

- Este é você? - Raine perguntou.

Dominic deu um assentimento real.

- Sob essas circunstâncias, devo sancionar esse casamento se Dominic o reivindicar - Disse Nicholas.

- Eu o reivindico - Disse Dominic.

- Não! - Exclamou Emma - Eu o liberto de qualquer obrigação que Carlo tenha imposto a você.

- Você não pode forçá-la - Disse Jane, olhando para Dominic. Então ela olhou para o marido - Ele pode?

- Tenho reivindicado o direito de marido - Lembrou Dominic.

- Este não é o seu mundo - Jane insistiu - As coisas são feitas de maneira diferente aqui.

- Jane... - Nicholas começou.

Emma explodiu em uma rara demonstração de raiva, cortando-lhe a palavra.

- Eu peço uma competição.

Os três senhores ficaram surpresos ao ver sua calma habitual tão severamente abalada.

No entanto, Dominic apenas balançou a cabeça, como se tivesse esperado as suas palavras.

- Então venha.

Emma considerou a mão enluvada que se estendeu para ela como se fosse uma víbora. Uma estranha, expressão desapontada surgiu no rosto de Dominic. Curvando seus dedos, ele retirou a mão e fez um gesto brusco em direção à porta com a cabeça em vez disso, indicando que ela deveria precedê-lo.

De cada lado dela, o silêncio de sua família apoiou sua demanda.

- Use a biblioteca - Nicholas sugeriu oficialmente favorável ao plano.

Vendo poucas alternativas, Emma varreu da sala, deixando Dominic segui-la pelo corredor. A biblioteca foi uma boa escolha. Junto ao salão de beleza, seria fácil manter o olhar de sua família ao alcance da voz.

O aviso de Lyon flutuou até eles dirigido para Dominic.

- Você tem exatamente quinze minutos para estabelecer o ritual. Então nós iremos.

CAPÍTULO 17

Dominic fechou as portas da biblioteca e inclinou-se contra elas, examinando Emma como uma exposição de prêmio, entre os objetos de valor inestimável na extensa coleção de Nicholas.

- Vamos começar? - Perguntou ele.

- Você vai se decepcionar - Disse a ele, destacando a incerteza no centro de uma sala cheia de livros, pergaminhos, urnas e outras antiguidades relacionadas com o patrimônio da família Sátyr - Eu não tenho sangue ElseWorld. Seus rituais não vão funcionar comigo.

Aqueles bonitos lábios perversos deram sua curva em um sorriso de otimismo masculino.

- Você ficou comigo. Talvez eu tenha estragado o que você tem.

- O que é que você quer realmente vindo aqui? - Agarrou.

Seus olhos se estreitaram gelados. Deixando a porta, ele a perseguiu até um corredor estreito entre duas estantes enormes. Na extremidade, suas costas foram pressionadas contra a parede. Colocando as palmas para o gesso de cada lado da cabeça, inclinou-se para perto, em um fôlego.

- Você sabe o que eu quero.

- Não.

Firmemente ela treinou seus olhos sobre os três ternos de armadura reluzente e medieval que ficava junto à parede oposta até ela e disse a si mesma para fazer sua própria pele como impermeável aos seus artifícios como a armadura era justa aos pólos. Ela e Jane haviam mudado os cavaleiros para aqui no mês passado, os batizando dos “trigêmeos”, em honra as crianças menores de sua irmã, um trio de dez anos.

Como um colecionador, os interesses de Nicholas eram ecléticos e caros, mas os artefatos antigos que ele penosamente havia adquiridos já tinham sido exibidos em seu Castello de maneira incoerente, casual e chocante. Sob a sua direção e de Jane tudo nesta sala foi organizada. Tudo neste museu e na casa tinha sido também. Não foi uma tarefa pequena, ela tinha tomado uma década. Mas agora tudo estava feito, e ela iria para Londres para encontrar um novo desafio. E este homem não poderia detê-la.

- Olhe para mim.

Seus olhos brilhavam aos seus.

- Você imagina que eu sou tão tola para acreditar que você realmente veio aqui por um pedido? Que você me deseja?

- Por que eu não te desejaria - Ele perguntou, soando genuinamente surpreendido.

Emma fez um som cético e começou a enumerar as razões em seus dedos.

- Porque eu tenho 27 anos! É claro! Eu não tenho talento para a magia como minha irmã. Será que você deseja mais alguma coisa? Riquezas? Asilo aqui em EarthWolrd? Seja o que for, fale com Nicholas. Não me use para ganhar nada dele.

- Muito bem. Vou lhe dizer o que é que eu quero.

Seus lábios se abaixaram para acariciar seus cabelos. Suas articulações escovando ao lado de sua garganta.

- O amuleto.

Ela piscou.

- Humm!!? - Quando ela percebeu o que ele disse, seu coração gelou.

A última coisa que ela desejava era um segundo marido problemático. Mas por alguns segundos, ela esperara... que ele fosse dizer algo completamente diferente. *Tola!!!*

Ela empurrou o queixo e sentiu uma barba suave.

- Pare com isso. Que amuleto?

- O que foi roubado do templo de Baco. Carlo falou sobre isso no jantar na noite que nos conhecemos.

- Ah! Afinal temos a verdade - Ela interrompeu com uma risada cáustica - Mas eu não sei nada disso. Será que terminamos?

Seus dentes a castigaram ao lado de seu pescoço. Ela soltou um grito embaraçoso e subiu na ponta dos pés, puxando para trás sua espinha estava em perigo de se fundir com a parede.

- Você não tem permissão para me tocar.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente e a considerou, dois dedos brincando com um cacho de cabelo que tinha escapado à onda na bochecha.

- Como é que você está familiarizado com este ritual? - Perguntou ele, embora tivesse a sensação de que tinha previsto inicialmente para pedir outra coisa.

Ela apontou para uma prateleira próxima.

- Eu li a maioria dos livros da biblioteca do Castello. Os antigos contêm uma profusa, menção detalhada dos vários rituais da sua espécie. E há referências a vários amuletos, assim, nenhum dos quais eu tenho em minha posse.

- Você não entende. Refiro-me à moeda de ouro que Carlo tinha quando eu os visitei? O que você utilizou para...

- Eu não vi desde aquela noite. Também não quero ver nunca mais.

Os olhos prateados fixaram-se nela. Então, parecendo estar satisfeito com a sinceridade que ele leu ali, murmurou:

- Bem, por mais decepcionante que seja eu ainda vou casar com você.

- Não. Você não vai.

Olhou por seu ombro para a filigrana de ouro e esmalte no relógio de pêndulo que pairava acima dos trigêmeos.

- Nicholas é muito orgulhoso de que este relógio na parede não atrasa - Disse ela - É preciso que dentro de uma fração de segundo, mesmo depois de um século de manter o tempo. E ele me informa que já desperdiçou sete minutos do seu quarto de hora reservada comigo.

- Vou precisar de muito menos que as oito que permanecem. E como sua família, sem dúvida, está em cima de nós e você vai para longe no instante em que terminarmos aqui, eu pretendo ficar de vadiagem com você um pouco antes de ir à frente com... as coisas.

- Eu não sou alguém que inspire vadiagem - Ela recuou seus óculos mais para cima no nariz, com se fosse uma barreira entre eles.

- Quantos anos você tem?

- Vinte e cinco anos.

- Há. Eu sou mais velha que você, e só por isso não entraríamos em terno. Os homens não se casam com mulheres mais velhas. A menos que as mulheres sejam ricas, o que eu não sou.

Uma dica de um sorriso tocou seus lábios.

- Dois anos não é nada. Garanto-vos que eu sou mais velho que você em séculos de experiência. E eu tenho riqueza suficiente para nós dois. Meu povo, dedica um dízimo de suas rendas para mim para que eu execute certas tarefas em seu nome, e eu usei muito pouco dela.

O lembrete do dever pareceu reforçar sua determinação para persuadi-la. Seus antebraços achatados em ambos os lados dela, e ele cheio dela, cercando-a com seu corpo masculino e perfume. No entanto, mantendo-se as regras agora, ele não estava tocando.

Sem aviso, ele arrancou os óculos afastando-os, fixando-lhes cegamente em uma prateleira alta a sua direita, fora do seu alcance. Ela levantou as mãos para impedi-lo, mas depois pensou melhor. Tocá-lo só iria fazê-la desejar-lhe e assim, ajudar a sua causa. Qualquer sinal externo de consciência física sua reforçaria o seu direito marital aos olhos dos outros.

- Seis minutos - informou a ele em um fio de voz.

Sua boca pairou sobre sua pele e sua respiração tornou-se, fresca e quente em sua garganta, seu queixo, bochecha, lábios. Ela estremeceu, e um pequeno, e traidor gemido escapou. Será que sua respiração a tocando conta como tocar? Deveria.

- Suas palavras me rejeitam. Mas a sua pele lembra-se da minha - Ele sussurrou perto de seu ouvido, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Ela concentrou-se no tique-taque do relógio.

- Isso me lembra a nossa noite juntos, como se fosse ontem. Seu corpo lembra-se de sentir meu pau deslizando entre suas pernas, invadindo você. Você poderia me ter mais

uma vez, Emma. Toda noite. O deslizar e a punhalada. A plenitude deliciosa de mim dentro de você.

Seu canal feminino latejava devidamente, pelo desejo que ele oferecia. Outro gemido brotou dentro dela, mas ela o reprimiu.

- Não é tão pleno como você, obviamente, gosta de pensar - Ela arreliou. Essa voz apatetada era realmente dela? Seus olhos se agitaram para o relógio, desesperados.

- Quatro minutos e meio.

Ele apenas sorriu extremamente confiante, mas a voz dele quando veio foi solene.

- Deixe-me ter você, Emma. Não deseja se deitar comigo? Para sentir a sua suavidade ser aberta se rendendo a minha dureza? Para sentir o bombear quente e úmido da minha semente saudando seu ventre? Para sentir sua carne suspirar e chorar e pulsar com a chegada do gozo?

Sob as saias, sua vagina engoliu em seco, duro, seco para ter um gosto do que ele descreveu. Ela apertou seus olhos e lábios firmemente fechados, tentando deixá-lo de fora. Apenas três minutos restavam.

Mas já sabia que era tarde demais. Ela sentiu o rubor do sangue que corria para aquecer seu peito. Dentro de seu confinamento, os seios incharam acima de seu corpete, seus mamilos endurecendo os pontos que eram visíveis através de seu vestido. Eles cutucaram o couro fresco de sua jaqueta, e ele balançou lentamente de um lado para o outro o peito, acariciando e enviando tremores sobre sua carne. Ela não podia argumentar que ele a tinha enganado, pois seu corpo traidor tinha lhe tocado e não o contrário.

Suas mãos se levantaram, agarrando a rocha, a montanha de músculos que eram os seus braços. Ele acalmou, esperando até que ela abriu os olhos. Então, deliberadamente, o seu olhar caiu para seu peito.

Ela achatado uma mão sobre seu corpete e, quando ela o empurrou com a outra, ele permitiu. Saindo do estupor, ela ficou de costas para ele e puxou o decote do vestido para fora. E viu...

Deuses! Seu corpo a havia traído como ela não tinha acreditado que fosse capaz de fazer. Por debaixo do luto preto, seus mamilos haviam sido tomados por um perceptível brilho, tons de pêssego. Ela tinha lido sobre esse fenômeno nos textos antigos. Os seios das mulheres de ElseWorld se tornavam luminescentes como os seus, mas somente quando um parceiro do sexo masculino os tocava com atração extraordinária para despertá-los. *Dominic mal tinha tocado nela!*

Atrás dela, ele ficou com um ombro apoiado na parede onde ela estava com os braços cruzados. Presunçoso. A protuberância em sua virilha era tremenda. Ela gemeu, colocando as mãos sobre suas bochechas rosadas. *O que sua família pensaria que quando eles vissem isso?*

- Mas eu sou humana! - Ela sussurrou - Como isso pode acontecer?

Ele deu de ombros.

- Sua mãe esteve com o rei Feydon. Eu estive com você. Uma mistura poderosa de nossos sêmen Fey e Sátiro faz parte de sua composição atual.

Ela se endireitou, articulado.

- Você pode realmente querer acorrentar-se a uma mulher indisposta? Para o nosso bem, você não pode simplesmente ir?

Olhos prateados cintilaram sobre ela.

- Eu estou ligado a você e a sua filha.

- Filha de Carlo.

Ele balançou a cabeça.

- Mas eu tenho uma reclamação, também. Como resultado desta noite, sinto um puxão de estar com você. Para proteger sua filha. Era forte no meu mundo, mas agora que estou aqui, e com o que aconteceu entre nós é ainda mais esmagadora. Você não sente isso?

- Não - Ela mentiu. Então, mais honestamente - Eu não quero.

Ele riu, o abrandamento de seu rosto por um instante ofereceu-lhe um vislumbre do homem que ele deve ter sido uma vez.

- Me alegra que tu és uma pobre mentirosa.

Ela olhou para ele.

- O casamento para mim não será tão horrível. Vou visitá-la vezes suficientes para lembrá-la que você é minha mulher e para lembrar a sua terra que tem um guardião. Sua parte das vinhas irá murchar e morrer sem um descendente Sátiro ocasionalmente cuidando delas.

- Nicholas e os outros podem...

- Eles têm suas próprias videiras. Será uma carga.

Ela encolheu com medo de que suas palavras fossem verdadeiras.

- Eles não consideram a mim ou a minha vinha um fardo. Somos uma família.

- Ainda assim, a sua recusa poderia causar conflitos entre eles. Poderia significar uma escalada na guerra no meu mundo.

- Então, muito depende de mim? - Ela zombou - E ainda tudo isso iria embora se você também fosse.

Sua expressão endureceu.

- Eu não posso. Há mais em jogo do que você imagina. Mais do que eu disse...

Uma batida soou afiada na porta. Nicholas entrou imediatamente seguido por seus irmãos e Jane.

- E então? - Questionou.

- E então? - Dominic perguntou-lhe, em voz baixa. Seus olhos não a tinham deixado, apesar da invasão.

- Eu não vou ter outro marido ausente, e eu não vou confiar Rose a um pai ausente de quem eu conheço muito pouco - Ela disse apenas para seus ouvidos.

Embora ele não se mexesse, seu corpo parecia avolumar-se e se aproxima, pretendendo prendê-la. Ela se esgueirou por ele, buscando a segurança dos outros, e ele a deixou ir.

- Não importa o resultado do ritual, eu sou humana e não estou vinculada por suas regras antigas. Eu não vou casar com ele - Anunciou.

- Ai esta. Você tem sua resposta - Disse Lyon.

- Nós iremos levá-lo até o portão - Raine acrescentou.

- Espere - Dominic disse calmamente.

- Ela disse que não – Ficando atrás da porta, Lyon varreu o braço largo, indicando que Dominic deveria o preceder e partir do quarto e então do Castello.

- Há outra razão para esse casamento acontecer - Dominic continuou apesar de não se mexer ao tom ameaçador de Lyon – Essa noite.

Uma nova tensão permeava o ar. Dominic ergueu a mão direita, imediatamente atraindo cada olhar para ela. Ante os seus olhos ela brilhou por alguns instantes. Uma luva de prata ficou a vista, que não tinha sido perceptível antes, pelo menos não para os olhos que dos outros a não ser o de Emma.

Emma e Jane se entreolharam, entendendo que alguns momentosa força de ElseWorld estava sendo trabalhada aqui, mas não entendendo o que aquilo significava.

- Remova - Disse Nicholas, acenando para a luva. Seu rosto estava mais sombrio do que ela já tinha visto antes.

Dominic puxou fora a luva e depois, lentamente, abriu os dedos, mostrando a palma da mão. Seu centro era liso e côncavo de prata. Um espelho que flexionava com a mão de cada movimento. Ele propositalmente chamou a luz de velas o que os cegou a todos por apenas um momento. Então ele recolocou a luva, e sua mão caiu ao seu lado.

- Eu não entendo - Disse Emma.

- Rosetta é um Escolhido - Dominic informou-lhe sombrio - Pouco importa quem são os pais da criança. Mas é imperativo que o atual Escolhido o traga, ou a ela, no caso de Rose, ao mundo durante a Moonful. É por isso que eu vim aqui com o Carlo naquela noite. Porque fui enviado aqui. Para ajudar o nascimento do meu sucessor.

Como se fossem pedras afiadas uma jogada em cima de um lago gelado, as suas palavras quebraram a atmosfera e racharam a calma superficial em torno deles.

- A merda dos infernos! - Disse Lyon - Nós não podemos casar Emma a um demonhand.

- Um o quê? - Perguntou Jane.

- Eu tenho lido sobre eles nos livros antigos da biblioteca - Disse Emma rapidamente se levantando em horror - Eles são protetores de algum tipo. Captadores de criaturas que ElseWorld chama de demônios.

Dominic inclinou a cabeça e considerou-a com o um olhar, os olhos estóicos.

- Quando eu morrer, sua filha irá assumir as minhas funções - Ele ergueu a mão direita de novo - Ela irá usar uma luva como esta. E aprisionar as almas dos demônios em sua própria palma espelhada.

Emma se afastou.

- Não! Ela não tem a palma espelhada assim.

- Ela terá. Com o tempo.

- Há algum engano. Você não pode tê-la!

Sentindo uma súbita necessidade de estar certa de que sua filha estava bem, Emma fugiu da sala. Lançando um olhar duro em Dominic, Jane foi atrás dela.

- Um demonhand mulher? - Nicholas perguntou uma vez que tinham ido.

Todos os três irmãos com o cenho franzido para ele como se assim pudessem fazê-lo desaparecer. Mas ele estava acostumado com a animosidade, e a deles não o machucava.

Então, ele apenas balançou a cabeça.

- É a primeira vez. Foi decidido que é melhor mantê-la aqui, neste mundo onde nada de meu mundo pode penetrar sem o seu convite. Ela deve ser protegida por todos os meios possíveis. O casamento de sua mãe, comigo vai reforçar essa proteção. Eu acredito que vocês se casaram com suas próprias mulheres a mando do rei Feydon por razões semelhantes, não é? Para protegê-las das forças que lhes , queriam fazer mal?

CAPÍTULO 18

O clérigo que foi chamado de Florença, foi arrancado de sua cama e levado para o Castello para presidir o que foi provavelmente a mais breve cerimônia nupcial e a mais hostil de sua carreira.

Assim foi que, sete horas após Dominic ter chegado ao salão de sua irmã, Emma encontrou-se casada com ele. Um curto período de tempo além do que, a par de pés juntos, debaixo do pórtico, à luz de velas, e ela estava oferecendo sua despedida ao novo marido.

- A noite logo vem em meu mundo - Disse ele na escuridão perto da madrugada que antecedia a dela - Os demônios vão começar a se mexer. Eu devo ir, mas voltarei se me precisar. Você só tem que me deixar saber.

- Eu não vou estar aqui - Disse ela rapidamente - Tenho a intenção de me afastar da propriedade como eu tinha planejado fazer e ir para Londres.

À luz bruxuleante de uma dúzia ou mais velas em elaborados conjuntos de castiçais, os olhos de prata ficaram implacáveis. Muito diferentes das do homem que tinha antes a lisonjeado e cortejado na biblioteca.

- Eu devo a proibir. Você não pode ir. Nem a criança.

- Então, eu e minha filha somos prisioneiras? - Ela torceu o rubi e os diamantes incrustados anel em seu dedo, doado para a cerimônia da coleção de gemas de Nicholas. Tinha pertencido a Cleópatra VII do Egito, um penhor de homens poderosos. Muito justo, ela pensou.

- Você não é a única cujos planos foram interrompidos. Em ElseWorld, eu estava noivo de outra – Informou a ela.

Seu coração sacudiu. *Ele estava apaixonado por outra mulher?*

- Era para ser um casamento arranjado entre dois estranhos - Disse ele, lendo seus pensamentos – Antes de viajar até aqui, eu o reneguei.

- Você se faz bastante mártir para me deixar preocupada. Primeiro você faz um favor a Carlo me leva a cama. E agora você se desfez de seu casamento em ElseWorld em meu favor - Ela estendeu as mãos amuada - Como você imagina que tudo isso funcionará entre nós? Supõe-se que eu não posso cruzar o seu mundo, sem que me machuque, mas não vou enviar Rose para lá sem mim. Nunca. Mesmo se ela for chamada por seu povo.

- Enquanto eu estiver vivo ela não será chamada.

- Então eu desejo que sua morte leve muito tempo para chegar.

- Como eu também desejo - Disse ele com um raro traço de humor que logo foi embora - Quanto à forma como o nosso casamento vai funcionar, vou visitar sua cama quando me for permitida a passagem em seu mundo, mas nós vamos viver distante assim como você e Carlo.

Então ela deveria ficar presa em outro casamento sem amor. Com um homem que a considerava uma obrigação e um receptáculo ocasional para a sua semente. Um soluço escapou e ela cruzou os braços acima do peito, tentando controlar as suas emoções.

- Emma - Sua voz suavizou, e pisou mais perto, como se quisesse tocá-la.

- Não - Ela cuspiu, puxando para trás - Apenas me diga uma coisa e depois pode ir, porque Rose? Por que ela foi escolhida para tomar seu lugar neste encargo horrível?

Ele congelou. Apesar de sua animosidade o ferir como sua família não o tinha, ele apenas disse.

- Lembra-se do amuleto de que falei, o que você usou como um contraceptivo? Era do templo de Baco e tinha propriedades especiais. Eu acho que ele pode ter de alguma forma contribuído em sua seleção.

- Então eu sou culpada? - Ela desafiou, levantando a voz.

Ele balançou a cabeça.

- Não, mas eu também não sou. É impossível conhecer todos os fatores que entram em sua escolha, assim como era impossível saber por que eu fui eleito para usar a luva há quinze anos atrás. Desde esse dia, cada nascer do sol foi uma vitória para mim, porque eu sobrevivi mais uma noite de batalha. Eu vivo para combater o mal para que as pessoas boas possam ir sobre suas vidas.

- Eu não quero isso para a vida de minha filha.

- É o seu destino. Eu não posso mudar isso.

- Ela não pediu para ser isso.

- Nenhum demonhand o fez. Mas eu posso lhe ensinar como sobreviver a isso. Preparando-a. Se eu estiver autorizado a entrar em seu mundo.

- Você não queria isso para si mesmo também - Ela adivinhou em lenta surpresa – Eu imaginei que você tinha buscado isso para sua vida, mas...

Seus ombros deslocaram, como se ele estivesse desconfortável por que ela encontrou uma brecha em sua armadura, e ele procurou reconstruir suas defesas.

- Sou uma arma, Emma. Isso é tudo que eu sou. Não deixe que o seu dom da imaginação me encha com todas as finas qualidades.

A canção da manhã por uma cotovia dividiu a súbita tensão entre eles. O céu começou a clarear.

- Eu tenho que ir - Ele olhou para ela e passou a mão frustrado pelo cabelo azulado

- Eu não posso voltar para você sem um convite que permita minha passagem pelo portão.

Ele esperou uma batida. Tal convite não veio como ele queria.

- Talvez quando Rose for mais velha - Disse ela - Se parecer que ela precisa de você.

- Assim seja - Disse ele, áspero e distante - Mas quando você estiver deitada sozinha em sua cama esposa, lembre-se disso. Perto do final daquela noite, você me queria. Eu posso fazer você me querer de novo. Você só precisa pedir.

Com isso, ele se virou e partiu para o portão, trilhando o mesmo caminho que ele tinha tomado apenas há quatro semanas antes. Ele se foi em poucos minutos. De volta ao seu mundo, o mundo onde ela não poderia ir.

E naquela noite e todas as noites depois, em sua cama solitária, ela pensou nele.

CAPÍTULO 19

ElseWorld Moonful

Separando-se da escuridão da noite, Dominic entrou no templo, cheirando a sangue e destruição. Em torno dele, o clima era silencioso e estagnado, como se o próprio ar estivesse desconfiado e conhecesse seu mau humor.

As estrelas no céu já estavam em chamas com a luz, arautos da lua cheia que estava por vir. Logo o Chamado começaria e a mudança dele começaria. Então, esta ira se recanalizaria em uma luxúria, irracional até sua culminação.

Suas botas pisaram sobre o piso de mármore. Amanhã os reclusos iriam limpar as lamacentas faixas que ele deixou, limpando todos os vestígios dele da melhor maneira possível para que todos pudessem ser felizes ao fingir que ele não existia.

Afinal, as armas estavam destinadas a matar, não a se intrometer na vida quotidiana das pessoas que protegiam.

Tendo acabado de voltar da batalha, ele estava manchado com a evidência de seus esforços. A jaqueta e a camisa tinham sido cortadas. Em algum ponto elas se desfizeram no chão e as deixou para trás. Ambas as armas estavam sangrando, e seu corpo estava quente e úmido de suor.

Mas seus ferimentos eram leves e logo se curariam. Seus adversários não tinham sido tão afortunados.

Ele havia descido sobre uma dúzia de demônios e hoje foi atormentado com a dor de ser lembrado de aceitar as suas almas em sua carne, uma por uma. Para mantê-los em sua posse ele se sujava e estava adoecendo. Este interminável dever desprezível estava lentamente o destruindo. Mudando-o.

A matança não o tinha encontrado esta noite. Não, ele procurou a matança. Quando ele acidentalmente encontrou um ninho de demônios e ele sentiu prazer em abatê-los. *Mais e mais ele se perguntava quem era o mais malvado deles? Os Demônios só existiam para matar. Ele era melhor?*

Quando chegou ao centro do templo, o Facilitador e os seus dois acólitos estavam nos seus lugares habituais. Pairando perto do espelho de obsidiana, olharam atentamente para ele como se esperassem para dar alguma sabedoria misteriosa para eles a qualquer momento.

Uma dúzia de mulheres se reunia lá também. Eles estavam passando as ordens que lhes eram exigidas antes da celebração do Moonful iniciando diligentemente a limpeza das estátuas que cercavam a câmara enorme e dando polimento aos espelhos menores.

Após a sua entrada, o Facilitador deu uma olhada e fez uma suposição sobre o que ele precisava. Acenando uma mão retorcida para as mulheres ele mandava-as a abandonar suas tarefas e foi ter com ele.

Aqueles que se aproximavam dele ao comando do Facilitador estavam claramente apavorados ainda que obedientes. Nenhuma delas tinha chegado a esse templo por desejo, mas sim por obrigação. Eram convocadas para vir aqui regularmente para atender Dominic a cada Moonful como ele assim desejasse. E elas vieram preparadas para sacrificar-se aos desejos perversos do demonhand.

Se ele se enterrasse em seus corpos, estes seriam limpos da sua descendência antes do amanhecer, e os panos utilizados para embebê-los seria queimado, seu povo acreditava que carregava a mancha assim como ele fazia. As mulheres, então, seriam levadas para longe do templo e, finalmente, liberadas quando sangrassem novamente provando que não haviam concebido.

Depois, elas sussurrariam sobre o que lhes havia acontecido em suas mãos. Haveria falação nas ruas, salões de moda, e haréns. Até agora, os contos de suas proezas sexuais eram generalizadas e tinham crescido em proporções míticas.

- Posso ser útil para você, Salvador? - Uma das mulheres perguntou numa voz que tremia.

O sangue ainda trovejava em suas veias, um resquício de sua recente luta até a morte. Apesar de sua raiva, ele apenas olhou para ela que estava tão petrificada como as estátuas antigas que, silenciosamente o observavam de suas alcovas sombrias.

O cabelo dela era loiro, e não um cinza brilhante e marrom. Seus olhos eram verde esmeralda, não castanhos e quentes. Ela não era quem ele queria. Nenhuma das outras que viriam o eram.

- Deixem-me sozinho - Ele rosnou. A mulher apenas piscou para ele, incrédula de que estava sendo recusada - Todos vocês!

Executando apenas a mais superficial das medidas, ela foi levando suas companheiras com ela. Todos fugiram dele no templo, abertamente alegre com sua boa sorte em escapar ilesas de sua lendária luxuria.

O Facilitador começou a falar, mas Dominic o reprimiu.

- Você também - Ordenou.

Imperturbável por seu mau humor, o mais velho apenas executou o seu arco habitual em resposta formal. Em seguida, ele apontou para os Acólitos mandando-os partir.

- Não eles - Disse Dominic, indicando os Acólitos, que também haviam virado para ir embora.

O Facilitador olhou como se quisesse objetar, mas outro olhar sobre sua carranca o fez continuar o seu caminho e os deixar para trás.

Dominic aproximou-se do espelho. Os Acólitos se deslocaram para perto um do outro, nervosos por estar sozinhos com ele.

- Ligue-o - Disse ele, batendo a cabeça na direção do disco reflexivo - Quero ver o local em EarthWorld que me mostraram da última vez. Mas, como está agora, neste exato momento.

Eles o olharam com curiosidade por alguns segundos e depois, com uma palmada simultânea de suas longas mãos e brancos dedos, eles obedeceram. A imagem que ele procurou flutuou em vista, delgada a principio e obscurecida por uma névoa etérea. Gradualmente, formas e sombras começaram a se esclarecer.

Seu corpo se apertou em expectativa quando um quarto familiar nadou em vista. O dormitório onde ele tinha acasalado com Emma. Os linhos azuis escuros que drapejavam a cama onde tinha dormido com ela. A cama onde ele mergulhou seu pênis entre suas pernas. Em sua boca. A mesma cama onde ela o beijou. O segurou e implorou por ele.

A cama de Carlo.

- Não - Ele murmurou - Mostre-me o outro quarto. O vizinho, onde o parto da Escolhida teve lugar.

Outra palma e a imagem passaram para o quarto de Emma. Estava vazio.

Quase imediatamente, uma mulher apareceu. Todo o seu ser cresceu em expectativa, então mais rapidamente ainda decaiu.

Não era Emma. Uma serva. Uma com sangue de ElseWolrd em suas veias.

Enquanto observava, ela foi para trás da tela laçada que ficava no canto da sala. A que Emma tinha tentado esconder-se de Carlo ao empregar o amuleto como um contraceptivo. A janela grande ao lado dele estava entreaberta, o seu tom de vidro negro e opaco. Esta era uma das três únicas Moonfuls de cada ano em que a noite nos dois mundos coincidia.

A serva pisou do outro lado da tela novamente e voltou para o quarto. Ele ouviu sons de espirros de água. Alguém estava por trás da tela, banhando-se. Seus olhos ardiam sobre a lisa, superfície pintada, querendo que ela desaparecesse e revelasse a quem escondia.

Mas não foi removido, frustrando-o. E um mundo de distância, ele só poderia esperar. Eventualmente, sua paciência feroz foi recompensada. Uma figura surgiu.

Emma.

Na visão dela, algo dentro dele relaxou. Sem torção. Se acalmou.

Envolta em uma toalha, ela se aproximou do espelho e olhou para ele, sem saber que ele jogava como voyeur.

Gavinhas de cabelo enrolavam em suas têmporas e na nuca, úmidos do banho. A pele dela estaria quente e feminina. Limpa.

Até agora, seu toque sobre a sua carne foi apenas um recuo de memória, sedutora. Mas o cheiro dela ainda estava preso em sua garganta. Seu desejo por ela era fresco.

Era perigoso querer algo, alguém desesperadamente. Ao lado dele, os acólitos tomavam a devida nota da sua expressão faminta, e ele ouviu o barulho de seus pensamentos fazendo passagem entre eles.

- Vocês podem ir - Ele murmurou. Mesmo antes de ele terminar a declaração, eles já haviam começado a partida, depois de ter antecipado seus desejos antes que ele tivesse dado voz a eles.

Iriam dizer ao Facilitador o ele pediu para ver no espelho. Em algum lugar no interior do templo, os três iriam se amontoar e se preocupar toda a noite sobre o que significava e mais as possíveis conseqüências de sua estranha atração para a mãe da escolhida. Houve consternação bastante quando ele casou-se com ela há uma semana, pois ele tinha ido contra um primeiro casamento para ele.

As portas de bronze de grande espessura na entrada da enorme nave do templo foram fechadas atrás dos Acólitos. Ele ouviu o raspar de metal contra metal quando as portas foram fechadas contra a invasão durante a vigência do Moonful.

Ele estava praticamente sozinho aqui agora. Apenas as estátuas, uma riqueza de riquezas e artefatos, e alguns guardas e agentes permaneceram presos dentro com ele. Nenhum ousaria perturbá-lo, a menos que os convocassem.

Ao contrário em EarthWold, esta noite em especial teria cerca de trinta e duas horas, embora a lua se manifestasse apenas para os próximos oito horas dessas trinta e duas. Às doze horas de escuridão total que caíram antes e depois da lua eram as mais perigosas do mês, os demônios eram especialmente ativos durante essas horas restantes.

No espelho, Emma tinha pegado um pente de tartaruga e começou a pentear seu cabelo. A serva no quarto com ela mexeu e lançou um olhar furtivo para o espelho. Ela era uma ⁴hamadriada, uma criatura da noite dotada de percepção incomum. *Será que ela o sentia observar?*

Como se, atendendo a sugestão de seu desejo indizível, a serva começou a assistência na remoção do envoltório de Emma. Seus dedos se agitaram quando seus olhos encontraram o ninho macio e sedutor no ápice das coxas. Foi visível apenas por meros segundos antes que ela fosse envolvida e escondida em um vestido.

Ele soltou um rosnado baixo de protesto, mas só podia olhar sobre a frustração quando o vestido caiu sobre ela. Seu decote era afetado, sua cortina opaca, e seu design ainda mais conservador do que aquele que ela usara na Moonful passada, quando ele tinha ido à cama dela. Quando a serva acrescentou um manto para o conjunto, suas maldições coloriram o ar. Ele havia esquecido que ela usava tantos condenados vestuários. Ele queria que ela ficasse nua.

Emma se mudou para a direita do espelho e longe de seu alcance, desaparecendo momentaneamente. Quando ela voltou para seu ponto de vista, ela segurava um pacote amarelo pálido de cobertores nos braços. Um punho pequeno estalou entre eles. Rose.

Ela levou seu pacote precioso a uma cadeira de aparência frágil. Mergulhando um ombro, ela afastou seu manto dela. A frente do vestido caída descobrindo a parte superior do peito. Ela estava se preparando para alimentar sua filha.

Um sorriso curvou seus lábios suaves quando o bebê pegou seu mamilo. A cena, pacífica e amorosa foi um bálsamo para suas feridas, um antídoto para a dor miserável na palma da mão prateada.

Ele apertou a mão enluvada sobre o seu coração nu, disposto a afastar o desejo de algo mais do que a vida tinha-lhe imposto. O mal que detinha debaixo de sua pele estalou silencioso como relâmpagos furiosos.

De perto, algo indesejável e desconhecido de repente invadiu sua contemplação de Emma. Um cheiro, promíscuo arreliaava e brincava com a suas narinas. Suas mãos amarraram cegamente à sua direita os dedos fechados em torno de um braço. Uma fêmea.

CAPÍTULO 20

Ele puxou a mulher para dentro do círculo de luz artificial lançado pelo espelho. Algemando os ombros com ambas as mãos, levantou-a para pender diante dele.

Prata ficou fixo em estanho enquanto cada um examinou o outro. Ela era uma das de sua própria seita, uma das fêmeas que tinham estado aqui, quando ele chegou. Aparentemente, ela tinha ficado.

Numerosas tranças de cabelo da cor do breu serpenteavam para o meio do corpo magro e de volta para sua cabeça pega em um fecho que combinava com seus olhos. Vestida com as roupas tradicionais que fluíam e revelavam mais do que escondida, ela era sensual e bonita. Mas ela tinha sido testemunha de sua fraqueza e, como tal, foi um bom alvo para a sua ira.

- Espionar um demonhand é punível com a morte - Ele trincou com a voz sedosa e ameaçadora.

Ela se inclinou e beijou o centro de seu peito, surpreendendo-o. Mordiscando seu caminho para um bico liso, ela cuidou dele. Seus lábios eram mais brandos do que pareciam.

Aspirando o ar entre os dentes cerrados, e ele foi embalado a permitir-lhe rédea solta por um instante. Ninguém tocava nele, exceto sob coação. Ele esperava que ela lutasse e fugisse como os outros.

- Eu sou Ítala - Ela murmurou em uma voz sussurrada, quando ele a colocou em seus pés - Eu gostaria de estar a seu serviço. A lua cheia está chegando. Você vai precisar de alguém - Seus olhos foram para a imagem de Emma no espelho e, em seguida, encontrou o seu olhar novamente - Alguém real.

- Saia - Ele murmurou.

- Não me mande embora - Levantou-lhe os dedos e apertou os seios cheios, apertando as mãos sobre sua massagem para ajudá-lo através da sua seda transparente.

- Eu sou a carne. Melhor do que qualquer Shimmerskins que você conjure se eu ficar. Permita-me atender você.

Ele olhou para ela, pesando seus motivos.

Rapidamente ela se ajoelhou a seus pés, seus olhos virados para cima o tentado. Seus dedos gananciosos o agarraram através do couro preto.

Seu pênis endureceu quando ela começou a desatar os laços na virilha da calça, e ele permitiu que ela o despi-se. Não se vestia mais com o uniforme que ele usou para enganar Carlo, ele usava apenas o seu habitual leggings de couro e botas. Tirou os dois, e no final, ele a ajudou.

Sentindo a sua capitulação, ela envolveu o sua ansiosa raiz libertada e as bolas em suas mãos gulosas. Em seguida, ela inclinou seu pênis para baixo a sua boca e levou para dentro de um suave deslizar molhado. Lábios e língua acariciaram-lhe o mimando,

fazendo seu pau inchar ainda mais e pulsar com loucura. O queixo levantado, e seus músculos da garganta relaxada, persuadindo sua coroa ir ainda mais profundo.

Deuses! Ele preparava as pernas mais largas, embalando a cabeça com ambas as mãos e olhando para ela o chupando. Ela era talentosa. Experiente em agradar um homem. Ainda assim, mesmo enquanto ela o servia, os seus pensamentos estavam em outra.

Seu olhar se levantou para encontrar Emma. Sua cabeça pendia para trás agora encostada na cadeira agora, e ela estava olhando diretamente para ele, como se ela realmente pudesse vê-lo. Sombreados por cílios escuros, os olhos eram preguiçosos, alegres, doces. Seu cabelo estava desgrenhado e estaria mole em suas mãos. Mãos que até agora estava ausente alisando o cabelo mais escuro desta outra mulher.

Com a boca inocente da filha sugando ativamente o seio cheio de sua mãe, a boca ágil da mulher estranha trabalhava em seu pênis, grosso avermelhado.

Após alguns instantes, os lábios de Ítala o liberaram, e virou a cabeça. Inesperadamente a mão cobriu a parte de trás da sua, a mão que descansou no cabelo dela, e ela levou a palma para a boca. Arremessando a língua para fora e, como uma cobra, ela lambeu sua luva.

Atordoado, ele sacudiu a mão fora. A visão de seu desejo depravado para a parte mais hedionda dele o encheu de desgosto.

Ela se ergueu a seus pés, sem se intimidar.

- As outras têm medo, mas eu não sou como elas - Disse ela, uma fanática luz em seus olhos - Tenho me preparado para você. Transformei meu corpo para o que você precisa. Duas aberturas para seus pênis e...

Ela pegou sua mão enluvada novamente, mas ele segurou-a alto e afastado. Implacável, ela pegou a outra em seu lugar e a levou sob a saia frouxa que ela levava drapejada na cintura para baixo. Sob o tecido translúcido, ela o ajudou a traçar os dedos sobre o ventre.

Pressionando, empurrou-os em uma úmida anormal abertura ali, logo acima do púbis.

-... E um para sua mão, ela sussurrou, confirmando suas piores suspeitas.

Ela tinha ido a uma das salas interiores e tinha se mutilado de uma maneira que ela acreditava que iria torná-la mais atraente. Sua pelve havia sido perfurada, e um canal inferior adicional construído dentro dela além dos que ela já tinha, de modo que, poderia receber três homens que foderiam no inferior de seu corpo.

Ou um homem com dois pênis e um punho enluvado. Ele sabia que sua espécie. Havia outros como ela no campo de batalha, sempre à espreita dos amputados nas enfermarias, seus olhos cobiçosos sobre os cotos dos mutilados.

Ele recuou com repugnância. Ela choramingou enquanto puxava os dedos dos dela, mas ela se manteve fixa em seu objetivo.

- Depois, então, quando você tiver mais necessidade dela - Ela balbuciou - Por enquanto, talvez nos juntemos de forma mais tradicional?

Insinuando-se mais perto, ela levou seu pênis entre as coxas dela e tentou manipulá-lo dentro dela. O apêndice traidor a cortou com entusiasmo, querendo ser alojado em carne feminina. Não esta carne feminina em particular, mas devia contentar-se com alguém, e ela estava disposta...

Uma dúzia de faces de pedra fria os assistia das alcovas, efígies das antigas, divindades sensuais, todos silenciosamente, pedindo-lhe para tomar o que era oferecido. Tentado, ele chegou para perto dela.

Como se em resposta, um raio de luar único abruptamente se infiltrou no crepúsculo envolvente. Em seguida, outro e mais outro, até que todos os nove espelhos menores no círculo de copos em torno dele tornou-se cheio de luz.

Em uma glória da iluminação, o estouro da lua em plena floração. Seu rosto radiante encheu a abertura suspensa, e o encontrou, e exigiu que ele sofresse a mudança.

Com os braços afastados, Dominic curvou sua espinha, e seu rosto subiu aos céus, aceitando o comando salaz. Músculos ondulando e agrupando ao longo dos ombros e do tronco, e um pêlo macio brotou no tronco das suas coxas.

Ítala avidamente acompanhava essas mudanças. Mas ele tinha se esquecido dela. Esqueceu-se de tudo. Seu ser interior estava concentrado apenas em uma antecipação lasciva do que estava por vir.

O abdome enrijeceu em espasmos como se uma mão invisível puxasse seus músculos, tocando uma melodia, cruel carnal ao qual ele deveria dançar na próxima hora. Um gemido estrangulado de prazer e dor rasgou a partir de seus pulmões quando seu segundo pênis rasgou-se de sua pelve. Seu comprimento distendido lanceou o ar para estar um pouco acima do pênis que já angulava de seu pelo masculino.

Mãos vieram sem serem convidadas acariciando seus genitais. Ítala.

- Afinal, você está pronto para ser meu amante - Ela sussurrou em seu ouvido - Venha. Venha me encher.

Seus olhos se abriram se estreitando em fendas. Sua respiração não era doce. Seu cabelo estava errado. Ela estava errada.

Além dela, ele vislumbrou o espelho. Emma ainda repousa lá, um anjo com uma criança no seu seio. Seu rosto brilhava com amor e calma materna. Ela era sua esposa, mas ele não podia ir com ela. Não sem o condenado convite.

Ainda assim, ele não seria reduzido a isso.

Sua mão envolveu-se em torno da garganta de Ítala, apertando.

- Você tem uma alma para me dar? - Ele zombou ameaçadoramente.

Ela fechou os olhos e virou as palmas das mãos para os céus, eufórica.

- Sim Salvador! Tome-a enquanto você me fode. Pegue minha alma!

Embora ele estivesse doente com necessidades libidinosas, no entanto, ele empurrou-a fora, completamente revoltado. Ela o agarrou, as unhas ferindo sua pele.

Ela não tinha noção do que pediu. Ele poderia destruir-la com um simples toque da sua palma sem luvas, o espelho em sua mão, se ele assim o escolhesse.

- Saia de perto de mim. Agora! - Ele rosnou.

Quando ela não obedeceu, ele pegou-a pelo braço e a arrastou para o outro lado da sala, onde ele atirou-a para a sua saída em arco. Em seguida, ele cambaleou de volta para o disco de obsidiana, cada passo de sua agonia era uma negação física. Apesar da aura protetora do templo diminuir o efeito do Chamado na sua mente, o seu impacto físico sobre ele era tão avassalador quanto havia sido em EarthWorld há um mês.

Tomando um pênis em cada mão, ele acariciou das bases até as coroas retrocedendo, masturbando-se. Atrás dele, a voz de Ítala se levantou, castigando-o.

- Tolo! Você realmente acha que a mulher que você assistiu tão avidamente aceitaria de bom grado a sua carne repugnante atada em seu corpo?

Ele deu um passo ameaçador em sua direção. Ela saltou para trás e correu o resto do caminho para a porta.

- Eu confio que você poderá desfrutar de sua própria mão maligna em seu pênis – Cuspiu - Enquanto eu acharei outros mais dispostos a ter o prazer que eu posso oferecer. Haverá muitos que irão me querer, eu lhe garanto.

Com isso, ela abandonou a sala.

Seus passos presunçosos desbotaram pelo corredor, enquanto Dominic observava seu andar. Quase imediatamente, ele ouviu as vozes ansiosas, do sexo masculino. Ela estava falando com os dois guardas postados no meio do corredor, na entrada para a nave. Oferecendo-se a eles. Esperando que ele ouvisse e visse e se tornasse ciumento

Ele ângulou a mandíbula, observando a operação através dos olhos cínicos. Os homens Sáticos que foram solicitados para sua guarda. Eles deitaram suas armas, rapidamente concordando com sua proposta lasciva.

Um posicionou-se diante dela e outro atrás, ambos com entusiasmo desastrado em suas calças. A lua os havia afetado também, viu quando os botões e laços foram liberados. Um conjunto de dois pênis se estendia do fosso de cada abertura de seus uniformes.

Não houve negociações preliminares, tais como a Ítala lhe concedeu. Assim quando seus eixos pélvicos cresceram livres, um guarda-se empalou em seu ânus e o outro tomou o corte que ela tinha em seu abdômen perfurado.

Imprensada entre eles, ela disparou um dardo de raiva com o olhar de estanho em sua direção, querendo saber se ele assistia. Ele o fazia, ainda massageando-se com ambas as mãos. Quando o pré-sêmen jorrou das coroas de seus pênis, ele alisou e os banhou com traços firmes das bolas até a ponta, trazendo mais sêmen. Gotículas em forma de perolas, tremiam, e depois caíam para embeber a roupa que tinha sido colocada no chão para ele.

Os devotos amanhã iriam queimar estes panos em piras sagradas enquanto cantarolavam encantamentos antigos. Qualquer derrame acidental de sua semente não expulsava no refúgio de um Shimmerskin seria sumariamente destruído como a tradição ditava.

Quando a orgia no corredor progrediu, Ítala soltou um grito de alegria. Os pênis enraizados mais embaixo de cada uma das virilhas dos guardas agora perfuravam e se apertavam para invadir o canal vaginal e estica-la como uma criança nunca faria. Por transformar-se e contaminar-se nas salas, ela arruinou qualquer chance que poderia ter de engravidar.

Independentemente disso eles provavelmente tomariam cuidado para reter suas semente. Com ninguém a não ser com um Shimmerskin, era seguro seguir sem cuidado. O tempo de cada Moonful era o período único durante o qual um homem Sátiro poderia gerar filhos mesmo assim, era possível escolher se queria ou não uma que suas sementes fossem férteis. Essa noite alguns Sátiros fecundavam seus filhos e filhas em suas esposas e concubinas.

No entanto, se Dominic tentasse desafiar a lei e fazer o mesmo, os demônios acabariam por saber. E eles não descansariam até que tivessem esmagado o que ele mais amasse.

Não, ele não seria pai essa noite. Nem em qualquer outra noite.

No entanto, ele não se negaria ao direito de foder.

CAPÍTULO 21

Com a facilidade de longa prática, Dominic reuniu sua vontade, concentrando-o em um espaço vazio em frente ao espelho. A partir do éter sobrenatural que caía em espessura ao longo da terra e em noites como esta, chamou à luz um Shimmerskin feminino. Aquela cujo rosto teve a mesma curva suave, cuja parte de trás tinha a mesma inclinação, e cujos olhos e cabelo eram da cor marrom acastanhado mesmo quando ela o colocava em coque. Um gêmeo virtual de Emma.

Um ser inanimado, ela estava em pé diante dele, dócil, sensual, sem vergonha de sua nudez, e ansioso para agradá-lo em todas as coisas. Ela curvou a mão em seu peito, e os dedos por baixo passaram por seus pelos para encontrar e copo de suas bolas. Ao seu toque, seus eixos aumentaram em uníssono, batendo em sua barriga.

O Sexo com ela seria um exercício sem sentido, como o que ocorreu até agora no corredor onde os guardas fodiam em Ítala. Enquanto eles impiedosamente a empalavam, ela incitou-os com palavras grosseiras e as mãos gananciosas, fodida e imprensada como uma boneca de pano entre eles.

Ele poderia ter dito a eles para irem, para continuar em outro lugar onde ele não iria dar testemunho da sua fornicação. Mas a violência bruta, apaixonado do ato realizado alimentou algo escuro nele. Enviou o seu desejo não correspondido as alturas. Fez temerário.

Famintos, os olhos brilharam de prata para o espelho. Para Emma.

A criança tinha ido de novo, presumivelmente para seu berço, e ela vagou ficando na janela do seu quarto. A esquerda dos dois painéis de vidro expansivo tinha sido solta e se abriu. Descansando a mão sobre a borda do que permanece fixo no lugar, ela se inclinou para fora e levantou o ponto do queixo, respirando o ar da noite. A brisa abraçou sua figura, gentilmente a costura do tecido delineava as suas curvas.

Em seu casto vestido, ela estava linda, carinhosa, desolada. Desejável.

Com o coração agitado através dele, e com isso veio um desejo feroz, mais forte até do que o que ele sentido quando a tinha visto pela primeira vez através do espelho. Um desejo de abraçá-la. Para aliviar a sua solidão e a dela. A sentir o seu futuro.

Mas ela não estava aqui, e o ritual do chamado o buscou em seu turbilhão furioso. Ao seu comando tácito, o Shimmerskin virou-se, apresentando-lhe as costas lisas. Ela pendeu a cabeça sobre o peito, e seu braço levantou, chegando a palma da mão sobre o ombro para embrulhar o lado de seu pescoço. Apesar de suas próprias mãos corajosamente traçarem suas curvas, seus olhos estavam sobre Emma. Embora ele iria juntar-se à réplica em seus braços, ele fingiria que ela era o original no espelho.

- *Dominic...*

Ele congelou ao som da voz. Ele respondeu.

- Emma - Sem pensar, ele estendeu a mão enluvada... e fez o que era proibido. Tocou no disco de obsidiana. Ele a tocou.

Olhando assustado, o reflexo de Emma fechou os lábios sobre os dedos que acabara de acariciar.

Sua pulsação parou, então correu. *Ela o sentiu!*

Ele bateu na borda do espelho, desta vez propositalmente afiando seu foco para que ela e a figura da Shimmerskin tornassem de um tamanho similar. Emma não se tinha movido, e por um momento temeu que o espelho pudesse puni-lo por sua transgressão fazendo-a desaparecer. Interferir com um ser de outro mundo através do disco de obsidiana era contra as leis dos antigos anciões. Era um ato punível com a morte. Mas ele não tinha medo, porque a ele não se aplicava tal lei. Ele era uma arma, e como tal era simplesmente demasiadamente valioso para ser exterminado.

A mão de Emma caiu no parapeito da janela, e o alívio o encheu quando percebeu que sua imobilidade temporária não significava que ela seria sumariamente retirada de exibição. Vestindo uma expressão sonhadora agora, ela balançava, começando a cair sob o feitiço sobrenatural do disco. Olhando para a noite, ela falou novamente.

- Dominic - Seu nome nos lábios dela era uma oração suave. Um desejo. Um suspiro de saudade.

Um mês atrás, dois homens compareceram neste ritual. Este mês, não haveria nenhum. Mas ela só se lembrou dele. Ela só queria ele.

Pelos deuses, ele queria só a ela também. Seu ser inteiro estava tremendo com necessidade dela, cada um de seus músculos tensos, seus pênis se esticaram com um desejo lascivo de tê-la. E ele poderia tê-la pelo único caminho aberto para ele hoje, por meio da substituição, e ele a abraçou.

A aderência firme dos dedos esticados se moveu para os quadris exuberantes. A inclinando para frente, seu corpo pressionou o Shimmerskin ao espelho até os seios pressionaram contra ele.

Em seu quarto, o corpo de Emma foi pressionado contra a janela, como se ali estivesse mantido por uma força invisível. Enquanto ele esperava, enquanto ele transmitida uma instrução para o Shimmerskin ou fisicamente se ajustava a ela, sua irmã gêmea humana devidamente imitou sua ação.

O perfil de Emma girou a sua maneira e deu um olhar cuidadoso de antecipação a sua expressão.

- É que...? É você...?

- Eu estou aqui, cara - Ele murmurou - Você está pronta para mim?

As mãos do Shimmerskin foram achatadas no espelho a cada lado de sua cabeça. Emma rastejou até a janela para apoiar-se numa situação semelhante, onde permaneceu em suas próprias mãos alisado para baixo o comprimento em declive de suas curvas femininas, as carícias de sua gêmea destinavam-se a seu toque.

O corpo que ele segurava ondulou como um gato que está sendo afagado e, no espelho, Emma repetiu o movimento. Seu peito estava quente em suas costas, e o vidro frio no rosto, no peito e na barriga, mesmo com o vestido.

Ele afastou uma longa mecha de cabelos castanhos, um beijo na nuca, capturando e retendo um perfume sedutor. O pedaço de linho espreitava do pulso de sua luva roubando seu olhar e ele hesitou por alguns instantes. O lenço de Emma. O que ele havia roubado de seu dormitório.

Tornou-se um hábito mantê-lo com ele quando entrava em batalha, como um lembrete de que ele não deveria falhar com ela e com sua filha. Após um mês de combates, este se tornou quase tão cheio de cicatrizes e repulsivo quanto ele.

Era um reforço atestando o fato de que era melhor que ele e essa mulher ficassem separados por seus mundos, pois se ela estivesse perto, ele iria, sem dúvida, eventualmente, estraga-la como ele tinha estragado este quadrado de linho tão bem bordado com suas iniciais.

Ele deveria desistir dela.

Mas a malevolência cantarolava e acendeu dentro da luva, onde os pulsares dos demônios batiam nele, febril e de querer. Instando-o.

Ele ergueu o corpo, ele se colocou entre seus dedos dos pés e enfiou os joelhos afastados, inserindo o seu próprio entre eles. Emma teve as pernas separadas também. Suas mãos deslizaram a parte de trás das coxas de sua contraparte e o vestido de Emma foi levantado para cima em resposta, até que o tecido foi apanhado em pregas de seda na parte inferior das costas. Suas mãos percorriam o pêssego delicioso de seu bumbum nu, massageando, lembrando.

Os quadris do Shimmerskin foram inclinados para ele e o movimento foi seguido por Emma. Enquadrado alto entre as coxas, os lábios entreabertos e pulsando em nata. Sua abertura feminina era suave e rosada. Brilhando molhada. Esperando por ele. Ele traçou um dedo ao longo de seu comprimento, testando a sua abertura, lisa delicada.

Em outro mundo, trechos rápidos de hálito embaçaram o vidro da janela.

- Assim - Ele a persuadiu, sua voz escura e baixa - Ofereça o seu corpo novamente para mim, minha esposa.

Inchados, avermelhados seus pênis se colocaram em posição em seus canais úmidos. Seu rugido coloriu o ar, duro e possessivo, quando ele se firmou na carne feminina em um deslize duplo que a empalou e tomou o que ela lhe dava.

Duas vozes femininas gemeram em harmonia ávida.

Retirou-se, apenas para se afundar de novo, desta vez de forma tão vigorosa que tanto o espelho quanto o vidro da janela estremeceu. E então, novamente e novamente, e com cada impacto ardente, viu no espelho, apreciando a prova visceral de que o seu entra e sai estava afetando Emma. O sexo brilhante, os lábios fazendo beicinho quando entrava e se amuando na ameaça de cada retirada subsequente. Os olhos de Emma se voltaram em sua direção por sobre seu ombro, depois fora a distância.

- Sim, sou eu. Você sabe quem esta fodendo com você, não é?

Será que ela iria lembrar-se disso pela manhã ou sua mente estaria muito nublada pelo encantamento do disco?

- Sim...Simmm – Entrelaçados os murmúrios ofegantes marcaram cada estocada. Quando o Shimmerskin tremia, Emma também tremia. Quando o Shimmerskin balançava, ela balançava. Eles eram como uma partitura, uma sinfonia carnal. Ele, o maestro. E elas, os seus instrumentos que seus paus regiam. Três corpos, agindo em concerto. Duas almas, se acasalando.

Atrás dele, os grunhidos e gemidos de quem ainda fornicava próximo no corredor, devidamente ecoou pelas paredes do templo, estimulando-o em direção a seu próprio e inevitável gozo.

Ele empurrou profundamente.

- Deuses.

Colocou sua boca seca sobre o ângulo tentador, onde o ombro se encontrava com a garganta, e a marcou.

Sua mão segurava uma barriga feminina, ancorando a virilha de Emma e de sua efígie em sua própria. Suas bolas tremiam e pesavam com gozo não utilizado. Seus pênis se contorceram e empurraram com a necessidade de sentir o sêmen bombear através deles.

Um grito estrangulado o deixou para se juntar aos suspiros dos seus paus duplos quando o sêmen tórrido saiu das profundezas de seu âmago, em espasmódicos, jorros viscosos. Sua estrutura maciça estremeceu com cada jato de porra. A mulher que ele segurava forte com o lançamento iminente, e quando ela finalmente veio, sentiu o pulsar da fenda de Emma em seus paus, apertando e desapertando, ordenhando com força seus grossos pênis.

Três corpos tensos juntos. Três rostos, três faces, três conjuntos de lábios chegando perto, quase tocando, quase se beijando. Em um quarto de dormir um mundo de distância, uma vidraça que foi toldada por sua sensualidade úmida ficou marcada pelos dedos de Emma enrolados em punhos pelo êxtase.

Por um instante, suspenso, ele viu seu próprio reflexo no espelho ao lado dela. Viu a sua satisfação e sua angústia, nesta inebriante alegria, uma alegria imperfeita prestados por sua separação.

- Emma - Sua respiração se misturava com a dela. Sua necessidade de estar com ela era um tormento que vivia dentro dele. Ele quase podia cheirar a sua pele, o gosto dela. Embora apenas uma polegada de espessura do espelho os separasse um mundo inteiro se levantava entre eles.

Com a vinda de seu gozo eventualmente o seu pênis pélvico se retirava da fenda traseira que tanto gostava. Suficientemente saciado, foi eficiente devolvido em sua própria carne até a próxima noite de chamado. A mulher diante dele e a outra no espelho, ambas cederam em seus braços. Embora a satisfação do Shimmerskin fosse

fingida, como a de todos de sua estirpe, sua gêmea humana caiu na sua janela, sua respiração irregular, com o rosto pleno. Afetados. Por ele.

Como sempre quando estava no ritual de chamado, depois de uma breve saciedade seu pênis ainda estaria duro para a próxima, e orgasmos o inchariam e quebrariam, e cairiam uns sobre os outros com tanta frequência e regularidade que quase se tornaria um estado constante. Os canais femininos escorreram com os restos de seus fluidos, um derramamento de sêmen que iria facilitar o caminho para mais e ainda mais penetrações.

E assim as horas deliciosas passaram, e ele refulgia longe, implorando que o tempo passasse lentamente.

Mas no devido tempo, a lua cansada procurou o horizonte distante, tudo se acalmou para um último gozo. Em seu mundo, Emma estava deitada de costas em cima de sua cama, agora, os braços esticados por cima do travesseiro, punho em punho, como se presos lá pelo fecho de uma mão espectral. Sua garganta de marfim estava arqueada, os seios nus altos e trêmulos, os olhos estreitados, apertados como se ela estivesse concentrada na sensação de seu pau que se deslocava dentro dela.

Observando-a Dominic dirigiu seu pênis profundamente, encerrando-se no Shimmerskin que estava embaixo dele no chão de pedra coberto por linho. Somente se retirando e apunhalando em casa novamente. Seu aperto algemava seus pulsos... Seus pelos raspavam nela a cada estocada... Suas bolas batiam com estrondo contra ela, o envio de uma emoção ardente através dele a cada esfregada da cabeça de seu pau perto de seu útero...

Eu estou quase gozando. Gozando dentro dela, profundamente. A qualquer minuto...

O horizonte cruel roubou um raio de luar, na tentativa de cortar a ligação entre os mundos.

Não! Ainda não. Ainda não.

Com um gemido agonizante, ele derramou seu gozo... uma última... vez....

Pelo espelho, viu o êxtase na face sombreada de Emma e a viu chamar um grito alegre que ele já não podia ouvir. A cada subsequente perda de luar, ele perderia mais dela. Destituído de sua voz e de sua carne, ele seria como uma vinha sem água nem luz do sol ou ar.

Abaixo dele, o Shimmerskin desapareceu no nada do qual ele a chamou. Para debaixo do tapete temporário de suas roupas, o chão de pedra era duro e implacável contra seus joelhos machucados.

Fora no corredor, três corpos esgotados caíram juntos em um monte. Ítala e os guardas tinham testemunhado à sua noite inteira, como ele tinha testemunhado a deles. Suas palavras enquanto fodia com a mãe da Escolhida através do espelho sagrado em breve filtrariam por toda a sociedade, dando novo tempero para os contos de maldade que já circularam sobre ele.

Absoluta escuridão o consumiu de corpo e alma. A lua partida marcou o fim do chamado e do início do horário negro, que antecedia o amanhecer. Ele tinha de reunir-se. Este era o momento em que os demônios estavam no seu modo mais perigoso.

Exausto Dominic se levantou e foi limpar-se. Localizando um pano de lavar entre as roupas, molhou-o na bacia e começou a se banhar no peito e nos braços. Seus olhos se voltaram para o espelho, atraídos pelo ímã, que foi Emma. Alheio a ele agora, ela ainda estava deitada de costas entre os lençóis amarelo-pálido de sua cama. Ela estava nua, exceto por um pedaço de cobertor artisticamente envolto em toda a sua barriga.

Ele rasgou o seu olhar dela. O dever o chamava. Com o pano na mão, correu-se aos seus órgãos genitais, levantando o seu pênis. E foi então que ele percebeu que não havia sêmen para ser limpo. Nenhum. Nada. Não no seu pau, suas coxas, ou sua barriga. Ele verificou os lençóis que cobriam o chão e encontrou apenas um punhado de gotas aqui e ali. *No entanto, ele tinha ejaculado inúmeras vezes na Shimmerskin. Em...*

As portas de bronze que protegiam a nave interior do templo rangeram com incomodo que foram abruptamente abertas.

- Salvador!!!

Dominic virou-se ao som da voz devastada a tempo de ver o colapso do Facilitador em seus pés. Sangue se agrupava em torno do corpo do homem idoso frágil, ferido, encharcando o carpete em linho.

Vendo que ninguém vinha em seu encalço, Dominic ajoelhou-se ao lado dele.

- O que aconteceu? Quem fez isso?

O facilitador agarrou-lhe com os dedos enrugados, o rosto contorcido de pânico.

- O mal. Ele vem por causa de você. Eu não sabia. Deus me ajude. Todo esse tempo, eu não sabia.

Estava o homem delirando?

- Fiquem com ele. Eu vou chamar um médico!

- Dominic chamou os guardas que tinham se reunido com Ítala. Ele fez menção de se levantar, mas o Facilitador o segurou em um aperto da morte e se apressou desesperadamente.

- Por duas vezes você cruzou o portal para EarthWorld. Durante o período de suas jornadas, o mal não nos visitou com a escuridão. Eu só agora percebi... esta noite Você não entende? - A espuma de sangue borbulhava dos seus lábios, e ele começou a respirar em ofegos, lutando por cada respiração – Desde o principio, foi a presença de um demonhand aqui neste mundo, que trouxe o mal para a vida.... Sem você aqui, eles não podem existir. Você deve partir deste mundo. Vá!

Atordoadado com a magnitude do que ele revelou Dominic só podia assistir a vida nele começar a desvanecer-se.

- Os demônios - O Facilitador gemeu como seus olhos revertidos em suas órbitas. - Você os cria.

Como se o facilitador e os Acólitos estivessem certos o tempo todo em sua suposição de que pronunciando o nome dos demônios os convocava, as luzes começaram a piscar por todos os lados dele.

Demônios estavam invadindo o templo, dezenas e dezenas deles. Mais do que ele já tinha visto alguma vez. Enquanto o facilitador ficou mole em seus braços, eles chegaram mais perto, imediatamente matando Ítala e os guardas e jogando Dominic no chão. Cercado por mais deles do que ele poderia contar ou vencer Dominic não se rendeu, saltou a seus pés e começou a lutar.

Minutos depois, nu, ensangüentado, e pouco consciente, ele estava sendo arrastado da nave com as mãos agarradas. Seu olhar iluminado pela última vez com a visão no espelho que foi desaparecendo com o fim de Moonful.

Alegremente ignorando o que se passava em seu mundo, Emma rolou de lado com um suspiro de contentamento que não ele podia ouvir. A roupa de cama foi com ela. Uma perna se flexionou um pouco.

Um filete fino de esperma escorria dela, prata brilhante em sua coxa. Sua semente. Tinha sido potente. Não tinha havido nenhuma necessidade para que se contivesse com um Shimmerskin. Eles não podiam ter filhos.

Mas Emma podia.

CAPÍTULO 22

EarthWorld Moonful

Emma analisava as manchas de cor leitosa em seus lençóis com horror. Ela sabia exatamente o que significava, pois ela havia encontrado manchas semelhantes a estas nas roupas, nas manhãs depois de Carlo ter ido da cama dela. E na manhã seguinte que Dominic tinha, há um mês.

Dominic.

Ela gemeu no fundo de sua garganta, um lamento amoroso de memória e incredulidade. Seus lençóis cheiravam a ele. A sexo. E eles estavam cheios de sêmen. *Como isso era possível?* Pulando para fora da cama em um súbito frenesi de negação, ela se embalou em seus braços.

Rumando para o corredor Emma passou pela carta do Senhor Stanton, que estava aberta em sua escrivaninha. Crescendo cada vez mais obsoleto a cada dia, o convite de uma oportunidade para escapar para sempre. Uma ela decidiu aceitar.

Amanhã ela pegaria Rose e a levaria para Londres. Não querendo ouvir mais argumentos de sua família contra seu plano, ela não contou a ninguém ainda.

Ela se recusou a viver sozinha aqui em uma casa que estava vazia esperando por mais um marido que não a amava. E ela não iria deixar que o mundo que prendia seu marido roubasse Rose quando este fosse destruído.

Levando para baixo os lençóis, ela depositou-os na lavanderia, levantando as sobancelhas dos funcionários para essa quebra na rotina. Ignorando os olhares interrogativos, ela refez seus passos, correndo a escada como se estivesse fugindo das manchas e do que eles poderiam dizer.

O que ela estava imaginando era impossível!

Mas não mais impossível que o fato de que seu corpo exibia todos os sinais de ter sido trabalhado longa e duro a noite passada. A carne privada feminina secretada alta sob suas saias estava excepcionalmente lisa. E isso doía agradavelmente com cada passo que ela tomava como se... como se os sonhos da noite anterior tivessem sido reais.

Como se Dominic tivesse chegado a ela na escuridão e se deitado com ela. Como se a tivesse montado inúmeras vezes e encontrado seu gozo dentro dela, como ela tinha chegado ao seu. Seu sonho com ele tinha sido erótico, sua fantasia realizada. Ela fechou os olhos apertados, mas ainda assim viu o brilho de seu olhar prateado que a observava enquanto a plenitude de seu órgão masculino tinha entrado nela. Ainda sentia a grossa de barba à noite em sua garganta, no peito, entre as pernas. Sua mão subiu para o seu seio e apertou suavemente e sub-repticiamente, tentando aliviar a sensação desagradável de que as memórias dele tinham reacendido. Isso não ajudava.

Apesar de correr para o banho, ela não conseguia lavar os pensamentos dele. Eles continuaram a atormentá-la durante todo o dia, ela arrumou seus pertences e fez preparativos para fechar a pequena casa para o próximo ano.

No período da tarde alongado, seu ritmo ficou mais lento. Seus planos de viagem estavam quase completos no momento em que ela subiu a escada estreita que levava ao sótão para ver a uma tarefa final.

O assoalho velho rangeu quando ela fez seu caminho através do sótão mofado, golpeando em teias de aranha. Ajoelhando, ela abriu a mala de couro e vasculhou a lã que ela trouxe com ela ao partir de Inglaterra, há quinze anos.

Rapidamente tornou-se evidente que nenhuma das roupas de menina aqui caberia nela agora, exceto uma luva de cetim forrado e um ou dois cachecol de lã. O clima no início da primavera, na Inglaterra seria muito mais frio do que aqui na Itália. Ela teria que comprar roupas quentes para Rose e para ela imediatamente após a sua chegada em Londres.

Suspirando, ela fechou a mala. Mas ela imediatamente caiu de joelhos de novo quando sua cabeça girou. Ela colocou a mão em sua barriga, sentindo-se enjoada.

Seu coração batia com o pânico. Ela já se sentirá assim antes. Na manhã após Rose tinha sido concebida. O desenvolvimento de uma criança Sático no útero era rápido, e seus efeitos sobre a mãe eram também rapidamente sentidos.

Não! Ela não poderia estar grávida. Não outra vez. Ela ainda não tinha sido íntima com outro homem!

Empurrando um fio de seu cabelo atrás da orelha, ela inclinou a cabeça, escutando. Por um momento, pensou que tinha ouvido sua filha chorar em seu berço um andar abaixo.

Mas tudo ficou em silêncio.

Rose tinha sido estranhamente intermitente durante todo o dia. Normalmente, ela dormia serenamente, mas ela tinha acordado de madrugada e parecia crescer mais angustiada a cada hora.

Era cedo demais para a dentição, e Emma não conseguia entender o que mais poderia a estar incomodando. Ela tinha pensado levá-la para Jane esta manhã para pedir um conselho, mas como Rose tinha se acalmado ao fim da tarde, ela não o a levou.

Exausta, Emma caiu novamente, aliviada por que Rose parecia ter se acalmado, pois se sentia mal para lidar com uma criança agitada hoje. As duas fizeram um bom par. Ela só podia esperar que elas estivessem melhor pela manhã, ou sua viagem teria que ser adiada novamente.

As horas sem dormir a noite passada, ainda a assombravam. Suas fantasias noturnas era muito provavelmente o tipo de orgia com as quais suas irmãs se beneficiariam em breve no vale sagrado com seus maridos Sáticos, esta noite era para ser uma chamada Moonful neste mundo. Seria a primeira noite em um período de um ano durante o qual ela não iria participar do ritual. Talvez por isso ela tenha sonhado com ele na noite passada.

Cruzando os braços em cima do baú, ela descansou a testa em cima. Ela bocejou uma vez e fechou os olhos, apenas por um minuto.

Uma mão fria tocou-lhe o rosto, assustando-a. Ela olhou para cima para ver um dos servos da noite. Elas vinham em silêncio, como sempre faziam. E elas vinham com a noite. O crepúsculo tinha caído. Emma piscou para ela, tentando vir completamente desperta.

- Já é tarde. Acho que cochilei.

Ao contrário do resto da família, ela raramente era capaz de ver estas criaturas a menos que uma especificamente quisesse se revelar a ela. Distantemente relacionados aos antigos habitantes de ElseWorld, estas inócuas hamadriades servis se escondiam durante o dia, mas percorriam as famílias dos Sátiros à vontade após os servos humanos deixarem a fazenda ao anoitecer.

Emma se pois de pé com cuidado. Incentivada quando ela não se sentiu fraca neste momento, ela começou bruscamente a limpar sua saia. O toque da criatura voltou em seu cotovelo, com mais urgência agora.

Seu rosto estava irreal e bonito com lábios vermelhos e olhos cor de ramos de cedro. Normalmente, os semblantes dos servos da noite eram plácidos. Mas essa expressão tinha um toque estranho, algo parecido com medo.

- O que foi? - Disse Emma se endireitando. Dobrar o regalo e cachecol debaixo do braço, ela se permitiu ser levada para baixo pelas escadas. Círculos de gelo fizeram sua espinha estremecer quando ela percebeu para onde a hamadriada a estava dirigindo. Para dentro do berçário.

A roupa que ela carregava caiu no chão despercebido, e ela começou a correr, apavorada. *Algo estava errado com Rose? Histórias de conto de fadas medonhas e de ⁵banshees e changelings correram através de sua mente.*

Correndo à frente da serva, ela precipitou dentro do viveiro. Três servos silvestres da noite estavam agrupados em torno do berço de babados.

Ficaram para trás, fazendo o quarto para ela enquanto ela se aproximava. À vista de que encontrou os olhos dela, Emma pôs a mão ao peito para retardar o seu batimento. Para seu imenso alívio, Rose ainda estava lá no meio de seus cobertores, segura.

- Por que você me assustou desse jeito? - Perguntou ela, correndo uma mão suave sobre o pequeno rosto de sua filha - Ela parece estar bem.

Os punhos delicados de Rose foram para o agasalho apertado em seu peito. A hamadriada que a havia encontrado no sótão tomou um dos pequenos punhos e enfiou o dedo no punho da criança. Cuidadosamente ela começou a abri-los, forçando os dedos rosados minúsculos a desenrolar-se.

Quando a pequena mão ficou totalmente aberta, Emma podia ver que algo brilhava na sua palma. Franzindo o cenho, levou a mão na dela e voltou a sua palma mais plenamente à luz das velas. *Estava prata!*

Ela esfregou o dedo sobre sua superfície brilhante.

- O que é isso? Sua mão, parece ter sido pintada!

Os servos noturnos pareceram sinceramente preocupados. Eles adoravam Rose e não teriam feito isso. *Mas quem teria feito?*

Apressando-se para a bacia, ela mergulhou o canto de um pano de linho na água fria. Espremendo, ela então levou-o para o berço e esfregou a palma da mão de Rosa. Com isso o brilho da prata aumentou como se tivesse sido polido.

Emma tentou novamente, esfregando com mais força. Mas o brilho permaneceu.

Então, ela notou algo estranho. Sua filha não protestava com este tratamento.

- Rose?

Nenhuma reação.

Emma segurou as bochechas rechonchudas da menina entre as duas mãos, gritando agora.

- *Rosetta!!!*

Os cílios de Rose vibraram cansados. Quando eles abriram relutantemente, Emma suspirou. As íris de sua filha, normalmente uma cor cinza claro, viraram a cor idêntica de sua palma.

Prata!!!

Como Dominic.

Essas mudanças, esta doença em sua filha tinha algo a ver com ele. Com o tempo que passaram juntos a noite Rose nasceu. Ou da noite, talvez seus sonhos eróticos com ele trouxe isto. Ela não sabia nem se importava qual causa poderia ser. Ela só queria que a filha ficasse bem novamente.

Tomando Rose e seu cobertor nos braços, ela correu para a porta.

- Senhora? - Um dos servos a interrogou suavemente.

- Estou indo procurar ajuda - Emma falou por cima do ombro - Com a minha irmã e seu marido. Se alguém de minha família vir aqui por qualquer motivo, enquanto eu esteja fora, diga-lhes o que aconteceu e onde me encontrar.

Sem esperar por uma resposta, ela se precipitou para as escadas e abriu a porta da casa de carro. Voando através do pátio, ela tomou o caminho que levou ao lugar que Jane e Nicholas moravam, ao Castello.

Embora a lua cheia, provavelmente os tivesse convocado ao vale logo que a noite caiu às vezes eles conduziam o ritual de chamada em sua casa em vez disso. Porque era mais perto, ela tentou lá primeiro.

Dez minutos depois, ela irrompeu em sua casa, seus pulmões arfando. Ultrapassando o caseiro surpreso, ela voou através do hall de entrada amplo com piso de mármore e os chamou do começo da escada.

- *Jane! Nicholas!* – Seus gritos ecoaram através do Castello. Passando do salão correu para estudo à biblioteca, ela não encontrou ninguém. Ouvindo-a, vários servos da noite se reuniram no salão da frente.

- Eles estão aqui? - Ela perguntou.

Como um, as Hamadriades solenemente balançaram a cabeça.

- Onde, então? O vale? - Eles calmamente concordaram em conjunto, mas Emma já estava indo para a porta de trás - Se voltarem, diga-lhes que a minha filha está doente. Diga-lhes para me encontrarem no vale!

Ela saiu pela porta da cozinha e caiu pelo pátio da telha de mosaico no jardim traseiro, localizando a trilha que ela esperava levá-la para Jane e Nicholas. Diante da floresta parecia fechado para ela, um local escuro, proibido por muro de cipreste, cedro e carvalho.

Escolhendo o seu caminho através dele, ela entrou em um ritmo mais vagaroso do que ela desejava por medo de que ela pudesse soltar sua filha. A lua insensível recusou-se a permear a cúpula da floresta, de modo que seu caminho foi ficando cada vez mais sombrio e incerto.

Ela lutou com longos braços de folhagem a cada passo do caminho, arrancando os cabelos e cortando sua saia. Tinha chovido antes, e ela se viu escorregando e quase caindo várias vezes. Eventualmente ela parou no meio do caminho, completamente exausta e confusa.

O Glen. Onde estava? Ela tinha estado lá uma única vez, com Jane, anos atrás, ainda uma menina. Forças peculiares o protegiam, assim como protegiam o portão. *Elas a estavam levando propositalmente ao caminho errado?*

- *Jane! Jane!! Nicholas!!!* - Ela ficou lá na estranha penumbra, chamando desesperadamente mas não recebeu qualquer resposta. A Lua iria segurar os três senhores Sátyr no encalço, e eles por sua vez ligariam as suas mulheres até o amanhecer. O ritual de chamado provavelmente os tornava surdos aos seus apelos.

Um galho de cedro passou fugazmente para que um raio de luar capturasse o rosto de Rose. Sua pele tinha tomado um tom pastel. Seus movimentos eram descoordenados e bruscos. Convulsões. O coração de Emma balançou e começou a tentar bater o seu caminho para fora do peito.

Quando ela olhou para cima novamente, o caminho a seguir se tornou impenetrável. Mas um novo caminho através da floresta parecia ter alguma abertura para a esquerda. Era como se a floresta estivesse intencionalmente tentando guia-la por esse caminho.

O portal antigo estava naquela direção. E além dele, um outro mundo.

E Dominic.

A esperança floresceu. *Ela estava sendo guiada em direção a ele, porque ele sabia como curar a criança que ele ajudou a nascer?*

Girando, ela deixou a floresta levá-la onde ela quisesse. Foi uma jogada desesperada, pois ela tinha sido severamente e repetidamente advertida a ficar longe do portão, desde que ela havia chegado à propriedade.

Dentro de minutos ela chegou à gruta que abrigava a entrada sagrada para ElseWorld. Ela escorregou entre um quadro formado por uma tríade de antigas árvores de carvalho, cinza e um espinheiro branco. Seus troncos grossos e escarpados se inclinavam em direção ao outro para formar uma entrada, em arco vivo, e seus ramos apontavam para o céu, embaraçando para obscurecer os olhos da lua.

Andando ao longo das raízes que se entrelaçavam para formar um conjunto de degraus trançados, ela encontrou o caminho dentro e além da caverna. Lá, todos os cheiros de flores, ervas, grapemust e encantamento. Ficando momentaneamente tonta por isso, ela se afundou em um altar de pedra calcária baixa no musgo que cobria o chão.

Quando os seus olhos se acostumaram à falta de luz, ela notou as marcas estranhas que brilhavam nas paredes de todos os lados dela. O caminho continuou a alguma distância à frente, terminando em um vazio de onde emanava uma forte e poderosa aura de magia.

Portanto, este era o portão.

O estranho zumbido que era emitido a partir dele se intensificaram desde que ela chegou, tornando os braços que mantinha Rose trêmulos. Embora as criaturas de ElseWorld não pudessem ultrapassá-lo para o seu lado sem um convite, os Sátyr poderiam facilmente atravessar o portão na direção oposta, se assim o desejassem. No entanto, ela era totalmente humana e há muito tinha sido advertida por sua família que o ato de passar pelo portal provavelmente iria prejudicá-la. Dominic tinha insinuado que sua semente de alguma forma a mudou, a fez infinitamente menos humana, mas o portão, no entanto, parecia definitivamente hostil. *Dominic estava errado?*

No colo, a filha estava tranqüila a não ser pela frágil respiração saía difícil de seu pequeno e indefeso peito.

- Rose! Querida - Ela sussurrou.

Nenhum sorriso doce surgiu em resposta. Nenhuma onda feliz de braços e pernas. Nada.

Rose era filha de Carlo, também, e, portanto, tinha sangue Sático em suas veias. *Seria o suficiente para mantê-la viva, ou se o atravessasse iria matá-las?* Mal sabendo o que ela fazia, Emma se levantou e foi até o portão. Parecia não haver alternativa senão arriscar.

O zangado zumbindo subiu para um nível ensurdecedor em reação à sua atitude. Na beira do portal, ela parou, de repente, percebendo que ela não poderia esperar que Dominic estivesse esperando por elas imediatamente após a sua chegada em seu mundo.

Se a passagem pelo portão a tornasse incapaz ou a matasse o que seria, então, que aconteceria a Rose? Quem as achasse deveria ter instruções sobre o que fazer com ela.

Voltando à caverna, ela procurou ao longo da parede, em busca de um instrumento de escrita. Um pedaço de pedra se partiu. Era um giz, como carvão.

Colocando a filha no altar, ela alisou a frente dela o pequeno cobertor o abrindo. Forçando a mão a parar de tremer para que suas palavras fossem legíveis, ela rabiscou a mais breve instrução sobre a lã macia: *Para o Sátiro Dominic Janus.*

As últimas letras quase sem forma e foram menores do que os outros.

- Oh, Deus! Por que seu nome tem que ser tão desgraçadamente longo! - Ela lamentou, na esperança de que seria fácil leitura, apesar de isso.

Quando ela a enrolou novamente, Rose não reagiu. Ela a tinha enrolado em uma bola apertada, ainda que a morte.

Uma dúzia de metros de distância, o portão zumbia mais forte em rejeição como um enxame de abelhas furiosas que havia sido perturbado. O que as esperava do outro lado, ela não sabia. Mas não havia tempo para adivinhar sobre esta decisão. De alguma forma ela sabia que Dominic iria proteger Rose com a própria vida. Se ele a encontrasse. Se ele soubesse como salvá-la.

Ela tinha que tentar. Mesmo que isso significasse que ela deveria morrer no processo de atravessar o portal.

Com um beijo no rosto pálido de Rose, ela deu doze passos. No décimo terceiro viu o portão.

CAPÍTULO 23

ElseWolrd

Alfinetadas de agonia picavam cada centímetro do corpo de Emma durante o tempo que ela levou para cruzar o portão. Era como se houvesse realmente insetos que pululam em sua magia, que decidiram puni-la todos de uma vez, simplesmente por ser humana.

Do outro lado do portão, ela tropeçou e caiu de joelhos. Seu estômago estava contraído, e sua garganta fechada. Abraçando Rose protetora, ela caiu de lado. O piso de cascalho raspou seus cotovelos, e o cheiro era de barro grosso em seus pulmões. Terra fria aparava seu rosto. Ela estava viva.

Gemendo, ela se aconchegou em posição fetal e abaixou a cabeça para espreitar Rose. *Era sua imaginação, ou ela já tinha um olhar mais saudável?*

- Por favor, por favor, que assim seja - Ela sussurrou a balançando suavemente.

Uma névoa sufocante e estranha as cercava, mas parecia incomodar só ela, não a sua filha. Desorientada, ela analisou e se achou atingida com cheiro metálico que Carlo trazia com ele a cada vez que ele voltou da guerra.

ElseWolrd. Ela havia conseguido. Menos mal.

Como num sonho letárgico, ela se moveu com Rose se apoiando com um braço e tentou ficar de pé sobre as pernas tremulas. Mas ela logo caiu, amassando de volta para o chão duro.

- Dominic - Ela sussurrou.

Alguns tempos depois, um lampejo de vermelho a acordou. Em seguida, outro. Havia criaturas se reunindo próximo à sua volta no túnel escuro, todos com olhos cor de rubi. Um inclinou-se perto, e ela bateu nele, pensando que ele iria beijá-la. Ao contrário, ele apenas cheirou o seu pescoço.

- Pare com isso! - Ela empurrou-o, mas vários outros foram farejando ao longo do seu corpo agora, seus narizes como dedos duros.

Rose começou a chorar, chamando sua atenção. Fantasmagóricas mãos a agarraram e levantaram a menina para a inspeção. Sons excitados e grotescos começaram a fluir pelos lábios das criaturas quando observaram a palma prateada da mão de Rose, sons de um idioma que Emma nunca tinha ouvido.

Emma protestou, alcançando a sua filha e chamando Dominic outra vez, mal sabendo o que ela dizia. Mas quando ela tentou se mover, as criaturas se rebelaram e em seguida tudo ficou escuro.

Eventualmente, ela acordou novamente. Rose estava calma e abraçada ao seu lado, mamando, seu corpo pequeno estava quente e vivo. Alguém tinha descoberto seu peito, ela percebeu, ajudando sua filha a mamar.

A terra tremeu ritmicamente, e o estômago e cabeça de Ema doía no tempo de cada solavanco. Passo a Passo. Ela e Rose estavam em uma maca sendo deslocada por alguém para algum lugar. *Mas quem?*

Um cobertor leve a cobria da cabeça aos pés. Ela ficou lá, olhando para sua proximidade sufocante, desesperadamente querendo ver além do cobertor, mas não conseguiu reunir os meios necessários para levantá-lo. Depois de um interlúdio, e para sua surpresa, uma das pontas subiu por conta própria, como se por magia, apenas o suficiente para que ela pudesse ver algo ao seu redor.

Num canto da cama repousava um ombro, moreno e foi colocado lá pelos mesmos dedos macabros do túnel. Testando o ar de fora, ela o achou mais respirável do que o que ela tinha inalado junto ao portão. Ainda assim, a ingestão, causou uma espécie de cansativas cócegas em seus pulmões. Ela sufocou a vontade de tossir, não querendo chamar a atenção.

Onde elas estavam sendo mantidas? Parecia ser de manhã cedo aqui. Quanto tempo passou desde que ela chegou até o portão?

Ela ouviu um barulho e, o envio simples que deu à luz uma pausa. Levantando o cobertor um pouco mais alto por seu capricho mostrou tão facilmente e por milagre feito quanto antes. Espiando, ela viu que eles estavam em um pátio, expansivos azulejos povoados com vinte ou mais seres como os que a levaram do portão sobre várias tarefas comuns. Adiante, havia um templo brilhando com portas de bronze, um edifício ainda mais maciço e ornamentado que o Castello de Nicholas.

Duas criaturas morenas do sexo masculino vestidos apenas com uma tanga estavam discutindo vários metros de distância ao lado de um vagão engatado a uma dupla de animais de quatro patas de um tipo que Emma nunca tinha visto antes. Perto, uma mulher vestida de açafrão ajoelhou-se e atirou os olhares preocupados enquanto arrancava uvas de cores vivas de uma fila de videiras.

Os portadores da maca começaram a conversar entre si, em uma língua estranha, discordante da que eles falaram no túnel. No entanto, nenhum dos moradores da praça retangular levou mais do que um olhar para eles. *Era como se ela e sua companhia fossem uma visão perfeitamente normal. Ou como se não pudessem ser vistos por nenhum deles!*

O mais velho dos homens através do pátio, acenou para a mulher ajoelhada ali perto, e ela foi com relutância. Ela estava vestida com, o que para ela eram umas longas, vestes esvoaçantes e translúcidas.

Quando ela chegou ao seu lado, o homem indicado com a ponta de um dedo que ela deveria virar. Depois que ela virou, ele colocou para cima do véu que cobria seu traseiro. Então, ele olhou e sem preliminares o jovem macho afrouxou a tanga e se empurrado por trás dela.

Emma ofegou.

Um rosto extravagante cortou a cena ficando na abertura do cobertor. Sua mente deixou de pensar no cobertor, e ele caiu de volta no lugar. Mas antes que ela pudesse gritar, algo tocou sua testa com o cobertor, e ela não soube mais de nada.

CAPÍTULO 24

Dominic devorava com os olhos o semblante pacífico de Emma enquanto ela dormia sobre o palete colocado em seu quarto dentro do templo. Ele nunca tinha ficado tão feliz em ver alguém, ou mais chocado.

Sem aviso, ela abriu os olhos para encontrá-lo pairando sobre ela. Um encanto tímido coloriu seu rosto ao vê-lo.

- Você não devia ter vindo - Ele trincou. O rosto dela murchou, e viu que a tinha machucado - Emma. Eu...

- Rose - Ela resmungou, cortando-lhe a palavra. Ela tentou se levantar e não conseguiu. Sua fraqueza o preocupava. Ela teria que ter suas forças quando fossem escapar de seus captores.

Com um tinir das longas cadeias que o prendiam à parede de pedra atrás dele, veio seu braço em torno dela, ajudando-a a sentar-se no canto de sua alcova.

- Ela está aqui.

Ele abaixou a criança que carregava no ângulo de seu outro braço, e a deixou pegar Rose dele. Alívio inundou seu rosto ao ver sua filha dormindo sua pele saudável e as bochechas rosadas.

- Como ela está bem! Você não vai acreditar, mas a razão pela qual eu a trouxe até o portão era porque ela estava doente. Morrendo...

- De que doença? - Perguntou ele rapidamente.

Eu não tenho certeza – Puxando o braço direito de Rose do cobertor, ela abriu sua pequena mão com o dedo indicador, tomando cuidado para não acordá-la

- Mas vejo que um sintoma permanece.

Emma virou a palma pequena em sua direção, mostrando-lhe. Algo brilhou lá na palma, um pequeno espelho idêntico ao seu.

- Nove mil infernos! - Ele rosnou - O espelho não deveria ter vindo a ela até que o seu antecessor morresse.

Seria este um sinal de que sua própria morte era iminente?

- Você parece muito bem - Emma procurou por ele com olhos preocupados, obviamente, tinha uma preocupação semelhante. Antes que ele pudesse responder, um súbito acesso de tosse a torturou, e ela lhe ofereceu Rose em busca de ajuda, sem palavras pedindo que a segurasse. Quando ele terminou de acomodar confortavelmente a neném no palete Emma já tinha se acalmado.

- Você está doente - Disse ele, sombrio.

- O ar daqui - Ela disse em uma voz fina - É irrespirável.

Sua carranca se agravou quando percebeu a provável causa da doença de Rose e a dela - Você e as crianças estão tendo algum tipo de reações opostas à nossa atmosfera.

Embora ela possa viver em seu mundo, sua saúde vai exigir que ela visite este mundo de forma regular. Considerando que você...

Ele parou, vendo que Emma tinha empalidecido ainda mais em suas palavras. Seu mundo era um anátema para ela. *Quanto tempo ela já tinha passado aqui?*

Amaldiçoando, ele olhou para a entrada sem porta de sua cela, enquanto ele começou a andar como um animal enjaulado. Com a revelação no leito de morte do Facilitador, tudo havia sido alterado. A noção de que ele e todos os outros demonhand antes dele tinham sido não só os assassinos de demônios, mas também seus benfeitores inconscientes, o torturava.

No tempo em que ele tinha sido mantido em cativeiro, ele havia considerado todas as possíveis soluções para o dilema que tinha sido apresentado a ele. Mesmo o suicídio, o ancião tinha especificamente lhe dito que era a sua presença neste mundo que atraia os demônios. No entanto, porque a não ser ele ninguém mais sabia disso, e ele temeu que Rose fosse trazida para cá para assumir a luva se ele morresse nessa cela.

Mas agora que ela tinha chegado de forma tão inesperada, tudo foi alterado novamente. Se ele morresse, ela seria convocada pela luva. E depois dela, outro Escolhido surgiria para receber uma luva, e assim por diante. Os demônios assim continuariam a surgir.

Ao som metálico que retinia em todos os seus passos, Emma pareceu tomar conhecimento pela primeira vez de seu encarceramento. Longas, cadeias pesadas o acompanhavam da parede para os seus pulsos, se arrastando no chão atrás dele enquanto ele andava. Foi uma sorte que os demônios não tinham ainda acorrentado nas pernas, este descuido tinha permitido que ele levasse calça e botas, uma vez que ele foi trazido até aqui a partir da nave.

- Por que você está a ferros - Ela perguntou, observando ao seu redor, como se tentando se livrar dos efeitos da atmosfera o suficiente para fazer um balanço de sua situação - Quem eram essas criaturas que me trouxeram aqui? E onde exatamente é aqui?

- É um templo dedicado ao culto de Baco. Demônios o invadiram na noite passada.

- Demônios - Ela repetiu em alarme.

- Eles te trouxeram aqui em meu quarto junto com Rose há várias horas atrás.

Seu olhar esquadrinhou o quarto e ele perguntou o que ela achou de sua cela austera com os seus poucos confortos salvo um palete, prateleira de roupas e uma bacia. Era muito diferente do que estava acostumada no seu mundo.

Ele precisava devolvê-la para lá, mas como? Sentindo necessidade de ação, tentou arrancar as suas correntes pela centésima vez, provocando hematomas nos pulsos.

- Pare você está ferindo-se para nada - Sentando em frente, Emma gesticulou o chamando para perto, examinando os cortes e escoriações. Apesar de seu toque ser motivado apenas como uma gentileza, seu pênis não se importou com isso e se esticou a querendo, mesmo neste momento inoportuno.

- Por que eles simplesmente não nos matam e acabam com os seus maiores inimigos? Não faz sentido.

Ele olhou para ela, caindo em seus olhos castanhos sérios, querendo desesperadamente protegê-la, mas sabendo que o que ele diria a ela só iria aterrorizá-la.

- Porque...

- Porque nós descobrimos outros usos para você.

Dominic virou-se para ver o demônio que tinha falado em pé, dentro de sua cela. Ele estava nu, salvo por numerosas tiras de couro com vários pingos de metal moldado, carne seca e outros talismãs obscenos se lançavam frouxamente em torno de sua cintura, pescoço, tornozelos e pulsos. O primeiro visitante a falar com Dominic desde que ele foi trazido para cá, a criatura escrupulosamente se mantivera fora de alcance, como se soubesse exatamente o quão longe as amarras de Dominic poderiam se esticar.

- Eu sou o Senhor Kurr.

Uma pequena mancha de luz caiu sobre a criatura. Fato que enviou um calafrio pela espinha de Dominic. Atordoado, ele olhava para a janela pequena, e alta de sua cela. Enquanto ele esperava, a noite tinha ido. Lá fora, tudo era luz, um momento em que demônios não podiam subir. *No entanto, um estava em pé diante dele!*

Lendo seus pensamentos, o demônio deu-lhe um gesto soberbo. Sim, eu vivo no dia, assim como na noite, cortesia do meu anfitrião. Logo mais de nós poderão assumir a carne dos de sua seita e viver como você. Com o tempo, seu mundo se tornará o nosso.

Os rumores que a mãe de Dominic tinha ouvido falar sobre os demônios, tendo anfitriões parecia ser verdade, pois este era um demônio que ele gostaria de nunca ter visto antes. Apesar de sua pele se manchada e malhada de verde-oliva ainda luminescente aleatoriamente aqui e ali, a aparência geral dele era inegavelmente Sátiro. Infelizmente este demônio não parece ser a única aberração. Atrás dele havia outros da sua laia que não tinham totalmente se fundido com seus anfitriões então surgia e se desbotavam de forma intermitente, piscando suas luzes interiores no tempo com seus movimentos.

Kurr falou em um dialeto que Dominic entendia, mas que Emma provavelmente teria dificuldade em interpretar. No entanto, obviamente, ela compreendeu a ameaça que ele representava para ela e se revolveu no palete, tentando esconder sua filha entre os cobertores e, simultaneamente, misturar-se na parede de pedra.

As narinas do demônio dilataram-se com interesse, e um dedo em forma de garra chicoteou em sua direção.

- Esta fede ao amuleto - Anunciou. Seus olhos vaguearam por ela, avarentos. - Onde ele está?

Dominic postou-se na frente da mãe e da criança, uma montanha de seis pés e meio de pura destruição entre eles.

- O que ele está dizendo? - Emma perguntou, ajoelhando-se e colocando a mão em seu ombro. Seus pensamentos corriam, ele cobriu sua mão com a própria ordenando silêncio.

Esperando que este demônio se tornasse tão estúpido como todos os outros que ele encontrou, ele suavemente tentou blefar.

-Ela o tem escondido em EarthWold. Se você o quiser, eu sugiro que você a deixe com sua filha para trazê-lo de volta para nós.

Os olhos desconfiados de Kurr mudaram de prata para vermelho e depois para prata novamente. Suas garras se recolheram com um clique audível.

- Embora você carregue o perfume do amuleto também.

- Devido apenas a minha associação com ela - Dominic argumentou rapidamente.

A mão verde-oliva do demônio caiu atoa para acariciar seus órgãos genitais, como se a ação o ajudasse a pensar. Eventualmente um sorriso grotesco se formou em seu rosto quando ele chegou a uma explicação que lhe agradou.

- É mentira, a fim de vê-la livre. Porque você deseja ela. Sim. Bom. Bom. Você copulou com ela. Como ela acoplava com meu marido, mas com melhores resultados. Você vai produzir um macho.

- O seu marido? Um Pavor se apoderou novamente de Dominic quando ele adivinhou o que o demônio estava insinuando.

- Carlo era o seu nome. Derramei minha semente em seu corpo apenas horas antes dele criar o Escolhido. Você deve ter sabido que ele ansiava por você. Um trio interessante que fazemos, não?

Dominic jurou interiormente. *Esse demônio tinha fodido Carlo na mesma noite havia fecundado Emma com Rose?* Isso significava que as sementes de três machos com diferentes genes tinham se misturado para fabricar o que a filha de Emma havia se tornado. Intragável notícia que planejava manter para sempre em segredo da mulher atrás dele.

O demônio apontou para a pilha de cobertores onde estava Rose.

- Sendo o tolo que era olha o que ele deu a ela. De que serve uma criança do sexo feminino? Ela tem sêmen para gerar mais de sua espécie? Não!

Ele deu um tapa na própria cabeça com a duplicidade de seu marido anterior, não parecendo perceber que Carlo não podia controlar essas coisas como o sexo de sua prole.

A compreensão do que exatamente os demônios pretendiam o alcançou. Eles acreditavam que, enquanto eles o controlassem, estavam seguros. Agora que ele lhes rendeu inofensivo, eles deixarão de tentar matá-lo.

Em vez disso, iriam manter Emma, Rose, e ele trancados aqui e tentar todos os tipos de combinações possíveis de reprodução ao longo do tempo, na esperança de alcançar a produção de outro Escolhido que poderiam comandar. Um processo que, sem

dúvida, seria desagradável para os três, mas que não alcançaria os resultados desejados aos demônios.

Dominic arqueou uma sobrancelha, escondendo os seus pensamentos.

- E se eu recusar?

A garra afiada se lançou na direção de Emma.

- Vou tentar com ela então, e vamos ver se a minha semente fará crescer a criança que você não vai semear.

Dominic pulou em direção ao demônio, rosnando furiosamente, mas as correntes que usava o puxaram de volta. Emma soltou um grito agudo que se transformou para a tosse, e Kurr se dirigiu para o corredor.

Voltando ao lado de Emma, Dominic segurou-a e esfregou a mão sobre as costas, ainda vigiando o inimigo que agora estava apenas fora da alcova, conversando com seus companheiros.

- O que eles querem? Diga-me! - Ela engasgou.

- Rosetta. E mais como ela. Eles esperam que nós acasalemos aqui nesta cela. Repetidamente. Para gerar mais como ela – Suas sobrancelhas franziram quando os seus olhos desceram para seu ventre. Sua mão a alcançou, pairando sobre seu abdômen liso, mas sem tocar.

- Você está grávida - Disse ele. Foi uma declaração e não uma pergunta, resignado, que não revelou nenhum das turbulentas emoções que ele estava experimentando.

Ela olhou em seus olhos. E assentiu com a cabeça.

- É meu.

- Sim.

Um silêncio carregado caiu.

- O que, sem perguntas? Sem recriminações? Não entendi o que aconteceu ontem à noite, como aconteceu. Mas eu queria. Eu quero você.

Fechou os olhos, seu rosto ficando pálido.

- Estou me sentindo um pouco fraca.

- Deuses, Emma - A segurando pelos ombros com ambas as mãos, a ergueu perto e ela segurou seus pulsos, cobrindo as algemas - Você escolheu um inferno de um tempo para...

De súbito, a escuridão absoluta veio como uma rede grande, a opalescência de alguma sorte foi lançada sobre ele. Ele permitiu-se ser apanhado desprevenido. Emma agarrou-o, chamando seu nome, tentando segurá-lo. Em meio ao barulho de correntes e das vozes discordantes dos seus agressores, as palavras de Emma foram abafadas pelas palavras desconhecidas. Em poucos minutos ele encontrou-se amarrado e levado.

Fora que ele foi jogado pelas escadas de mármore do templo, onde rolou e bateu em todos os nove degraus. Quando ele chegou à parte inferior da escada começou a lutar

contra o véu que o cobria. Acima dele, na fachada exterior do templo, o senhor dos demônios estava se preparando para fechar as portas de bronze impenetrável.

- Espere! Não! Dominic começou a subir os primeiros degraus da escada, mas tropeçou nas cadeias ainda presas em seus punhos.

- Você pode ir para buscar o amuleto. Mas as duas ficaram - Kurr calmamente o informou - Se você tentar um resgate, a mãe morrerá. Você tem uma semana para voltar com o amuleto para nós.

Com isso, as portas de bronze imensas rangeram e fecharam.

Cada um dos seus instintos insistia com ele para atacar o templo em uma tentativa de resgatar Emma e Rose. No entanto, ele não iria ganhar uma luta contra tantas pessoas.

E porque ele não teve nenhuma idéia de onde o amuleto estava, parecia que Emma iria morrer dentro de uma semana, quer pela mão dos demônios ou pelo envenenamento lento deste mundo sobre ela.

Ele nunca tinha se sentido tão impotente em sua vida. Isso era o que tinha feito o amor com ele. Dado a ele uma fraqueza. E uma razão para viver. Apostando tudo sobre a veracidade do que o Facilitador tinha dito, ele reuniu as correntes e as rodeou em si mesmo para que não arrastem no chão, rezando para que ele estivesse tomando a decisão certa.

Então ele virou-se e correu em direção ao portal.

CAPÍTULO 25

Uma hora depois, Emma sentava sobre o palete com Rose amamentando em seu peito. Ela foi consumida com a preocupação sobre o que tinham feito com Dominic e o que aconteceria com sua filha se ela morresse. Ela precisava fugir e chegar em casa para buscar ajuda.

Ela puxou uma respiração instável que sacudiu seu peito, não querendo tossir. A noite já tinha caído, e a maioria dos demônios tinha deixado o templo, provavelmente para se alimentar. Apenas um guarda havia sido colocada na porta da cela, e ele estava de olho na serva de ElseWorld que tinha sido enviada para ver o que ela e Rose precisavam, como se ele planejasse fazer uma refeição uma vez ela tivesse completado suas tarefas.

- Em que direção o portal está? - Emma sussurrou ao servo, quando ela se aventurou perto o suficiente.

- Para o oeste, Signora, embora a sua magia possa ser vista pairando no céu a partir de qualquer distância. Nós não escondemos o nosso portal como vocês fazem no seu mundo - Ela respondeu em sussurros, e em italiano. Seus olhos assustados corriam para o demônio - Você deveria ter ficado lá. Você vai morrer aqui em breve. Assim como todos nós.

Impaciente, o demônio se aproximou, rosnando. Depois de verificar as restrições de Emma, ele conduziu a serva da cela. Quando eles já tinham ido, Emma abriu os dedos da mão em seu colo e olhou para o objeto que tinha roubado de um dos braceletes de Kurr.

Uma chave.

Envolta em um lenço.

Embora a peça houvesse sido branca e parecia ter sido repetidamente lavados, estava surrado e manchado. Quando eles arrancaram Dominic da sala, ela estava segurando seus pulsos e, inadvertidamente, puxou-o de sua luva em seus esforços para mantê-lo com ela.

Ela correu a almofada de um dedo sobre suas iniciais bordadas. Quatro semanas atrás, ele tinha tomado este lenço secretamente, esta lembrança. Então era o que isso deveria ser. Ele manteve esse lenço perto todo esse tempo, como se ao fazer isso, ele também tentasse mantê-la perto.

Este doce e precioso conhecimento emprestou sua força quando ela mais precisava, pois tudo estava tranquilo no templo agora. Já era tempo.

Dobrando o lenço no bolso, ela enfiou a chave em uma algema e depois na outra. Com rangidos, de fechadura enferrujada, eles abriram, e ela balançou-os. Embora este mundo a fizesse doente, ele também parece ter aumentado a quantidade minúscula de magia que possuía, transformando-o em um talento marginalmente útil. Permitindo-lhe manipular certos objetos. Permitindo-lhe furtar as chaves de Kurr.

Um grito horrível soou em algum lugar dentro do templo, e Emma saltou da paleta com Rose nos braços, seu coração batendo. A serva. Ela estava sendo atacada.

Se arrastando da alcova, Emma encontrou as portas enormes de bronze de na frente do templo com pouca dificuldade, mas parecia ser um obstáculo intransponível. Com Rose na curva de um braço, ela tentou levantar o trinco enorme com a outra mão. Mas facilmente ela se manteve contra seus esforços insignificantes.

Os sons do rasgar de carne e osso rachando ecoou nas paredes do templo, fazendo com que os dedos tremem. Colocando Rose a seus pés, ela apertou as duas mãos sobre o corpo da trava, concentrando-se desesperadamente na convocação de seja qual for a mágica que ela possuía. Longos, momentos de terror depois, ela prestou atenção na perplexidade como ela lançou e a porta se abriu. Agarrando Rose, ela saiu às pressas do templo.

Como a serva havia dito, uma aura de magia nadou a distância para oeste, indicando a localização do portal. Embora ela não visse ninguém, escutava os sons de destruição por toda parte. Demônios.

Ela correu escada abaixo e foi em direção da segurança. Casa.

Meia hora depois, ainda outra onda de tosse a atingiu, e ela colocou uma mão para fora, encostada num tronco de uma árvore. Rose estava chorando. Emma se sentia exausta, doente. Mal conseguindo extrair o ar em seus pulmões. Se não fosse pela filha que ela carregava em seus braços e o outro em sua barriga, ela já teria desistido e caído lá. Com um murmúrio de tranquilidade para Rose, ela despertou-se e seguiu em frente.

Algun tempo depois, quando ela se aproximava do portão, ela foi derrubada de joelhos por outro acesso de tosse. Desta vez, chamou atenção indesejada. Dezenas de demônios que tinham se reunido perto da entrada do portão já viravam em sua direção, suas mandíbulas e tórax banhados com o sangue de suas vítimas indefesas.

Eles chegaram perto, a sombreando, a cercando dela. Garras agarraram seu corpete, rasgaram as suas saias. Agarrando Rose.

- Não! - Ela gemia, segurando sua filha da melhor maneira possível. Sabendo que tudo estava perdido. Que ela falhara com Rose. Nunca mais veria sua família novamente. Ou Dominic.

- Dominic.

Então, como se estivesse em um sonho, tudo começou a mudar diante dos seus olhos!

Ela e Rose foram deixadas. Procurando desorientados, os demônios começaram a empurrar e a lamentar. Quando seus movimentos descoordenados cresceram ainda mais, eles começaram a tropeçar e bater uns nos outros e, em seguida, caindo aos seus joelhos.

Mal conseguindo acreditar em sua boa sorte, Emma segurou Rose mais perto e escapou com ela. O portal apareceu em sua visão nublada, logo à frente, a apenas cem metros ou mais longe agora.

Atrás dela, os demônios viravam fantasmas, se contorcendo no chão. E, em seguida, em grupos de dois, em seguida, cinco, seguida por dezenas, que se desintegraram ao nada, se dissipando como se eles nunca tivessem existido.

De alguma forma ela conseguiu chegar à caverna e ela procurou arrastar-se através do túnel e, em seguida, através do portal em si. Desta vez, se a sua magia zumbisse, ela estava doente demais para perceber.

E então ela estava exausta, e ela e Rose estavam caindo nos braços de Dominic do outro lado.

E ela estava respirando o doce, doce, vivificante ar de seu próprio mundo.

- Eu as Tenho - disse Dominic a Nicholas e Lyon. Não esperava que os irmãos confiassem de deixar Emma e Rose aos seus cuidados, ele foi surpreendido quando eles apenas balançaram a cabeça e continuaram até o portão para determinar o estado das coisas em ElseWorld.

As correntes que ele usava e o encontro com os demônios tinham o retardado, e tinha tomado muito tempo chegar ao portal. Tendo tomado conhecimento da doença de Rose pelos servos noturnos e sendo incapazes de encontrar Emma, sua família havia concluído que ela foi a busca dele em ElseWorld.

Assim, dois dos três senhores Sátyr já estavam na caverna quando ele chegou, se preparando para atravessar em busca de Emma enquanto Raine ficou para trás para proteger o resto da família e da propriedade. Eles ajudaram a atravessar Dominic para esse lado e ele rapidamente os informou da morte do Facilitador e suas revelações chocantes, e do paradeiro de Emma.

Ele esteve tentando resignar-se à tarefa de agonia de espera quando se aventurou em seu mundo. E então Emma chegou rompendo, e agora ela estava deitada em seu colo. Aninhada em seus braços. Segura.

- Vou levar Rose para o Castello - disse Jane, que tinha acompanhado o marido à beira do portal - Eu chamei um médico para verificá-las quando elas chegassem, só por precaução. Você vai trazer Emma?

Ao aceno de Dominic, Jane tomou a criança dos braços relaxados de sua irmã e foi. Hesitando, ela voltou para ele e encostou a mão em seu ombro.

- Obrigada - A voz dela quebrou com a emoção - Por tudo.

Então, ela e Rose foram embora para o Castello.

Emma abriu os olhos e os lábios curvados para aquele sorriso tão suave que o fascinava.

Seu coração cresceu no amor em seus olhos. Nunca tendo visto emoção particular dirigida em seu caminho por ninguém antes, ele levou um momento para reconhecê-lo pelo o que era.

- Como você está se sentindo? - Perguntou ele com rispidez.

- Eu te amo - Ela sussurrou.

Amor. Ela o amava. Com essa única palavra, ela estava dizendo que ele poderia tê-la em seus braços todas as noites. Em sua vida todos os dias. Que ele poderia ser um pai para Rose e seu filho não nascido. Que ele poderia trabalhar a sua terra, tendem a videiras antigas, trazendo vida em vez da morte.

Não esperando por uma resposta, sentou-se no seu abraço, parecendo quase milagrosamente recuperada.

- Eu ouvi o que você disse a Nicholas e Lyon. Eu posso atestar ao fato de que sua ausência de seu mundo parece ter tido o efeito benéfico que você desejou. Ele derrubou os demônios e permitiu-me uma passagem segura.

Deitando a cabeça em seu ombro, ela olhou para ele.

- Agora que não é mais seguro que você resida em seu Mundo, você vai voltar pra casa comigo? Ficará aqui conosco?

Quando ele ainda não respondeu, virou-se provocando.

- Você tem pouca escolha, eu estou com medo, agora que Jane aceitou você. Nicholas dá a ela tudo o que ela deseja, portanto, se ela desejar que continue aqui... Eu o advirto que ele é uma força formidável.

Com cada fibra do seu ser, Dominic queria aceitar sua proposta, mas a vida ensinou-lhe a não confiar. Para não tomar nada como garantido.

Ele ergueu a mão enluvada, forçando-a a reconhecê-lo. Quando falou, sua voz era áspera e baixa.

Vou carregar sempre o mal dentro de mim. É parte de mim.

Ela curvou uma palma macia em seu rosto, fazendo-o calar-se.

- Só um homem bom, forte levaria um fardo para manter seguro o seu povo. Um homem inferior teria se liberado da dor dela e deixado àqueles que dependiam dele para se defenderem sozinhos. Para morrer.

Apertando a ata de sua luva, ela segurou seus olhos enquanto ela lentamente descobria a parte mais desprezível dele. Sob o couro enroscado, a pele de sua mão estava pálida por não ver a luz do sol, sensível. Intocada por qualquer pessoa em toda a vida adulta. Ela passou os dedos sobre as costas, e ele gemeu na emoção sensual que atravessou por dele, as suas pálpebras entreabertas.

Passando a mão, ela estudou a palma prateada no centro da mão. Então ela a fez se curvar concha, e a levou mais perto.

- Emma - Sua voz era torturada, desconfiada, embargada pela emoção reprimida.

Sua respiração era quente e doce em cima do espelho, aquecendo-o, toldando-a. Seu pulso disparou de forma irregular, e todo o seu corpo apertou na rejeição, não querendo submeter sua bondade em sua maldade. No entanto, sentia desejo na aceitação dela. Almejando o que ela faria.

Seus lábios tocaram-lhe então, a luz da borboleta. Acariciando a superfície dura e fria da palma da mão.

E no seu beijo, algo nele que esteve ferido por tanto tempo foi curado. Algo gelado foi derretido. O mal foi derrotado pelo amor.

CAPÍTULO 26

Imóveis Satyr na Toscana, Itália EarthWorld, seis meses depois

Emma percorreu a biblioteca da casa, ansiosa como sempre ficava quando Dominic levava Rose em suas excursões regulares para ElseWorld. Apesar de ficarem por lá só por um dia e uma noite de cada mês, era sempre um momento perigoso.

Dominic falou-lhe pouco do que se passava no outro mundo. Ela sabia apenas que Rose era mantida segura no templo e que as portas de bronze pesado permaneciam fechadas e vigiadas, enquanto ele fazia o que podia para proteger seu povo. Havia orgulho em sua voz quando ele lhe disse que não importa o quanto os demônios uivavam e espancavam as paredes do templo com frustração, sua filha não chorava.

Compreensivelmente, houve alguma resistência à sua visita, entre sua seita, pois sua presença trazia os demônios temporariamente a ascensão. No entanto, os dois precisavam atravessar para ElseWorld periodicamente, ou ambos viriam a adoecer pela falta de respirar o ar de seu mundo.

Felizmente o mundo de Dominic era bem consciente de que beneficiou-se com o dízimo dos vinhos desta propriedade previsto e o intercâmbio regular de vinhas e as uvas que enriqueciam ambos os mundos. Este comércio em curso era necessário para garantir a saúde e a sobrevivência de todos os envolvidos, pois sem ela, tudo iria murchar e morrer. Assim, um intranquilo sistema continuou em que o povo de Dominic a contragosto aceitava a necessidade de sua ida assim como a de Rose.

As negociações tinham sido iniciadas, e esperava-se que levaria a um tratado intermundial permanente. Quando o assunto do amuleto desaparecido surgiu como um ponto de discórdia, uma busca exaustiva para encontrá-lo tinha sido realizada em EarthWorld. No entanto o amuleto não foi encontrado e foi presumido que estivesse perdido.

Emma correu um dedo ao longo de uma dezena de estantes, sobre as ligações de folha de ouro de tomos antigos que Dominic trouxera do seu mundo. Ele sempre acumulava com presentes fascinantes de livros, vasos, jóias, pergaminhos, brinquedos para as crianças, e perfume e roupas exóticas, como se ele ainda não acreditasse que fosse em si mesmo presente o suficiente para manter seu amor. Como se ele não quisesse que ela se arrependesse de sua decisão de ficar com ele ao invés de ir para Londres.

Ela teve o cuidado de assegurar-lhe que ela tinha mais do que suficiente para ocupar sua mente e espírito aqui agora e duas crianças, uma vinha próspera, e uma crescente coleção de livros e artefatos. Quando Jane provocou-lhe dizendo que sua casa logo seria transformada em um museu como a de Nicholas, Dominic tinha simplesmente respondido que iriam aumentar sua casa se necessário. Na verdade, Dominic e Nicholas tinham-se tornado amigos íntimos, com muitos interesses comuns.

Seus olhos caíram sobre o objeto que ela tinha emoldurado e colocado em destaque a lareira na sua crescente biblioteca. Ela correu e pegou, estudando o surrado, sujo quadrado atrás do vidro. O lenço.

Para alguns, era uma monstruosidade chocante. Mas quando alguém perguntava a ela o porquê disso, o seu olhar sempre encontrou seu marido enquanto ela informava que era um lembrete do bom homem com quem ela casou.

Pois ela já sabia que ele era um homem que carregava um fardo terrível, mas que se portava a altura e em linha reta e reuniu todos os conflitos, cada dever com bravura e honra. Um homem que amava sua família e que se certificava que soubessem disso.

Braços chegaram ao seu redor, fortes e sólidos.

- Dominic!

Seu marido estava em casa.

VINCENT

PROLOGO

Imóveis Satyr em Toscana, Itália EarthWorld 1839

Ele era um garoto de doze anos, oscilando no limite da idade adulta, quando descobriu o objeto no chão do olival.

Durante um jogo de soldado com as outras crianças, ele tinha ido para onde era proibido vagar. Para uma área isolada da propriedade aonde os trabalhadores da vinha e até mesmo os filhos dos senhores Satyr em si não eram autorizados a ultrapassar.

O quão inocente o objeto pareceu aquele dia! Era pequeno, redondo e liso. Ele não pensou muito nisso, inicialmente, apenas colocou-o no bolso e continuou com seu jogo.

Mas naquela noite, deitado em sua cama, ele se lembrou. Acendendo uma vela, ele o puxou para uma análise mais aprofundada.

Era do tamanho, forma e polimento de uma moeda antiga, e tinha um olhar antigo sobre isso. Ele virou-o na palma da mão, ficando animado. *Poderia ser um tesouro deixado aqui nesta terra antiga por etruscos ou soldados romanos?* Ele raspou com a unha do dedo polegar, removendo um pouco da sujeira.

Era de ouro!

Com o crescente entusiasmo, ele esfregou-o até o limpar. De um lado havia uma imagem em baixo-relevo de Baco, o deus do vinho. E no verso estava uma representação de vinhas e outras marcas, palavras que não entendia e que só conseguiu decifrar anos mais tarde, quando ele já estava crescendo.

Colocando-o no bolso de novo na manhã seguinte, levou-o lá por vários dias, considerando se ele deveria entregá-la a seu pai. Ele havia sido um menino doce então. Um rapaz bom e inteligente. Um com um futuro brilhante e uma família que o amava.

Mas o amuleto mudou o que ele havia sido, lenta e inexoravelmente, se tornou o centro de sua vida excluindo todas as demais coisas.

Ele começou a chamar-lhe, suavemente em princípio. Acenando-lhe para fazer coisas que ele sabia que não devia. Coisas que ele sabia que eram desonrosas. No início, eram apenas coisas simples, coisas impertinentes. Roubar o brinquedo favorito de um amigo. Mentir para sua mãe.

Em seguida, ele escalou a atos muito mais sinistros.

Após cada transgressão, a satisfação era intensa, proporcionando uma excitação sexual que ele não poderia obter por outros meios. Ele masturbava-se até que gozava, sabendo que era errado obter prazer de tais atos que ele tinha praticado. E ele sempre estava arrependido depois.

Mas a voz hipnotizante, sempre presente do amuleto o levava a cometer tais atos novamente.

Enquanto o tempo passou, ele começou se trancar em si mesmo cada vez mais e mais, quando se tornou claro que o seu desenvolvimento a partir de menino para homem estava ocorrendo em um ritmo anormalmente lento. A questão do tamanho do órgão masculino era importante, ele sabia, porque os outros começaram a provocá-lo quando ele puxou seu pênis lamentavelmente pequeno para urinar. Não era culpa dele que a coisa em suas calças nunca ficava maior, como os de outros meninos. Eventualmente ele começou a suspeitar de que a ato de sempre carregar o amuleto no bolso lhe tinha amaldiçoado com esta malformação.

Furioso, ele lançou o disco de ouro fora incontáveis vezes. Enterrou-o ocasionalmente. Mas ele sempre o recuperava novamente, por que algo em si sabia que o amuleto não teria solicitado tal sacrifício dele sem lhe dar algo em troca.

Os anos se passaram, e manteve-o próximo, não contando a ninguém de sua existência. Esperando. Esperando que ele revelasse mais de si mesmo. Esperando por ele para guiá-lo para a glória que ele tinha convencido a si mesmo que era seu destino.

E então, um dia, ele finalmente descobriu o propósito. Seu propósito.

RESSURREIÇÃO

CAPÍTULO 01

Imóveis Satyr em Toscana, Itália

EarthWold 1850

Lord Vincent Sátyr, o filho primogênito e herdeiro de Lorde Nicholas Sátyr e sua esposa, Jane, agarrou-se em um punho de urgência de enfiar os joelhos além das coxas pálidas da mulher que estava embaixo dele. Ele gemia enquanto alimentava a coroa de seu pênis com os lábios rechonchudos das dobras entre as pernas da mulher. Empurrando-se para trás e para frente, ele observava enquanto lustrava seus eróticos lábios inferiores com as leitosas pérolas de seu pré-sêmen.

Não havia nenhuma necessidade de apressar isso, tinha a noite inteira pela frente, rica com a promessa de prazer carnal. Ele tinha antecipando seu tempo com ela o dia todo. Embora o nariz estivesse enterrado nos tomos robustos arrancados das prateleiras de sua biblioteca, ele esteve imaginando esse momento. Esta mulher. Almejando-a.

No dia seguinte ele iria viajar para ElseWorld e se reuniria a nove inimigos amargo juntos em uma mesa na tentativa de catalisar a paz entre eles. As negociações seriam delicadas. Cruciais. Vidas e mundos dependiam de sua habilidade como mediador.

Enquanto ele deveria ter se concentrado na construção cuidadosa do tratado que iria unir essas diferentes facções de ElseWorld em um órgão único, ele esteve distraído.

Com os pensamentos nessa mulher.

Sua mão se curvou em sua mandíbula, e os olhos de safira, que foram assim como os de seu pai beberam de sua beleza impecável. Seus braços estavam negligentes no travesseiro de cada lado da cabeça dela, ela tinha os cotovelos dobrados e os dedos levemente enredados em ondas longas de brilho do cabelo loiro-avermelhado. As veias azuis pálido na parte inferior de seus pulsos pulsantes com a necessidade.

E com o sangue que corria frio.

- Me olhe - Ele murmurou, embora fosse desnecessário dizer as palavras em voz alta. Ela teria sentido o que ele queria.

A franja grossa de cílios rosa escuro para revelar olhos violeta que eram da mesma cor rica das uvas Sangiovese que ele e seus irmãos cultivavam em sua vinha aqui nas propriedades Sátyr. Ela olhou para ele com adoração, como se ele fosse seu mundo inteiro. E ele era. Ainda assim, ele evitou os olhos surpreendentes como sempre fazia, não querendo reconhecer que eles estavam vagos, totalmente desprovidos de vida.

Seu olhar baixou obedientemente, e viu sua expressão quando ele começou seu impulso. Sentiu a arfada de respiração e viu a pele rosada quando se separou de seu sulco úmido. Por enquanto, ele estava sendo mesquinho, oferecendo-lhe a coroa e uma

ou outra polegada de seu pênis, apreciando o abraço de seus lábios aveludados enquanto se balançava para trás e para frente.

Seus seios deram contra os músculos rígidos de seu peito largo quando ele se inclinou mais perto. Sua cabeça caiu para trás, e seu pescoço longo e branco arqueou para sentir sua boca.

Seus lábios roçaram a pele abaixo da orelha.

- Você quer tudo de mim dentro de você, cara?

A questão era contra um dos princípios primários de uma negociação bem sucedida. Nunca faça uma pergunta cuja resposta só poderia exigir um sim ou não.

Mas neste caso, sua resposta já era prevista. E ela veio como esperado, trêmula e doce.

- Sim Vincent. Deuses, por favor, sim.

Sua bochecha macia aninhava seu queixo de granito.

Ao som de sua voz, um estranho pânico de dirigir-se profundamente dentro dela o varreu. Mas ele se forçou a ir devagar. Ele queria que isto durasse.

Seus dedos agarraram o descanso da cama quando ele procurou ocupar mais o paraíso que era o seu corpo. Ela era delicada. Uns vinte centímetros menor que ele quando estavam em pé, e noventa cinco quilos mais leves.

E ele não era um homem pequeno, em qualquer medida. Tudo nele era grande, mãos, pés, ombros, intelecto. Pênis.

Esta última das dotações que lhe rendeu ser um objeto de admiração, inveja e consternação entre os seus pares. Ele sabia que sua vara media muito bem. Portanto, metade da Itália também sabia.

De fato, suas dimensões eram material legendário, tudo por causa de uma cortesã muito procurada que ele visitou há três anos. Sua cama estava confortável o suficiente, e depois de horas de foda, ele cometeu o erro de cair no sono lá. Como alguma espécie de conivência de um alfaiate noturno, ela aproveitou para medir este lapso dele. Da raiz até a ponta de sua coroa, ela tinha pronunciado que ele era dotado de onze polegadas, corado, e com veias grossas. Na circunferência, ele se gabou de sete polegadas, e a cabeça de seu pau ainda mais gorda.

Ela tinha muitos e bons contatos, e a palavra do seu tamanho extraordinário se espalhou através da sociedade europeia como um incêndio. De acordo com o seu conto, ela engoliu a totalidade dele em toda a variedade de costumes e o tinha trazido ao clímax onze vezes naquela noite, recompensando-o por cada uma das polegadas do seu eixo. Embora ele se lembrasse da questão de maneira diferente, ela fez uma boa história, e ele e seu pau se tornaram infames pelas noites.

- É bom - Sussurrou sua companheira quando ele arou mais profundo - tão bom.

Levantando o peito ligeiramente, ele fixou o olhar nos montes perfeitamente formados de seus peitos gêmeos que subiam e desciam com sua respiração tremente. Eram belos seios, exuberantes e altos.

Toque-os.

Ele mal completou o pensamento, quando as mãos dela deslizavam entre seus corpos. As palmas das mãos em curvaram-se em concha sob os seios voluptuosos e começaram uma massagem erótica para tentá-lo.

Ela fechou os olhos e gemeu.

O som deu um tiro de luxúria que ondeou direto para sua virilha, fazendo com que convulsivamente empurrasse várias polegadas de si mesmo dentro dela em uma contração involuntária.

Seu suspiro foi abafado pelo estalo de uma tora na lareira de pedra enorme no conjunto no canto de seu quarto. Mais faíscas acenderam-se, encharcando os cabelos com luzes e dando um tom dourado e perolado a sua pele.

Sob esta luz, ela parecia quase humana.

Mas ela não era. Não, a mulher que deitava com ele era só um encantamento um clone falso e encantador se necessário.

Uma Shimmerskin.

Com pouco esforço de sua parte, que ele chamava das névoas de ElseWorld a noite para um único objetivo específico a fornicação. Ela era incapaz de fazer reclamações ou recusas. Incapazes de experimentar a infinidade de emoções que as mulheres humanas possuíam. Raiva. Medo. Desejo. Amor.

E no momento em seu corpo se saciasse dessa ocupação atual, ela seria facilmente enviada para o éter, uma vez mais. Era uma circunstância que lhe foi concedida, assim como para todos os Sátiros que estavam acostumados a empregar Shimmerskins desta forma há séculos.

Paralisados, ele viu o movimento das mãos sobre os seios em uma carícia para cima, que trouxe os dedos juntos para torcer e esticar os mamilos rosados. Ela poderia levantar os seios para só beijo de seus lábios se assim quisesse que ela fizesse. Poderia acariciá-los com a volta de sua língua e mamar até que eles estivessem avermelhados e duros.

Mais tarde, talvez. Em seu estado atual, a visão de seu pensamento o teria feito disparar antes que ele conseguiu entrar plenamente na luva apertada que era sua vagina.

Remanescentes no berço de suas coxas, ele ainda brincou com ela, penetrando em incrementos lentos, apenas para recuar e se aprofundar raso novamente. Ela precisaria de tempo para se adaptar a ele. E a viagem dentro dela seria grande parte do prazer assim como o eventual encaixe.

- O restante vai mais facilmente - Ele persuadiu. Ele não tinha certeza se ele estava tranquilizando os restantes cinco centímetros de si mesmo que, com paciência, acabariam por encontrar-se abrigados dentro dela. Ou se foi para tranquilizá-la, como fizera com tantas outras mulheres antes dela, que o seu apêndice sexual não as dividiria ao meio.

Assim como seus irmãos, ele nunca teve qualquer dificuldade em atrair mulheres. Legiões delas ficavam intrigadas com a visão de seus ombros largos e mais ainda pela protuberância entre suas coxas. Mas ele as via temer o momento em que colocavam os olhos sobre a sua masculinidade em seu estado puro de dureza.

As fêmeas quase universalmente alegavam clamor por um grande pênis. No entanto, ao apresentá-las a magnitude de sua intimidação, elas rapidamente se tornavam menos ansiosa.

Alguns centímetros a mais.

Ah, Deus, ele estava quase lá. Pausando à beira do êxtase, trovejou o pulso irregular. Ele acolchoou seu traseiro em ambas as mãos e balançando-se mais e mais rápido mais fundo, bombeando sem parar.

- *Mmmm. Siiim.* - Murmurou o incentivo, sua voz sexy no seu ouvido pedindo-lhe por mais.

Era uma alegria foder uma mulher que não fazia careta enquanto ele a perfurava, saber com certeza que seu empalamento não estava causando-lhe desconforto. Suas mãos deslizaram para baixo das coxas e, em seguida, enganchou as costas de seus joelhos, puxando até que ficassem dobradas a altura e largura de cada lado dele. Suas palmas fixaram-se no colchão ao lado dela para que seus braços musculosos aguentassem as pernas dobradas para cima e além.

Como seus quadris inclinados para ele, ele percorreu o resto do caminho para casa. Assentando-se profundamente, ele deleitava-se com o prazer raro de encontrar a totalidade do seu eixo totalmente envolto em uma passagem feminina.

- Ahh... o céu.

Ela estava quente. Apertada. Molhada.

Ele estava quente. Duro. Faminto.

- Isso é... Porra, isso é bom - Ele suspirou quando ele moeu sensualmente sobre a virilha dela.

- Bom - Ela repetiu.

Arqueando as costas, ele assistiu a retirada de seu pau corpulento, recém molhados com seus fluidos. Assistindo enquanto lançava-se novamente em um golpe, determinado, empurrando tão profundamente que o pêlo escuro de seus órgãos genitais abraçou a pele lisa de sua vagina. Como seu criador, ele tinha determinado que seu corpo possuiria pelos apenas nas pestanas, sobrancelhas, e os cabelos de sua cabeça.

Ele começou a fode-la mais rápido, com golpes duros, saboreando a sensação de saquear repetidamente o comprimento, cheio de nata de seu canal. Nenhuma outra lhe trouxe mais prazer do que a figura luminescente e prateada agora sob ele.

Ele procurou prorrogar o incrível prazer.

Mas o seu pênis tinha uma mente própria, e contraia com a necessidade de correr em direção a sua meta lasciva. Quadris duros se revolveram em uma familiar estocada e Retiro. Ele deixou suas pernas se desdobrarem, e seus tornozelos se agarrarem em torno

das costas de suas coxas. Negligentemente, trabalhou nela, em glória a massagem de seus tecidos internos.

Com os cotovelos cavados no colchão, mergulhou os dedos em seus cabelos luxuriosos, segurando-a para seu beijo.

- Como você pode não estar ciente, porra - Ele murmurou contra seus lábios. - Você tem gosto humano, senti-se como humana, tem um olhar humano, a única exceção é sua pele.

Aqueles olhos notáveis apenas piscaram para ele, desprovidos de emoção. Abaixando a cabeça, roçou-lhe a garganta com a boca e dentes. Porque ela era sua favorita que nunca olhou profundamente em seus olhos. Ele aceitou a insensibilidade dos Shimmerskins como inevitável. No entanto, algo dentro dele achava necessário fomentar a ilusão que esta fêmea fosse totalmente viva. Que ela era capaz de desfrutar dele tanto quanto ele dela.

- Eu sou, Vincent - Ela lhe assegurou.

Embora ele soubesse que era apenas seu desejo mudo que havia solicitado sua declaração, no entanto isso ricocheteou em sua necessidade a ponto de deixá-lo mais quente. O sangue quente e sensual dos Sátiros antigos zumbia, uma batida, agitada e carnal em suas veias.

Sua quente e lisa vagina nua o sugava, seduziu-o, empurrando-o muito rapidamente em direção ao clímax.

Não!

Ele queria que esta primeira relação amorosa da noite durasse. Se ele pudesse, ele iria prolongá-la indefinidamente. Se ele pudesse, ele a amarraria em seu corpo e manteria seu pênis profundamente dentro dela dia e noite.

Suaves dedos passearam em sua coxa, surpreendente, pois ele não havia solicitado tal uma carícia. Apesar de seu toque ser leve como uma borboleta foi o suficiente para fazê-lo perder a aderência tênue que tinha de seu controle.

Suas arremetidas ficaram mais vigorosas. Alongadas. Reforçadas. Os músculos de seu bíceps incharam, e seus dedos se agarraram na roupa de cama em cada lado dela, esmagando e torcendo.

Carne e osso bateram juntos em um som alto, bofetões rítmicos que ecoaram no silêncio do quarto escuro. Sêmen reuniu-se em suas bolas, preparando-se.

O som da sua respiração quando pegou em águas rasas, suspiros irregulares que o excitavam. Mas, ainda assim, ele precisava de mais. Ele precisava dela para...

Queira-me.

Nesse pedido silencioso, ele não estava pedindo que ela quisesse só seu gozo, mas toda e qualquer parte dele. Coração, mente, corpo e alma. Era uma exigência, ridícula e impossível. Seus irmãos já suspeitavam que ele estivesse viciado nela. Ele estava contente de que eles não estivessem agora para testemunhar como estavam certos. Eles não entenderiam. Ele não entendia.

Ela levantou a mão para seu rosto e tentou olhar em seus olhos, e ele sendo o louco que era, ele deixou.

- Sim, sim, Vincenzo, eu quero você.

O sentimento era sem dúvida falso, mas seu corpo não se importava. Safira encontrou-se com violeta quando o seu desejo aumentou a um passo da dor. Com as mãos grandes, ele agarrou seus quadris e os angulou para receber uma penetração selvagem e pesada, que empurrou os dois um pé em todo o colchão de penas.

Cada músculo e tendão em seu corpo tencionaram enquanto ele estava pendurado no precipício de êxtase por um momento suspenso, agonizante, feliz. O sêmen espumou e, em seguida percorreu seu caminho dentro do duto espesso ao longo de sua raiz, que percorria a sua extensão considerável. E então, finalmente, finalmente... eclodiu a partir dele.

Um som baixo, primitivo lhe escapou com a sensação indescritível e gloriosa de transmitir sementes. Um gemido subiu tenro, escapando de sua garganta como um grito alegre e feminino que se enrolou ao redor de sua alma.

Como uma linha de punhos talentosos alinhados ao longo de seu pênis, seus tecidos o ordenhavam e o lubrificavam com a nata estimulante e afrodisíaca do seu corpo. Esqueceu-se para o momento que a sua resposta era simplesmente um orgasmo automático, que uma liberação Shimmerskin era infalivelmente desencadeada pela de um macho Sátiro.

Ele puxou para trás e voltou para casa novamente. Seu corpo rodeado pelo dela, moveu-se com o dela, ao longo dela, e dentro dela. Novamente e novamente deu o seu presente para ela no modo masculino de quentes jorros de fluidos. Distante a ouviu murmurar-lhe, sentiu convulsionar os tecidos internos quando sua semente os embebia e os encharcava, inundando-os.

Longos momentos depois, ele ainda estava deitado sobre ela, ainda enterrado dentro dela, sua luxúria só momentaneamente saciada. Ele não experimentou nenhuma preocupação tardia de que ela poderia ter comunicado alguma doença vil ou que ela poderia ter concebido seu bastardo. Sua espécie era incapaz de conceber.

Seus dedos tocaram em seu cabelo, penteando-o levemente, acariciando seu rosto, os ombros, os músculos de suas costas. Novamente ele se perguntou por que fugazmente ela o estava tocando quando ele não tinha especificamente desejado isso, mas no momento ele não se importava.

Ele se ergueu sobre um cotovelo para olhar para ela, hipnotizado por sua beleza marcante. Ele só tinha a felicitar-se por isso. Ele ponderou extensiva à sua criação. Seus irmãos raramente gastavam tanta energia na concepção de recipientes femininos para o seu esperma, nem trouxeram o mesmo mais do que algumas vezes.

Ele a conjurou pela primeira vez há um ano, em seu vigésimo sexto aniversário. Antes disso ele havia chamado outros de sua estirpe.

No entanto, ela era a única que ele já tinha chamado repetidamente. A única que estava constantemente em seus pensamentos. Até agora, ele a fodeu por doze meses. Centenas de vezes. Ele deveria ter se fartado e entediado com ela.

Mas ele não tinha.

Havia ocasião que isso o preocupava. Às vezes, ele negava-se a trazê-la, vendo quanto tempo ele poderia ficar sem ela, mas os seus eventuais reencontros só se revelavam mais urgentes por causa de sua abstinência.

Ele abaixou a cabeça, beijando-lhe a garganta.

- Aonde você vai quando eu me satisfaço de você? - Ele sussurrou contra a pele macia, radiante.

- Longe – Disse a ele.

- Para onde? Em que lugar?

Sua resposta, quando veio, foi quase inaudível. - Para o nada. Para lugar nenhum.

Horas depois, ele se aliviou dentro dela em um orgasmo final e caiu exausto sobre o colchão ao lado dela. Seu pênis estava saciado e meio ereto em sua coxa esquerda, drenado após inúmeros clímax. Mesmo em repouso, manteve-se parcialmente túmido e embaraçosamente majestoso.

Doía-lhe saber que sua companheira se afastaria momentaneamente no éter, agora que ele já não tinha necessidade física dela. Ele sentiu a vibração do cobertor em cima dele quando ele se voltou para dormir.

- Fique aqui – Ordenou mesmo sabendo que ela não iria obedecer.

CAPÍTULO 02

Na manhã seguinte, Vincent acordou para enfrentar duas realidades.

Seu Pau estava duro como uma rocha.

E havia uma mulher em sua cama.

A primeira estava longe de ser uma circunstância incomum. A segunda era extraordinária.

Em todas as ocasiões anteriores, que ele visitou um dormitório diferente do seu, ele sempre foi escrupulosamente cuidadoso para ausentar-se bem antes do amanhecer. Sem exceção. E nunca, em seus vinte e sete anos, ele tomou uma fêmea humana em sua própria cama.

Ele avaliou sua situação.

Sua costa estava virada para seu peito. O quarto estava escuro, embora o sol da manhã já estivesse sorrindo para ele através das cortinas da janela, divertindo-se com sua situação. As cinzas da lareira pareciam frias. E sua cama cheirava a sexo.

Seu braço esquerdo estava pendurado em uma cintura inclinada, e sua mão repousava entre um par de seios voluptuosos. Seus dedos estavam presos em longos cabelos loiros. Tudo o que definia o corpo que ocupava sua cama como sendo inquestionavelmente como feminino. Os lençóis da cama estavam amarrotados e drapejados da cintura dela para baixo.

Sua mente trabalhava, tentando juntar os acontecimentos da noite anterior. Ele tinha ido para cama com a sua Shimmerskin. Mas no momento em que sua mente tinha se acalmado com o sono, ela já teria desaparecido. Ela não poderia ter continuado a existir sem a sua vontade consciente.

Essa mulher deve ser alguém. Alguém humana.

Quando um homem de sua posição na sociedade deslizava seu pênis no anel de músculos que guardavam o hímen de uma mulher decente, ele poderia muito bem ter deslizado um anel de casamento no dedo. *Ele teria que se casar em breve, apesar de suas objeções? Será que ele devia a ela um pedido de desculpas? Se ele a tivesse forçado? Ou a Machucado? Ela era uma prostituta que teria se esgueirado em sua cama? Quem era ela?*

Levantou-se num cotovelo para olhar para baixo. Seus longos cabelos eram um emaranhado exuberante e pálido que obscureciam a metade de seu rosto. A outra metade de seu rosto estava enterrada no travesseiro. Não há ajuda lá.

Quem ela era, ela deveria sair, e rapidamente. Ele tinha uma reunião hoje, em ElseWorld. As negociações foram conduzidas em um momento crítico, e o seu resultado era um fardo que ele suportava sozinho. O processo começou anos antes iniciado por vários advogados. No entanto, todos esses caíram no esquecimento ao longo do tempo.

Na verdade, o último deles se reuniram com suspeitas, acidentes fatais nos últimos meses. Deixando-o como a única esperança para a paz ocorrer.

Sua companheira agitou-se e aconchegou-se, em seguida, agitou-se novamente. A pele perolada de suas costas roçou a sua mais escura, a carne mais musculosa, e seu pau já endurecido ficou mais duro. Embaixo do lençol, sua mão se curvou em seu quadril, inconscientemente massageando e viajando pelo calor aveludado do quadril, barriga, costelas, e depois aos peitos.

Danação, se ele pelo menos lembrasse o nome dela. As mulheres não apreciavam quando um homem não lembrava seus nomes. Mesmo as prostitutas poderiam azedar sobre esse passo em falso. Mas sua mente estava em branco sobre este assunto.

O sol da manhã ficou mais persistente e passou por seu corpo de maneira diferente de antes, ficou iluminado de forma estranha. No âmbito do seu carinho, sua pele estava pálida, e mais deslumbrante do que talvez devesse ser. Ele chegou mais perto, curioso. Sua pele não era apenas pálida, ele percebeu. Era luminosa.

Empurrando o cobertor, ele deslizou a mão para cima ao longo da curva de sua cintura. Na sequência do seu toque, seu corpo brilhou estranhamente. *Sua pele não era apenas luminosa. Foi iridescente!*

Ela se espreguiçou languidamente, enviando uma onda de sedução brilhante e perola sobre seu corpo.

- Cinquenta mil infernos! - Ele rugiu em estado de choque.

O exato momento que a mulher percebeu que não estava sozinha era quase comicamente óbvio. Seu corpo inteiro congelou abruptamente no estiramento. Em um turbilhão de braços e pernas, saiu correndo em cima do colchão, torcendo os lençóis em um emaranhado em torno de seus tornozelos enquanto ela afundava na distância. Inclinando-se em seus membros no precipício distante de sua cama enorme, ela virou-se para enfrentá-lo.

Seus cotovelos estavam ligeiramente flexionados, e a extensão de seus joelhos e ombros. Era uma pose clássica de preparação de luta ou fuga.

Eles olharam um para o outro com expressões idênticas de horror.

- Você! - Estourou de cada um deles simultaneamente.

- Você é o Shimmerskin – Acusou De ontem à noite.

Confusão entrou em sua expressão, mas ela não respondeu.

Seu olhar vagou em seu corpo. Que ela tivesse permanecido com ele após o coito ser concluído entre eles na noite passada era uma circunstância sem precedentes em toda a história dos Sátiros. Era impossível!

No entanto, aqui ela estava. A Shimmerskin. Sua Shimmerskin favorita.

Um jorro de alegria insensata o transpassou. *Quantas vezes ele desejou em segredo que isso acontecesse?*

Seu olhar capturou o dela e percebeu que os olhos violetas já não estavam vagos. Eles estavam selvagens com um choque que combinava com o seu. E com outra coisa. *Medo.*

Seu olhar vasculhou em torno do quarto como se estivesse procurando uma via de escape.

- Eu não entendo. Como você pode ainda estar aqui? - Ele estendeu a mão e tocou o braço dela, apenas na intenção de estabelecer a certeza absoluta que ela não era fruto de sua imaginação.

Ela vacilou e recuou dele, esfregando o lugar que ele tocou como se a tivesse machucado.

Por um longo momento, eles olharam um para o outro, paralisados.

- Diga alguma coisa - Ele ordenou afinal.

Sua expressão ficou zangada.

- Adeus - Disse a ele. Com isso, ela saltou da cama e correu para a porta, lançando os lençóis enquanto ia.

- Demônios a levem mulher, volte aqui! - Vincent gritou.

Seus olhos voaram para o relógio sobre a lareira.

Maravilhoso. Ele precisaria de todo o tempo que lhe restava para se preparar e aos seus argumentos, antes da reunião que terá lugar no mundo ao lado em duas horas. Como a alvorada chegou aqui neste mundo, o crepúsculo teria chegado a ElseWorld. Como as várias facções que se reuniriam ali com ele hoje fossem uma mistura de criaturas noturnas e diurnas, seus encontros com eles foram agendados em todas as horas.

E agora havia uma mulher nua saltando em sua casa.

Ele vestiu o roupão, mas não se incomodou em caçá-la. Ela iria voltar. Shimmerskins sempre obedeceram ao comando de um Sátiro. Sem exceção.

Segundos se passaram. Ela não voltou. A constatação de que ela não tinha nenhuma intenção de fazê-lo lentamente se aprofundou em seu interior e quando finalmente se assentou, foi nada menos que surpreendente.

Era uma simples questão de acompanhar o seu perfume no corredor. Ela tinha ido para outro quarto de dormir que um dia, num futuro distante seria de sua esposa. E, possivelmente, de Landon também.

Sua longa túnica balançou atrás dele quando ele foi atrás dela. À vista de seu traseiro bem formado e nu, o interrompeu. Ela abriu a janela e estava inclinada para fora, observando a paisagem verdejante em baixo.

- Eu não recomendaria isso. Você vai quebrar um tornozelo ou coisa pior - Informou a ela, adivinhando como ela tinha em mente escapar. Embora tivesse mantido a sua voz calma, ela pulou violentamente com o susto de sua voz. Seus olhos estavam dilatados, frenéticos.

Quando ele começou a persegui-la furtivamente, ela lançou outro olhar para fora da janela e, em seguida, aparentemente decidiu não arriscar. Juntos, eles realizaram uma dança inquieta, ele avançava e ela recuava e nenhum deles estava certo do que iria acontecer quando eles se encontrassem.

Eventualmente, ela permitiu-lhe volta-la em um canto do outro lado da cama. Então ela fez uma investida desesperada sobre o colchão, rolando em direção à porta e tentando fugir.

Rápido como um chicote, seu braço chicoteou para fora e pegou sua cintura, transportando-a da cama e apertando contra ele. Girando para enfrentá-lo, ela empurrou o comprimento de um braço de distância, se empurrando de forma ineficaz de seus braços.

Seus olhos varreram o seu corpo nu. Baco, ela era linda. Duas horas era realmente um tempo bastante longo, ele considerou. Talvez eles pudessem espremer tempo suficiente para...

- Nenhuma foda - Ela disse ferozmente.

Sua cabeça recuou, e uma gargalhada surpreendida escapou.

- O quê?

Seus olhos se encontraram com os seus por um longo período, registrando acusação, e depois desceram olhando intencionalmente na direção de seus órgãos genitais. Ele não se preocupou em prender o cinto de seu robe de cetim negro, e este pendurava aberto. Seu pênis enorme sobressaía da divisão das palas da frente, totalmente duro e pronto. Quase ameaçador em seu tamanho.

Ele soltou de um de seus pulsos para dobrar seu roupão sobre si mesmo. E uma ridícula tenda armou-se sobre sua vara distendida.

- Minhas desculpas - Disse ele - É apenas isto.

Ele acenou com a mão livre entre eles, com a intenção de abranger a totalidade dela.

- Você é linda, e... e esta nua. E nós temos ficado juntos antes. É natural que eu reaja a você fisicamente.

Um silêncio afrontado o cumprimentou. Posicionada nas pontas de seus pés, joelhos flexionados e os ombros tensos, ela parecia pronta para fugir ou atacar à menor provocação.

- Eu vou - Ela anunciou afinal.

- Vai? - Sobrancelhas levantadas - Vai aonde precisamente?

Ela olhou para além dele e, em seguida, ao redor da sala, cada vez mais agitada. Seus olhos se voltaram para o seu e parecia forçar o medo a ir embora. Seus ombros quadrados para desafiá-lo.

- Eu vou.

- Se você vai ou não é minha decisão – Informou a ela, cruzando os braços - E você não está saindo até eu chegar ao fundo disto. Até que eu esteja certo que você tem um lugar seguro para ir. Você entendeu?

Ela atirou-lhe um olhar irritado.

Ele quase ficou mais chocado com isso do que com sua presença aqui. Antes de hoje, ele nunca tinha visto nenhum sussurro de emoção negativa sobre o seu rosto bonito em todos os meses desde que ele a criou. Seus olhos tinham realizado variando apenas as proporções de desejo, adoração e subserviência, quando eles olharam para ele.

- Por que você não voltou para a névoa da qual se originou a noite passada como você sempre fez antes? – Exigiu ele.

Ela encolheu os ombros, sua expressão amuada.

O silêncio se aprofundou, mas a esperava. Sendo um negociador natural, ele há muito tempo se aproveitava de sua paciência e habilidades afiadas o que o ajudou a influenciar os outros em acomodá-lo.

- Transformar. Eu mudo - Ela finalmente explodiu.

- Mudança? Como?

As mãos se movimentaram num gesto fútil quando ela procurou palavras para explicar.

- Você me traz. Muitas vezes. Últimos tempos eu mudar.

- Você está me dizendo que você não pode mais voltar para... de onde quer que os Shimmerskins venham? Porque eu de alguma forma a mudei?

Ela assentiu com a cabeça uma vez e depois parecendo perplexa balançou em confusa negação.

-Eu não sei.

- Eu supliquei que você me servisse muitas vezes? Foi isso que a fez tornar-se real?
- Seus olhos flutuaram sobre ela. - És real?

Ela desviou o olhar.

- Eu vou.

- Há algo que você precisa entender - Disse a ela, seu tom de voz mais ríspido do que ele esperava - Você não vai a lugar nenhum nesse momento. Você está nua. E você brilha. Normalmente, os seres humanos não podem ver Shimmerskins. Mas você não é mais um Shimmerskin, não é? O que significa que pode ser visível aos seres humanos agora. E se você notou, a sua existência vai levar a questões que colocaram em perigo a minha família. Não posso permitir isso.

Ele não estava certo quanto do que ela entendeu. Talvez tudo, pois agora ela parecia ainda mais perturbada.

- Venha comigo - Deixou-a, movendo-se para ficar na porta. Olhando ao longo do corredor, ele tomou a certeza que não havia criados nas proximidades, e, em seguida,

ele a chamou, fazendo seu melhor para passar despercebido. Não era tarefa fácil para um homem de quase dois metros.

- Vamos voltar para o meu quarto de dormir. Nós vamos conversar.
- Nenhuma foda - Ela insistiu.
- Não - Ele concordou solenemente – Nenhuma foda.
- Você quer! - Disse ela, apontando para seu pênis túrgido.

Ele olhou para o apêndice masculino ao qual ela achou tão ofensivo. Sua túnica tinha se aberto novamente, e seu pênis ultrapassava as palas. Era tão pesado que não conseguia suportar seu próprio peso, por isso não apontava para cima como a da maioria dos homens. Em vez disso, estava em um ângulo mais baixo, grosso e pesado entre suas pernas e curvando ligeiramente para a esquerda como uma espécie de facão erótico.

- Acho que isso é óbvio - Ele casualmente o guardou entre a túnica e fechou seu manto novamente, amarrando firmemente a faixa em sua cintura - No entanto, você pode confiar na minha palavra que eu não vou me forçar sobre você.

Ela parecia cética.

As bochechas de seu rosto chamuscaram coradas quando ele as pressas emendou numa frágil tentativa de explicar seu comportamento passado em relação a ela.

- O que eu quero dizer é que você tem as minhas desculpas se eu me forcei a você anteriormente. Mas eu não sabia... Ou seja, você não deveria sentir nada quando eu... quando...

Ela veio em sua direção, então, parando apenas quando ela ficou em frente a ele na porta.

- Eu sinto - Ela murmurou baixinho, sem olhar para ele.

Como uma rainha, ela varreu ao passar por ele. Ele a seguiu, considerando as implicações de sua curta confissão até que eles estavam de volta em seus aposentos privados. Fechando firmemente a porta, ele bateu as costas contra ela e ficou a contemplá-la.

- Você sentiu todas as vezes que nos f...

Seus olhos atiraram faíscas.

Rompendo, ele lhe deu uma arqueada de sobrancelha meio zombeteira.

- Ah, eu suponho que você veio equipada com o estranho costume feminino de noções de decoro. O que significa que você pode empregar as palavras certas para descrever nossos contatos anteriores, mas o meu uso delas é considerado ofensivo. As minhas desculpas. Eu queria saber a respeito de se ou não você foi consciente durante todas as vezes que eu lhe envolvi em "relações carnavais"?

Ela olhou para ele um momento e depois desviou os olhos para os dedos, onde brincava com a franja de seda trançada afiando as cortinas de sua cama.

- Só ontem.

- Só a noite passada?

Seus ombros subiam e desciam. Ele mal ouviu o sussurrou.

- E...

- E nas outras vezes também? Quantas vezes? - Ele exigiu.

Os olhos que se ergueram para os seus estavam feridos, cheios de segredos não contados.

- Dez? - Ele incitou, não querendo saber, mas precisando.

Ela balançou a cabeça.

- Mais?

Mais uma vez ela sacudiu a cabeça.

- Eu vou ter a resposta de você, mesmo que demore.

Um grande sopro tremente levantou lentamente a partir de seus pulmões como a exalação de um fole.

- Tre - Ela sussurrou, falando em latim.

Imediatamente a sua mente viajou de volta, recuperando e analisando as lembranças das últimas três vezes ele a invocou para seu uso. Na noite passada. Uma semana mais cedo. E o tempo antes disso tinha sido, Moonful. Uma noite de chamado.

Ele levou os dedos esticados através de seu cabelo escuro, azulado.

Infernos! A primeira relação sexual de sua vida que ela realmente podia se lembrar tinha sido um festival de fodas de oito horas durante um chamado? Ele mal se lembrava de que a tinha invocado dela naquela noite quando ele se reuniu com os irmãos e primos no vale sagrado que estava escondido no coração da Floresta Sátiro.

Shimmerskins tinham estado em toda parte. Elas foram rapidamente e facilmente trazidas das brumas espectrais que se agarrava nas baixas e espessas paisagens verdejantes do vale. Desde o início dos tempos, tinha-se assumido que eram insensíveis. Que Baco as tinha criado para agir apenas como embarcações para as ejaculações lascivas de legiões de homens Sátiros. Ninguém jamais pensou em questionar a tradição.

Ele olhou para a mulher que estava diante dele e viu as memórias daquela noite em seus olhos.

Entre suas irmãs luminosas e seus familiares, tinha havido uma multidão de quase duas dezenas na última ocasião de Moonful. O vinho e pênis subiram para saudar a chegada da lua inteira que assinalou e culminou com a lua cheia. O sangue de seus antepassados tinha bombeado quente e duro em suas veias. Vinho tinha fluido livremente. Assim como sêmen.

Acasalamentos haviam sido rigorosos e sem culpa. Ele tinha estado dentro dela e dentro de outras como ela, em todos os modos possíveis, e todos eles se dedicaram arduamente para saciar suas paixões.

Cada orgasmo tinha sido rapidamente esquecido com a busca para o próximo que começava. Tinha sido uma orgia de proporções épicas. Em outras palavras, uma noite típica de chamado no vale Sátiro.

- Os outros Shimmerskins... também sentem? Ele perguntou percebendo e considerando o que isso poderia significar para os homens de sua raça. Se todos os Shimmerskins tinha o potencial para sensibilidade, já não podiam ser usados conscientemente, da forma que sua família os tinha utilizado nos séculos passados. Sob tais circunstâncias, continuar como antes só poderia ser considerado hediondo. Criminoso.

Ela balançou a cabeça lentamente e derrubou uma mão entre os seios em destaque.

- Só.

Alívio inundou-lhe com sua admissão. Seus parentes fraternos não tinham ideia do que por um triz havia quase sido retirado deles. Havia ainda perguntas, mas...

Seus olhos ficaram vidrados quando caíram para a mão entre os seios nus. Peitos que estavam plenos e perfeitos, coroados com mamilos que eram cor de rosa e pontudos. Sob o seu manto, seu sexo se contraiu.

As mãos dela caíram em punhos as suas laterais.

- Nenhuma foda.

- O quê? Pare de dizer isso! Eu não tenho nenhuma intenção de atacá-la.

Ela ainda parecia cética.

Ele suspirou. Ela tinha razão para desconfiar dele. De seu ponto de vista, pode parecer que ele a tinha usado sexualmente sem o seu consentimento, em suas associações passadas. Ele deveria considerar-se afortunado de que ela se lembrava de apenas das três últimas. Mas, caramba, porque é que uma dessas vezes tinha que ser uma noite de chamado?

Fechou os olhos e esfregou o calcanhar da mão para aliviar a tensão repentina em sua testa, enquanto tentava lembrar mais dos Moonful que eles tinham compartilhado. Ele tinha estado embriagado com vinho e luxúria.

Se Landon tivesse estado lá, eles a teriam passado entre eles. A tomando em conjunto contra a base de uma das estátuas antigas que cercavam o vale. Como eles tinham feito um ano atrás, à noite em que ele a tinha conjurado pela primeira vez. A noite em que Landon tinha estado de licença da guerra em ElseWorld.

Uma noite da qual ela não se lembrava.

De repente, ele tinha que saber.

- Eu, nós, ninguém te machucou durante a chamada, há duas semanas? Ou machucou?

Uma gama de emoções esvoaçou sobre o rosto dela, espanto, desconfiança. Então, ela endureceu e olhou para ele.

- Eu vou.

Quando ele não se moveu da porta, ela olhou para a janela.

- Como eu disse antes, eu não aconselharia essa atitude. Estamos em superiore apiano. Você entendeu? Um piso superior?

Querendo admitir ou não, ela compreendeu e apenas cruzou os braços, mostrando os peitos que inadvertidamente pulsaram pesadamente sobre eles como uma fruta madura, exibidos em cima de um delicioso prato.

Seu pênis pulsava, com fome.

- Vamos colocar algumas roupas em você. Então eu não poderia encontrar-me constantemente duro.

- Roupas? - Ela se iluminou instantaneamente.

Ele sorriu, absurdamente feliz em ter dado prazer a ela.

- Deseja algo para vestir?

Ela assentiu com a cabeça.

Localizando uma caneta, ele vivamente rabiscou um bilhete apressado para o seu irmão Marco. Então ele entrou na sala e, vendo um servo em baixo, ele jogou a carta para ele, pedindo seu banho, e encarregou-o de ter a nota entregue à casa de Marco, que estava a menos de vinte minutos de viagem de sua própria sobre a grande propriedade Satyr.

Voltando ao seu quarto, ele retirou uma de suas camisas do armário e deu a sua convidada. Apesar de o tecido ser do mais caro linho e que tenha sido montados e cosidos à mão pelos melhores alfaiates em Florença, ela o estudou no comprimento do braço, claramente desapontada.

- Você precisa de ajuda? - Ele perguntou, incerto da razão de seu descontentamento.

Ela enviou-lhe um olhar que lhe dizia que ela considerava sua tentativa de por as mãos sobre ela transparente e patética. Franzindo na concentração, ela deslizou os braços nas mangas.

A peça era enorme sobre ela, seus punhos alcançaram os joelhos, e sua bainha ainda mais embaixo. Ele enrolou as extremidades das mangas para trás para revelar suas mãos, e então beijou as costas de cada um. Ela provou se apenas o que ela sempre fora. Deliciosa.

Ela lançou as mãos para trás, esfregando-as como se lavando seu toque.

- Dói quando eu toco em você?

- Sinto Vazio.

- Isso, é claro, faz pouco sentido, mas vamos resolver isso mais tarde. Minha camisa será suficiente como vestimenta para o presente momento. Mandeí recado a uma das casas dos meus irmãos para o empréstimo de algo mais adequado. Um vestido, anáguas e outros itens devem chegar em menos de uma hora.

Com isso, seus olhos acenderam com interesse e um sorriso lentamente abriu em seu rosto. Na luz do sol entrando através da vidraça, eram jóias de ametista brilhante cheia de prazer.

Ele tinha visto aquele sorriso nela muitas vezes. E que tinha chegado com os olhos antes. Mas agora algo sobre ele era muito mais atraente. De repente ele percebeu qual era a diferença. Não era mais uma curvatura falsa de lábios que ele promoveu a sua vontade. Este era um sorriso, dado livremente, por uma mulher com vontade própria.

Seu olhar vagou por seu rosto e percorreu mais abaixo. Porra, ela era linda. Doce. Para o inferno com a roupa. Ele deu um passo em sua direção. Ele precisava...

- Nenhuma foda - Alertou, seu sorriso escurecendo.

Ele parou, mordendo uma maldição silenciosa.

- Peço desculpas mais uma vez. Eu esqueci momentaneamente das novas regras.

Regras eram algo que ele entendia. Flexionando-as e organizando-as para atenderem às suas preferências fazia parte de qualquer negociação e era um negócio em que ele se superava. Era apenas uma questão de tempo antes que ela estivesse em sua cama novamente.

Ele poderia esperar. Um tempo. Seus olhos deslizaram sobre ela novamente.

Um tempo curto.

CAPÍTULO 03

Convencê-la a permanecer escondida enquanto os baldes de água morna foram entregues e derramadas em sua banheira foi facilmente realizado. Pelo menos, uma vez que ele havia proposto para ela como um jogo.

Após a partida dos seus servos, ele tomou a precaução de trancar ambas as portas e janelas antes de afundar em sua banheira e começar suas abluções. Ao som do seu espirro, ela se arrastou para fora do esconderijo.

Ela veio para ficar mais perto da banheira, observando cada movimento dele com um olhar crítico.

Eu estou no banho.

- Banho.

- Sim. Para tornar-me limpo.

Ela franziu o nariz.

- Você é sujo?

Ele franziu a testa.

- Não, eu não sou imundo... Isso é... Tartamudeou uma parada, felizmente seus professores de Direito na Universidade de Bolonha não estavam no quarto para testemunhar este desastre de palavras de seu mais louvado e exaltado magna cum laude estudante.

- É feio ficar olhando fixamente - Ele informou-lhe maliciosamente - Sente-se ali na minha cama onde eu posso manter um olho em você.

Embora ela se movesse, ela ignorou a sua direção e escolheu percorrer o perímetro do seu quarto, espiando os armários, seu espelho de barbear, por trás da tela da privacidade e, geralmente, inspecionando os arredores com a curiosidade diligente de uma criança.

Eventualmente, ela fez uma pausa em sua mesa de cabeceira para refletir a pilha de antigos tomos encadernados em couro legal que ele havia emprestado de uma biblioteca administrativa em ElseWorld. Ela ergueu um em suas mãos, parecendo surpresa com o seu peso, e ela quase deixou cair no chão antes de conseguir manobrá-lo em cima de sua cama.

- É um livro. Abra-o - Sugeriu.

- É um livro. Abra-o - Ela imitou suavemente, como se quisesse experimentar as suas palavras na sua língua.

Sentando no colchão, ela abriu o volume no colo, então ela começou a folhear aleatoriamente através de suas páginas de pergaminho bolorento. Agora e depois, ela fez uma pausa, parecendo a estudar uma passagem mais atenta.

- Você sabe ler?

Um dar de ombros, indiferente, foi a única resposta. No entanto, o livro pareceu ocupá-la pelo momento, pelo que ele estava grato porque o liberou para considerar outras questões mais prementes.

Eram meros quinze minutos para o portão, a pé, o que lhe deixava com bem mais de uma hora antes ele ser obrigado a sair. Era demasiado perigoso para levá-la consigo para ElseWorld. Portanto, embora ele estivesse relutante em fazer isso, ele teria que deixá-la sob os cuidados de alguém. *Mas quem?*

Depois de um instante, ela se deitou com o livro aberto em frente na sua cama e se deitou em seu estômago para continuar a sua leitura. A maior parte de sua camisa deslizou sobre ela, revelando as curvas de seu bumbum e as pernas longas abaixo. As Considerações práticas foram colocadas de lado enquanto ele a estudava deitada entre os lençóis que tinham sido amarrotados por sua paixão noturna. Uma paixão que ainda andava com ele esta manhã.

- Deuses - Ele murmurou. Por apenas um momento, ele esteve tentado a fazer-se na mão, mas era o corpo dela que ele queria deslizando em seu pênis, não o próprio punho. Em um movimento brusco, ele saiu de seu banho, e ela olhou para cima.

A água caía em cascata a partir dele, uma folha corrida astutamente no peito, tórax, barriga. Lá ela era forçada a dividir-se em uma bifurcação em torno do pênis já engrossado, que sobressaía de sua virilha, antes de continuar caindo para as pernas e mais abaixo a seus pés e de volta para a banheira.

Ela sentou-se e fechou o livro volumoso, os dedos marcando o seu lugar como se tivesse realmente lendo e compreendendo a leitura e planejava voltar para um determinado período em que ela parou. Colocando-o em cima de suas coxas, ela cruzou os braços em cima da dourada capa que era de quatro centímetros de espessura.

Então ela começou a observar todas as suas ações quando pegou a toalha de linho e começou a secar-se. A sensação do deslocamento de seu olhar sobre ele era tão tangível quanto os golpes da toalha em sua mão. Previsivelmente seu pau inchou a dimensões cada vez maiores. Havia pouca pressa em se vestir, porque literalmente suas calças não caberiam em seu estado atual.

- Ele tem uma mente própria - Resmungou, não fazendo nenhuma tentativa de disfarçar sua ereção - Eu serei maldito se eu pedir desculpas mais uma vez por ele.

- Serei maldito se eu pedir desculpas - Ela repetiu.

Ela observava a ereção intensificada pelo banho e pela toalha e ele ficou preso pelo sorriso orgulhoso que cruzou seus lábios. Embora ela tenha lhe recusado mais cedo, uma parte dela ainda tinha prazer em ver a resposta de seu corpo para o dela. Seus olhos tinham escurecido, e um resplendor de cor atingia as maçãs de seu rosto. Ela não era tão imune a ele como ela o levou a acreditar.

Ele jogou a toalha longe e deu um passo em sua direção. Sem notar exatamente como ele havia chegado lá, viu-se ao lado da cama.

Então, ele estava inclinando-se sobre ela. E ela estava deitando para trás, permitindo-lhe.

Ele buscou o livro entre eles e o colocou de lado. Seu corpo relaxou sobre o dela, e pareceu a coisa mais natural do mundo que os joelhos dela se separassem para que sua virilha se aninhasse no entalhe, quente e feminino entre suas coxas.

- É de mau tom olhar fixamente - Ralhou ele, sua voz baixa e aveludada. Seus dedos se enroscaram em seus cabelos escuros, contra a luz - Especialmente em um homem nu com o qual não estiver casada. Na verdade, neste mundo, tal comportamento inadequado geralmente é interpretado por aquele homem nu, como um convite.

Ela fixou em seu rosto, seu olhar declarava de forma implícita que ela não estava entendendo nada do que ele estava falando.

Acariciando a boca dela com a sua, ele se fez mais simples.

- Aqui nenhuma mulher humana olha um homem tão descaradamente a menos que signifique que ela esteja convidando este homem para ir aqui - O pênis gentilmente a cutucou. - Entre suas pernas.

- Nenhuma humana - Ela tocou o próprio rosto, indicando que ela se referia a si mesma.

Seu interesse se afiou pela confissão, e ele instintivamente se transferiu para o papel do interrogador ao qual havia sido treinado para ser.

- Então o que você é?

Uma confusão apavorada infiltrou-se em seus olhos com a questão, mas foi rapidamente apagada pelo fechar de seus cílios.

- Eu sou... - Ela procurou palavras para definir a si mesma, mas não conseguiu localizá-las.

Um riacho escorria de seu cabelo úmido para sua clavícula e, em seguida, fez o seu caminho até seu peito. Seu dedo o pegou, traçando o seu caminho em sua pele.

- Eu sou não molhada - Ela decidiu suavemente.

Sua resposta inesperada e o deslumbramento dos olhos de jóias que o espiaram temporariamente o cegou para todas as responsabilidades que estavam aparecendo.

Sua cabeça foi baixando.

- Um estado mais comumente referido como "seco".

Seus olhos e lábios se acariciaram e agarraram-se, as mãos levantadas para seus cabelos, sua nuca, e pelos ombros úmidos. Embora seus corpos tivessem se amado antes, tudo estava mudado entre eles. Eles eram novos um ao outro, ainda desconhecidos. As circunstâncias de sua ligação haviam se alterado de forma irreversível com a chegada da aurora. Ele queria uma ligação nova. Queria lembrá-la que ela queria. Necessitava marca-la como sua, para que ela não esquecer.

Seus dedos foram mais abaixo, dividindo as palas da camisa que ele tinha dado a ela para encontrar a pele de seu coração quente e lisa. Seus olhos fechados vibraram, e ela arqueou em seu toque. Seu polegar pressionou delicadamente no clitóris, e dois

dedos mergulharam dentro dela e em seguida se retiraram e novamente entraram em um golpe erótico. Ela estava errada sobre uma coisa, ela estava molhada. Por ele.

Ela gemia baixinho, e seus dedos seguravam seus braços.

- Olhe para mim - Disse a ela, ouvindo a necessidade de sua própria voz. Ela obedeceu e, ao mesmo tempo, encolheu as pernas de cada lado dele até suas panturrilhas abraçaram seus quadris. Sua vagina mimou suas bolas. Ela estava aberta, pronta.

Quando foi que ele sentiu afogar-se nas profundezas de seus olhos ametistas, agora que eles estavam conscientes ou no mesmo momento em que ele afogou seu sexo no dela? O pensamento virou a batida do seu pulso ainda mais urgente, mais apaixonado. Um desejo febril aquecido pelo sangue que o dotava por séculos de lasciva de seus ancestrais Sáticos.

Gotas de pré-sêmen se formaram na ponta de seu pau, e pintou uma linha fina de prata em seu ventre quando ele levou a coroa de seu pênis para sua abertura. Lá, ele espalhou os lábios que já estavam escorregadias com o desejo feminino.

- Por favor - Ela sussurrou em seu ouvido. Era o som de uma mulher, querendo, querendo.

- Deuses. Sim – Os músculos de suas nádegas se agruparam quando seus quadris se flexionaram, começando a abri-la.

Naquele momento, pareceu soar uma batida rápida na porta.

Sua respiração engatou, incerto. Seus olhos capturados.

- Cem mil infernos, porra! - Mordeu fora através de seus dentes.

Alguém estava no corredor de fora do seu quarto. Ao longo da totalidade da propriedade Satyr, era uma regra não escrita que os funcionários eram proibidos de perturbar um macho Satyr em seu quarto. A razão para esta quebra com a tradição deveria ser importante para que um membro do seu agregado familiar se arriscar a demissão.

Seu pênis estava pronto em sua abertura, morrendo de vontade de entrar, provar seu gosto novamente. Seu acoplamento poderia ser consumado assim, tão facilmente. Eles não precisam perder tempo com isso. Ele poderia...

Ela inclinou seu quadril, atraindo-o mais profundamente. A coroa de seu pau escorregou dentro dela.

Suas mãos plantaram-se no colchão em ambos os lados dela quando ele impulsionou uma polegada mais e mais profundo ainda. Ele tinha conseguido entrar pouco mais de alguns centímetros, e já estava com seus testículos esticados, tremendo com a necessidade de ejacular as sementes preparadas.

O relógio sobre a lareira na parede oposta começou a badalar melancolicamente, outra lembrança insistente de seu encargo. Eram nove horas.

Com uma enorme quantidade de palavras filtrando-se através de sua mente, ele vacilou, sua expressão sombria. Nunca havia desejado mandar suas obrigações irem

para bem longe. Mas o fato é que ele estava prestes a partir para ElseWorld pouco mais de uma hora.

Interromper forçosamente a necessidade de entrar em seu corpo e dar prazer a ambos foi uma das coisas mais difíceis que ele já tinha feito. Contraíndo os músculos novamente, levantou seus quadris, invertendo a direção de seu pênis.

- Não - Ela choramingou, agarrando-se a ele quando saiu dela.
- Outra hora - Ele murmurou contra seus lábios - Em breve, eu prometo.
- Prometo - Ela repetiu com voz desamparada.

Quando o nono badalar soou, bateram na porta novamente, desta vez mais alto.

- Um momento - Ele rugiu para a ofensiva interrupção.

Ele considerava-se explicar-se para a mulher debaixo dele, mas a diferença em suas habilidades de comunicação era tão grande que isso levaria muito tempo. Endireitando-se fora da cama, ele se levantou, carregando-a consigo para a borda da banheira.

- Sua vez.

Ela olhou para a banheira, um pouco surpresa com a novidade da proposta que ele lhe apresentava. Descendo, ela testou a água do banho com os dedos, rodando-os com curiosidade no calor do fluido. Então, sem protesto, ela permitiu que ele a baixasse o resto do caminho até a banheira até que ela sentou-se, submersa até o peito.

- Permaneça aqui, em silêncio, enquanto eu atendo a porta - Disse a ela, colocando um dedo sobre os lábios em ênfase - Não fale. Você entendeu?

Em seu consentimento ele pegou seu roupão de banho, vestindo-o enquanto atravessava o quarto, então ele puxou a porta com toda a força de sua frustração.

Como ele esperava, era um dos servos. Ela parecia um pouco surpresa com sua expressão carrancuda e ficou ainda mais alarmada quando ele a fez andar para trás entrando no corredor com ela. Ela, sem dúvida, fugiria com o avental jogado sobre sua cabeça se ele não tivesse tido a presença de espírito de amarrar a cabeça alta de seu pênis túrgido sob a faixa da cintura em seu manto quando ele o fechou.

- Bem? - Ele exigiu quando só continuou a olhá-lo.

Ela lembrou rapidamente o seu lugar e sua missão e sacudiu em uma medida. Fazendo seu melhor para apartar sua curiosidade, quando ambos ouviram o barulho dos sons emitidos a partir do quarto atrás de si, ela anunciou.

- Com licença, Signore, peço desculpa pela intromissão, mas um pacote chegou.

- Bem? Onde ele está? - Ele perguntou, impaciente, observando braços vazios da mulher.

- Ora, está nas mãos de seu irmão, Signore. Ele me pediu para informar que espera por você lá embaixo.

- Danação! Diga-lhe que estarei com ele em um momento.

Dispensando-a, ele voltou para seu quarto.

A Shimmerskin banhava-se assim como ele a havia deixado, acariciando seus braços e ombros e, essencialmente, imitando o jeito em que ele havia lavado-se mais cedo. Enquanto ele pensava que tinha estado absorvida em seu livro, ela aparentemente conseguiu prestar atenção à sua toalete também. A água estava mais acima do que ficou nele. Seus seios cortavam ao longo da superfície, cheios e rosados.

Baco! Sua ereção nunca iria diminuir se ele não conseguir ter-se sob controle. Virou-se para vestir-se, tentando bloquear os sons sutis que ela estava fazendo por trás dele.

- Termine o banho - Disse-lhe enquanto puxava as botas sobre as pernas da calça - Eu vou descer para buscar uma roupa apropriada para você, e então voltarei.

Sem esperar que ela respondesse, ele tomou o seu consentimento como certo e caminhou até a porta, fechando-a e deixando-a trancada foi em direção à escada ainda abotoando a camisa.

CAPÍTULO 04

No meio da escadaria, ele congelou.

Parecia que não apenas um, mas dois de seus irmãos vieram em resposta ao seu simples pedido. E Landon os acompanhava também!

Marco e Anthony, dois dos trigêmeos de 24 anos, que compunha o conjunto de seus irmãos do sexo masculino, estavam ao pé da escada, com seus cintilantes olhos escuros. Marco usava seu terno de banqueiro, e Anthony, que conseguiu as contas do vinhedo Sátiro, usavam alfaiataria similar que o marcava como um homem de negócios.

Alguns metros além deles estava Landon, o amigo mais próximo de Vincent. Cinco anos de sênior e dois anos mais velho que Vicente, ele usava a sua expressão taciturna de costume, juntamente com um casaco de pele, calças de trabalho desgastada, botas enlameadas, o que indicava que ele tinha acabado de chegar da labuta, entre as videiras.

- Por que você não está pronto para partir? - Anthony exigiu indignado - Você já analisou a lista dos pontos de negociação para a reunião antes de fazer o seu caminho através do portão para chegar até Julius?

Vincent ignorou esta explosão e olhou para o pacote sob o braço de Marco, que sem dúvida trazia os itens que ele pediu para a Shimmerskin em seus aposentos.

- Eu não tinha ciência de que seriam necessários três homens crescidos para entregar um pequeno pacote - Observou friamente, galopando para baixo o resto da dúzia de degraus entre eles - Suponho que deveria estar contente de que Julius me aguarda em ElseWorld e Daniela está no estrangeiro, ou você, sem dúvida, teria convidado os nossos outros dois irmãos ao longo do caminho para contribuir com um esforço tão oneroso.

Apesar de todos os quatro irmãos servirem aos Satyr em sua própria maneira, nenhum deles tinha sido agraciado com a vocação para trabalhar a terra como seu pai, Nicholas, tinha. Apenas Daniela, a irmã um ano mais nova que Vincent, tinha crescido para surpreendê-los ao fazê-lo.

Durante a sua ausência temporária, ela pediu ajuda de Landon, embora tivesse dificuldade em transformar as rédeas da responsabilidade pela sua correção das vinhas a qualquer homem, mesmo um qualificado para estas funções. Inteiramente com o sangue de ElseWorld, Landon tinha imigrado para este mundo há dez anos atrás e era agora empregado para supervisionar todas as seções das vinhas de seus irmãos.

Marco fez um show ao fingir analisar ao redor do ambiente.

- Onde ela está?

- Quem? Vincent perguntou inocentemente.

- A mulher a quem você deseja vestir esta roupa. - Marco sacudiu significativamente o pacote que segurava - Não é todo dia que meu irmão mais velho envia seu servo para mim com as ordens de que eu roube um vestido do armário da

minha esposa e envia-lo para sua casa de solteiro. Causou muita celeuma. Millicent aguarda os detalhes - Disse ele, referindo-se à sua esposa.

- Exatamente como vocês dizem - Disse Vincent - Eu pedi um vestido. Não que todos vocês viessem.

- Eu devo lembrar a você que eu vivo aqui? - Disse Landon oferecendo um toque raro de humor cômico.

Ele havia ficado parado além deles com as mãos nos quadris, mas agora se dirigia a eles. Sua perna esquerda estava dura e movia-se desajeitadamente, um resultado de três anos de serviço na guerra que ainda assolava ElseWorld. Embora ele nunca tenha falado daqueles dias, ele tinha sido ferido em mais maneiras que apenas o físico.

- Ofereci-me para trazer o pacote em segurança até suas mãos - Landon informou-o, colocando-se confortavelmente contra o poste na base das escadas de mármore - No entanto, Marco não desistiu dele sem ganhar uma explicação para o conteúdo. E Anthony estava ansioso para garantir que você atravessasse o portão a tempo para suas discussões intermináveis de legalidades. Juntos, eles mostraram ser uma força imparável.

Era uma declaração ridícula. Apesar de todos os quatro serem de enorme tamanho e estatura, Landon superava Vincent por uma polegada ou outra e era um pouco mais amplo no peito.

Ignorando-o, Vincent fez um movimento indigno para agarrar o pacote.

Mas Marco estava preparado e o arrebatou, jogando-o para um Anthony surpreso – Vamos agora, apenas a mostre para nós, ou pelo menos dei-nos um nome, e nós estaremos em nosso caminho.

- Não há nenhuma mulher, eu estou te dizendo. Se vocês vieram esperando por um show, então vieram para nada. Eu preciso do vestido, porque eu sou obrigado a assistir a um baile à fantasia em ElseWorld - Vincent mentiu facilmente.

- Anthony? - Marco olhou para seu irmão.

Vincent olhou para Anthony desafiando-o a expor a mentira que ele proferiu.

- Como vou saber? É Júlio, que mantém os detalhes das obrigações de Vincent, social e empresarial.

Marco olhou para ele, implacável.

- Uma mentira boba, irmão mais velho. Mas a perspectiva de que caberia no vestido da minha esposa? Sua bainha dificilmente atingiria os seus joelhos. Confesse. Para quem é realmente?

- Ninguém que lhe diga respeito - Vincent fez outra tentativa de agarrar o pacote, mas Anthony, que tinha pegado o espírito do jogo, se esquivou e jogou o pacote de volta para seu irmão.

- Landon! Não fique aí parado seu traidor. Ajude-me - Disse Vincent.

Landon levantou as duas mãos, palmas para fora.

- Você está no seu próprio mundo. Eu admito que estou ficando curioso como seus irmãos.

Marco Colocou o pacote nas costas.

- Vamos, Vincenzo. Se você não quisesse que soubéssemos, por que pediria o vestido justo para mim?

- Por Daniela não está disponível? Porque você é o único irmão casado que eu tenho?

- Por que você não colocou o seu pedido para a mãe? - Anthony se intrometeu - Eu acredito que ela possui um ou dois vestidos sobrando em seus muitos armários.

As sobancelhas de Vicente se franziram, e embora soubesse que sua mãe, a bem-educada Lady Jane Sátyr, tinha acompanhado o pai e a irmã ao exterior, ele baixou a voz como se temesse que ela pudesse escutar.

- Esta questão está mais bem guardada entre nós. Por agora.

Um olhar de diversão presunçosa iluminou o rosto de Marco, e ele empurrou de lado a gola da camisa de Vincent.

- Aha! Você está marcado, no pescoço - Ele enfiou um dedo no peito de Vincent – Você tem uma mulher aqui! Onde ela está? Em seu quarto de dormir?

Ele esticou o pescoço, ficando na ponta dos pés para olhar ao redor de Vincent para o patamar acima da escada.

Vincent suspendeu a gola, escondendo a contusão que a Shimmerskin tinha deixado.

- Tudo bem, sim! Eu tenho me divertido com uma mulher aqui. Agora os três estão suficientemente satisfeitos? Agora, pare de desperdiçar meu tempo. Apenas vão...

Marco riu.

- Espere até que a mãe saiba sobre isso. Ela vai querer que vocês fiquem noivos e...

Quando Vincent fez outra tentativa de agarre, Marco atirou a caixa para Landon.

- Não tão rápido - Disse Landon quando Vincent virou em cima dele. Segurando o pacote fora do alcance, ele derrubou uma mão no centro do peito de Vincent para afastá-lo, olhos cinzentos se fixaram nos seus por um momento como só o seu potente incisivo olhar poderia. Tudo o que ele leu no rosto de Vincent o tinha feito decepcionado.

- Bem, eu serei um condenado.

- Deuses! - Marco ofegou ao mesmo tempo.

- É ela! - Anthony exclamou, apontando as escadas com espanto.

Vincent rodou, sabendo muito bem quem ele iria ver atrás dele. Como tinha suspeitado a Shimmerskin agora estava no topo da escada, a mão no corrimão, e um pé alto e arqueado pronto no primeiro degrau descendente.

Fresca do banho, ela vestiu a camisa novamente e usava-o como um roupão, o cinto desamarrado. Suas luminescentes pernas bem torneadas eram longas e nuas por baixo, e seu cabelo brilhante derramava pelas costas e os ombros como o cair do luar.

De alguma forma, ela destrancou a porta do quarto e fugiu. Ou, para ultrapassá-la ela tinha conseguido momentaneamente se tornar a névoa encantada que era antes?

Todos os quatro homens olhavam, mudos e paralisados, quando ela fez seu caminho cautelosamente em direção a eles. Como se ela fosse uma jovem rainha que tinha se esquecido de por suas vestes e chinelos reais, cada passo dela exibia um poço do comprimento de suas coxas e mais uma pitada de barriga e peito. Dois degraus acima dele, ela parou com um sorriso hesitante em seus lábios enquanto ela estudava primeiramente a ele e, em seguida, a cada um de seus companheiros de sala.

Marco o arreliou.

- Você a conjurou mais uma vez? Quantas vezes fez isso agora? Em nome de Baco, Vin! Estou cada vez mais preocupado que você possa ter um problema.

- Eu realmente tenho um problema - Vincent grunhiu - Três deles na verdade, todos aqui no meio do meu vestíbulo e importunando-me quando eu tenho uma reunião crucial para ir a menos de uma hora.

- Acredito que o termo correto disto possa ser “vício” - Comentou Anthony ao seu trio, com vista à interrupção de Vincent.

Landon continuou em silêncio, Vincent lançou um olhar em sua direção. Interesse lascivo brilhou no olhar escuro do seu amigo, olhos solenes varreram a mulher na escada, mas foi rapidamente encoberto, e ele desviou o olhar, se afastando novamente.

Mas Vincent esperava tal reação. Teve, de fato, aguardava que isto ocorresse. Ele e Landon sempre gravitaram em torno das mesmas mulheres... mesmo antes da guerra.

Considerando que Vincent tinha servido apenas por um breve período de serviço ativo antes de frequentar a universidade, Landon passou grande parte dos últimos três anos numa guerra que esteve furiosa durante os últimos vinte e sete anos. Apenas um mês atrás, ele havia deixado abruptamente seu regimento para o sempre e voltou aqui através do portão. No que diz respeito ao que Vincent sabia, não tinha uma mulher desde que ele voltou para casa.

Tendo cansado de sua contemplação dos homens, a Shimmerskin estava subitamente testando o tapete do corredor com a curvatura dos pés, como uma cigana que determina o seu valor.

Parecendo alheia aos homens gigantes que a observavam, ela dobrou as pernas debaixo dela e sem cerimônia sentou-se sobre o piso. Rastreando o padrão sutil, teceu com as pontas dos dedos, ela então se inclinou para esfregar o tecido rico em seu rosto como um gato. Seus cílios caíram fechados, e um sorriso feliz, curvou seus lábios.

- Hummm.

Todo o humor fugiu dos quatro homens em um instante, deixando uma tensão latente preencher o vazio. Vincent sentia o interesse sexual dos outros turvarem-se como se fosse o seu próprio. Sabia que eles iriam perceber a rampa de seu pulso também.

Através de todos os séculos passados, tinha sido assim entre machos Sátiro. Esta divulgação preternatural de consciência carnal entre eles era uma parte inalienável da sua linhagem, e teve o efeito de fazer aumentar exponencialmente o seu prazer por atos lascivos.

Marco e Anthony passaram ao lado dele, e uma intenção de cor avermelhada tingiu o rosto de Landon. A Shimmerskin continuou sentada, aparentemente alheia às correntes.

- Dá-me o maldito vestido - Vincent tomou a caixa nas mãos negligentes de Landon. O braço da Shimmerskin ficou luminescente sob a sua mão, quando ele a puxou para cima e colocou o pacote perto de sua barriga nua.

- Ponha isto - Disse a ela, espantado ao sentir-se possessivo por ela.

Sua testa enrugou, e ela inclinou a cabeça, sem entender.

Quando ela não fez nenhum movimento para agarrar o pacote ele cruzou os braços por cima. Mas quando ele a soltou, ela o permitiu escapar descuidadamente ao chão.

Quando o pacote rolou, a fita que o amarrava soltou, e seu acondicionamento foi deslocado obliquamente.

Seus olhos brilharam com interesse quando um plissado roxo apareceu. Um par de meias escapuliu ao acaso pelo tapete sobre a escada, e o salto de um sapato e o seu gêmeo estourou do papel.

Ela pareceu reconhecer para o que era tudo isso, e imediatamente tirou a camisa. Alegremente jogando-a sobre a balaustrada atrás dela, ela se ajoelhou ao lado da generosidade inesperada.

Vincent quase podia ouvir rosnar interior de Landon e o olhar predador na mira da Shimmerskins. Ele e os outros tinham compartilhado numerosas Shimmerskins no curso de suas vidas. Rituais Satyr em Moonful eram tais que todos eles tinham visto um ao outro e suas companheiras despidos e travados na paixão muitas vezes antes.

No entanto, era uma questão ter Landon e seus irmãos, vendo esta mulher em estado de nudez, quando eles se reuniram no vale para fins luxuriosos. Tê-los desejando-a nos degraus de sua casa, em plena luz do dia era outro completamente diferente.

Os seios que eram demasiado voluptuosos para seu corpo balançaram delicadamente com seus movimentos quando ela levantou-se para elevar o vestido e admirá-lo. O rosto dela em forma de coração olhava espantado ao simples presente.

Ele colocou uma mão em seu ombro.

- Vá ao meu quarto para vestir-se - Ouviu-se a ordem.

Marco franziu o cenho para ele.

Ele pareceu ciumento. Muito ciumento. *Deuses, isso era possível? Dos seus irmãos? De Landon? Os homens com quem ele havia crescido e facilmente compartilhado dezenas se não centenas de outras fêmeas?*

Com um pé no vestido e o outro pronto para juntar-se a ele, a Shimmerskin olhou interrogativamente para ele.

- Por quê?

- Que diabos? - Mesmo Landon se endireitou do seu desleixo habitual neste momento, aturdido por sua causa. Pelo fato de que ela o tenha questionado.

Vincent levou a roupa dela, ergueu-a sobre sua cabeça, e então começou bruscamente a vesti-la.

- Que diabos está acontecendo? - Marco exigiu - Uma Shimmerskin questionando as nossas instruções? E desde quando exigem vestidos? De onde infernos ela veio?

- Eu a chamei da maneira habitual, com a finalidade de sempre - Vincent fez uma pausa e, em seguida, admitiu significativamente - A noite passada.

- Na noite passada? - Marco repetiu.

- E ela continua aqui? - Perguntou Anthony.

- Como você pode ver. Parece que ela conseguiu uma consciência. E eu garanto que ela esta mais confusa sobre como isso aconteceu do que nós.

- Mas isso é impossível - Disse Anthony lentamente - Shimmerskins nunca ficam depois de fodermos o suficiente. Eles não têm esses impulsos. Eles não são reais... Sua mão levantou para ela como se para testar a verdade de sua afirmação.

Vincent calmamente a puxou para fora do alcance.

- Aparentemente, se você invocar o mesmo uma vez, muitas vezes, ela pode se tornar assim.

- Você a fodeu até torná-la consciente? - Marco riu de si mesmo - Isso é uma façanha, até mesmo para o seu pênis monumental.

A Shimmerskin parou a sua frente para que a ajudasse com o corpete do vestido.

Vincent estremeceu interiormente, ele trabalhou no fecho ao longo das costas do vestido. Seus irmãos nunca souberam das dificuldades trazidas pela proporção de seu apêndice masculino, mas tinham assumido que as suas dimensões era algo que em todas as senhoras dava prazer.

- Estou satisfeito que a minha situação o diverte.

Dedos suaves acariciaram-no no braço. A Shimmerskin. Ela virou antes que ele tivesse conseguido fechar o corpete, e ele se abriu, expondo-a. Seus olhos procuraram os dela e viu que o gesto era para confortá-lo. De alguma forma ela tinha adivinhado a sua vulnerabilidade.

Como um raio, uma chocante constatação veio a ele. Esse impulso para esconder seu corpo provinha do fato de que ele não tinha certeza dela. Inseguro de seu poder

sobre ela. Ele a criou. Mas se ela fosse verdadeiramente consciente, ela poderia optar por deixá-lo.

Pondo as mãos em seus ombros, girou-a e, em seguida, deu-lhe um pequeno empurrão para cima.

- Vá. Vou fazer-lhe companhia daqui a pouco para ajudá-la a terminar de vestir-se.

Ela revirou os olhos, arrancando um suspiro de Anthony por sua audácia.

- Para cima! - Vincent ordenou, apontando na direção que ele pretendia que ela fosse.

Olhando um pouco ferida por sua recusa, ela, no entanto, recolheu as saias em torno de sua cintura e se foi, parando apenas para recolher os sapatos e meias.

- Quais são seus planos para ela? - Landon perguntou arrastando sua atenção dela como se fosse um esforço supremo fazê-lo - Além do óbvio.

- Ela não está interessada. No óbvio.

- Um Shimmerskin desinteressado em fornicção? - Marco zombou - Inédito.

- Mas é verdade. E isso me leva a especular que outras regras comuns para Shimmerskins podem não se aplicar a ela também

- Você não acha que os seres humanos serão capazes de vê-la, não é? - Anthony interrompeu.

Nesse instante o barulho de uma bandeja caindo no chão chamou toda a atenção para o patamar no topo das escadas. Uma serva idosa estava pronta lá, seu rosto empalideceu e seu olhar sobre o reflexo da mulher, descabelada e seminua ascendendo a extensão da escada entre eles e ela.

- Se não é Lady Godiva pessoalmente que retornou dos mortos! - Guinchou ela, benzendo-se.

- Acho que podemos considerar que isso é resposta suficiente à sua pergunta - Landon murmurou.

Subindo dois degraus de cada vez, Vincent levantou a Shimmerskin em seus braços e, em seguida, suavemente inverteu sua direção, descendo com ela. Olhando para Anthony enquanto descia, ele sacudiu a cabeça para cima. Sua expressão ordenava que se ocupasse da serva.

Anthony imediatamente compreendeu e se adiantou para a serva, como todos os irmãos faziam em assuntos sérios. Uma vez que Vincent tinha descido as escadas com ela, Marco e Landon se arrastaram em seu encalço.

De algum lugar atrás deles veio a voz de Anthony, falando com a serva atrapalhada. Ninguém se demorou para vê-lo estender a mão em seu ombro enquanto ele murmurava, iniciando assim um encantamento que iria apagar de sua mente qualquer lembrança da aparição feminina ao qual ela testemunhou.

Vincent inalou, apreciando o cheiro quente e doce da mulher que ele carregava. Era um perfume que ele tinha criado para apelar a ele no nível mais vil possível.

Uma vez em sua biblioteca privada, seus olhos foram para os tratados e documentos legais aos quais deveria ter estado debruçado sobre neste momento, então mudou para o relógio enorme na parede oposta. Ele precisava sair dentro de um quarto de hora.

Ele colocou o seu fardo a seus pés e colocou as mãos em concha sobre suas bochechas, concentrando-se, a fim de iniciar um encantamento temporário. Isso tornaria a aparência de sua pele normal aos olhos dos servos, embora não escondesse sua luminescência de sua família.

Quando foi feito, ele estava meditando sobre ela. Seu irmão estava certo. Ela poderia se tornar um perigo para ele se ele a deixasse. Qualquer coisa que um homem na posição dele quisesse muito não poderia ajudar, mas colocá-lo em risco de chantagem. Ou, como Marco suspeitava, ela poderia ser uma distração das negociações.

Marco se aproximou em seguida, separando seus olhares entrelaçados.

- Por favor, me diga que você não está imaginando algum conjunto de circunstâncias estranhas que possam permitir que você a mantenha aqui com você. Entre a família - Sua voz parecia estranhamente distante - Vincent! Você me ouviu?

Vincent piscou e afastou-se da Shimmerskin, olhando para os outros.

Landon já confortavelmente se estendera na cadeira que ocupou muitas vezes em outras noites e passou um tornozelo sobre o joelho machucado. *E quando Anthony tinha se juntado a eles novamente?*

Quanto tempo eles tinham estado todos reunidos ali, olhando para ele enquanto ele olhava para ela, desta forma apatetada?

- Eu vou - Disse a Shimmerskin, obviamente sentindo que não era querida.

- Pronto. Você a ouviu - Disse Marco, gesticulando em direção a ela como se a situação tivesse sido resolvida a contento para todos.

- Sempre que você sugira um lugar ao qual ela possa precisamente ir - Vincent estendeu a mão para ela novamente e girou em torno dela para que ele pudesse fechar o fecho de seu vestido. Embora a esposa de Marco tivesse uma excelente figura, o vestido era grande para ela, principalmente na cintura, mesmo sem o benefício de um corset.

- Você realmente não sabe como mandá-la de volta? - Inquiriu Anthony.

- Não, e ela não sabe como voltar também. Devo abrir a porta e empurra-la para cuidar de si mesma? Ou talvez um de vocês esteja disposto a levá-la para Florença em suas carruagens e deixá-la na rua? Vocês podem imaginar o que seria dela.

- Você está indo para ElseWorld hoje não é? Por que não levá-la com você através do portal e deixa-la lá? - Marco sugeriu.

Landon falou pela primeira vez, e embora sua voz fosse num tom de pouco força, ele ordenou.

- Isso não é muito diferente de abandoná-la em uma cidade estrangeira aqui no nosso lado do portal.

- A idéia de Marco soa bem - Disse Anthony - A magia da qual ela emana é grossa do outro lado do portão. Talvez ela seja reabsorvida de alguma forma por lá.

- E se existirem complicações? Minha atenção deve estar nas negociações. Não, ela fica aqui, por agora. E ela não pode ser deixada sem supervisão, até que nós saibamos mais sobre o que esperar dela. Um de vocês deve ficar com ela durante o dia.

- Defina “ficar” - Murmurou Landon. Seu tom era resguardado por uma fome para ela que ele parecia ter dificuldade surpreendente em reprimi-la.

Ouvindo, a própria luxúria de Vincent subiu. Sua mente formulou um cenário completamente impraticável em que ele conduziria para fora Marco e Anthony e, em seguida a dobraria sobre a mesa. E então ele iria levantar a saia vermelha que ela tanto adorou e que cobria seu traseiro e entraria por trás dela, enquanto ela tomaria Landon em sua boca.

Seus olhos se ergueram e fixaram-se nos dela. E Viu que eles foram preenchidos com a consciência de suas fantasias eróticas.

Lentamente, sua cabeça se voltou para Landon, encontrando seu olhar. Os olhos cinza se aqueceram, dilatando.

- Certo - Ciente de que a atração involuntária de Landon para ela poderia dominá-lo se ele estivesse sozinho com ela, Vincent não tinha nenhuma intenção de permitir que isso acontecesse. Ainda não.

Assim, em vez disso, ele entrevistou seus irmãos.

- Normalmente Julius seria a minha escolha como guardião, pois ele é o mais virtuoso quando se trata de mulheres. Infelizmente, ele estará comigo hoje, o que deixa dois de vocês. E como você é casado, Marco, você está aqui coroado com o título duvidoso do irmão mais confiável que eu possuo.

- E como vou explicar-me com Millicent? - Marco protestou.

Ninguém intimidava Marco, salvo sua esposa, fato que Vincent considerava cômico, tendo em conta o fato de que ela tinha certamente um pouco mais do que metade a sua força e tamanho. Mas como eles todos bem sabiam, Marco tinha um casamento feliz e não se perderia. Mesmo sob a lua cheia, ele se manteve fiel a sua esposa em dois anos.

- Sua esposa foi a Florença até amanhã, não foi?

- Sim, e só posso pensar em como ela vai ficar feliz ao descobrir em seu retorno que eu abriguei uma Shimmerskin nua sob seu teto como um favor a você.

Apesar do protesto, Vincent sentiu a capitulação de seu irmão.

- Está arranjado então. Eu devo ir agora.

Com isso, ele se virou para a Shimmerskin e beijou sua testa.

- Eu tenho que ir. Ficarei fora durante todo o dia - Disse a ela - Meu irmão Marco verá as suas necessidades. Fique com ele até eu voltar.

Ela lançou um olhar de relance para Marco, hesitante.

- Fique - Disse ele, percebendo que esta foi a última palavra que ele disse a ela à noite anterior. Ela sorriu um pouco como se, também, se lembrasse, em seguida, ela inclinou a cabeça em concordância.

- Fique.

- Grazie, irmão - Vincent jogou atrás dele quando partiu do estúdio - Anthony. Landon.

Com estas despedidas bruscas, ele escorregou para fora da porta para fazer o seu caminho até o portão.

Marco o seguiu e pegou seu braço sobre os degraus da frente.

- Ela é um perigo para você – Advertiu - Para todos nós. Quando você voltar, suplico que encontre uma maneira de livrar-se dela.

Atrás deles, a Shimmerskin estava na janela do estúdio, ouvindo o que nenhum ouvido humano poderia ter escutado através da distância e do vidro. Colocando uma palma na vidraça, viu Vincent atravessar o pátio.

- Perigo - Ela sussurrou – Livrar-se dela.

CAPÍTULO 05

ElseWorld

Minutos depois, Vincent chegou ao meio da floresta antiga que ficava no coração da vasta propriedade Satyr. Lá, ele escorregou pelo portal secreto que unia EarthWorld a ElseWorld, em seguida, fez o seu caminho através do canal de névoa até que desembocou na semi-escuridão cerca de cinquenta metros mais adiante.

Quando o dia amanheceu em seu mundo, a noite estava caindo aqui.

Seu irmão Júlio, o mais sério dos trigêmeos, estava esperando na extremidade. Olhando muito aliviado ao vê-lo, ele, no entanto, irritado bateu um maço de documentos cuidadosamente arranjados e contra o peito de Vicente.

- Você está atrasado - Disse ele sob a forma de saudação.

- Foi inevitável.

- Eu viajei através do território devastado pela guerra esta noite para conseguir chegar a tempo - Julius resmungou - Não pense que eu não senti o que você ficou fazendo a noite passada. Agora vamos ficar ambos mal vistos por aparecermos atrasados no dia mais importante das negociações. Vincent recuou para ler os documentos com os quais ele tinha sido abordado.

- Há mais do que o que você imagina, mas eu vou explicar mais tarde. O que é tudo isso?

- O usual. Discordâncias sobre a divisão definitiva das terras férteis, os portos marítimos, vinhas. Pechinchas insignificantes no que diz respeito à redefinição das fronteiras e o pagamento do dízimo de nossas vinhas em EarthWorld.

- Duzentos mil barris das melhores vinhas existentes não é uma questão insignificante - Disse Vincent, lendo a primeira página rapidamente.

- Signores Vincenzo e Júlio! Bem-vindo, bem-vindo.

Era um Facilitador que vinha cumprimentá-los, embora o seu real propósito fosse o de garantir a passagem segura para o local da reunião. O homem idoso iria acompanhá-los sozinho, assumindo que ninguém se atreveria a atacá-los enquanto eles estivessem sob a égide de uma figura sagrada e reverenciada.

Suas mãos nodosas acenaram para frente.

- É realmente uma honra. Um prazer. Por aqui, por favor. Sim, é isso, esse é o caminho - Ele disse dirigindo os dois em direção a uma brigada uniformizada do que parecia ser militares.

- Será que isso significa ser uma espécie de boas-vindas oficiais - Perguntou Vincent, olhando-os. Havia pelo menos de cinquenta deles ao todo, formando uma parede impenetrável e bloqueando o caminho para seu destino.

- Eles são os inspetores – Disse o Facilitador.

- Por que tantos? E assim, fortemente armados? - Julius acariciou o bigode ébano que ele cultivava desde o mês passado com dois dedos, olhando preocupado.

- Não se ofenda - O Facilitador se apressou em pedir, percebendo o seu desconforto
- Precauções extras são necessárias. Todos os que vêm dessa forma devem ser analisados. Houve ameaças.

- De que tipo? - Julius exigiu.

- As ameaças contra suas vidas e as dos líderes que se reunirão neste lado do portão com vocês. Alguns em nosso mundo não querem se dobrar com os ventos das mudanças.

Vincent balançou sua mão em um gesto destinado a encerrar a discussão.

- Nós estamos atrasados, lembra? E torna-se escuro aqui neste mundo. Deixe-os fazer o que eles precisam irmão, para que possamos seguir em frente.

Quando eles se aproximaram do regimento, três homens e uma mulher se destacaram das fileiras e vieram em sua direção. Vincent sentou-se em um dos bancos e permitiu-lhes retirar as suas botas. Quando ele foi direcionado para se levantar, erguendo os braços para ser apalpado para baixo. Com um huff, Júlio seguiu o exemplo. Dedos através de seu cabelo pentearam e vasculharam seus bolsos e botas, provavelmente à procura de armas ou contrabando.

E o tempo todo, Vincent prestava-lhes pouca atenção enquanto continuava a verificar as informações que tinham sido pesquisadas por Julius nos dias anteriores fazendo comparações, e as colocando no papel.

Uma mão deslizou entre suas coxas, assustando-o, e agarrou o braço ligado a ele em um aperto severo. Seus olhos se encontraram com os da guarda do sexo feminino.

- O que esta acontecendo? - Um dos guardas a questionou, detectando o problema.

- Uma protuberância suspeita.

O guarda riu.

- Ele provavelmente usa enchimento nas calças para impressionar as damas.

- Eu não estou impressionada - Disse ela, sóbria o enfrentado.

Tinham falado em um dialeto de ElseWorld, obviamente, e erroneamente, supondo que ele não entenderia.

O Facilitador se aproximou, tentando suavizar a questão.

- Durante o período das negociações, uma busca minuciosa será habitual - Disse ele, tentando apaziguar Vincent.

- Não tenho nada a esconder - Vincent largou o braço do guarda feminino. Sua mão trabalhou no fecho e, em seguida, mergulhou dentro da frente de sua calça, apalpando-lhe rudemente. Seus olhos correram ao seu, ampliando ao que ela tinha descoberto.

Ele sorriu e ergueu as sobrancelhas. Ela corou, algo que ele nunca tinha visto em um guarda de ElseWorld.

- Podemos apressar essa revista? - Julius reclamou por trás dele. Presumivelmente, ele estava sendo revistado também, algo que ele odiava, pois ele não se sentia bem com o próprio corpo como eram Vincent e os outros irmãos.

A fêmea removeu sua mão e acenou para o outro guarda.

- É tudo dele.

Um guarda do sexo masculino olhou e cutucou outro dos guardas, sussurrando. Um suave ondular mexeu com o restante dos guardas em seus postos, rapidamente ganhando impulso. Parecia que sua reputação estava prestes a se espalhar por ElseWorld também.

A revista foi concluída, Vincent e seu irmão ajeitaram suas roupas e, em seguida, partiram para seu destino, acompanhados pelo Facilitador.

- Espero que tenha se divertido pelo que aconteceu lá - Disse Júlios, quando eles estavam fora do alcance da voz.

Vincent sorriu.

- As vantagens de nossas viagens para essa negociação são poucas. Permita-me apreciar aquelas que vêm em nosso caminho.

Eles cruzaram a fronteira, quando então um segundo Facilitador se juntou a eles. Os dois anciãos bateram as palmas das mãos, murmurando um ao outro em uma saudação apressada. O trio não quebrou seu ritmo enquanto o segundo continuou com eles, e o primeiro partia.

Sua nova escolta os liderou através de uma paisagem devastada. O cessar temporário da luta tinha sido chamado, e os sons das armas de fogo cessou. Ainda nesta cidade, mais próximas de ElseWorld, e que estava relativamente ilesa, houve evidência de destruição generalizada.

- O que é tudo isso? - Vincent acenou com a mão em direção ao prédio que estava brilhando na escuridão, no alto de um blefe. Embora modesto em tamanho, foi construído em mármore e haviam sido detalhadas com esculturas em alto-relevo da flora e fauna nativas de ElseWorld. Torres altas iluminadas com tochas entre cada um dos seus quatro cantos, e dois guardas armados foram colocados em cada um.

Saltando a cada três passos para manter o ritmo dos seus passos mais longos, o Facilitador falou pausadamente no idioma italiano enquanto se aproximavam do edifício.

- Foi construído especificamente para esta nova rodada de reuniões. Em honra das negociações do Tratado.

Vincent balançou a cabeça, espantado com a despesa que tinha sido gerada.

- Uma tenda teria feito o mesmo serviço.

Sem pensar, ele tinha falado no idioma do Facilitador, e não em seu próprio italiano nativo. O homem agradecido por saber o uso do dialeto que era mais familiar a ele mergulhou por ele também.

- Não, não, uma fortaleza como ambiente era necessária - Sua voz baixa, em silêncio, com mal-estar – Demônios foram avistados.

As sobrelanceiras de Vincent levantaram-se e atirou um olhar confuso a Julius.

- O que ele está dizendo? - Julius perguntou, fazendo malabarismo com os papéis que ele tentava analisar.

- Vincent traduziu brevemente. Um linguista natural, ele era fluente em duas dúzias de idiomas de EarthWorld e ElseWorld e poderia ler mais outras, embora tivesse dedicado pouco tempo ao seu estudo.

- Você sabia sobre esses rumores?

Júlio deu de ombros.

- Um tema recorrente. Eu presumo que eles estão simplesmente baseados no medo e não devem ser considerado seriamente. Nós todos sabemos que o reinado de terror dos demônios terminou mais de uma década atrás, quando Dominic fez sua casa em ElseWorld.

O Facilitador obviamente entendeu o suficiente, por que ele retrucou.

- Exceto para as horas negras em torno do Moonful, quando o demonhand retorna para nós. Então os demônios se agitam. E agora alguns dizem que eles começam a chegar a eles de novo em seus pesadelos.

- Deuses! Nós não precisamos disso - Disse Vincent - Se as facções se agitarem por esta conversa, eles não estarão com nenhuma disposição para um acordo.

- Vamos esperar que todos eles sejam revistados a procura de armas tão intensamente como nós fomos - Disse Júlio.

Capturando a essência de sua declaração, o Facilitador se apressou em assegurar.

- Deixe-me reassegurar que todas as garantias desejáveis e necessárias estão no lugar, incluindo a vigilância, barricadas, e os guardas com armas. Eu confio em vocês estarão satisfeitos com nossos incansáveis esforços por segurança plena.

Vicente interrompeu suas garantias quando não mostrou nenhum sinal de enfraquecimento, colocando a mão no peito do Facilitador para ele parar ao se aproximarem do local da reunião.

- Meu irmão e eu precisamos de tempo para falar em particular antes de entrar na reunião de câmara. Como estamos atrasados, vamos dar o adeus aqui. Agradecemos por seus esforços em nome das negociações - Ele pegou a mão pálida do Facilitador entre as suas e deu um sorriso brilhante e oferecendo a tradicional frase que serviu como saudação e despedida.

- Como a lua reflete o sol.

- Como a lua reflete o sol - Ecoou o Facilitador, obviamente desapontado por que ele não seria admitido na própria reunião, todos desejavam um vislumbre da sala onde as negociações estavam sendo discutidas. Julius acrescentou sua própria saudação apressada em meio a um arco antes de avançar na esteira de Vincent.

O burburinho de vozes levantadas em conflito atingiu os dois irmãos antes mesmo de terem atravessado o limiar.

- Pirraça já? - Murmurou Vincent.

- Eu lhe disse para que não se atrasasse - Disse Julius quando se abaixou na estrutura elaborada.

- Não se preocupe tanto. Eu montei os principais pontos que gostaria de abordar aqui semanas atrás, bem como o apoio a minha argumentação - Vincent retornou - Tudo o que resta é apresentá-los e ver o que se desdobra como resultado.

- E sobre esta nova questão dos demônios?

- A única coisa que toda a gente neste mundo teme e despreza com igual fervor são demônios. Portanto, se o assunto surgir, vamos transformá-lo em nosso benefício e utilizá-lo como um fator unificador.

E então não houve mais tempo para discussão, pois foram admitidos na sala de conferências. Dentro estava um conjunto de seis homens, duas mulheres e um andrógino, todos os quais eram mais bestiais que humanos. Nove facções contraditórias, todos reunidos pela primeira vez desde que o rei Feydon partiu deixando para trás seu mundo em desordem, mas nenhum sucessor.

Embora a mesa de vidro em que estavam reunidos fosse redonda, todos tinham tomado medidas para encontrar um arranjo de assento que os mantivessem distante dos inimigos terríveis.

Uma cadeira ficou vazia. De Vincent. Julius estaria sentado vários metros atrás dele, sobre um estrado baixo, juntando-se aos outros ocupantes da sala que não iriam participar diretamente nas negociações. Cada delegado trouxe um provador de comida e uma comitiva de guardas pessoais e servidores. O som foi impressionante quando as vozes clamaram para serem ouvidas.

Tomando seu lugar, Vincent levantou-se, olhando para fora da sala.

Houve outros encontros como este entre pequenos grupos das facções ao longo dos anos anteriores, e muito tinha sido resolvido. Agora restavam apenas alguns, pontos difíceis de contenção.

Nos próximos dias, ele iria fazer a sua argumentação, acalmar os ânimos, e persuadir os outros a razão. Sua razão. Trazendo diversas personalidades e egos para uma reunião de mentes era uma arte em que ele não só havia se superado como também havia se divertido em obter a façanha.

A carga era pesada, as consequências do fracasso terrível. No entanto, ele estava se divertindo. Em seu elemento. A determinação subiu nele para fazer este trabalho. Até o

final do mês, ele esperava ter um tratado assinado. Ele levantou a mão, comandando e recebendo o silêncio.

- Delegados, estas negociações estão oficialmente abertas. –

O líder Feroce imediatamente saltou a seus pés, batendo o punho gordo na mesa.

- Gostaria de apresentar uma proposta que a porta entre os nossos mundos seja para sempre selada.

E os assuntos começaram em declive a partir disso.

CAPÍTULO 06

EarthWorld

A escuridão tinha caído no momento em que Vincent chegou um passo à frente de seu irmão. Somente as criaturas etéreas que atuavam como servo noturnos ficarão na fazenda, todos os funcionários humanos tinham retornado a seus alojamentos exterior da propriedade ao anoitecer.

Quando ele entrou na casa, o sutil e delicioso cheiro de jantar o assaltou, juntamente com seu irmão e seu amigo mais próximo.

- Graças a Deus você finalmente voltou - Disse Marco, excepcionalmente preocupado.

- Aqui - Disse Vincent, apresentando-lhe cafonas joias preciosas e a Landon um buquê de bizarras flores de haste longas.

- Presentes de despedidas de nossas relações em ElseWorld.

Com expressões de agradecimento duvidoso, os dois olharam o que ele tinha dado a eles e à generosidade de outros presentes que transbordava em seus braços.

- Ocorreu tudo a contento? - Perguntou Landon.

- Não - Vincent lhe informou sem rodeios, levando-os para o salão mais próximo onde ele jogou o resto de sua braçada em cima da primeira cadeira que encontrou.

- Com a reunião aberta, o delegado Feroce trouxe uma petição para fechar a porta entre os nossos mundos.

- Deuses! Por quê? - Perguntou Anthony, ouvindo quando ele se juntou a eles.

- Para evitar que Dominic cruze e reviva os demônios - Vincent escolheu aleatoriamente um pé alto da estátua de Baco irreverente e duas ninfas, e entregou a Anthony - Para você.

Anthony revirou os olhos e o recebeu.

- Mas ele e Rosetta morrerão sem visitas periódicas ElseWorld -Disse Marco.

Landon franziu a testa, batendo o buquê contra sua coxa e enchendo de pólen o couro das calças.

- Não percebem os Feroce que outro demonhand simplesmente iria nascer do seu lado da porta, se isso for feito? Que as coisas vão voltar como eram antes, com os demônios correndo desenfreados todas as noites em vez de apenas alguns?

- E as vinhas da...? Nossas famílias? Nenhuma vai sobreviver a uma vedação do canal entre os nossos mundos - acrescentou Marco.

- Exatamente. Eu acalmei as águas turbulentas por agora. Mas as sementes da desconfiança em relação a nós têm sido cuidadosamente bem plantadas por alguém. Na verdade, somos acusados de ter um interesse em manter os demônios vivos.

- O que temos a ganhar com isso? - Perguntou Anthony.

Vincent deu de ombros.

- Pergunte ao Feroce. Fora isso, foi o dia habitual de acessos de raiva, caos, e momentos esporádicos de impulso para frente e combates com instâncias intermitentes do lado oposto. E aqui? - Ele perguntou, olhando ao redor em um esforço para determinar o paradeiro da Shimmerskin.

- Eu descreveria o assunto aqui da mesma maneira - Disse Marco.

- Onde ela está? - Vincent perguntou, e todos sabiam quem ele queria dizer.

Marco foi até a porta da sala e gritou.

- Cara!

- Cara? - Vincent repetiu confuso.

- O nome de sua protegida. Ela insinuou que você a agraciou com esse nome.

Apesar dos rigores do dia, uma risada escapou de Vincent.

- Suponho que deveria considerar-me feliz que ela escolheu carinho entre os mais salientes que eu poderia a ter chamado da agonia da...

- Por que você está gritando, Marco? - Millicent perguntou, entrando na sala. Notando a sua presença, a esposa de Marco sorriu e aproximou-se para aceitar um beijo em sua bochecha.

- Bem-vindo, Vincent! Onde está Julius? Os vemos tão raramente nesses dias.

- Millicent! Você voltou mais cedo do que se esperava pelo que eu vejo - Vincent atirou um olhar apologetico a Marco, sabendo que ele não apreciou explicar a presença da Shimmerskin a sua esposa.

- Sim, e nós dois estivemos apreciando nossa hospede inesperada em casa - Disse Marco, sua expressão, indicando que o oposto era verdade.

- Ela não tem sido nenhum problema - Garantiu-lhe educadamente Millicent - Uma vez que ela descobriu a biblioteca, ela não a deixou.

- Parece que ela pode ler - Landon informou a ele.

- Interessante - Disse Vincent.

- Julius não é veio com você? - Millicent perguntou novamente.

- Nosso irmão pede desculpa. As reuniões serão reiniciadas dois dias a partir de agora, e ele ficou para trás para fazer alguma investigação secreta antes de eu voltar.

- Ele está afastado há tanto tempo que eu começo a suspeitar que ele esconda um carinho por alguém em ElseWorld - Ponderou Millicent.

- Sério? - O interesse de Anthony foi afiado.

- Não vão provocá-lo sobre isso - Repreendeu Millicent - Você deveria estar contente se uma mulher reconheceu em seu irmão muitas qualidades e ele retribuiu o carinho. E, Vincent, eu estou contente que você veio. Vou colocar outro lugar a mesa.

- Mas... - Vincent começou.

- Cara! - Marco chamou novamente, pisando em sua objeção quando Millicent partiu. Desta vez, a Shimmerskin apareceu quase antes do som de seu nome desaparecer, caminhando da direção do estúdio de Marco e não da biblioteca.

- Vincent - Ela gritou de alegria quando o viu. Ela foi direto para ele, deslizando os braços em volta do pescoço e puxando sua face para baixo para o beijo. Prazer ao ver e senti-la o varreu, e automaticamente envolveu os braços ao redor dela.

A rendição do seu corpo macio contra o seu mais duro se sentia tão bem. A doce alegria o encheu. Ela ainda estava aqui. Ainda consciente. Ainda dele. No entanto, algo nela estava diferente. Levantando seu maxilar, acariciou com o dedo sobre sua bochecha provocando apenas um ligeiro brilho. Ao longo das últimas dez horas, a iridescência de sua pele havia diminuído significativamente. Ela estava se tornando mais humana.

Ele olhou para Landon sobre sua cabeça. Ele estava os observando, e o mesmo sentimento estava em seus olhos.

- O que você estava fazendo em meu estúdio? - Exigiu Marco, quebrando o abraço.

- No meu estúdio - Ela repetiu, afastando-se.

- Ela só faz isso para me irritar - Marco fumaçou - Eu descobri que ela pode falar muito bem quando ela assim o deseja.

De repente a expressão de Cara se iluminou em espanto quando ela viu a pilha de presentes na cadeira. Baixando-se em seus joelhos perante a abundância de colorido, ela começou a pegá-los com o entusiasmo de uma criança.

- Tesouros - Ela suspirou.

Vincent olhou-a com carinho. Ela não pediu nenhuma explicação de onde tinha ido ou porque ele tinha estado longe. Uma mulher humana o teria pilhado com curiosidade.

Além da diminuição do brilho da sua pele, havia outra coisa diferente sobre ela, ele notou. Sua aparência era de alguma forma mais refinada. Millicent deve ter levado ela pela mão no pouco tempo que ele tinha estado fora, seu cabelo dourado tinha sido domesticado na torcida lisonjeira de pequenas ondas, e seu vestido tinha sido alterado para melhor se adequar a ela.

Marco apontou para ela, quando ela ainda vasculhou o espólio de Vincent.

- Eu se fosse você ficaria de olho nela. Ela rouba.

- Ela não rouba - Disse Cara, irritada.

- Como você chama o amontoado de objetos que você acumulou no canto da minha biblioteca em menos de um dia? - Ele apontou para as escadas. Seus olhos seguiram o comprimento do braço e em seguida perdeu o interesse.

- Como você chama o amontoado de objetos - Ela zombou, apontando à imitação dele e não compreendendo claramente o conceito de propriedade.

- Eu chamo de meus pertences! - Marco gritou - E o que você estava fazendo em meu estúdio agora? - Ele ficou para trás, olhando para ela como que para tentar detectar todas as protuberâncias e saliências em sua pessoa que possa indicar a presença de contrabando.

- Pertences? Eu não pertenço.

Marco bateu a mão na própria testa, parecendo estar no final da sua paciência.

- Deuses, tem sido assim o dia todo. Seu jargão, falando. Metade do tempo eu suspeito que ela faz isso para me irritar também.

Sorrindo ligeiramente, Cara deu de ombros, e o vestido vermelho deslizou fora de seu ombro, dando-lhes todo um vislumbre da curva superior do peito cheio. A voz de Marco diminuiu fora, e um tenso silêncio encheu a sala.

Landon pigarreou.

Vincent passou. A virilha da calça, de repente demasiado apertado. Ele estendeu a mão para ela.

- Estou satisfeito que a visita correu bem, mas acho que é melhor que nos despedimos de você. Informe a Millicent...

- Bobagem! - Millicent voltou ao salão. Com um sorriso ela se apropriou de Cara pegando-a pelo braço, levando-a embora.

- Nós não podemos deixá-lo ir para uma casa fria, após seu longo dia, Vincent. Tenho certeza que você deve estar faminto. Juntar-se-á a nós para o jantar.

Como Vincent olhou depois deles, sentindo como se o seu brinquedo preferido havia sido tirado dele, a voz de Millicent flutuava atrás dela.

- Cara ficara conosco pelos próximos dias. Pelo amor da decência. Você não pode ter uma moça solteira na casa de dois solteiros. Como isso seria?

Cara enviou-lhe um olhar atrevido e um sorriso inocente por cima do ombro.

-Como seria?

CAPÍTULO 07

Por volta do final do terceiro curso de pão e queijo brie e a apresentação de sorvete e morangos para a sobremesa, Cara encontrou-se abruptamente retirada dela mesma. Embora ninguém totalmente compreendesse a descrição, quando ela foi questionada mais tarde, esta foi a única maneira que ela foi capaz de caracterizar a experiência bizarra.

Em um momento ela estava sentada à mesa de jantar coberta de linho damasco e branco da casa de Marco, ali reunida com os outros para um banquete preparado por sua esposa e seus servos.

E um momento depois, ela encontrou-se em outro lugar inteiramente diferente. Dois homens, ambos estrangeiros, a levaram ali, segurando-a em cativo num ambiente suntuoso e elegante que era completamente estranho para ela.

Eles pensavam que ela era estúpida. Inútil. Só boa para foder. Eles esperavam sua obediência absoluta. Algo que ela não queria dar.

Antes de ser levada, ela estava sentada na mesa imaculada entre rostos conhecidos, sorrindo porque ela queria. Porque ela se sentia feliz. Tinha estado na companhia de Vicente e de dois dos seus irmãos, Marco e Anthony, e outro homem que era chamado de amigo, Landon.

Ela observava atentamente Millicent, a única mulher na mesa, a fim de determinar o uso de cada um dos utensílios que haviam sido precisamente colocados ao lado de seu prato. Nunca havia jantado em um ambiente formal, tudo isso era novo para ela.

Um prato, que ela supunha, era o nome para o disco, opalescente com um colar de ouro fino em torno de sua borda externa. Periodicamente, esses discos eram levados por servos em preto e branco, apenas para serem substituídos por outro prato, com um projeto similar, contendo outras comidas deliciosas.

Mais recentemente, uma tigela peregueada e incrustada com pérolas tinha chegado, antes de seu conjunto de servidores que pareciam estar a trabalhar diligentemente para tornar-se invisível enquanto ela tentou fazer-se o oposto. Foi preenchido com uma substância pastosa rosa e gordos morangos.

O belo rosto de Vincent sorriu para ela, e ele ergueu um utensílio provido de dentes, indicando que ela deveria empregá-lo agora, o menor das duas peças restante de cutelaria que tinham sido colocadas em disponibilidade cuidadosa antes de cada conjunto de janta.

Cara correu levemente a ponta do dedo ao longo do delgado, brilhante e suave ponta, depois na haste, em seguida, diante da parte do instrumento que a atraiu. Na sua ponta, era dividido em quatro dentes. Eles eram afiados.

- É um garfo - Alguém sussurrou para ela. Millicent. A fêmea. Esposa de Marco.

De alguma forma ela já sabia como o utensílio era chamado. As palavras pareciam vir mais facilmente agora, embora a partir de onde elas vinham, ela não sabia.

Ainda assim, ela sorriu em agradecimento a mulher e levantou o garfo, encontrando-o frio em sua mão. Ela virou-o em seus dedos, estranhamente fascinada. A luz da vela chamejou fora de seu brilho dourado, cegando-a momentaneamente.

- Cara? - Era a voz de Vincent. Vincent, o homem bonito que a encheu de si mesmo e que lhe deu a sua semente, quando assim lhe agradou. A quem lhe dera um vestido e cujos olhos eram azuis inteligentes e gentis. O único que a manteve segura. Seu criador.

Embora ele levantasse a voz quando ela não respondeu, o volume das suas palavras parecia estranhamente mudo. Ela tocou seus lábios com os dedos enquanto ele repetia o nome dela, querendo agarrar a sua voz, se agarrar a ele.

Ele a pegou pelos braços com as mãos e sacudiu-a, com o rosto cada vez mais preocupado. Ele repetiu o nome dela, mas o som dele desapareceu...

... Silenciado por novas vozes.

Seu dedo doía. Ela olhou para baixo e viu que ela ainda segurava o garfo e mantinha pressionando a ponta de seu dedo nas pontas dos dentes, aplicando uma pressão constante e estável. De repente, eles picaram e perfuraram sua pele. Quatro pontos de sangue jorraram.

Então, com rapidez espantosa, ela encontrou-se indo embora. Levada para longe de Vincent e de sua família e de sua mesa.

Agora ela habitava outro lugar que era um pesadelo assustador. Ela estava parada em um charco de luz suave. Luz de vela. Havia nove velas no candelabro de prata sobre uma mesa pequena e nua. Cera derretia seus comprimentos, como um pau que lentamente ejacula.

Era como se só a proximidade imediata em que ela estava existisse neste mundo, mas nada mais. Nenhum outro lugar à distância.

Duas plantas que eram estranhas, com braços longos, ondulados entraram em sua visão. De alguma forma ela sentia que elas eram venenosas.

E então ela viu que as plantas eram, de fato, dois homens sentados em almofadas de veludo negro em chaise longue. Embora ela sentisse que eles a estudavam, por algum motivo ela não podia ver claramente as suas características em troca.

- Como no conto da Bela Adormecida de Perrault, ela pica seu dedo e cai adormecido mais uma vez - O maior dos dois homens, disse.

Ele a queria. Ela exalava seu perfume de desejo pelo ar, mesmo em meio a aromas de incenso que já enchiam o ambiente.

O outro menor, um com a pele verde oliva estava menos interessado em tais coisas, mas seu olhar foi rebitado sobre ela, também, de uma maneira que a assustou ainda mais do que o outro.

Quando o homem maior levantou-se e pôs-se diante dela, as mãos cobriram seus seios, massageando-os através do tecido do vestido bonito, vermelho. O vestido que Vincent lhe dera.

Ela tentou enrolar os dedos em garras em seu rosto. Mas para seu espanto, ela encontrou-se, em vez disso correndo suas palmas até a frente do colete de cetim vermelho dele.

Ele acariciou o cabelo dela, e ela podia sentir o cheiro horrível de sua necessidade de vergar-se à sua vontade.

- Tire seu vestido.

- Você está perdendo tempo - Disse o homem magro no sofá.

Mas o homem ao seu lado continuou a fitá-la com seus olhos negros.

- Eu quero que ela o tire. Para mim.

Ela abriu a boca para recusar, mas ao invés sentiu a curva dos lábios em um sorriso sedutor. Ela queria afastá-lo, mas parece que não poderia agir contra ele.

Inclinando a cabeça em um ângulo coquete, ela ergueu as mãos para o fecho do vestido e começou a fazer o que ele pediu a ela.

Foi então que ela percebeu em seu horror que as coisas tinham se revertido para a forma que tinha sido antes, de volta ao tempo quando ela tinha existido sem vontade. Antes de Vincent tê-la trazido à vida.

Antes de ela se tornar real.

Agora, como naquele tempo incerto de antes, ela só existia para servir.

Com cada peça que caiu, o coração dela caiu um pouco mais até que ela estava nua, com o coração partido. E a cada parte de sua anatomia que foi descoberta, o homem com os olhos negros a tocou, manchando-a com seus dedos e sua boca. Ele estava sem pressa, certo de sua capacidade de segurá-la aqui, neste limbo terrível enquanto ele quisesse.

- É verdade, então - Disse ele em crescente excitação - Ela brilha, mas ela é humana.

Humana.

Ela virou a cabeça e viu a mesa que estava coberta de branco imaculado, nitidamente posta com pratos e talheres de ouro. Os outros ainda estavam lá. Ela podia ver-se sentada ali, bem, completamente vestida, ainda mortal e silenciosa.

Vincent estava a falar urgentemente com ela, tentando acordá-la. Seus irmãos, Landon, e Millicent também. Eles estavam todos reunidos em torno dela, olhando-a preocupados.

A palma da mão de seu perseguidor, bateu em sua nádega direita, tirando sua atenção de volta para ele. Quando ele deslizou até sua volta para compreender sua nuca, sua mão escorregou de sua barriga e escorregou entre a frente de suas pernas. Sem

aviso, um polegar entrou em sua vagina, e um dedo médio abalroou dentro do anel de seu ânus, erguendo-a alguns centímetros do chão.

Seu rosto se aproximou do dela.

- Você é uma boceta bem doce. Eu posso ver porque ele a quer.

- *Cara!!!*

Mãos vieram. Mais quentes, as mãos que tentavam tira-la daquele lugar, tentavam leva-la para EarthWorld. Elas seguravam seus ombros e acariciavam sua bochecha. Tentando conquistá-la de volta. Ela balançou, querendo ir embora.

- Escuta-o chamando por você - Sussurrou uma voz rouca em seu ouvido - Mas você não quer ir com ele. Você me quer, não é?

- Sim - Ela suspirava. Sua voz era melodiosa, bem modulada, e agradável, como havia sido projetado para ser.

- Isso é bom. Uma boa menina. Ajoelhe-se para mim.

Ele a virou então para se ajoelhar no sofá, os joelhos abertos nas laterais das coxas do homem pequeno verde oliva que ainda estava sentado ali. Uma mão entre as omoplatas a empurrou para frente, em direção a ele. Para mantê-la debruçada em cima dele, ela preparava as mãos nas costas do alto do sofá de cada lado dos ombros.

O homem magro piscou para ela, e seus olhos brilharam de prata e rubi, assustando-a. Viu, então, como ela não tinha visto antes, que estava nu, vestido apenas em pequenos círculos de couro entrelaçados ao redor de sua cintura, pescoço e pulsos, os quais foram adornados com vários encantos. Entre suas pernas grossas, o pau de pele pálida estava alto, a sua ponta angulada ameaçadoramente em direção a sua vagina.

Atrás dela, roupas caíram. O pênis do outro homem encontrou o seu caminho entre as pernas, frio e espinhoso, um choque para a pele quente.

Ela queria fechar as pernas, mas descobriu que não podia. A estranha criatura ante ela tinha se espalhado entre os joelhos a abrindo e esticou os braços para fora em cada lado de si mesmo ao longo das costas do sofá. Seus olhos de rubi olharam para ela, desfrutando de seu desamparo. No entanto, ao contrário do outro homem, ele parecia não ter pressa para juntar-se a ela.

E então, como a picada de algum inseto cruel, o pênis gordo do homem atrás dela entrou em sua vagina. Seus lábios inferiores estriados se abriram para ele em silêncio, um grito mudo de pânico. Ele retratou quase imediatamente e depois voltou a entrar novamente e novamente. Ela não tinha sido acoplada a ele antes. Ela teria lembrado. Sua vara era pequena. Atrofiada. Um terço do tamanho de Vincent.

Seu corpo traidor voluntariamente se ajustou para abraçar a sua forma insignificante, e seu creme saturou sua passagem feminina para fazer a sua permanência em seu interior uma estada agradável. Seu coração agoniado se contraía com vergonha assim como suas paredes vaginais se contraíam, formando uma bainha que melhor atendesse tão pequeno um apêndice masculino.

Ela era uma Shimmerskin, afinal. Ansiosa para agradar.

- É isso aí, pequena puttana – Ele batia seus quadris com foga nos seus. Ele queria magoá-la. Para tê-la como sua posse, como o Marco queria possuir suas coisas. *Por quê?*

Altas ao longo da parte interna das coxas, suas bolas empurrara e bateram, inchadas com a semente que ele planejava força sobre ela. Sua rejeição fechava seu canal, mas isso só parecia deixá-lo animado. Ele bateu em seu traseiro de novo e se inclinou em seu ombro mordendo como um animal.

A criatura ante ela observou tudo isso, sua expressão agora uma combinação de curiosidade leve e tédio. Sua mão foi para o pau, desocupado, acariciando com os dedos em garras.

- Deuses. Oooh, Deuses! - O homem atrás dela estremeceu em cima dela, gemendo. Em segundos, ele ejaculou dentro dela, inundando seus tecidos com o seu sêmen, repulsivo indesejado. Com seus braços em volta de sua cintura, e ele segurou-a perto, ofegante em cima dela.

Eventualmente, ele levantou longe e algo frio tocou a parte inferior das costas, fazendo-a saltar. Ela olhou por cima do ombro e viu que ele tinha colocado e estava rodando, um disco de ouro lá.

- Eu te amo - Ele sussurrou, esfregando-o em círculos sobre sua pele.

Por um momento ela não teve certeza se ele estava falando com a moeda ou com ela.

Mas as palavras vergonhosas forçaram seu caminho em sua mente e instantaneamente tremeu em seus lábios antes de cair a partir deles para montar no ar.

- Eu te amo - Ela repetiu.

- Logo você será minha - Disse a ela - Eu vou te tirar dele.

E então ela soube por que tinha sido trazida para cá.

Este homem odiava Vincent e queria feri-lo. De alguma forma. Através dela.

Lábios beijaram seu pescoço. Ugh. Cerdas. Seu lábio superior era peludo. Como sua virilha.

- Em breve, ele sussurrou.

Ela assentiu com a cabeça. E morreu um pouco por dentro quando ela o fez.

- Seu pênis escorregou fora dela, empapado e mole. Tendo em sua moeda, colocou-o no bolso do seu colete vermelho, recuou, e deixou-a ir.

Ela se endireitou. Sentiu que seu sêmen nojento descia de sua vagina e escorria pela parte interna de sua coxa.

O macho verde oliva no sofá ante ela finalmente voltou a falar.

- Você lembra qual é o seu propósito? - Ele exigiu.

Ela olhou para ele.

- O quê? - Ela sussurrou.

- Cara! - Uma voz masculina chamou-a, oferecendo proteção contra os danos que ela havia sofrido. *Vincent.*

Ela estendeu a mão para tocá-lo, mas sentia apenas a lisura do garfo sobre a mesa ao colocá-lo em seu lugar.

Mãos a faziam tremer, em desespero tentando acordá-la.

- Cara!

- Seu propósito. Você vai voltar para nós uma e outra vez até que você se lembre - Ela disse. A ponta dos dedos como garras picaram sua barriga, desenhando uma linha para baixo em direção a...

Ela deu um passo para trás.

- E se eu me lembrar?

Vermelho e prata piscou para ela.

- Então tudo estará bem.

- Eu não vou mais ter que vir? - Ela perguntou desesperadamente.

- Vir para onde? Cara?

Lampejos de luz a cegaram. Dezenas de velas douradas dançaram ante ela agora, brilhando alegremente.

Ela estava de volta. Por que este era o candelabro na mesa ornamentada de Marco, não o candelabro prata daquele lugar estranho. Sentou-se muito quieta, mal ousando respirar, com medo de que ela pudesse ser arrebatada novamente.

Vincent estava ao lado dela, a mão apertando as dela.

Sem vontade consciente, ela começou a falar.

- O pensamento veio delicadamente e furtivamente, e parecia muito antes de atingir a apreciação completa, mas apenas como meu espírito veio finalmente a sentir-se adequadamente e entretê-los, as figuras dos juízes desapareceram, como se magicamente, diante de mim, a altura das velas afundou no nada; suas chamas saíram completamente, a escuridão das trevas sobreveio; todas as sensações apareceram engolido por uma descida louca correndo como da alma ao Hades. Depois, silêncio e quietude, e à noite era o universo.

O raspar de uma cadeira. Um suspiro. Conversa Baixa.

Suas habilidades verbais melhoraram sem dúvida - Alguém murmurou. Landon.

Ela virou a cabeça, olhando em seus olhos cinzentos solenes. Sua expressão era de uma tristeza profunda, que ele procurou esconder. Seu coração queria chegar até ele, para lhe dizer que ela também tinha sido ferida e que o compreendia. Mas ela não conseguia reunir os meios para se mexer.

- Ela está citando uma passagem do conto de Edgar Allan Poe, O Poço e o Pêndulo – Disse Marco.

Millicent estremeceu.

- Uma história assustadora.
- Mas de onde ela teria ouvido sobre ela? - Perguntou Anthony.
- Talvez ela e o autor encontraram-se no éter - Millicent propôs com um arrepio.

Marco deslizou um braço confortante ao seu redor.

- O mais provável é que tenha lido em seu diário. Há uma cópia dele na minha biblioteca.

- Como diabos ela teria retido um trecho inteiro em sua memória em apenas um dia, enquanto ela mal consegue falar frases inteiras - Perguntou Vincent.

Marco deu de ombros, parecendo igualmente confuso.

Vincent bateu as mãos diante dos olhos de Cara, e ela estremeceu, instantânea e plenamente consciente. Empurrando a cadeira em uma explosão de energia, ela saltou a seus pés. Localizando-o entre os outros, ela jogou seus braços em volta dele e encolheu-se no seu colo.

- Obrigado Deus! - Ele sussurrou em seus cabelos, dobrando-a em seus braços.

Sua família inteira estava olhando para ela, suas expressões preenchidas com diferentes graus de suspeita, consternação e solidariedade. O cheiro de incenso se foi. Assim como aqueles homens horríveis e a outra sala.

O que essas pessoas pensariam dela, se eles soubessem o que acabara de acontecer? Talvez seus sequestradores esperassem que ela lhes contasse. Esperavam que ela iria ajudá-los a machucar Vincent ao contar. Não, ela não falaria nada a ele. Ela não queria. Ela queria esquecer.

Ela se aconchegou no peito da camisa de Vincent. Ele cheirava a bondade masculina, a segurança.

- Que acontece? - Ela murmurou.

A cabeça de Vincent chicoteou de volta em surpresa.

- Ela estava transparente? Alguém se admirava. Anthony.

- Você desapareceu - Disse Landon de algum lugar atrás dela.

Ela se ajeitou a isso.

- Eu desapareceu? Como eu costumo fazer antes?

- Não exatamente - Disse Vincent - Seu corpo ainda estava quente e uma presença sólida, mas se tornou translúcido, e você parecia estar em algum tipo de transe, que durou...?

- Oito minutos - Landon forneceu

- Onde você foi? - Vincent perguntou.

- Para nada. Para lugar nenhum - Ela murmurou. As mesmas palavras que ela lhe dera em resposta a uma pergunta semelhante na noite anterior.

- Você viu alguma coisa durante esse tempo? Ouvi alguma coisa?

- Não! Pare! - Ela protestou - Eu não me lembrar. Nada aconteceu. Um momento eu comendo, e depois o outro, que estavam todos olhando para mim. Como você está agora.

Desconfortável em ser o centro de tanta atenção, ela moveu-se em seu colo, sentindo a protuberância em sua virilha. Entre as coxas dela, ela estava molhada, com as sobras da profanação de outro homem.

Ela contorceu-se dele e se levantou, anunciando.

- Eu preciso do penico.

Sem dizer uma palavra, Millicent pegou sua mão e acompanhou-a até uma sala, onde encontrou as bacias, toalhas frescas, e um vaso de bronze. O último foi um item que a manteve fascinada desde esta manhã, quando ela tinha visto pela primeira vez. Sua necessidade de que agora pareciam tranquilizadoras. Um símbolo que ela era humana, mas esta era uma noção que Millicent a havia aconselhado a manter bem guardado para si.

Enquanto ela lavava-se cuidadosamente, as questões giravam em sua mente. Se o homem em sua visão tinha lhe lançado sementes reais, seguia-se que ele deveria ser real também. O que significa que sua visita a ele não havia sido um sonho.

Ela tremia, apavorada de novo.

Quando ela saiu do quarto, suas partes privadas estavam novamente imaculadas e limpas do sêmen. Ainda assim, ela não conseguia apagar a sensação de impotência e humilhação. Ou o medo de que o ocorrido pudesse acontecer novamente.

- Vamos colocar esse dissabor para trás e continuar com a nossa refeição?- Millicent sugeriu quando ela finalmente saiu da sala.

Deixar para trás? Impossível! Ela havia sido danificada. Abusada.

- Claro que sim. Obrigada - Disse a outra mulher, de braços dados com ela e, inconscientemente, imitando sua voz culta.

De volta à sala de jantar, Cara se separou dela. Indo sentar-se em sua cadeira, ela sorriu para os outros. Eles pararam de falar quando ela entrou, e ela estava certa de que eles estavam discutindo-a. Querendo saber o que fazer com ela, com seu problema.

- Vamos colocar esse dissabor para trás e continuar com a nossa refeição?- Disse ela, imitando a esposa de Marco. Com isso, ela levantou o garfo de ouro, lanceando um morango, e colocou em sua boca.

Comer. Era o que faziam os seres humanos. Por isso, era o que ela queria fazer. Tornar-se verdadeiramente e completamente humana. Real. Segura.

Agora que ela tinha experimentado o "real", ela cheirava, vivia e ela não podia suportar a ideia de voltar para o nada de antes.

- Eu acho que essa refeição terminou - Disse Vincent, puxando a cadeira para ajudá-la a ficar de pé.

Ela deslizou furtivamente o garfo em sua manga, sem saber por que ela fez isso. Mas quando ele assumiu o antebraço, sentiu seu fino, a presença letal no tecido e tomou dela, segurando-o alto entre eles.

- O que você pretende com isso? - Ele perguntou baixinho.

- Eu não sei - Ela sussurrou em estupefação. Seus olhos voltaram-se ao seu, um apelo desesperado neles - Eu não sei.

Seu olhar encontrou Landon sobre sua cabeça enquanto levava o garfo, batendo na palma da mão de Marco.

- Acredito que isto é seu.

Com isso, ele e Landon cada um segurando em seus cotovelos. Como dois carvalhos gigantes elevando-se sobre um salgueiro, e dirigiram-se em direção à porta.

CAPÍTULO 08

- Pegue o meu carro - Marco ofereceu quando ele e sua esposa os acompanharam ao pórtico - Eu pedi que fosse preparado para você mais cedo.

- Cara não deveria ficar aqui conosco? - Millicent protestou, mas com menos força do que antes, Vincent observou. A sensação bizarra que Cara tinha passado a havia deixado desconfiada como Marco.

- Esta é uma circunstância mais espinhosa do que nós em primeiro lugar havíamos imaginado - Respondeu Marco – Deixe que ela vá com Vincent e Landon por agora.

- Sim, Millicent - Disse Cara, tocando a mão da outra mulher – Deixe que ela vá. Obrigada pelo jantar encantador - E com isso ela levantou uma pequena capa de viagem de tapeçaria que cobria uma doação de roupas, que Millicent tinha deixado para ela perto porta.

Sem mais adeus, Cara escorregou para frente dos homens e desceu as escadas. A luz de nevoeiro tinha recolhido, e sua figura levemente luminescente cortava uma faixa estranha com ele, parecendo quase flutuar ao longo do chão como um fantasma etéreo.

Vincent e Landon começaram a segui-la, mas Marco pegou o braço de Vincent, o parando.

- O dia de hoje não tem feito nada para diminuir minhas dúvidas sobre a sabedoria de mantê-la aqui. Ela é instável. E uma ladra - Disse ele, exibindo o garfo de ouro que ela tentou roubar.

- As suas preocupações estão devidamente anotadas. E apreciadas.

- E ignoradas?

Landon tinha parado nos degraus um pouco além deles, olhando impaciente, enquanto observava o condutor auxiliar Cara no carro.

- Fique de olho nela - Vincent disse a ele, sabendo que podia confiar em Landon para se certificar de que ela não fosse desaparecer.

- Marco está - Disse Anthony, se juntando a eles - Eu não posso ajudar, mas acho estranho que ela conseguisse sensibilidade em sua cama na véspera de suas negociações em ElseWorld. E depois ter frustrado os seus esforços no primeiro dia de modo suspeito?

- Você acha que ela algum tipo de cavalo de Tróia, propositadamente enviada para se infiltrar entre nós e inviabilizar o tratado? - Vincent perguntou.

- À luz de tudo, por acaso soa tão ridículo? - Disse Marco – Colocando tudo isso de lado, como uma questão prática, eu concordo com Millicent que os dois simplesmente não podem manter uma mulher sozinha em seu telhado por qualquer período de tempo.

Vincent olhou para Landon e seguiu o seu olhar sobre o gramado. Cara estava sentada na carruagem. Sua cabeça foi lançada para longe. Ela tinha estado a observá-los.

Ele mudou um pouco, virando de costas para ela, de repente, se perguntando se ela poderia ser dotada com a capacidade de ler o discurso sobre os lábios à distância.

- Nós vamos ter o que você disse em consideração - Disse ele, e então ele virou para baixo as escadas. Landon se juntou na etapa com ele, e juntos eles fizeram o caminho para o transporte.

A voz de Marco flutuou depois deles.

- Veja o que você faz.

- Eu vou dirigir - Landon informou quando chegaram ao transporte. O motorista pareceu um pouco surpreso, mas rapidamente abandonou as rédeas e saltou quando Landon oscilou para cima.

Vincent o deixou e se juntou a Cara dentro. Quando eles embarcaram na viagem para sua fazenda, ele resolveu se colocar contra o assento, contemplando-a.

Ela escorregou algo da bolsa de tapeçaria. Outro garfo de ouro. Ela virou-o em seus dedos, segurando-o entre eles, de forma aberta e sem palavras admitindo sua culpa em tomá-lo.

Os olhos de Vincent voltaram para seu rosto

- O furto é um passatempo lamentável e desnecessário, que eu espero curar. Garanto-vos que eu sou rico o suficiente para comprar quantos garfos você precise e tudo o que você desejar. E você pode servir-se de qualquer outra coisa que eu possua também.

- Próprio. Sim. É o movimento de objetos e locais que eu prefiro que me confere a propriedade. Como você fez quando você me trouxe aqui. Movendo-me do nada para o Real. Próprio.

Ele franziu a testa.

- Um ser consciente não possui outro. Eles optam por permanecer na companhia uns dos outros, como eu escolhi a sua companhia.

Ela encolheu os ombros, não debatendo sobre a questão de saber se ela estava ou não consciente como ele esperava, mas dizendo.

- Teu irmão pensa mais propriedade do que de escolha.

- Marco? Ele é banqueiro. Encarregado dos cofres da família, assim que eu suponho que questões de propriedade e os pertences são parte importante de seu propósito profissional.

- Qual é o meu propósito? - Ela perguntou rapidamente, refletindo no utensílio que segurava como se esperasse que a resposta viesse dele.

Seu olhar escovado sobre sua figura.

Ela acalmou sob a carícia visual. Entendimento lentamente mudou a cor dos olhos que corriam ao seu. Levantando a frente de suas saias, ela ficou meio em pé e veio sobre ele. Correndo os joelhos sobre o banco de ambos os lados de seus quadris, ela acomodou-se em seu colo de frente para ele. Ele caiu mais baixo, segurando os ossos de

seus quadris e a ajustando aos seus para que sua fenda se alinhasse perfeitamente com o seu eixo ainda encerrado em suas calças. O seu corpo ondulava sensualmente, montando.

- Este? - Ela sussurrou perto de seu ouvido - É este o meu propósito?

Apesar de sua mente trabalhar em sua pergunta, suas mãos pegaram seus quadris e de bom grado a ajudou em seus movimentos em cima dele.

- Só este? - Ela insistiu. Penteou os dentes do garfo na lateral do pescoço, enviando um calafrio por ele. Retardado seu balanço sua mão agarrou seu pulso, puxando-o cuidadosamente afastado.

- Não. Claro que não - Mas ele ouviu a ambivalência em sua voz. E soube que ela também ouvira.

- Então, foda-me - Ela murmurou. O garfo bateu no assento ao lado com uma batida quase perceptível e, em seguida, saltou dele e caiu no chão.

- Cara.

- Dê-me seu pênis - Ela implorou suavemente, envolvendo as mãos em sua nuca - Ajude-me a servir ao meu propósito.

Ele hesitou a querendo. No entanto, queria fazer as coisas direito. Mas seus joelhos já se erguiam a distância suficiente para permitir que os dedos ágeis libertassem o fecho de suas calças. Ele gemeu quando ela rapidamente libertou todos os vinte oito centímetros dele. Necessidade cancelou pensamento. Palavras poderiam esperar.

Ela rapidamente se instalou novamente, usando seu peso para achatar o seu eixo contra a sua barriga. Retomando seu passeio, mas ainda não o convidando dentro dela. Mantendo o seu olhar, afagou-lhe a carne contra a sua. Deslizando macio, lábios aveludados se arrastavam ao longo de seu comprimento longo, quente. Um labirinto de veias aumentou ao longo de seu pau e em sua esteira, de forma tão abrupta que ele quase podia sentir a sensação deles estalando por diante.

- Você está seca - Ele murmurou contra a pele que era tão boa e perfeita como um bebê.

- Ajude a me molhar - ela insistiu em voz ofegante que nunca deixou de atraí-lo para o clímax – Foda-me. Enche-me, Vincent. Derrame-se dentro de mim e me faz molhada novamente. Limpa novamente. Por favor.

Algo estava errado. Ela parecia desesperada, quase assustada. Ele segurou-a longe para que ele pudesse examinar seu rosto.

As cortinas na porta do carro balançavam e o luar girou seus olhos violeta. Sombreadas com o desejo latente, eles estavam com fome dele. E mais bonitos do que ele já os tinha visto.

Simplesmente porque eles estavam conscientes.

- Vem dentro de mim.

- Deuses, sim. - Fechando as solas das botas de largura na borda do assento em frente, ele puxou mais contra seu peito com uma mão envolvida em torno de sua bunda. Ela empurrou para cima com os joelhos, espalhando as coxas, oferecendo-se, pedindo-lhe para penetrá-la.

Chegando entre eles, tomou o seu pau e lavrou a coroa ao longo de sua vagina, dividindo-a. Ela rapidamente se abriu em flor para ele, ela era aveludada, cor de rosa a abertura das pétalas, girando lisas.

O carro começou a falhar e o seu ritmo decaiu, como se o seu motorista de repente esquecesse-se de dirigir. Ele se perguntou como o corpo musculoso de Landon caberia ali se ele decidisse juntar a eles no interior do transporte. Não era preciso dizer que quando entrasse nela, Landon saberia. Seus irmãos também saberiam. O sangue Sátiro obrigava a todos e qualquer um deles a perceberem o envolvimento carnal que comprometia e estimulava a necessidade dos outros para essas coisas, não importa quão distante estivessem dos seus respectivos locais.

Apesar de cacarejar sobre o que ele considerava um erro de julgamento de Vicente, Marco estaria sem dúvida levantando as saias de Millicent como consequência do envolvimento físico atual de Vincent com Cara. Anthony e Julius provavelmente usariam os punhos ou conjurariam uma Shimmerskins em breve também. Todos se beneficiavam, quando um prazer era experimentado.

E se as coisas procedessem como ele esperava, Landon se beneficiaria muito mais diretamente do que qualquer outro.

Cara caiu sobre ele, e ele deixou a gravidade e a oscilação suave do transporte levá-la mais para baixo. Ela parecia estranhamente menor do que ele a tinha projetado para ser. Mas em sua primeira entrada, ela começou a reconformar, apta a ajustar-se a ele.

- Diga-me se eu te machucar - disse ele.

- Uma dor boa - Ela murmurou, rapidamente apanhada em seu gozo.

Ele pressionou a boca contra o oco de sua garganta enquanto seu corpo engolia sua coroa e vários centímetros de um só impulso.

De fora do carro, de súbito Landon tornou-se consciente dos cavalos. E então eles se movimentaram de novo, empurrando o carro para casa em um galope furioso.

- Outro quer me levar - Ela sussurrou. A admissão caiu, e ela abaixou a cabeça dela contra o lado de seu rosto, como se ela quisesse fazer voltar as palavras.

- Sim - Ele suspirou, pensando que ela tinha adivinhado que ela era para Landon também. Ele balançou-se mais profundamente. Apenas alguns centímetros a mais - Você está disposta?

- Disposta? - Ela repetiu, sacudindo a cabeça - Não me mande de volta.

- Te mandar de volta?

Seus olhos ficaram marejados enquanto olhavam para ele. Danação Marco. Sua fala de seu retorno ao éter a tinha deixado com medo.

- Eu prometo a você. Eu não tenho nenhuma intenção de enviá-la de volta à sua situação anterior. Ou para qualquer outro lugar.

Enquanto ela tomava mais um centímetro do seu comprimento, era a última coisa de sua mente.

Ela olhou duvidosa.

- Encontrar uma foda é fácil, Cara. Mesmo antes, você era minha entre tantas. Em uma definição sem palavras da sua referência, ele empinava os quadris, o envio de mais um centímetro dentro dela - Eu quero você, nenhuma outra, agora e em minha vida. Você é a minha preferida, foi feita para mim.

- Preferida, feita para mim - Ela sorriu para seus olhos, parecendo profundamente afetada. Então ela virou a cabeça ligeiramente, dobrando o queixo na direção geral do banco de Landon na frente do carro.

- E dele.

Intuitivamente, ela parecia entender o seu propósito. Pelo menos o que ele tinha inicialmente previsto para ela. Como uma companheira para ele. E para Landon.

Com essa noção ele puxando-a mais sobre ele e, em seguida, a forçando para baixo entrando com as polegadas finais de seu eixo. Por último, no seu último impulso sua passagem tomou tudo dele.

- Deuses, Cara.

A sensação de estar completamente isolado dentro dela era indescritível. Viciante. Um Baile importante. Prazer crescente na afirmação de que ela poderia ainda abranger todo o seu pau, apesar do fato de que ela já não era totalmente uma Shimmerskin. Real ou irreal. No momento, ele não se importava com o que a espécie era.

Suas mãos deslizavam sob as saias até as coxas. Segurando os círculos de suas nádegas, ele trabalhou a vagina delicada para cima e para baixo de seu comprimento, usando seu corpo nele como usaria seu próprio punho.

Seus lábios se agarravam, os seus gemidos e respiração volúvel. Seus dedos se fiaram entre seus cabelos.

O ritmo do carro aumentou dramaticamente, balançando-os juntos e além com seu jeito de andar. A foda corria quase sem esforço enquanto o transporte fazia seu caminho alternadamente impulsionando e o puxando para longe e depois o fazendo se enterrar até cabo de novo em sua vagina.

- Oh, Vincent - Sua voz estava angustiada com a necessidade pura. Sua cabeça caiu para trás, e ele fitou-lhe a garganta branca e macia. Na alçada dos peitos tremendo dentro de seu corpete. E então ele sentiu o canal começar a apertá-lo em um ritmo tremendo enquanto ordenhava da virilha para a coroa do seu pau. Uma vez. Duas vezes. Nunca, em todas as suas junções, antes que ela tinha chegado ao orgasmo primeiro. Outro sinal de que ela estava mudando, o gozo de um Shimmerskin só poderia ser desencadeado depois que a do seu parceiro tinha começado.

Sua cabeça caiu para trás e cada músculo em seu corpo fechou tenso quando um orgasmo tremendo rolou sobre ele, surpreendendo-o com sua ferocidade. Ele esguichou fundo, no fundo dentro dela, cada um esguicho de sêmen em correspondência com o tropel estrondoso do carro.

E então o carro estava diminuindo. Cambaleando, ele veio a uma parada tão brusca que, se as botas não estivessem apoiadas no banco oposto, ele e sua amazona deliciosa poderiam ter sido lançados ao chão. Ele ouviu Landon chamar um servo noturno com as instruções para cuidar do carro e estabilizar os cavalos.

Eles estavam em casa.

A porta do carro foi arremessada e rapidamente aberta, e um par de musculosos, braços masculinos alcançou dentro. Os olhos de Cara arregalaram-se na expressão devastada de Landon, mas ela, no entanto, afrouxou seu domínio sobre ele.

Vincent considerou a altura do auto-sacrifício, quando permitiu que Landon a levasse, suspendendo-a sobre um ombro sem dizer uma palavra. Ele viu através da porta semi-aberta como a passada larga de Landon comeu a distância de todo o pátio. Ele subiu os degraus de mármore de dois em dois, e então ele estava dentro do salão.

Cara e ele ainda estavam gozando quando ela tinha sido tão decisiva arrancada de cima de seu pau, assim ele permaneceu no carro, terminando de gozar através do uso de sua própria mão. Com o último jorro de sementes, ele já estava deslizando dentro das casas alguns botões para fechar a calça. Em seguida, ele pulou para fora do veículo, seguindo os passos de Landon e chamando o servo para ver a sacola de roupa que Cara tinha trazido.

A porta tinha sido deixada aberta, e dentro achou Landon prensando Cara à parede com seu corpo. Sua boca estava sobre a dela, entre as pernas dela, e sua mão estava trabalhando no fecho das calças.

- No estúdio, Landon, pelo amor de Deus - Criticou Vincent, apontando para o bando de servos noturnos que já se reuniram para observar.

Landon apenas rosnou para ele, mas ele não lhe deu atenção, provavelmente porque ele tinha acabado de ter um clímax e Landon ainda não. Tinha sido um longo tempo desde que ele tinha visto este homem tão desesperadamente à mercê de seu pênis. Alguns pensavam que Landon era frio, mas era quente o suficiente em dadas as circunstâncias corretas.

- Foda-me - Cara o incentivava, seus olhos sedutores em Landon. Ela escorregou a mão para sua virilha e corajosamente segurou seu pau. Com um grunhido barulhento, ele rasgou a frente da calça abrindo todos os botões e avançando.

- Landon! Não aqui! – Interpondo-se entre eles, Vincent balançou Cara em seus braços e levou-a para o estúdio. Rígido em seus sapatos, Landon os seguiu jurando. Ele chutou a porta que se fechou atrás deles, rosnando em necessidade.

Tirando Cara de Vincent, Landon a colocou na borda da mesa, lançando a frente de suas saias e empurrando a calça baixa apenas o suficiente para se expor.

- Você não deveria ter esperado tanto tempo - Vincent disse a ele, apoiando o ombro contra a porta do relógio.

- Esperar tanto tempo - Ele ouviu Cara murmurar contra a garganta de Landon. Seus olhos se encontraram por cima do ombro do outro homem, e ele viu como se escureceram quando Landon se enterrou nela.

Seus tornozelos subiram e se fecharam atrás dele, pegando em cima do acúmulo das calças baixas e penduradas em sua cintura. Com um empurrão forte, Landon deslizou plenamente dentro dela, o seu caminho pavimentado por uma mistura erótica das sementes de Vincent e de seu creme natural.

Seus cílios escuros caíram fechados, e sua cabeça caiu para trás. Seus braços fechados diretamente atrás dela, mãos apoiadas na mesa.

Os elegantes músculos das nádegas de Landon se cerraram quando ele empurrou dentro dela, duro, suas mãos grandes ancorando sua bunda para sua tomada. A mesa imensa cambaleou alguns centímetros no chão. Documentos, livros e canetas foram espalhados. Uma dúzia de violentos empurrões depois, seu corpo tremia maciço ao longo do dela.

Deuses, ele tinha conhecimento de que Landon foderia durante uma hora antes de finalmente gozar se deixasse sua mente de lado. *Quão longo o inferno tinha sido para ele?*

Sem olhar o seu caminho, Landon mudou da mesa, tendo Cara com ele e afundou de joelhos sobre o tapete de pelúcia. Afastando-a, ele a virou e a colocou de joelhos diante dele, de costas para seu peito, suas pernas entre as dela. Empurrando as calças mais abaixo em suas coxas e levantando nas costas de sua saia para cima, ele retomou rapidamente a mesma passagem que ele tinha apenas apreciado.

As costas de Cara se arquearam quando ele a suspendeu para seu peito. Seus dedos subiram para acariciar o queixo, os lábios e virou a palma da mão quando ele começou a balançá-la de novo, tão avidamente quanto antes. Suas mãos grandes vieram sobre seus seios com uma massagem que combinava com o ritmo de seu curso. Embora Landon não fosse reconhecê-lo de qualquer forma, ele estabeleceu-os de frente para ele, para que Vincent pudesse observar o que eles estavam fazendo desta vez. E para que assim ele pudesse facilmente juntar-se a eles.

Cara sorria em sua direção, emitindo o convite que Landon evidentemente não faria. O pênis de Vincent se contraiu, exigindo que a atendesse. Desabotoando as calças de novo, ele descobriu que ele não a tinha abotoado direito, inadvertidamente, apresentando mais de si do que o decoro ditava para quem tinha cuidado de olhar quando ele fez o seu caminho para casa.

Indo para o casal no tapete, ele se ajoelhou diante de Cara. As mãos de Landon se lançaram agarrando os ossos de seus quadris quando ela caiu de quatro. Lambendo os lábios, ela rodeou a raiz do pau de Vincent com uma mão e levou-o mais perto.

Todos três gemiam em harmonia perfeita quando ele entrou em sua boca e começou a montar a sua língua, assim como Landon montava em sua vagina.

- Isto deverá colocar Marco em um severo desespero - Disse Landon uma hora mais tarde, quando ele começou a levantar as calças. Parecendo só então perceber que ele tinha arruinado sua fixação além do reparo no vestíbulo, deu-se conta que o bolso dianteiro da calça estava aberto para expô-lo de forma escabrosa.

- Ele sabia exatamente o que esperar disso, assim como Millicent. Por que mais você imagina que ela tenha procurado limitar Cara em sua casa?

- Vincent argumentou enquanto tentava refazer a própria calça, utilizando a única mão disponível. Cara estava encostada nele, e seu outro braço se curvava ao redor de sua cintura.

- Ele pode esperar isso de ti - Disse Landon - Mas ele sabe que eu tenho mais controle.

- Oh, realmente? - Vincent olhou incisivamente para a destruição que seu amigo tinha causado em sua mesa em sua corrida para pilhar sua mulher.

Cara bocejou.

- Gostaria de sugerir que nos dirijamos ao meu quarto? - Vincent ofereceu.

- Cama - Ecoou Cara. Com a cabeça no ombro de Vincent, ela sorriu sonolenta para Landon e ergueu a mão para ele, acenando-lhe para se juntar a eles.

Quando ele não respondeu, Vincent balançou-a nos braços e virou-se para ir embora. Depois de um longo momento, Landon os seguiu.

Muito mais tarde, quando a madrugada se aproximava, Landon se, pois aos pés da cama, pronto para deixá-los. Distante novamente e taciturno, ele olhou para Cara onde ainda estava envolta no corpo de Vicente. Sua mão estava esfregando suas costas e seu pau ainda estava enterrado nela, vagarosamente bombeando o último esguicho de seu sêmen. Embora ela ainda estivesse se contraindo em gozo também, ela já estava meio adormecida.

- Estou feliz que isso aconteceu - Vincent disse.

Os olhos cinza voltaram para ele.

Algo tinha danificado Landon em ElseWorld, embora Vincent não esperasse saber exatamente o que foi. Ele sempre tinha sido retirado, mas agora havia um olhar cru nos olhos, como se testemunhar tanta matança na guerra o houvesse ferido internamente, onde seus ferimentos não podiam ser visto ou reparado.

- Eu não a criei só para mim. Você não sabia? - Vincent continuou baixinho para não acordar Cara - Não lhe parece estranho que o seu corpo foi projetado especificamente para abrigar não só meu tamanho, bem como o seu? Quantas mulheres, mesmo Shimmerskins, poderiam fazer isso?

Os dois homens olharam um para o outro na cama, para a mulher que tanto queriam. A mulher que hoje ambos tinham tacitamente concordado em compartilhar.

Com uma inclinação apenas perceptível da cabeça, Landon começou a partir, mas Vincent o parou novamente.

- A situação em ElseWorld poderá ficar feia em qualquer momento - Disse com franqueza necessária - Se algo acontecer comigo, você cuidara dela?

Landon congelou na porta, de costas para ele. Então, ele acenou com a cabeça lentamente e se despediu.

CAPÍTULO 09

Normalmente, Vincent ficava animado pela perspectiva de trabalho. Mas na manhã seguinte, houve uma distração em seu estúdio. Uma mulher. Cara.

Ela estava desembrulhando e examinando todos os presentes bobos que ele trouxe consigo de ElseWorld, suspirando e exclamando mais em cada desembrulhar.

Do outro lado da sala, Landon sentou-se em seu lugar habitual quando não estava na vinha, fazendo uma simulação de ler um tratado de referência sobre vinicultura, enquanto os olhos famintos controlavam cada movimento de Cara.

Ao abrir um objeto longo e fino, de repente ela saltou para trás, olhando assustado por algum motivo. Ele e Landon se levantaram de seus assentos, se preparando para ir a seu auxílio. Então ambos se afundaram novamente quando notaram que a natureza inofensiva do que tinha sido descoberto era o pé de soldado de madeira pintado com um chapéu preto, deitado de lado.

- É um quebra-nozes - Vincent informou a ela.

Ainda parecendo inexplicavelmente horrorizada, ela escorregou perto novamente para estudá-lo.

- Qual é o seu propósito?

Landon foi para ela e, abrindo a mandíbula do soldado, ele revelou um vazio no qual ele colocou uma das nozes que tinham sido enviadas junto com ele. Martelando para baixo, então ele tirou a carne e a concha quebrada.

- Você vê? Para quebrar nozes.

Ela olhou para ele, paralisada. Então, com um indicador ela traçou uma linha imaginária em toda a base de sua garganta.

- Morte.

Landon riu, e Vincent olhou para ele, surpreso. Ele não tinha ouvido o som de seu riso pleno desde que ele voltou da guerra. Ele se sentou em sua cadeira.

- Acho que ele tem um mau aspecto, de guilhotina para ela.

- Mau - Ela pronunciou com um aceno de cabeça.

Tendo aparentemente perdido o gosto por explorar mais presentes, ela chegou a pousar na borda da mesa de Vincent. A borda sobre a qual Landon a tinha tomado na noite anterior.

- Qual é o seu propósito?

- Nisso, eu suponho que você está me perguntando sobre as atividades de meu trabalho? Eu estou na profissão da lei.

- Lei.

- Um sistema de códigos que governam o comportamento e determinam normas de como um povo vive. As regras da sociedade aqui são baseadas no código de Justiniano no direito romano, que procurou estabelecer claras, concisas, compreensíveis regras do governo.

- Como seu corpo tem governado o meu... Antes.

Ele ficou surpreso com sua compreensão.

- Algo semelhante. Sim.

- Quais são as regras do governo entre nós agora? - Ela perguntou.

Ele se mexeu, incomodado com a direção de suas perguntas.

- Elas estão mudando. Temos de alterá-las para nos servir.

Ela se inclinou mais perto.

- Para nos atender? Ou para servi-lo?

Ele olhou para Landon buscando ajuda, mas ele só levantou seu livro mais alto, protegendo a si mesmo. Vincent reuniu a nítida impressão de que ele estava sufocando mais risos.

- Ambos, eu suponho.

Sua testa franziu.

- Como você chegou à sua escolha de propósito?

- Eu suponho que começou com o meu talento em labirintos e quebra-cabeças. Vadear com os meandros da lei é muito parecido com a solução de um enigma. Uma direção que gravita em direção àquele que se supera.

Ela parecia confusa.

Ele olhou para ela, desconfiado.

- É estranho as coisas que você compreende e aquelas que não consegue.

Ela assentiu com a cabeça.

- Estranho.

- Também é estranho que você possa falar frases completas e perfeitamente quando elas se adaptam ao seu propósito.

- Sim! - Ela de repente ficou mais animada - Meu propósito. Qual é?

Ele a olhou em desespero.

- Pergunte a Landon. Eu acredito que ele possa estar mais capaz de te responder, porque estou preocupado com os pensamentos em ElseWorld e minha reunião de amanhã.

Ela virou-se sobre Landon, e ele se ajeitou na cadeira, olhando-a alarmado.

- Qual é o meu propósito? - Ela exigiu.

Vincent manteve a cabeça baixa, deixando Landon para se safar por si mesmo.

- Tudo o que você deseja que ele seja.

Isso pareceu irritá-la.

- Qual é o seu propósito?

- Tenho o talento com as videiras na propriedade - Landon respondeu.

- Por quê?

- Porque convém minha disposição, eu suponho.

- Por quê?

- Porque eu gosto de fazer as coisas crescerem. Todos nós aqui no trabalho da propriedade temos a finalidade de manter esta terra segura para proteger o legado Sático, a vinha, e o portal.

- Isso foi mais informação do que alguém foi capaz de tirar dele desde que veio para nossa casa - Vincent informou a ela - Talvez suas habilidades estejam na área do interrogatório.

- Interrogatório? - Ela franziu o rosto, confusa de novo.

- Estou brincando, Cara. Landon e tivemos todas as nossas vidas para determinar quais são os nossos propósitos - Disse Vincent - Você só teve dois dias. Dê-se tempo. Não há pressa. Você vai encontrar um propósito.

Ela ignorou seu sorriso um pouco paternalista.

- Mas eu estou com pressa. Gostaria de encontrar o meu propósito. Hoje. Onde eu posso olhar para encontrar uma coisa dessas?

- Olhe para os seus interesses, como nós temos olhado. Ou olhe para as necessidades dos outros e determine se é possível fazer-se útil para eles - Sugeriu Landon.

- Por que esse interesse apressado em encontrar um propósito? - Vincent perguntou.

- Outro quer me levar - Ela murmurou, repetindo a frase que ela tinha usado no transporte.

Seus olhos se estreitaram para ela, perguntando agora se ele tinha interpretado mal as palavras da noite passada.

- Landon, que quer dizer?

- Não - Ela admitiu depois de um momento - Quando eu fui levada ontem à noite. Havia dois homens.

Ele se endireitou. Quem a tinha levado? Que porra foi essa?

- O que aconteceu?

Ele foi até ela, mas ela se recusou a olhar para ele.

- Um deles me machucou, o que se assemelha a um quebra-nozes. Em seguida, o outro perguntou se eu tinha lembrado o meu propósito. Ele disse que vai continuar a levar-me até que eu me lembre do meu propósito.

- Deuses! - Grunhiu Landon, que havia deixado cair o seu livro e, lentamente, levantou-se a seus pés.

Cara se voltou para Vincent e colocou uma mão sobre a sua camisa em seu peito, com os olhos desesperados.

- Qual é o meu propósito?

Sua grande mão cobriu a pequena.

Mas ele não tinha a resposta.

CAPÍTULO 10

A segunda vez que Cara foi tirada de si mesma, foi ainda pior.

Pois ela estava deitada na cama. Na cama de Vincent, onde ela acreditava-se estar segura.

Ela sentou-se no breu da noite, inexplicavelmente, com medo, e estendeu a mão sobre as cobertas ao lado dela. Elas estavam frias. Vincent, seu protetor, deve ter ido para o outro mundo. Pela lei. Seu propósito.

Do outro lado da sala, o quebra-nozes sorriu para ela, seus dentes brancos brilhavam sob seu bigode de carvão negro. Ele tinha crescido mais alto, tão grande quanto um homem.

- Landon - Sussurrou ela, puxando os joelhos para cima e envolvendo os braços em torno deles. Ele estava apenas a algumas portas de distância, no corredor.

Ela virou-se para sair da cama e procurá-lo, mas alguém estava lá, bloqueando seu caminho. Olhando para cima, viu então que seus perseguidores tinham voltado. E desta vez, não haveria ninguém para ver ou ouvir. Ninguém para chamar por ela ou se preocupar com ela como quando havia estado na casa de Marco.

As dimensões do quarto abruptamente se encolheram para incluir apenas os três, e novamente viu as velas de prata pingando, mas agora não havia nenhum sofá, apenas uma cama. O maior homem o quebra-nozes, estava vestido com o colete vermelho habitual e bebia uma garrafa de vinho que estava apenas um terço cheia. Bêbado. O outro homem, verde oliva, estava nu e vigilante, aguardando o que estava para acontecer, a se desenrolar.

Ela tentou manter a calma, prestar atenção neste momento. Tentando memorizar detalhes como Vincent havia sugerido que ela fizesse esta manhã, se isso acontecesse novamente. Isto, depois de ter arrancado a confissão completa de tudo o que tinha ocorrido durante a sua primeira tomada.

O quebra-nozes empurrou-a para deitar na cama e abaixou sua garrafa verde, deslizando suavemente em seu vestido e entre as pernas, aninhando sua ponta em sua beira.

Não! A palavra ecoou em sua mente. Estas eram suas partes íntimas. Vincent tinha falado com ela sobre isso bem dissera que estas partes eram invioláveis. Que ela poderia escolher quem a tocaria lá. Ela se esforçou para dizer não a ele, mas ela não conseguia.

A garrafa foi mais pressionada, sua boca suave verde e depois o pescoço lentamente invadindo a sua carne macia, e rosada. Foi profundo, e depois inclinou, molhando seus tecidos femininos com o derramamento do vinho.

- Bebida - Disse a ela – Para deixar você limpa das sementes dele antes de levar-me. Antes que ele consiga fazer crescer suas sementes em seu quente buraco eu

ganharei um “round”, pelo menos uma vez. Ele sempre conseguiu que tudo fosse entregue a ele. Tão facilmente. Tão injusto.

Com um movimento brusco, ela varreu o braço para fora, empurrando-o e a garrafa longe. Quando ela se sentou, as cobertas ficaram manchadas de vinho sob ela como uma poça de sangue, como se tivesse uma hemorragia. Mas ela ainda não conseguia dizer nenhuma palavra. Não era possível fazer-se deixá-los.

O quebra-nozes pareceu irritado em ser contrariado. Mas o homem verde oliva se aventurou mais e passou os braços em torno dele por trás, mergulhando as mãos dentro da frente de sua calça para acariciar o pênis atrofiado e acalmá-lo.

Sobre o ombro do quebra-nozes, os olhos de rubi olharam de soquetes de oliva, queimando sobre ela.

- Seu propósito. Você lembrou-se dele?

Ela balançou a cabeça com a pergunta temida. Então, algo estalou em seu cérebro, dizendo a ela que ela deveria agradá-lo em seu lugar. Fugindo pelo outro lado da cama, ela se agachou no chão para olhar debaixo dela. Espiando dentro do saco de tapeçaria que a mulher de Marco tinha lhe dado, ela puxou-o para fora.

Tomando-o sobre o colchão, ela sentou-se na sua posição anterior e abriu-a.

As roupas com as quais ela tinha sido presenteada agora estavam penduradas no armário. O único item que a bolsa continha era uma grande praça de roupa que havia sido dobrada com perfeição quase ritualística, a fim de dissimular o seu conteúdo.

Os olhos negros do quebra-nozes tinham caídos fechados, um olhar feliz em seu rosto enquanto a mão do outro o masturbava. Mas o homem verde oliva de olhar afiado a observava enquanto ela desdobrava os lençóis e acariciava o tesouro de objetos lesivos dentro. Garfos, facas, instrumentos de escrita, e muito mais, todos eles roubados de quem cuidou dela, não tendo nenhuma ideia do porque ela tinha feito.

Ela escolheu um dentre eles, um punhal antigo que tinha tomado de uma caixa de vidro da biblioteca de Vincent. Sua sólida haste de prata era tão grossa quanto dois dedos e foi esculpida com videiras e cachos de uvas que feriam o torso musculoso e as pernas peludas de um sátiro mítico. No final arredondado da alça estava decorado com seus cascos fendidos. Perto do meio da faca, a língua do sátiro de prata estendida de sua boca, achatando a tornar-se uma lâmina longa, de língua afiada.

Levando-a para trás, ela aprontou a ponta chanfrada da alça para os lábios inferiores, onde a boca da garrafa tinha estado. Sua mão tremia com o esforço para parar-se do impulso que ela realizou em seu encaixe. Uma única lágrima caiu para seu templo, umedecendo os cabelos.

- Não - Ela sussurrou. - Não.

Os olhos de rubi da criatura de pele verde-oliva a agarraram ameaçadoramente. Seus dedos tomaram o bolso do colete do quebra-nozes. Retirando a moeda de ouro que ela se lembrava de antes, ele colocou-a sobre os lábios com uma leve ameaça que minou a sua vontade e lhe rendeu muda.

Endireitando-se, ele desprende a calças do Quebra-Nozes e empurrou-a mais baixo. A garrafa caiu das mãos do quebra-nozes para o chão, e seu corpo arqueou quando ele foi brutalmente empalado por trás.

Três suspiros misturaram-se quando a prata, o frio metal a invadiu no mesmo instante. Seus joelhos se envergaram, e as solas dos seus pés escavaram na roupa de cama. Ela não queria isso, mas outro agora a estava guiando e ela encontrava-se indefesa. Enquanto o cabo do punhal navegava mais profundo, seu corpo o acariciava, se conformando a ele. Amado isso. Até que ele foi totalmente incorporado por ela e só a lâmina saía obscenamente de sua vagina.

Como os números que retiniam ao lado dela, que pareciam fundir-se um ao outro, lentamente e assustadoramente. Até que os dois se tornaram um. Exceto pelos os olhos de rubi e o tom verde-oliva de sua pele, O Quebra-Nozes parecia a mesmo de antes. Mas ela sentiu que ele estava diferente agora. Mais letal. Inclinou-se para perto, os lábios em seu ouvido.

- Quando eu vier junto com você novamente, vou foder-te onde o sátiro te fodeu - disse o amálgama na voz do quebra-nozes - Vou deixar o meu sêmen para trás para ele descobrir. Você vai mandá-lo colocar a boca em você lá depois, para que ele possa provar minhas sobras. E quando ele o fizer você vai mergulhar este punhal nas costas largas. Vai mata-lo enquanto ele me prova, assim eu estarei em sua boca para sempre.

Um dedo em garra raspou ao longo da lâmina que se projetava a partir dela.

Seus lábios selados com ouro, ela só conseguia olhar para ele com olhos grandes e aterrorizados. Calor picou sobre ela, banhando-a com pânico entorpecente. *Não por favor. Não.*

E então, a moeda foi abruptamente arrancada de seus lábios e devolvida ao bolso do colete novamente, e depois seus perseguidores tinham ido embora.

- Não! Por favor, não! – Enquanto ela puxava a adaga de seu corpo, gritou as palavras, estremecendo o ar e ecoando nas paredes.

- O quê! - Quase instantaneamente, Landon encheu a porta, piscando para ela. Ele estava nu. Musculoso. Fresco de sua cama.

Vincent se juntou a ele um segundo depois. Bonito. Forte. Preocupado.

- Cara! Você está bem? - Ele tentou passar por Landon e ir com ela, mas Landon pôs a mão no batente o braço o retendo no seu peito, ele notou o que ela segurava. O punhal.

-Ela virou-se para enfrentá-los, sua expressão solene.

- *Eu estava doente, doente até a morte, com a longa agonia, e quando eles extensivamente se desconectaram de mim, e me foi permitido sentar, senti que meus sentidos estavam me deixando. A frase, a terrível sentença de morte, foi o último de acentuação distinto, que chegou aos meus ouvidos. Depois disso, o som das vozes parecia inquisitorial e se fundiram em um sonho... Um indeterminado.*

- É outra passagem do Poço e o Pêndulo, quase na íntegra - Murmurou Landon.

- Por que você está recitando estes textos? O que significa isso? - Perguntou Vincent.

- Significa... - Disse ela calmamente – Que eu descobri o meu propósito.

Ela levantou os braços, as mãos apertando a prata. E depois, em uma única assentada, caiu, ela esfaqueou a lâmina do punhal antigo no colchão onde Vincent normalmente estava em repouso.

- Morte - Violeta encontrou safira - Sua.

Então ela começou a chorar.

CAPÍTULO 11

- Onde você estava? - Landon perguntou-lhe sobre a cabeça de Cara poucos momentos depois. Vincent tinha acabado de remover a faca e a descartado, e Landon sentou-se no colchão, prendendo-a em seu colo.

- Lá embaixo no estúdio - Disse Vincent – Me preparando para a minha viagem para ElseWorld.

Ambos olharam Cara quando ela começou a falar o jargão.

- Garrafa, uma garrafa. Não.

Vincent a pegou pelo ombro, sacudindo-o.

- Pare com isso. Fale corretamente para que possamos compreender. Então, nós podemos ajudar.

Seu tom era ríspido com preocupação.

- As palavras aqui - Disse ela, batendo em sua cabeça - Às vezes não vem - Disse ela, batendo na boca.

- Acho que a experiência de ser levada pode dificultar sua fala durante um tempo depois que acontece - Landon sugeriu.

Vincent tomou os ombros com urgência, tentando fazê-la ajudá-los.

- Cara. Os homens que 'levaram' você se parecem com o quem?

- Quebra Nozes.

- Ambos?

Ela balançou a cabeça.

- Um deles tinha pele verde oliva e olhos vermelhos.

Vincent e Landon trocaram olhares alarmados.

- Um demônio? - Landon arriscou na descrença.

Mas ele se fundiu com o outro - Disse Cara, levantando a voz - Agora, ambos são o quebra-nozes! - Ela colocou a mão no braço de Vincent - Eles querem impedi-lo de alcançar seu propósito. Da lei. Eu estou aqui para ajudá-los.

- O que mais?

- Uma moeda de ouro. Ele adora isso.

Ela colocou dois dedos nos lábios, lembrando a sua dureza fria.

- Com o que se parece?

- Videiras de um lado, Baco, do outro - Disse a ele.

- O amuleto – Ambos os homens disseram ao mesmo tempo.

- Deuses! Se os demônios o encontram, eles serão ressuscitados, independentemente do demonhand - disse Landon - Dominic terá que voltar ao seu mundo, ao seu antigo modo de vida. E então... Rose terá que lutar. Infernos.

- Pior ainda, se o Feroce obtiver sucesso na vedação da porta, Dominic e Rose irão morrer deste lado - Ele se levantou – Eu sou esperado em ElseWorld em breve. Eu vou levar Cara comigo para ver se ela pode apontar seus abusadores. E eu acho que os líderes da facção vão encontrar o que ela tem para dizer-lhes muito interessante.

- Eu irei junto - Disse Landon.

Vincent balançou a cabeça, pois já esperava as suas palavras.

ElseWorld

- Volte - Uma voz dura ordenou.

O trio já havia quase atravessado o portal em ElseWorld, quando eles foram interrompidos no túnel por uma horda de guardas que os esperava, cada uma de suas apontada ameaçadoramente na direção deles.

Imediatamente localizando um de seus perseguidores, Cara recuou, apontando.

- Quebra Nozes.

Porque a palavra tornou-se seu eufemismo preferido para todas as coisas inaceitáveis, Vincent e Landon não perceberam de início o que ela significava.

- Julius! - Chamou Vincent.

Por que ele estava falando com seu inimigo em um tom tão familiar?

- Quebra-nozes - Ela insistiu.

- Ele é o Quebra-nozes? - Perguntou Landon, finalmente compreendendo.

- Kurr, na verdade - A criatura disse, falando na voz do quebra-nozes. Ele entrou no círculo de luz emitido pelo portal através do qual acabara de passar, e Vincent ofegou, parecendo reconhecer-lhe ainda que camuflado.

Sua pele era de cor malhada verde-oliva, com os olhos piscando rubi e prata, o bigode e as botas pretas. Uma mistura de dois machos, do jeito que ela se lembrava.

- Vocês precisam voltar - Disse um dos guardas insistindo - Nós estamos sob ordens. O portão será fechado hoje, pelo comando do Feroce. Não haverá nenhum tratado. Não há mais passagem entre os mundos.

- Julius, me escute - Disse Vincent, falando com o quebra-nozes - Quando os demônios tirarem tudo o que querem de você, eles vão matá-lo e conseguir outro hospedeiro.

- Ele não ouve. Ele é nosso no momento - Respondeu o quebra-nozes - O amuleto levou seu irmão para nós só recentemente, apesar de ele o ter encontrado alguns anos atrás, não muito tempo depois que foi perdido. Ele era fraco, facilmente tomado como

discípulo e depois um hospedeiro. E melhor ainda, ele já me deu a oportunidade de fazer algo com você. Com sua família, que fizeram aos meus irmãos tanto mal.

Seus dedos em forma de garras se estenderam de sua mão, acenando para ela.

- Vem.

Numa fúria de músculos e maldições, Vincent e Landon pularam em sua direção, tentando impedi-lo de levá-la. Guardas lutaram com eles, e precisou de cinco deles para conter cada um de seus protetores.

Ela olhou para a mão em garras do quebra-nozes como se fosse viperina.

Não!

Ela queria gritar. Mas como no pesadelo, ela deixou seus companheiros e foi para ele.

- Cara! - Vincent furioso, parecia preocupado e com a voz distante.

Os braços pendurados em seus lados como suas nêmeses a envolveu e segurou com ele, pressionando o rosto em seu colete e acariciando seus cabelos.

- Vem comigo. Você vê algo de seu irmão permanecer dentro de mim - Ele bateu no peito em ênfase - Sua inveja de você. Porque a porta será fechada, eu decidi que não há necessidade de matá-lo depois de tudo. Eu prefiro pensar em você em seu mundo, preocupando-se com ela.

Seu rosto inclinou para o dela, e beijou-lhe a garganta com os lábios que estavam secos e carnosos. Repugnantes. Olhos rubis observavam Vincent sobre a cabeça dela, saboreando sua raiva ciumenta.

Vincent e Landon se agitaram dentro da alça de seus captores, que lutaram bravamente para controlá-los. Na confusão, os dedos Cara de rastejaram acima do cetim vermelho e furtivamente mergulharam no bolso do colete de seu captor, achando o que foi guardado dentro. Roubando. Mas ela duvidou que Vincent lhe repreendesse por isso neste momento.

Acima dela, o riso do quebra-nozes estava a insultá-lo.

- Como é a sensação de querer algo tanto que sente dor em suas entranhas para tê-lo? Mas pela primeira vez uma mulher prefere a mim sobre você, irmão. Depois que o portão estiver fechado, saiba que eu irei fodê-la. Ela me servira. Todo dia e toda noite.

Com um braço em torno dela, virou-se para levá-la para seu mundo.

- Não - Ela sussurrou, encontrando sua voz e a sua vontade - Não.

Ele fez uma pausa e aqueles olhos horríveis se voltaram para ela, ligeiramente surpresos.

- Você não pode dizer não para mim. Você é um insensível. Não pretenda controlar seu próprio destino.

- Não! - Torcendo longe, ela girou e jogou o amuleto poderoso que ela segurava com segurança através do portão. Quando ela tentou alcançar Vicente e Landon, garras afiadas rasgaram suas costas. Picadas. Venenosas. Ela caiu, tonta.

Atrás dela, o demônio gritou quando sua última esperança de ressurreição caiu nas mãos inimigas. Caindo de joelhos, começou a se contorcer e convulsionar, vomitando maldições e encantamentos vis impotentes. Então ele ficou mole e lentamente, muito lentamente, ele fracassou em algo nada bonito.

Tendo perdido o seu líder, os guardas deixaram Vincent e Landon irem, sem saber o que fazer em seguida. Como nenhum de ElseWorld pude passar o portal a partir desta direção, sem um convite, eles simplesmente ficaram lá, confusos.

- Cara! - Vincent levantou-a nos braços, e Landon assistiu a suas costas, garantindo que a passagem pelo portão estivesse segura. Do outro lado, os dois homens voltaram para casa, lhe assegurando repetidamente que iriam encontrar um antídoto para o veneno qualquer que fosse que o demônio lhe tinha injetado.

Os olhos violeta abriram-se, olhando para os olhos safira.

Então Cara e começou a falar em uma corrida, citando ainda outro versículo de O poço e o Pêndulo.

- Eu tinha desmaiado, mas ainda não vou dizer que tudo estava perdido a consciência. O que dela restava eu não vou tentar definir, ou mesmo descrever, mas nem tudo estava perdido. No mais profundo sono, não! Em delírio, não! Em um desmaio, não! Na morte, não! Mesmo na sepultura nem tudo está perdido. Else não existe imortalidade para o homem. Despertando do sono mais profundo, nós quebramos a teia de aranha teia de um sonho. No entanto, em um segundo mais tarde, (tão frágil que pode ter sido um sonho) não lembrar que temos sonhado.

Ela piscou para ele.

- Eu descobri o problema em ser real - Disse ela, um leve sorriso curvando os lábios. Dói.

Então ela desmaiou, ficando inconsciente pelo próximo dia e meio.

CAPÍTULO 12

Imóveis Satyr em Toscana, Itália

EarthWorld 1850

A porta da frente da Villa bateu.

- Estamos aqui! - Vincent gritou em resposta a chamada de Landon.

Lá embaixo, passos trovejaram em direção à base da grande escadaria.

- As botas lá fora! - Cara o arreliou.

Os passos pausaram. Eles ouviram dois baques quando um par de botas atingiu o piso de mármore.

Seus olhos se acenderam com humor irônico, Cara torceu um sorriso para trás em Vicente de seu poleiro sentada em cima dele.

- Landon esta tomando um tempo considerável para se acostumar ao fato de que essa não é mais uma casa de solteiro. Eu já disse a ele que quando retornar da vinha, ele deve esforçar-se para deixar a sujeira lá fora.

Ele tinha tomado seu canal feminino por trás desta vez, e embora o seu pênis contorcesse dentro dela, ansioso para começar a empurrar, Vincent ignorou-a por um momento e voltou seu sorriso

- Velhos hábitos são difíceis de eliminar.

Ele tinha casado com Cara assim como Landon também se casou uma semana atrás, hoje em uma cerimônia ancestral que foi assistida por toda a família em EarthWorld até mesmo por alguns altos dignitários de ElseWorld.

Os passos se aproximaram, e Cara virou outra vez, conferindo-lhe a visão esbelta de suas costas cobertas com tranças de seda loiras da cor da lua, que caía após os quadris até sua barriga. Quatro tiras finas marcavam seu ombro, lembranças do ataque do demônio. Elas estavam plenamente curadas, mas a visão delas nunca deixou de mandar um frio por Vincent ao pensar que ele quase a perdeu.

Ela estava assistindo a porta que dava para o corredor, que ficava à sua esquerda, e apertou os lábios em decepção quando os passos dele continuaram pelo corredor.

- Aqui! - Vincent chamou.

Quase imediatamente, a porta se abriu. Vestindo seu traje habitual de calças de couro e uma camisa de linho escuro, Landon apareceu, olhando chocado ao vê-los em seu quarto. Em sua cama.

Vincent tinha de saber se seria raiva por eles decidirem invadir seu santuário privado, pela primeira vez.

Mas a emoção latente nos olhos Landon não era raiva. Ao contrário, ele estava na porta, vendo-os com uma espécie de temor pungente, como se quisesse saborear cada detalhe da cena amorosa antes de se tornar parte dela.

Vincent estava lá com a cabeça no travesseiro de Landon e as mãos no traseiro de sua esposa, deixando-lhe olhar. O corpo dela já o montava, de costas para ele e as pernas bem torneadas dobradas ao lado das suas. Hospedado tão profundamente em sua vagina rosada como era possível estar, o seu pênis um punho de ferro ansioso e estremeando nas terminações nervosas.

Embora ela fosse inegavelmente humana agora, Cara ainda mantinha muito de sua intuição Shimmerskin quando o assunto era carnal. E agora, como se soubesse exatamente a melhor forma de prolongar a agonia extática de Vincent, ela escolheu aquele momento para provocar os homens. Achatando as mãos sobre o colchão entre as pernas, levantou-se de quatro, mantendo os joelhos tão abertos em ambos os lados de seus quadris que ela lançou apenas alguns centímetros dos vinte oito que tinham recentemente trabalhado tão duro para se arrastar dentro dela.

Vincent olhou para baixo entre eles. Enquadrado no V invertido de suas coxas estava o tamanho que ela abandonou. Apesar de sua coroa ainda estar seguramente aninhada dentro dela, seis ou sete centímetros de pênis corado ficou exposto entre eles. Alto e brilhante com seus fluidos até em seus testículos, ligando os seus corpos como um cordão umbilical erótico. Seus lábios inferiores estavam estirados, abraçando sua circunferência excepcional, com um tremor, o beijo de sua vagina aberta.

As mãos de Vincent encontraram os ossos do quadril dela, e ele rangeu os dentes, forçando-se a não retornar ao seu canal com a antiga fúria. A teria novamente em breve.

Seu rosto ainda estava virado para Landon, onde ele permaneceu na entrada do seu próprio quarto. Tinha o maxilar angulado em direção a Vincent, garantindo que ele iria testemunhar sua expressão extasiada enquanto ela olhasse para o outro homem.

Uma língua rosada espreitou para fora, molhando os lábios.

Seus olhos atiraram em Landon, que estava olhando para ela como uma espécie de animal de rapina.

- Como você pode ver, o momento do seu regresso a casa é excelente - Vincent informou a ele.

Em suas palavras, Landon abruptamente caiu fora da escravidão concupiscente em que Cara o tinha prendido ele e partiu para a ação. Arremessando o paletó, ele não se incomodou com os botões de sua camisa, mas apenas cruzou os braços dobrados em cima para prender o tecido em lâminas de ombro e tira-lo enquanto vinha na direção deles. Ao lado da cama, sua mão caiu do bolso da frente da calça.

Cara assistia os dedos longos riparem no fecho das calças, e Vincent viu um presunçoso sorriso feminino curvar seus lábios. Ela estava bem ciente de que, apesar de seus corpos do sexo masculino ser maiores e mais dominante, ela possuía uma mesma medida de controle nesta matéria carnal.

Landon teve pouco trabalho com a sua roupa final e moveu-se para se juntar a eles em sua cama.

- Venha, marido - Ela acenou. Sua mão alcançou para fora, correndo sobre o peito esculpido de Landon, seu polegar provocando um bico liso. No momento em que ela fez isso, Vincent sentiu o deslizar de nata de sua vagina em seu pau para encerrar mais um centímetro dele. Em seguida, ela lançou metade dessa medida, começando um curso que acabaria por ter a retomada de todo o seu pau. Não importa em qual cama estivesse ela nunca se esqueceu de que seu amor era para ambos os homens.

A extremidade do colchão se comprimiu sob os joelhos de Landon.

Deixando-o tomar seu peso, Cara deslizou as palmas das mãos para cima ao longo do centro de suas costelas, ao longo do esterno e clavícula, onde eles se separaram para apertar sua nuca e puxar para baixo aos lábios dela.

No abraço que se aprofundou, as mãos de Landon suavizaram descendo pelas costas em ambos os lados da sua coluna elegante. Segurando os globos de seu traseiro travou o movimento de seu curso no pênis de Vicente, empurrando lentamente até que ela tinha sido completamente empalada e depois erguendo tão lentamente assim que foi forçado a liberar um pouco do que ela tinha tomado. E então, novamente. E mais uma vez.

- Deuses! O suficiente.

Deslocando as mãos, Vincent segurou seus quadris e assumiu, empurrando sua vara gananciosa alto dentro dela, em seguida, se afastando dela, em seguida, puxando-a para baixo e empurrando novamente. Fodendo com o seu corpo bonito, perfeito.

Nesta posição, o duto, de espessura enorme correu de seu pênis provocando o clitóris com cada golpe que ele deu. Em breve ele iria entregar seu esperma dentro dela, mas agora ele andava com cuidado, dando-lhe apenas o suficiente para estimular, mas ainda não permitindo que qualquer um deles gozasse.

Os olhos de Landon se voltaram escuros quando Cara gemeu incentivos e apelos destinados ao outro marido contra sua boca. Conduzindo os dedos em seus cabelos, ele se afastou, separando seus lábios. Ele sentou-se com as pernas dobradas debaixo dele, joelhos afastados, levando sua cabeça para baixo.

Ansiosamente Cara se inclinou para frente sobre seu colo, sua espinha dorsal formando uma curva suave e sedutora. Landon reuniu a queda de seu cabelo para trás com uma mão, torcendo-o em sua nuca para que Vincent pudesse observar se ele assim escolhesse. Os olhos cinza iluminados com antecipação quando Landon olhou para ela. Vincent soube o momento em que ela tomou o pau do outro marido em sua boca, pois este arqueou alto sua garganta e sugou um silvo agudo entre os dentes brancos.

O tempo para falar se foi.

A atmosfera ficou tensa e rapidamente se tornou abafada e foi permeada apenas com grunhidos e gemidos duros, o som de carne úmida se encontrando com carne quente, e o ranger de molas de colchão.

Que eles se encontravam ainda mais apaixonado, mais significativo, já que os votos deles os vinculava assim como os aros de ouro reluzente enfeitado em seus dedos. Nunca mais ele e Landon veriam Cara apenas como um receptáculo dispensável para as suas sementes, e os dias em que eles a consideravam como tal pareciam distantes. Ela era sua esposa e segurava seus corações agora como ela segurava seus pênis, cultivando-os e adorando-os tão apertado e profundo dentro dela como se ela nunca fosse deixá-los ir.

Vincent sentia o pulso feminino do canal suavemente, seus músculos ondulando ao longo do comprimento do seu pau de uma maneira que pressagiava o seu orgasmo.

Suas bolas latejavam em resposta, pesadas e endurecidas pelo peso viscoso do esperma que havia recolhido dentro. Logo ele iria estourar adiante e através de seu pênis para o acolhimento de seu corpo.

- Landon - Murmurou ele.

- Eu estou perto - Veio à resposta baixa masculina - Muito perto.

O queixo de Landon angulou para baixo, com os olhos entreabertos olhando Cara, balançando a cabeça dela sobre sua virilha. Os músculos sinuosos de seus ombros e costas ondulando no tempo com a cabeça e com os quadris, que massageavam o pau de Vincent em um ritmo antigo e carnal.

Vincent chupou um dedo profundamente em sua boca, umedecendo-o ao longo de sua língua. Com a outra mão ele espalhou as bochechas de seu traseiro e o dedo molhado pressionou em seu ânus, massageando os músculos que encontrou lá. Ao seu toque, seus quadris abrandaram em seu pau, e os globos de suas nádegas tremeram em antecipação cautelosa.

Suavemente com o dedo empurrou até que os músculos relutantes cederam. Então, ele penetrou o apertado anel até que ouviu seu gemido em cima do pau de Landon. No som, Vincent enviou o seu dedo mais profundamente, em um toque suave, sentindo seu corpo inteiro tenso na reação.

E então o mundo se despedaçou em torno deles, e três jubilosos gritos romperam suas gargantas roucas com a emoção.

Sêmen explodiu por diante, e duro, os músculos masculinos ficaram tensos com a sua doação. A sela dos quadris de Vincent levantou seu cavaleiro da cama, e os dedos brancos de Landon enroscados em seus cabelos, segurando-lhe o crânio. Cara tomou e tomou e engoliu e engoliu em seco e suspirou ainda mais. E ainda foi sobre e por longos momentos, durante a qual seus corpos ligados pareciam unir numa espécie de êxtase suspenso.

Depois disso não houve tempo para a limpeza nas bacias de pedra que estavam prontas para eles, as palavras sussurradas, e, em seguida, toques suaves e, em seguida começaram a amar novamente, continuando até a noite.

Não houve necessidade de reduzir as questões. De fato, esta noite foi uma espécie de comemoração. Alguns dias atrás, o amuleto, perdido há treze anos, tinha sido devolvido à estátua de Baco no templo sagrado.

E mais cedo neste dia, cada um dos nove adversários de ElseWorld tinham chegado a um consenso e enviou um representante único para riscar seus nomes em cima de um tratado de pergaminho, que poria fim à guerra que tinha começado com a morte do Rei Feydon há vinte e sete anos, o mesmo ano em que Vincent tinha nascido.

- Amor - Sussurrou Cara muito depois estando reclinada nas costas, a cabeça encostada no canto do ombro de Vincent.

Seus dedos escorregavam acima e para baixo no comprimento do seu eixo, e em seguida, ela suspirou profundamente as costas arqueadas, seus joelhos separados. Isto, naturalmente, era culpa de Landon, pois sua boca estava ocupada entre suas pernas.

- Sim - Vincent voltou, placidamente brincando com um bico rosado de seu seio - Isto é o amor.

Ele projetou o corpo feminino que agora estava em seus braços há mais de um ano atrás. Projetado para suas necessidades específicas e para precisar de dois homens para satisfazê-lo. Na criação ele garantiu que ela iria trazer-lhes alegria em assuntos carnavais. Mas nem mesmo ele poderia prever o prazer infinito que ela acabaria por levar aos outros aspectos de suas vidas.

Por ela ser real, agora, o amor que existia entre os três era real também. Era um amor nascido da solidão, lealdade, sacrifício e paixão. O tipo de amor apaixonado que iria durar por toda a sua existência na Terra.

Seu tempo juntos estava destinado a ser cheio de sexo e risos e ocupações satisfatórias. E se Deus quisesse, crianças.

Três corações, três vidas ligados em uma só.

Cara tremia ao seu lado, saboreando as convulsões de mais um orgasmo que Landon tinha acabado de fornecer. Seus lábios roçaram as costelas de Vicente, e depois beijou sua barriga para baixo, além de sua barriga, a acariciar seu pênis com sua bochecha. Ela o tomou nos dedos delicados, encontrando as lágrimas de alegria do pré-sêmen que ele derramou ao seu toque e espalhou sobre a sua ponta com o seu polegar.

Violeta sorriu para safira em toda a extensão, muito arqueada em seu torso musculoso. Sua cabeça abaixada. Aqueles belos lábios cor de rosa abertos, preparando-se para levá-lo. Fechou os olhos, antecipando.

- Ahhh!

Fim